

Robert W. Chambers

O Rei de Amarelo



EDIÇÃO LIMITADA



EDITORA CLOCK TOWER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

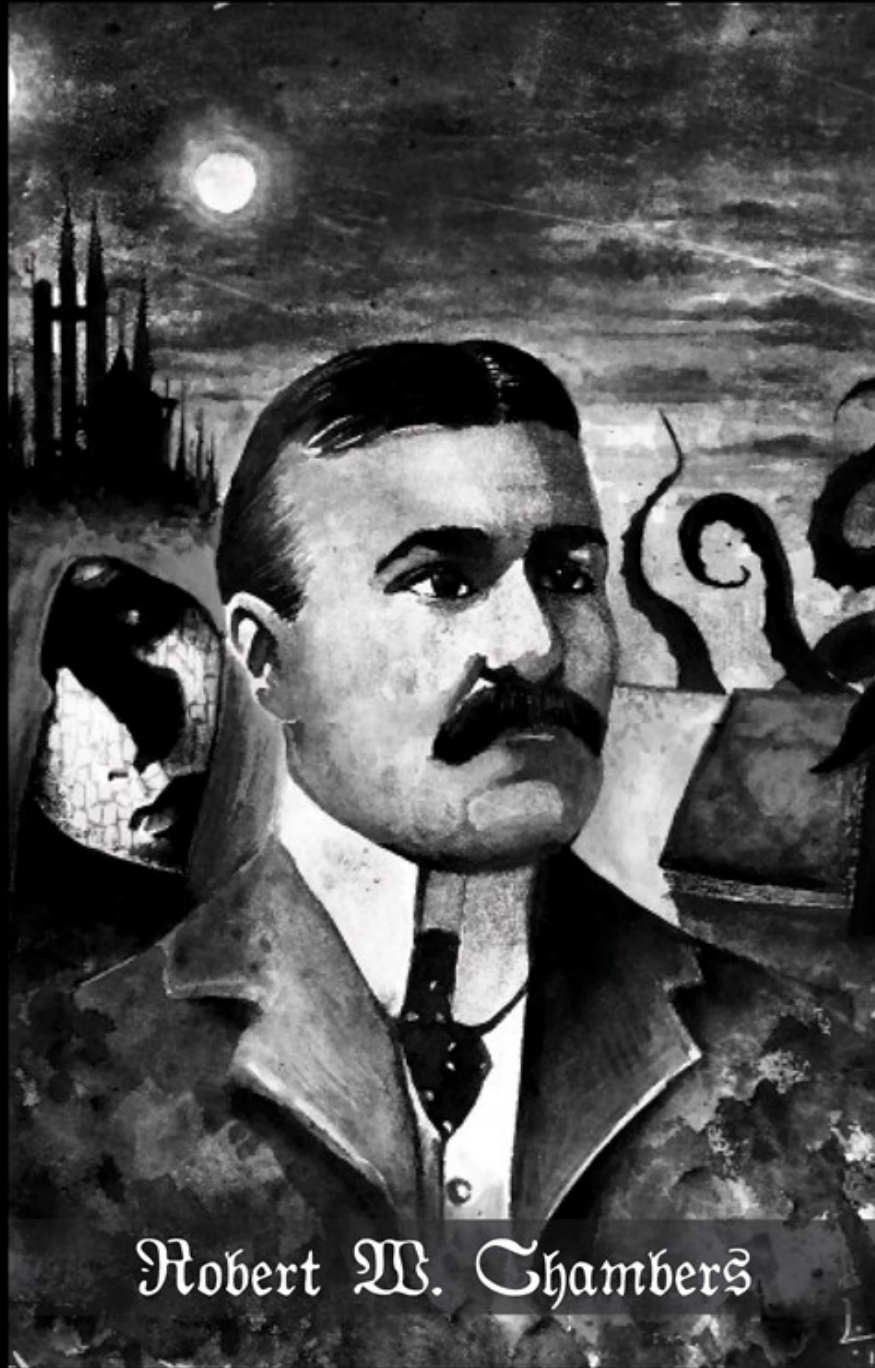
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O Rei de Amarelo



Robert W. Chambers

O Rei de Amarelo

Denilson E. Ricci

Organização geral e biografia do autor

Tradução de Claudia Doppler



EDITORA CLOCK TOWER
www.editora-clocktower.com.br

Copyright desta edição © Editora Clock Tower 2015
Copyright da tradução © Claudia Doppler
Direitos reservados e protegidos pela lei 9610 de 19/02/1998

Texto integral traduzido conforme os manuscritos originais de *The King in Yellow* em língua inglesa. A obra se encontra em domínio público desde o ano de 2003.

ORGANIZAÇÃO: Denílson E. Ricci (A.k.A).
TRADUÇÃO E NOTAS: Claudia Doppler.
PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS: Allan Moraes.
DIAGRAMAÇÃO: Warlen Silveira.
DESIGNER DA CAPA: Alexandre Costa, sob ilustração de Leander Moura e Daniel LM (fundo).
ILUSTRAÇÕES INTERNAS: Daniel Lopes Mathias.
CONSULTORIA DE MARKETING DIGITAL: Edu Costa.

Ficha Catalográfica
Bibliotecário: William Borges da Silva - CRB-8/8244

Chambers, Robert W. (Robert William), 1865-1933.
C355r *O Rei de Amarelo* [recurso eletrônico] / Robert W. Chambers; organização geral e biografia do autor Denílson E. Ricci; tradução de Claudia Doppler ; [prefácio de Elias Alberto Souza ; ilustrações Daniel Lopes Mathias; diagramação Augusto Seoni de Oliveira].

– Jundiaí, SP : Clock Tower, 2015.

1 recurso eletrônico (158 p.)

Tradução de: *The king in yellow*
Inclui bibliografia e índice
e-ISBN 978-85-66519-03-7

1. Chambers, Robert W. (Robert William), 1865-1933. 2. Ficção americana. 3. Literatura fantástica. I. Ricci, Denílson E. II. Doppler, Claudia. III. Souza, Elias Alberto. IV. Mathias, Daniel Lopez. V. Oliveira, Augusto Seoni de. III. Título.

CDD: 813.52
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

Introdução - Um estranho no Moulin Rouge
Biografia de Robert W. Chambers - O último
dos mosqueteiros

O Reparador de Reputações

A Máscara

No Átrio do Dragão

O Símbolo Amarelo

A Demoiselle d'Ys

O Paraíso do Profeta

A Rua dos Quatro Ventos

A Rua Da Primeira Bomba

A Rua de Nossa Senhora dos Campos

Rue Barrée

Apêndice

Um Habitante de Carcosa

A Máscara da Morte Rubra

Carcassonne

Haita, o pastor

The Strange Society of ORDA

Após 120 anos...

Redes sociais

Colofão

Notas

O Rei de Amarelo é dedicado a meu irmão.

Ao longo da costa, quebram-se as nuvens em ondas,
Os sóis gêmeos abaixo do lago se escondem,
Estendem-se as sombras
Em Carcosa.

Estranha é a noite em que estrelas negras ascendem
E luas estranhas os céus percorrem
Mas ainda mais estranha é
Perdida Carcosa.

Canções que as Híades cantarão,
Onde os farrapos do Rei se agitam,
Inauditas morrerão na
Sombria Carcosa.

Canção da minha alma, minha voz está morta;
Morras tu, não aclamada, como lágrima não derramada
Deve secar e morrer na
Perdida Carcosa.

“Canção de Cassilda” em *O Rei de Amarelo*.
Ato I. Cena 2.

Um estrangeiro no
Moulin Rouge

Um estranho no Moulin Rouge

Mais uma vez a Editora Clock Tower nos entrega um volume de qualidade de uma obra fundamental do horror, o clássico *O Rei de Amarelo*. Como você deve saber, o primeiro livro foi *O Mundo Fantástico de H. P. Lovecraft*, e nele, abrindo o conto mais famoso do autor, encontramos a frase que define exatamente o que proponho expor nesta introdução: “A coisa mais misericordiosa no mundo, acho, é a inabilidade da mente humana em correlacionar todo seu conteúdo”.

Era uma manhã no outono de 2012. Eu caminhava pelo Quartier Latin, em Paris, enquanto observava os pintores vendendo suas obras na rua e as meretrizes fazendo compras na feira livre. Pensava sobre como tudo aquilo parecia decadentemente artificial, criado apenas para o turista ter uma sensação de retorno à Belle Époque. Mas eu estava enganado.

Para aquela viagem me foi entregue um computador contendo mapas, dicionários e guias. Aproveitando essa entrada na alta tecnologia, fui atrás de livros digitais que sempre quis ler e que sabia estarem em domínio público. Um dos primeiros livros que coloquei no dispositivo foi *The King in Yellow*, de Robert William Chambers. A primeira vez que ouvira falar de algo sobre sua obra foi em um conto de Lovecraft que você encontra na mesma antologia que mencionei acima.

Chambers nasceu no dia 26 de maio de 1865 no estado de Nova York. De família nobre e abastada, formou-se em arte e foi conhecer o velho mundo. Foi em Munique, no ano de 1887, que ele escreveu seu primeiro livro: *In the Quarter*. A obra foi publicada em 1894 e tratava de desventuras românticas dos boêmios habitantes

do Quartier Latin, o famoso bairro latino de muitos bistrôs, boa música e vida cultural ativa. Esses mesmos temas e personagens retornariam na segunda edição de seu segundo livro, *The King in Yellow*. Dessa vez, fazendo uso de um estilo futurista, o autor projeta os efeitos da chamada “invasão amarela” na capital francesa. Alemães declarando guerra, americanos contra-atacando... Entre poeira e muros caídos, poetas se apaixonavam, se embebedavam e morriam — sempre nas mesmas quatro ruas do famoso bairro latino.

Em um feriado de 2007, eu voltava de uma cidade próxima de onde moro. Havia levado um amigo oriental para presenciar uma festividade religiosa que mencionava tal livro. Meu telefone tocou dentro do carro. Número desconhecido e de outra região. Atendi para ouvir uma voz masculina, firme, com um sotaque não tão diferente do meu. Foi assim que conheci o Denílson Ricci e sua ideia de traduzir o nefasto volume algum dia no futuro, mas só pude conversar com ele naquela noite, quando estava tomando conta da casa de outros amigos médio-orientais que passariam o mês fora. Eu ainda não podia imaginar quais rumos tudo aquilo tomaria, já que, ao que me parecia, esse livro já estava me possuindo, uma vez que sempre me deparava com ele em qualquer lugar onde estivesse. Mas me dou conta disso apenas agora, enquanto escrevo a introdução desse livro quase religioso. Falando em religião, um dos pontos mais importantes do livro é o Símbolo Amarelo, que tem implicações religiosas. E não é ele descrito como um pictograma chinês mesclado com uma letra árabe? Pelo menos parece ser isso o que você encontrará no conto “O Símbolo Amarelo” numa das páginas a seguir. Um símbolo que não pode ser possuído — pelo contrário: ele possui quem o lê ou o guarda. O personagem dessa narrativa descobrirá isso em uma igreja.

Já o protagonista de “O Reparador de Reputações” descobrirá ainda mais do que isso. Em outro futurismo de Chambers, nos Estados Unidos boatos sugerem que alguém tem acesso à enlouquecedora peça *O Rei de Amarelo*. Dessa peça nada ficamos sabendo — com exceção de que há um personagem misterioso que

dá título a ela, e há um trecho da “Canção de Cassilda”, que supostamente aparece na segunda cena do primeiro ato.

Acredito que seja um alívio que tão pouco se conheça dessa peça. No melhor estilo lovecraftiano, ela arrasta seu leitor para um inferno pessoal de paranoia e alucinações. Não há informações de nenhum ator que tenha encenado a peça e sobrevivido. Deve ser por isso que o texto da obra foi proibido por organizações eclesiais em diversos países — por isso e pelas menções a Carcosa, ao lago de Hali e ao inominável Hastur.

Após todos esses fatos, em janeiro de 2014 eu mudava aleatoriamente de canal na televisão quando me deparei com uma série original de uma conhecida programação a cabo. Sim, era *True Detective*. Até aí, nada de mais, nunca fui um fã ardoroso do gênero policial. Mas a situação mudou drasticamente quando vi espirais desenhadas e um personagem com aparência maníaca citando Carcosa. Naquele momento eu poderia ter pensado que era uma referência ao conto de Ambrose Bierce no qual Chambers se baseou para escrever sua obra, mas só pude me lembrar de Denílson, da Clock Tower, e de como as coisas se amarram na hora certa. Carcosa, uma cidade localizada talvez em um planeta do aglomerado estelar Híades, aparece nas próximas páginas como parte da obra principal e como parte dos extras especialíssimos que esta edição traz; extras esses que se fundem com o livro de tão belos.

Mas eu estava falando sobre como as coisas se amarram na hora certa, e elas de fato se amarram. Até mesmo esta introdução. Pois é, avançar e voltar no tempo, nas memórias e nas informações, aqui, serve para te preparar para o que está por vir. Chambers não liga seus contos mantendo sempre o mesmo lugar e a mesma época. Ele faz uso de detalhes como sobrenomes, eventos aparentemente insignificantes e a cor amarela. Portanto, leia com muita atenção este livro cheio de mistérios que, segundo a lenda, pode levar alguém ao mais completo devaneio.

Não foi em Paris que li *The King in Yellow*. Eu o levei dentro de aparato eletrônico e o esqueci lá. Só no ano passado então, quando o Denílson, já coproprietário da lista Culto Lovecraftiano, editor da

melhor antologia sobre Lovecraft no Brasil e idealizador do mais importante site sobre o assunto em nossa língua (será ele o Rei Pálido Mascarado, um estranho em uma festa qualquer no Moulin Rouge?), me mandou uma mensagem anunciando o próximo lançamento da Clock Tower, me convidando a escrever essas atrasadas páginas, é que fui me dignar a ler a obra.

Com um robusto estilo que se aproxima dos versos tão comuns aos escritores vitorianos, dez contos se desvelaram diante de meus olhos. Quatro deles, os quatro primeiros, se mostraram sensacionais, aterrorizantes, intrigantes. Eles ditavam sobre a loucura e o horror que se abatia sobre leitores da tal famigerada peça e sobre aqueles que entraram em contato com o tal Símbolo Amarelo. Um desses contos, em especial, assombrou meus sonhos uma noite. “No Átrio do Dragão” trata de uma ligação entre o narrador e um organista de igreja (seria o mesmo que vemos em “O Símbolo Amarelo”?) que se dá apenas por visões, medos e pela intuição de uma entidade da qual nada sabemos. A entidade cita a Bíblia e aí pode estar implícito algo que a mente humana não poderia suportar — e, pelo visto, não suportou.

Especialistas em Chambers e recortes do *The New York Times* dizem que originalmente seu volume de contos sobre o estranho e o misterioso saiu em uma edição limitada contendo apenas quatro contos. Nessa versão, a frase do Rei do Amarelo sobre a Bíblia é menos dúbia, mas muito mais polêmica. E é essa a versão que você tem em mãos neste momento. Uma edição como o autor desejava, antes das intervenções de um editor visando um público leitor maior para consumir o livro. O editor estava errado? Claro que não! Sabemos o sucesso que se tornou “The King in Yellow”.

Entretanto, o que se diz é que o autor escreveu sobre o Símbolo Amarelo sob o efeito de absinto, que recebeu o apelido de “fada verde” devido a suas propriedades alucinógenas. Veja só, até a física das cores nos demonstra que tudo está amarrado. E como está! A mansão onde morou Chambers e onde foi escrito seu livro ficou abandonada por décadas após seu falecimento, sendo mais tarde invadida por usuários de outras substâncias alucinógenas. Fato

esse comprovado pelos mesmos recortes do “The New York Times” que citam a mansão do autor e o caos que tomou conta do lugar logo após seu falecimento. Vale ainda lembrar que as informações desse jornal são um dos poucos registros históricos da vida e obra do autor, usadas como base para a biografia que está neste livro.

A primeira tradução francesa parece concordar com tudo isso. Quando o editor original resolveu alcançar um público maior, sugeriu que Chambers adicionasse ao volume outros contos que ele havia escrito, que diziam respeito mais ao romance que permeia *In the Quarter* do que às fantasias, ficções e aos devaneios de *The King in Yellow* original. Por sua vez, esses contos, sozinhos, seriam insuficientes para formar um único livro. A forma encontrada para unir esses dois universos literários foi engenhosa, devemos assumir.

Primeiro, há dois poemas em prosa (gênero literário muito apreciado e bem-executado por autores como Oscar Wilde, por exemplo, cuja peça *Salomé*, juntamente com o conto *The Mask of Red Death*, de Edgar Allan Poe, que também coroa os extras desta edição que você está lendo agora, influenciaram diretamente no teor da tal peça maldita que liga as quatro histórias de terror originais de Chambers) que tratam tanto de sonhos e alucinações sobre a morte quanto sobre suspiros de poetas. É aí que o livro caminha para os contos finais sobre os boêmios e as prostitutas parisienses da Belle Époque.

Mas a ligação não acaba aí. A segunda forma encontrada tanto pelo autor quanto pelo editor foi inserir margaridas, objetos dourados e os olhos de um gato, entre outras coisas amareladas, nos contos sobre o Quartier Latin. Ora, amarelo é a cor do Rei e do Símbolo, mas amarelo, para a literatura decadentista que despontava na época, era também a cor da inveja, da doença, da luxúria e dos bulbos incandescentes das lâmpadas elétricas. Nada mais propício, não? Assim, o pequeno livro outrora intitulado *The Mask* (nome de um dos contos que compõe a tetralogia bizarra e macabra sobre a peça proibida) se tornou o *The King in Yellow* que conhecemos hoje.

Esse é o mistério deste livro.

Essa versão, editada, posterior e mais conhecida de *O Rei de Amarelo* você já deve ter recebido digitalmente enquanto está lendo esta introdução, ou irá receber muito em breve, não se preocupe. A versão que você segura agora enquanto sacode num meio de transporte ou sentado confortavelmente em sua poltrona é a versão que Chambers inicialmente imaginou e produziu. Isso só é possível, provavelmente pela primeira vez no mundo, graças ao esforço do Denílson, bem como de familiares e amigos da equipe, para traduzir corretamente as expressões idiomáticas do dialeto cockney que um dos personagens no mais importante conto deste livro (não à toa, o último conto), "O Símbolo Amarelo", usa. Perceba como esse tipo de cuidado ajuda a tornar esta edição tão especial.

Então, será que foi o cockney que nos trouxe até aqui? Ou será que foi Híades, brilhando em nosso céu há milhões de anos? Ou será que o início de tudo isso está no reino infernal de Hades, deus grego dos mortos, cujo nome se relaciona ao aglomerado estelar? Ou terá sido meu passeio pelo Quartier Latin? De minha parte, só posso pensar que palavras como França, amarelo, invasão e máscara, entre outras, apareceram nos parágrafos anteriores várias vezes, mas em contextos sempre diferentes.

Isso me lembra de um diálogo que pôde ser visto ao longo da série *True Detective* (com um assassino em série que fazia parte de uma seita inspirada em *The King in Yellow*). Um dos personagens diz: "A estrela negra ascende. Eu sei o que acontece em seguida. Eu vi você no meu sonho. Agora você está em Carcosa, comigo. Ele te vê. Você fará isso de novo. O tempo é um círculo plano". Garanto que assim será sua leitura das próximas páginas. Você acabará e irá reler, pois estará diante de um dos quatro maiores contos de toda a literatura fantástica. Você procurará a linha que define esse círculo de histórias. Você verá Carcosa, comigo, com Chambers, com Hastur.

E aqui estamos. Mais uma vez a Editora Clock Tower nos entrega um volume de qualidade de uma obra fundamental do horror, o clássico *O Rei de Amarelo*. Como você deve saber, o primeiro livro foi *O Mundo Fantástico de H. P. Lovecraft*, e nele, abrindo o conto mais famoso do autor, encontramos a frase que define exatamente

que me proponho expor nesta introdução: “A coisa mais misericordiosa no mundo, acho, é a inabilidade da mente humana em correlacionar todo seu conteúdo”.

— Elias A. Souza

Ribeirão Preto, janeiro de 2015

NOTA: A versão eletrônica que você tem em mãos agora é equivalente a versão mais conhecida da obra, a que contém os dez contos, conforme versão do editor em 1895 (desconsiderando o apêndice que são contos que inspiraram o autor). A versão original, como era desejo do autor, apenas com os quatro contos originais, foi impressa pela Editora Clock Tower em março de 2015.

D último dos
mosqueteiros

O último dos mosqueteiros

“O mais feliz dos felizes é aquele que faz os outros felizes.”

Alexandre Dumas

A vida de Robert W. Chambers parece fundir-se com os mistérios em torno de sua obra. Como pôde ser esse um escritor tão prolífico a ponto de criar uma dezena de incríveis histórias de horror cósmico e ao mesmo tempo tão belos contos para crianças, além de romances e ficção histórica? E, não bastasse isso e o tremendo sucesso e popularidade em sua época, ainda ser esquecido por décadas?

O fato é que a história desse incrível escritor parece perdida no tempo, bem como grande parte de sua obra, além de conhecermos bem pouco da vida de um homem tão genial. O que se tem são estudos e teorias e pouca coisa de realmente concreto. Um dos poucos documentos a respeito de sua vida são as páginas do jornal “The New York Times”, que publicou críticas a respeito de sua obra e fatos sobre sua vida pessoal, haja vista Chambers ter feito parte dos mais altos círculos sociais da cidade de Nova York no começo do século 20.

Falando em Nova York, é lá que começa essa história, no Brooklyn, em 26 de maio de 1865, dia de nascimento do filho do famoso advogado William P. Chambers (1827-1911) e Caroline (Boughton) Chambers (1842-1913), uma descendente direta de Roger Williams, o fundador da histórica cidade de Providence, em Rhode Island. Robert teve um irmão chamado Walter Boughton Chambers, que depois de graduar-se na Universidade de Yale, estudou arquitetura com Paul Blondel, em 1889, e mais tarde

tornou-se conhecido no mundo todo como um talentoso arquiteto. Ele projetou grande parte da propriedade da família Chambers a partir de 1912: uma mansão em estilo vitoriano em Broadalbin, construída no século 19 pelo avô de Chambers, dr. William Chambers.

William Chambers nasceu em Galway, Nova York, Saratoga County, em 1798. Seus ancestrais paternos eram escoceses, mas o lado materno descende de Roger Williams, então há muito estabelecidos em Rhode Island. William Chambers começou seus estudos na escola do distrito, mas os concluiu na academia privada mantida pelo rev. Robert Proudhit, pastor da Scots Presbyterian Church em Perth, Nova York. O pastor Proudhit foi ordenado na congregação em 1º de outubro de 1804, e permaneceu em serviço até 18 de outubro de 1818, quando renunciou para aceitar o cargo de professor de latim e grego no Union College. William Chambers completou seus estudos médicos em Boston em 1819 e abriu um consultório em Broadalbin, onde exerceu a profissão até sua morte.

Ele recebeu distinções pelo brilhante aproveitamento de sua bolsa de estudos, e era um membro honrado da County Medical Society, mantendo o cargo de presidente por vários anos sucessivos, até sua morte. Era muito querido por seus pacientes e cobriu um extenso território com seus serviços, sendo especialmente popular entre a população de origem escocesa, que formava um importante núcleo da sociedade local. Também foi membro-fundador da Broadalbin Methodist Church, vindo a falecer nesse vilarejo em 26 de agosto de 1874.

O bisavô de Robert W. Chambers, que assentou a família Chambers no vale do Sacandaga, foi tenente da Marinha Real Britânica. As raízes da família Chambers remontam à Escócia, possivelmente desde o século 13. O patriarca da família Chambers na Escócia talvez tenha sido um tal Charles Edward Stuart Chambers, de Edimburgo.

Robert W. Chambers visitou a herdade da família pelo menos uma vez, e foi ali, na casa familiar do avô, entre as montanhas, que descobriu seu amor pela pintura e pela natureza desde tenra idade.

A vida cultural madura de Chambers começou na Universidade

de Yale, onde se formou. Depois de estudar no Brooklyn Polytechnic Institute, ingressou na Art Students League aos 20 anos de idade, onde veio a conhecer o futuro famoso ilustrador Charles Dana Gibson, que às vezes tomava como modelo o horror de Algernon Blackwood para seus trabalhos artísticos.

Após esses estudos, Chambers parte para a Europa em 1886, indo mais precisamente a Paris, e, ávido por novos conhecimentos, começa a estudar na École des Beaux-Arts e na Académie Julian. Já em 1889 teve seu trabalho reconhecido numa exposição organizada pela Société des Artistes Français, mais conhecida pelo mundo como Salon de Paris.

No ano de 1893 retornou a Nova York e teve suas ilustra  es aceitas pelas revistas Life, Truth e Vogue. Chambers disse certa vez que ele e Charles Gibson foram juntos ao escritório da Vogue com suas ilustra  es e que suas ilustra  es foram aceitas e as de Gibson não. Gibson fez ilustra  es para livros de Chambers posteriormente, e ambos eram categóricos em afirmar que as ilustra  es de Gibson eram melhores que as de Chambers.

Não se sabe ao certo, mas talvez devido   influência de amigos em seu círculo social ou mesmo a algum interesse despertado por sua estadia em Paris em plena Belle  poque, o artista abraçou a literatura, lançando seu primeiro livro no ano de 1894. Intitulado *In the Quarter*, foi escrito em 1897 em Munique.   uma história melodramática de sua vida bo  mia e estudantil em Paris. Bem acolhido pela crítica, a repercussão anima o jovem a continuar seu trabalho como escritor. Em 1895 ele publica pela F. Tennyson Neely dez contos aparentemente sem rela  o que recebem o título *The King in Yellow*. A obra promete deixar louco quem o ler. Foi um grande sucesso, tornando-se sua obra-prima, o que o convence a deixar de lado por um tempo sua paixão pelas artes plásticas em vista de seu sucesso naquilo que também gostava muito de fazer — escrever. Everett Franklin Bleiler, editor estudioso da fic  o fantástica, em seu famoso livro *Checklist of Fantastic Literature*, definiu o best-seller de Chambers como uma das mais importantes obras de fic  o sobrenatural americana.

Em 12 de julho de 1898, ele se casa com a francesa Elsa Vaughn Moller (1882-1939), e mais tarde têm um filho, Robert Edward Stuart Chambers (que às vezes usou o nome Robert "Husted" Chambers).

Após o casamento e com o grande sucesso do segundo livro, Chambers escreveu de tudo um pouco, pois se dizia alguém com gostos e interesses muito variados: "Sempre gostei de mudar, de experimentar — assim como eu gostava de mudar o meu meio de pintura, aquarela, óleo, carvão, fases, etc.", disse ele, provando-o pela alternância entre estilos, indo de romances, contos e poemas a artigos de revistas de história natural, assuntos militares e caça e pesca.

Para a famosa atriz irlandesa Ada Rehan ele escreveu uma peça de teatro, *The Witch of Ellangowan*, que, segundo se relata, foi composta em apenas uma semana.

Chambers admirava Dumas (pai) e o tinha como seu escritor favorito, mas também tinha um campo de interesses muito variado, o que às vezes o fazia transpor tal deslumbramento pelo desconhecido no horror sobrenatural de algumas de suas histórias.

Em uma troca de e-mails com Joseph S. Pulver, famoso escritor norte-americano e especialista em Chambers, ele me escreveu:

[...] se você examinar Chambers como homem e não como escritor, verá que seus escritos pós-terror eram compostos apenas para vislumbrar a vida que sempre quis. Leia a introdução do escritor S.T. Joshi em *The Yellow Sign* e tente entender o homem e sua história antes de tentar entender sua obra, que inclui narrativas de viagens românticas e romances. Descartar tudo além da ficção de terror é um equívoco e não dará a você uma imagem adequada do homem.

Por esses e outros motivos, fica claro que Chambers escreveu todo tipo de história simplesmente porque gostava, e o autor tem esse amplo campo de interesse, como ele mesmo disse, corroborado por muitos estudiosos de sua vida e obra. Nascido em uma família

abastada, ele não precisaria escrever para sobreviver, como imaginavam muitos críticos, muito menos compor romances baratos; e se o fez, foi por conta de vislumbrar neles a vida boêmia que sempre teve em Paris e que de certa forma foi abreviada pelo seu novo estilo de vida no retorno a Nova York.

Chambers residiu em sua mansão em Broadalbin, Nova York, ao sopé das montanhas Adirondack, durante grande parte de sua vida. Alguns de seus romances retratam a calma vida colonial em Broadalbin e Johnstown. Segundo informações do “The New York Times”, ele gostava muito de pescar, caçar, colecionar arte chinesa e japonesa e borboletas americanas, além de falcoaria e ecologia, tanto que foi responsável pelo plantio de 25000 árvores no vilarejo em que residia.

Ele também fazia de sua linda mansão familiar um refúgio, muito embora procurasse sempre um lugar isolado em Nova York para escrever seus livros: uma espécie de retiro espiritual ainda maior, onde podia encontrar novamente uma vida alegre e boêmia similar à de Paris, com damas e cavalheiros da mais alta classe social e eventos e festas intermináveis com admiradores presentes.

Assim foi a vida de Chambers durante muitos e muitos anos, escrevendo sucesso após sucesso e cuidando de sua amada esposa que conhecera na França, tentando provê-la com o conforto de um lar cada vez mais agradável — pois fazendo ela feliz ele se sentia mais feliz ainda.

Chambers foi talvez o último dos cavalheiros boêmios e artistas de uma época glamourosa que foi a Belle Époque — de fato o último dos mosqueteiros, numa alusão a D’Artagnan, personagem de Dumas.

Muitos anos se passaram e sua fama foi se desvanecendo. Já idoso, num certo dia de setembro de 1933 ele deu entrada no Hospital de Nova York. Em 13 de dezembro foi operado de uma doença intestinal e morreu naquela mesma noite. Seu funeral foi simples, mas digno — seu corpo foi levado pelos moradores de Broadalbin através do jardim italiano onde ele costumava fazer sua caminhada diária. A esposa de Chambers, seu filho e outros parentes próximos e amigos estavam presentes em seu velório,

realizado na casa do rev. Edward T. Carrol, reitor da Saint Ann's Episcopal Church em Amsterdam, Nova York.

Entre aqueles que visitaram o caixão estavam vários homens ilustres das artes, letras e negócios, além dos moradores da vila: dr. B.E. Chapman, Gerald Sanford, Sanford Samuel, Samuel Jacobsin, John Anderson, Cecil C. Finch, T.E. Lee, Alan Belding, rev. B.L. Crapo, Wilbur Hathaway, Floyd H. Barker, John Harris, James Bartlett, Richard H. Lee, Herbert Sawyer, Marvin Borst, Ray Vail e o chefe de Polícia do Estado de Nova York — todos estiveram presentes.

O corpo de Chambers foi enterrado no jazigo da família em Broadalbin, debaixo de uma árvore atrás da mansão. O terreno foi cercado pelas árvores que ele havia plantado. Mais tarde, foi levado por sua esposa ao Cemitério Rural de Broadalbin.

Não resta muito de Broadalbin atualmente. Grande parte da terra aparentemente é de propriedade de um médico. Broadalbin é também o nome da cidade onde o imóvel está. Não se pode afirmar se a cidade cresceu em torno da propriedade ou a propriedade em torno da cidade.

Chambers perdeu grande parte de seu dinheiro na quebra da bolsa de valores em 1929. Elsa manteve a si mesma com alguns recursos que o marido deixou, vindo a falecer mais tarde, em 1939. A casa foi então deixada sem supervisão, com tudo no lugar, e jovens e outras pessoas usaram seu espaço para festas, queimando papéis e documentos para se aquecer ou por mero divertimento enquanto bebiam e faziam sexo. Por um período indeterminado de tempo, o local abrigou até mesmo um bordel. Metade da terra da propriedade está agora debaixo da água devido a uma barragem, e um terço da casa está afundado, o resto sendo remodelado pela Igreja Católica, que é proprietária, na casa paroquial da St. Joseph Church, após adquirirem o imóvel anos depois. O filho de Chambers não deixou herdeiros e relata-se ter sido colocado em um asilo. Talvez por esse motivo ninguém poderia cuidar da propriedade de Broadalbin depois que a esposa de Chambers faleceu.

Até sua morte, Robert W. Chambers tinha escrito 87 romances, uma coleção de poemas, uma peça e inúmeros artigos para jornais.

Ele também escreveu um libreto para uma ópera. Foi dito a ele que “seu poder de visualização gráfica, suas extravagâncias frequentes em delinear os tipos e situações, juntamente com seu instinto para transmitir uma sensação de movimento que transmite a narrativa junto com uma onda irresistível e corrida, tem um efeito hipnótico sobre o leitor que faz com que até mesmo o improvável pareça real, como uma coisa natural”.

Quaisquer opiniões sobre seus trabalhos são deixadas para cada leitor decidir, e o autor desta biografia pede desculpas a si mesmo se quaisquer declarações tendenciosas aparecem nela. No entanto, é seguro dizer que Chambers é hoje em dia quase inteiramente lembrado por uma única obra, *O Rei de Amarelo*, o que faz parecer com que as incógnitas em torno de sua principal obra de algum modo refletem misteriosamente sua vida. Isso, no entanto, é uma vergonha, pois Chambers escreveu obras tão interessantes quanto esta, e embora pequeno em tamanho *O Rei de Amarelo* constiuiu-se segundo críticos, em uma das maiores criações literárias de toda a literatura fantástica ao longo dos anos.

Chambers tem inspirado muitos autores modernos, incluindo Joseph S. Pulver, Stephen King, Neil Gaiman e mais recentemente Nic Pizzolatto e sua série de sucesso mundial *True Detective*, entre muitos outros.

BIBLIOGRAFIA

BLEILER, E.F. (Ed.). *The King in Yellow and other horror stories*. New York: Dover Publications, 1970.

_____. *Checklist of Fantastic Literature*. New York: Shasta Publishers, 1948

CHAMBERS, Robert W. *The King in Yellow*. New York: F. Tennyson Neely, 1895.

CLUTE, John & NICHOLLS, Peter. *The Encyclopedia of Science Fiction*. London: Orbit, 1993.

JOSHI, S.T. *The Yellow Sign and Other Stories*, Chaosium, 2004.

_____. *H.P. Lovecraft – A Life*. West Warwick-RI: Necronomicon Press, 1996.

PRICE, Robert M. *The Hastur Cycle*, Chaosium, 1993.



O Reparador
de Reputações

O Reparador de Reputações

Título original: The Repairer of Reputations

I

*“Ne raillons pas les fous; leur folie dure plus longtemps que la nôtre...
Voilà toute la différence.”⁽¹⁾*

POR VOLTA do ano de 1920, o governo dos Estados Unidos havia praticamente completado o programa adotado durante os últimos meses da administração do presidente Winthrop. O país estava aparentemente tranquilo. Todos sabiam como foram resolvidas as questões tributárias e trabalhistas. A guerra com a Alemanha, em um incidente pelo embargo, por parte desse país, às Ilhas Samoa, não deixou cicatrizes visíveis sobre a república, e a ocupação temporária de Norfolk pelo exército invasor fora esquecida na alegria de repetidas vitórias navais e com a subsequente e ridícula situação das forças do general Von Gartenlaube no estado de Nova Jersey. Os investimentos cubanos e havaianos lucraram cem por cento e o território de Samoa, como um posto de abastecimento de carvão, bem valeu seu custo. O país estava em um estado esplêndido de defesa. Cada cidade da costa havia sido bem-provida de fortificações em terra; o exército, sob o olhar parental do estado-maior, organizado de acordo com o sistema prussiano, ampliou-se para trezentos mil homens, com um contingente reserva de um milhão; e seis magníficas esquadras de cruzadores e navios de guerra patrulhavam as seis estações de mares navegáveis, deixando-se uma reserva a vapor amplamente preparada para controlar as águas locais. Os senhores do Oeste haviam, finalmente,

sido compelidos a reconhecer que uma universidade para o treinamento de diplomatas era tão necessária quanto escolas de direito são para a formação de advogados; conseqüentemente, não éramos mais representados por compatriotas incompetentes. A nação estava próspera. Chicago, por um momento paralisada depois de um segundo grande incêndio, havia se levantado de suas ruínas, branca e imperial, e mais bonita que a cidade branca que fora construída para diversão da nação no ano de 1893⁽²⁾. Por todos os lugares, a boa arquitetura estava substituindo a arquitetura de má qualidade, e, mesmo em Nova York, um desejo repentino por decência havia varrido uma grande porção dos horrores existentes. Ruas foram alargadas, propriamente pavimentadas e iluminadas, árvores foram plantadas, praças foram projetadas, estruturas elevadas foram demolidas e vias subterrâneas construídas para substituí-las. Os novos edifícios governamentais e quartéis eram amostras excelentes de arquitetura, e o longo sistema de píeres de pedra que cercava completamente a ilha havia sido transformado em parques que se revelavam como uma bênção à população. O subsídio para o teatro e a ópera estatais trouxe sua própria recompensa. A Academia Nacional de Design muito se assemelhava às instituições europeias do mesmo tipo. Ninguém invejava o secretário de Belas-Artes, muito menos seu gabinete e sua pasta. O secretário de Silvicultura e Preservação da Caça gozava de um momento muito mais calmo graças ao novo sistema da Polícia Montada Nacional. Havíamos lucrado bastante por meio dos últimos tratados com a França e a Inglaterra; a expulsão dos judeus estrangeiros como uma medida de autopreservação, a criação do novo estado negro independente de Suane, o controle da imigração, as novas leis concernentes à naturalização e a centralização gradual de poder no executivo contribuíram para a calma e a prosperidade da nação. Quando o governo solucionou o problema dos índios e esquadrões de patrulheiros da cavalaria indígena em vestimentas nativas foram substituídos por organizações deploráveis, atreladas à retaguarda de regimentos moldados por um antigo secretário de Guerra, a nação soltou um

longo suspiro de alívio. Quando, depois do colossal Congresso de Religiões, o fanatismo e a intolerância foram enterrados em suas sepulturas, e a bondade e a caridade começaram a unir seitas antes inimigas, muitos pensaram que o milênio chegara, ao menos no Novo Mundo, que, afinal de contas, é um mundo por ele mesmo.

Mas autopreservação é a lei primordial, e os Estados Unidos tiveram de observar, em pesar impotente, enquanto a Alemanha, a Itália, a Espanha e a Bélgica se contorciam nos espasmos da anarquia, enquanto a Rússia, assistindo do Cáucaso, as parou e as capturou uma a uma. Na cidade de Nova York, o verão de 1899 foi marcado pela desmontagem das linhas férreas elevadas. O verão de 1990 viverá na memória dos nova-iorquinos por muito tempo; a estátua do Dodge foi removida naquele ano. No inverno seguinte, iniciou-se aquela agitação pela revogação das leis que proibiam o suicídio, o que deu à luz seu último fruto, em abril de 1920, quando a primeira Câmara Letal do governo foi inaugurada na Washington Square.

Aquele dia, saindo da casa do dr. Archer, caminhei pela Madison Avenue, onde estivera por mera formalidade. Desde aquela queda do meu cavalo, quatro anos antes, tive problemas com dores na parte posterior de minha cabeça e no pescoço, mas agora por meses elas têm estado ausentes, e aquele dia o médico me mandou embora dizendo não haver nada mais em mim a ser curado. Quase não valia a pena pagar por suas consultas para ele me dizer isso; eu sabia disso por mim mesmo. Ainda assim, não neguei a ele o dinheiro. O que me perturbava era o erro que ele cometera inicialmente. Quando eles me pegaram do pavimento onde eu havia caído inconsciente, e alguém por misericórdia meteu uma bala na cabeça do meu cavalo, fui levado ao dr. Archer, e ele, declarando meu cérebro afetado, me internou em seu sanatório particular, onde eu era obrigado a suportar tratamento para insanidade. Finalmente ele decidiu que eu estava bem, e eu, sabendo que minha mente sempre estivera tão saudável quanto a dele, se não mais saudável, "paguei minha taxa escolar", como ele, brincando, a chamava, e parti. Disse a ele, sorrindo, que me vingaria por seu erro, ele riu entusiasticamente e me pediu para ligar de vez em quando. Eu o fiz,

esperando por uma chance de acertar as contas, mas ele não me deu nenhuma, e eu disse a ele que esperaria.

A queda do meu cavalo felizmente não deixara qualquer sequela; pelo contrário, havia mudado todo meu caráter para melhor. Então um rapaz almofadinha e preguiçoso, me tornei ativo, enérgico, moderado e acima de tudo — ah, acima de tudo realmente — ambicioso. Havia apenas uma coisa que me perturbava: eu ria de minha própria inquietação, contudo, ela ainda me perturbava.

Durante minha convalescência, comprei e li pela primeira vez *O Rei de Amarelo*. Lembro-me, depois de terminar o primeiro ato, que me ocorreu que seria melhor parar de ler ali. Levantei-me e arremessei o livro na lareira; o volume atingiu a grelha barrada de proteção e caiu aberto exatamente ao meio sob a luz da lareira. Se eu não tivesse tido um vislumbre das palavras de abertura no segundo ato, jamais o teria terminado, mas enquanto eu parava para pegá-lo, meus olhos se tornaram fixos na página aberta, e com um grito de terror, ou talvez tenha sido de uma alegria tão pungente que a senti em cada nervo, arrebatei a coisa das brasas e me arrastei tremendo para meu quarto, onde li e reli, e chorei e ri e tremi com um horror que às vezes ainda me assalta. Essa é a coisa que me perturba, por não poder esquecer Carcosa, onde estrelas negras pendem dos céus; onde as sombras dos pensamentos dos homens se estendem pelo entardecer, quando os sóis gêmeos se escondem dentro do lago de Hali; e minha mente guardará para sempre a lembrança da Máscara Pálida. Oro para que Deus amaldiçoe o escritor, como o escritor amaldiçoou o mundo com esta bela, estupenda criação, terrível em sua simplicidade, irresistível em sua verdade — um mundo que agora treme diante do Rei de Amarelo. Quando o governo francês confiscou os exemplares traduzidos que haviam acabado de chegar a Paris, Londres, é claro, se tornou ávida para lê-lo. É bem sabido como o livro se espalhou como uma doença infecciosa, de cidade a cidade, de continente a continente, proibido aqui, confiscado ali, denunciado pela imprensa e pelos religiosos, censurado até mesmo pelo mais avançado dos anarquistas letrados. Nenhum princípio definido foi violado naquelas

páginas perversas, nenhuma doutrina promulgada, nenhuma convicção ultrajada. Não poderia ser julgado por qualquer padrão conhecido; ainda, embora fosse reconhecido que a nota suprema da arte fora atingida com *O Rei de Amarelo*, todos sentiram que a natureza humana não poderia suportar a tensão nem tirar algo de valor de palavras nas quais a essência do mais puro veneno ocultara-se. A exata banalidade e inocência do primeiro ato apenas permitia que o golpe que vinha depois caísse com efeito ainda mais terrível.

Foi, eu me lembro, em 13 de abril de 1920 que a primeira Câmara Letal do governo foi inaugurada no lado sul da Washington Square, entre a Wooster Street e o lado sul da Quinta Avenida. O quarteirão, que outrora consistia de muitos velhos edifícios dilapidados, usados como cafés e restaurantes por estrangeiros, foi adquirido pelo governo no inverno de 1898. Os cafés franceses e italianos foram demolidos; o quarteirão inteiro foi fechado por uma cerca de aço dourado e transformado em um jardim agradável com gramado, flores e fontes. No centro do jardim havia um edifício pequeno e branco, severamente clássico em sua arquitetura, e cercado por arbustos floridos. Seis colunas jônicas suportavam o teto, e a única porta era de bronze. Um grupo esplêndido de mármore das Moiras⁽³⁾ ficava diante da porta, o trabalho de um jovem escultor americano, Boris Yvain, que morreu em Paris com apenas 23 anos de idade. As cerimônias de inauguração progrediam à medida que eu cruzava a University Place e entrava na praça. Abri caminho através da multidão silenciosa de espectadores, mas fui parado na Fourth Street por um cordão de isolamento da polícia. Um regimento de lanceiros dos Estados Unidos estava ordenado em um cordão de isolamento ao redor da Câmara Letal. Em uma tribuna montada de frente para a Washington Square estava o governador de Nova York, e atrás dele agrupavam-se o prefeito de Nova York e Brooklin, o inspetor-geral de polícia, o comandante das tropas do estado, coronel Livingston, o apoio militar ao presidente dos Estados Unidos, general Blount, o comandante em Governor's Island, o general de divisão Hamilton, o comandante da guarnição de Nova

York e Brooklin, almirante Buffby, da rota no Rio Norte, o secretário de Saúde Lanceford, a equipe do National Free Hospital, os senadores Wyse e Franklin, de Nova York, e o comissário de serviços públicos. A tribuna estava cercada por um esquadrão de hussardos da Guarda Nacional.

O governador estava terminando sua réplica ao breve discurso do secretário de Saúde. Eu o ouvi dizer: "As leis que proibiam o suicídio e prescreviam punição para qualquer tentativa de autodestruição foram abolidas. O governo considerou adequado reconhecer o direito do homem de pôr fim a uma existência que pode ter se tornado intolerável a ele devido ao sofrimento físico ou desespero mental. Acreditamos que a comunidade será beneficiada pela remoção de tais pessoas de seu meio. Desde a aprovação desta lei, o número de suicídios nos Estados Unidos não aumentou. Agora que o governo determinou a criação de uma Câmara Letal em cada cidade, cidadela e vila no país, resta apenas saber se aquela classe de criaturas humanas cuja desesperança inclui novas vítimas de autodestruição aceitará ou não o alívio a elas providenciado". Ele parou e se voltou à Câmara Letal. O silêncio na rua era absoluto. "Ali, uma morte sem dor espera por aquele que não pode mais suportar os pesares desta vida. Se a morte é bem-vinda, que ele a procure ali." Então, rapidamente se voltando para o assessor militar do presidente, ele disse: "Declaro a Câmara Letal aberta", e de novo olhando a vasta multidão, ele gritou em uma voz clara: "Cidadãos de Nova York e dos Estados Unidos da América, por meio de mim o governo declara aberta a Câmara Letal".

O silêncio solene foi quebrado por um grito abrupto de comando; o esquadrão de hussardos seguiu a carruagem do governador, os lanceiros se viraram e ficaram em formação na Quinta Avenida para esperar pelo comandante da guarnição, e a polícia montada os seguiu. Deixei a multidão para observar a Câmara Letal de mármore branco e ficar boquiaberto, e, cruzando ao sul da Quinta Avenida, andei ao longo do lado ocidental da passagem para a Bleecker Street. Então virei à direita e parei diante de uma oficina sombria que exibia o aviso:

HAWBERK, ARMEIRO

Olhei de relance pela porta de entrada e vi Hawberk ocupado em sua pequena oficina no fim do corredor. Ele olhou para cima, e, me vendo, gritou em sua voz profunda e forte: "Entre, sr. Castaigne!". Constance, sua filha, levantou-se para me encontrar enquanto eu entrava, e apertei sua bela mão, mas vi o rubor de desapontamento em suas bochechas e soube que era outro Castaigne que ela esperava, meu primo Louis. Ri de sua confusão e a elogiei pela faixa que bordava a partir de um prato decorativo. O velho Hawberk sentou-se, rebitando grevas gastas de uma armadura antiga, e o tim! tim! tim! de seu pequeno martelo soava agradavelmente em sua exótica oficina. Logo ele largou seu martelo e fez um estardalhaço momentâneo com uma pequenina chave inglesa. O bater macio da armadura enviou uma excitação de prazer através do meu corpo. Eu amava ouvir o som do aço esfregando no aço, o choque doce da marreta nas partes da coxa, e o tinir da cota de malha. Essa era a única razão pela qual fui visitar Hawberk. Ele nunca havia me interessado pessoalmente, nem Constance, exceto pelo fato de que ela estava apaixonada por Louis. Isso ocupava minha atenção e às vezes até mesmo me fazia ficar acordado à noite. Mas eu sabia em meu coração que tudo correria bem, e que deveria arranjar o futuro deles do mesmo modo que tinha como certo fazer o mesmo com meu amável médico, John Archer. Entretanto, jamais teria me preocupado em visitá-los se não fosse pelo fato de que, como disse, a música do martelo tilintante despertasse em mim essa forte fascinação. Eu poderia ficar sentado por horas ouvindo e ouvindo, e quando um raio de sol perdido atingia o aço incrustado, a sensação que me atingia era quase intensa demais para suportar. Meus olhos ficavam fixos, dilatando com um prazer que dilatava cada nervo quase até a ruptura, até algum movimento do velho armeiro bloquear o raio de sol; então, ainda tremendo secretamente, eu me encostava e ouvia de novo o som do pano de polir, uish! uish! esfregando a ferrugem dos rebites. Constance trabalhava com o bordado sobre os joelhos, pausando de

vez em quando para examinar mais de perto o padrão no prato decorativo do Museu Metropolitano.

“Para quem é isso?”, perguntei.

Hawberk explicou que, além dos tesouros em armadura no Museu Metropolitano, para os quais ele havia sido indicado como armeiro, ele também cuidava de várias coleções pertencentes a ricos colecionadores. Esta era a greva perdida de um famoso conjunto que um cliente havia rastreado até uma lojinha em Paris, no Quai d’Orsay. Ele, Hawberk, havia negociado por ela e a conseguiu, e agora o conjunto estava completo. Ele descansou seu martelo e leu a história do conjunto, cujos registros vinham desde 1450, de proprietário a proprietário, até ser adquirido por Thomas Stainbridge. Quando sua soberba coleção foi vendida, este cliente de Hawberk comprou o conjunto, e, desde então, a busca pela greva perdida foi realizada até ser encontrada em Paris, quase por acidente.

“O senhor continuou a busca tão persistentemente sem nenhuma certeza de que a greva ainda existisse?”, perguntei.

“Claro”, ele respondeu tranquilamente.

Então, pela primeira vez, tive um interesse pessoal por Hawberk.

“Isso tinha algum valor para o senhor”, arrisquei.

“Não”, ele respondeu, rindo, “meu prazer em achá-la foi minha recompensa”.

“O senhor não tem ambição de ser rico?”, perguntei, sorrindo.

“Minha única ambição é ser o melhor armeiro do mundo”, ele respondeu gravemente.

Constance me perguntou se eu vira as cerimônias na Câmara Letal. Ela mesma percebera a cavalaria passando pela Broadway naquela manhã e desejou ver a inauguração, mas seu pai quis a faixa terminada, e ela ficou, atendendo a seu pedido.

“Sr. Castaigne, o senhor viu seu primo por lá?”, ela perguntou, com o ligeiro tremor de seus cílios macios.

“Não”, respondi desatentamente. “O regimento de Louis está manobrando fora, no condado de Manchester.” Levantei-me e peguei meu chapéu e minha bengala.

“O senhor vai subir para ver o lunático de novo?”, riu o velho Hawberk. Se Hawberk soubesse como eu abominava aquela palavra, “lunático”, ele jamais a usaria em minha presença. Isso desperta certos sentimentos em mim, os quais não quero explicar. Entretanto, respondi a ele calmamente: “Acho que devo aparecer e ver o sr. Wilde por um momento”.

“Pobre homem”, disse Constance, balançando a cabeça, “deve ser difícil viver sozinho ano após ano, aleijado e quase demente. É muita bondade de sua parte, sr. Castaigne, visitá-lo tão frequentemente como o senhor o faz”.

“Acho que ele é mau”, observou Hawberk, começando de novo com seu martelo. Ouvei o tilintar dourado nas placas da greva; quando ele terminou, eu respondi:

“Não, ele não é mau, nem é de modo algum demente. Sua mente é uma câmara de maravilhas, da qual ele pode extrair tesouros que o senhor e eu daríamos anos de nossas vidas para adquirir.”

Hawberk riu.

Continuei, um pouco impaciente: “Ele conhece história como ninguém. Nada, por mais trivial que seja, escapa às suas investigações, e sua memória é tão primorosa, tão precisa em detalhes, que se soubessem em Nova York que tal homem existe, as pessoas não poderiam honrá-lo o suficiente”.

“Bobagem”, resmungou Hawberk, procurando no chão por um rebite que estivesse caído.

“É bobagem”, perguntei, me esforçando para reprimir o que sentia, “é bobagem quando ele diz que as perneiras e os coxotes da armadura esmaltada comumente conhecida como a ‘Brasonada do Príncipe’ podem ser achados em meio a uma pilha de acessórios teatrais enferrujados, fogões quebrados e restos de ferro-velho em um sótão na Pell Street?”

O martelo de Hawberk caiu no chão, mas ele o pegou e perguntou, com muita calma, como eu sabia que as perneiras e o coxote esquerdo da ‘Brasonada do Príncipe’ estavam perdidos.

“Eu não o sabia até o sr. Wilde contar a mim outro dia. Ele disse que eles estavam no sótão do número 998 da Peel Street.”

“Bobagem”, ele gritou, mas notei sua mão tremendo embaixo de seu avental de couro.

“Isso é bobagem também?”, perguntei me divertindo, “é bobagem quando o sr. Wilde constantemente se refere ao senhor como o marquês de Avonshire e da senhorita Constance—”

Não terminei, pois Constance ficou de pé, com terror estampado em toda sua feição. Hawberk olhou para mim e vagarosamente alisou seu avental de couro.

“Isso é impossível”, ele observou, “o sr. Wilde pode saber de muitas outras coisas—”

“Sobre armaduras, por exemplo, e sobre a ‘Brasonada do Príncipe’”, interrompi, sorrindo.

“Sim”, ele continuou vagarosamente, “sobre armaduras também — é possível — mas ele está errado em relação ao marquês de Avonshire, que, como o senhor sabe, matou o difamador de sua esposa anos atrás e foi para a Austrália, onde não viveu muito mais do que ela.”

“O sr. Wilde está errado”, murmurou Constance. Seus lábios estavam pálidos, mas sua voz estava doce e calma.

“Vamos concordar, se assim desejar, que neste caso em particular o sr. Wilde está errado”, eu disse.

II

Subi os três lanços de escadas em ruínas, que já havia subido tantas vezes antes, e bati em uma pequena porta no final do corredor. O sr. Wilde abriu a porta e entrei.

Depois de passar duas trancas na porta e empurrar um pesado baú contra ela, ele veio e se sentou ao meu lado, perscrutando minha face com seus pequenos olhos pálidos. Meia dúzia de novos arranhões cobriam seu nariz e suas bochechas, e os fios prateados que sustentavam suas orelhas artificiais haviam se deslocado. Pensei que nunca o vira tão horivelmente fascinante. Ele não tinha orelhas. As artificiais, que agora se projetavam pendendo do arame fino, eram sua única fraqueza. Elas eram feitas de cera e pintadas de

rosa-claro, mas o restante de seu rosto era amarelo. Ele poderia ter se dado o luxo de alguns dedos artificiais para sua mão esquerda, a qual era absolutamente sem dedos, mas parecia que isso não lhe causava incômodo, e ele estava satisfeito com as orelhas de cera. Ele era muito pequeno, quase não mais alto do que uma criança de dez anos, mas seus braços eram magnificamente desenvolvidos, e suas coxas tão grossas quanto as de qualquer atleta. Entretanto, a coisa mais extraordinária sobre o sr. Wilde era que um homem de sua maravilhosa inteligência e conhecimento pudesse ter uma cabeça como aquela. Ela era achatada e pontuda, como as cabeças de muitos daqueles desafortunados que são aprisionados em sanatórios pela fraqueza mental. Muitos o chamavam de louco, mas eu sabia que ele era tão sã quanto eu.

Não nego que ele era excêntrico; a mania que ele tinha de pegar aquela gata e provocá-la até ela voar em seu rosto como um demônio certamente era excêntrica. Nunca pude entender por que ele mantinha a criatura nem o prazer em se fechar em seu quarto com esta besta intratável e feroz. Lembro-me de uma vez em que, ao erguer os olhos do manuscrito que estava estudando à luz de lamparinas, vi o sr. Wilde agachado imóvel em sua cadeira alta, seus olhos completamente brilhantes de excitação, enquanto a gata, que havia se levantado de seu lugar diante do fogão, veio rastejando pelo chão direto para ele. Antes que eu pudesse me mover, ela encostou sua barriga no chão, se curvou, tremeu e saltou em seu rosto. Gemendo e espumando, eles rolaram diversas vezes no chão, se arranhando e se agarrando, até que a gata gritou e fugiu para debaixo do armário, e o sr. Wilde deitou-se de costas, seus membros se contraindo e se dobrando como as pernas de uma aranha moribunda. Ele era excêntrico.

O sr. Wilde subira em sua cadeira alta e, depois de estudar meu rosto, pegou um livro-razão cheio de orelhas e o abriu.

“Henry B. Matthews”, ele leu, “escriturário na Whysot Whysot and Company, comerciantes de ornamentos de igreja. Consultou-me dia 3 de abril. Reputação prejudicada na corrida de cavalos. Conhecido como caloteiro. Reputação a ser reparada até o dia primeiro de agosto. Sinal: cinco dólares”. Ele virou a página e passou

os nós da mão sem dedos sobre o texto escrito em colunas apertadas.

“P. Greene Dusenberry, ministro do Evangelho, Fairbeach, Nova Jersey. Reputação prejudicada no Bowery. Para ser reparada o mais rápido possível. Sinal: cem dólares.”

Ele tossiu e acrescentou: “Consultou-me dia 6 de abril”.

“Então, o senhor não precisa de dinheiro, sr. Wilde”, indaguei.

“Escute”, ele tossiu de novo.

“Sra. C. Hamilton Chester, de Chester Park, Nova York. Consultou-me dia 7 de abril. Reputação prejudicada em Dieppe, na França. Deve ser reparada até primeiro de outubro. Sinal: quinhentos dólares.”

“Observação: C. Hamilton Chester, capitão do U.S.S. Avalanche, enviado para casa, vindo do Esquadrão dos Mares do Sul no dia primeiro de outubro.”

“Bem”, eu disse, “a profissão de reparador de reputações é lucrativa.”

Seus olhos pálidos buscaram os meus: “Eu só queria mostrar que estava correto. O senhor disse que era impossível ser bem-sucedido como reparador de reputações; que mesmo se eu fosse bem-sucedido em certos casos, isso me custaria mais do que eu ganharia. Hoje tenho quinhentos homens a meu serviço, pobremente remunerados, mas que se dedicam ao trabalho com um entusiasmo que possivelmente pode ter nascido do medo. Esses homens podem entrar em cada abertura e nível da sociedade; muitos até são pilares dos templos sociais mais exclusivos; outros são o apoio e orgulho do mundo financeiro; outros, ainda, detêm influência indiscutível entre os ‘ricos e talentosos’. Eu os escolhi ao meu capricho, a partir dos que responderam a meus anúncios. É muito fácil, eles são todos covardes. Eu poderia triplicar o número em vinte dias se quisesse. Então o senhor vê, aqueles que têm em sua posse a reputação dos seus concidadãos eu tenho em minha folha de pagamento”.

“Eles podem se voltar contra o senhor”, sugeri.

Ele esfregou seu polegar sobre as orelhas cortadas e ajustou as substitutas de cera. “Acho que não”, ele murmurou

pensativamente, "raramente tenho de aplicar o castigo, e ainda assim só o faço uma única vez. Além disso, eles gostam de seus salários".

"Como o senhor aplica o castigo?", perguntei.

Seu rosto, por um momento, estava horrível de se olhar. Seus olhos se encolheram em um par de faíscas verdes.

"Eu os convido a vir e conversar um pouco comigo", ele disse em uma voz suave.

Uma batida na porta o interrompeu, e seu rosto retomou sua expressão agradável. "Quem é?", ele perguntou.

"O sr. Steylette", foi a resposta.

"Venha amanhã", respondeu o sr. Wilde.

"Impossível", começou o outro, mas foi silenciado por um tipo de rosnado do sr. Wilde.

"Venha amanhã", ele repetiu.

Escutamos alguém se afastar da porta e virar para chegar à escada.

"Quem era?", perguntei.

"Arnold Steylette, proprietário e chefe editorial do grande *New York Daily*." Ele tamborilou no livro com sua mão sem dedos, adicionando: "Eu o remunero muito mal, mas ele acredita que é um bom negócio."

"Arnold Steylette!", repeti assombrado.

"Sim", disse o sr. Wilde, com uma tosse de satisfação.

A gata, que havia entrado na sala enquanto ele falava, hesitou, olhou para ele e rosnou. Ele desceu da cadeira e, agachando-se no chão, pegou a criatura em seus braços e a acariciou. A gata parou de rosnar e logo começou com um ronronar alto que parecia aumentar em timbre enquanto ele a alisava. "Onde estão as anotações?", perguntei. Ele apontou para a mesa, e pela centésima vez peguei a pilha de manuscrito intitulado:

"A DINASTIA IMPERIAL DA AMÉRICA"

Uma por uma, estudei as páginas bem gastas, gastas apenas por meu manuseio, e embora eu soubesse tudo memorizado, do começo, "Quando de Carcosa, as Híades, Hastur e Aldebaran" a "Castaigne, Louis de Calvados, nascido em 19 de dezembro de 1877", o li com avidez, atenção absorta, pausando para repetir algumas partes em voz alta, me demorando especialmente em "Hildred de Calvados, filho único de Hildred Castaigne e Edythe Landes Castaigne, primeiro na sucessão", etc., etc.

Quando terminei, o sr. Wilde acenou com a cabeça e tossiu.

"Falando sobre sua ambição legítima", ele disse, "como Constance e Louis estão se entendendo?"

"Ela o ama", respondi simplesmente.

De repente, a gata em seus joelhos se virou e atacou seus olhos, e ele a arremessou e subiu na cadeira em frente a mim.

"E o dr. Archer! Mas essa é uma questão que o senhor pode solucionar quando desejar", adicionou.

"Sim", respondi, "o dr. Archer pode esperar, mas é hora de ver meu primo Louis."

"Chegou a hora", ele repetiu. Então pegou outro livro-razão da mesa e o folheou rapidamente. "Nós estamos em contato com dez mil homens", ele murmurou. "Podemos contar com cem mil dentro das primeiras vinte e oito horas, e em quarenta e oito horas, o estado ascenderia en masse. O país segue o estado, e a porção que não seguir, quero dizer, Califórnia e o Noroeste, ficaria melhor se nunca tivesse sido habitada. Não devo enviar a eles o Símbolo Amarelo."

O sangue correu para a minha cabeça, mas apenas respondi: "Para diante é que se navega".

"A ambição de César e de Napoleão empalidece diante desta que não poderia descansar até ter arrebatado as mentes dos homens e controlado até mesmo seus pensamentos não nascidos", disse o sr. Wilde.

"O senhor está falando do Rei de Amarelo", gemi com um tremor.

"Ele é um rei a quem imperadores têm servido."

"Estou satisfeito por servi-lo", respondi.

O sr. Wilde sentou-se esfregando as orelhas com a mão aleijada. "Talvez Constance não o ame", ele sugeriu.

Comecei a responder, mas uma explosão repentina de música militar vinda da rua abaixo abafou minha voz. O vigésimo regimento de dragões, outrora em guarnição no Monte St. Vincent, estava voltando das manobras no condado de Westchester para seu novo quartel a leste da Washington Square. Era o regimento do meu primo. Eles eram um bando excelente de homens em jaquetas justas de um azul-claro, colbaques garbosos e calças brancas de montaria com a duas listras amarelas, que pareciam moldadas a seus membros. Um esquadrão sim e outro não estava armado com lanças, de cujas pontas de metal tremulavam flâmulas amarelas e brancas. A banda passou tocando a marcha regimental, então veio o coronel e seu regimento, os cavalos se amontoavam e pisavam com força, enquanto suas cabeças curvavam-se em unísono, e as flâmulas tremulavam das pontas de suas lanças. Os soldados, que montavam com a bela sela inglesa, pareciam bronzeados como amoras, vindos de suas campanhas cruéis entre as fazendas de Westchester, e a música de seus sabres contra os estribos, e o ressoar de esporas e carabinas, eram encantadores para mim. Vi Louis cavalgando com seu esquadrão. Era um dos mais belos oficiais que eu já vira. O sr. Wilde, que havia subido em uma cadeira perto da janela, também o viu, mas não disse nada. Louis virou-se e olhou diretamente para a oficina de Hawberk enquanto passava, e pude ver o rubor em suas bochechas bronzeadas. Pensei que Constance deveria estar na janela. Quando os últimos soldados passaram em algazarra, e as últimas flâmulas desapareceram ao sul da Quinta Avenida, o sr. Wilde desceu com dificuldade de sua cadeira e arrastou seu baú para longe da porta.

"Sim", ele disse, "é hora do senhor ver seu primo Louis".

Ele destrancou a porta, eu peguei meu chapéu e saí para o corredor. As escadas estavam escuras. Tateando, pisei em algo macio, que rosnou e espumou pela boca, e preparei um golpe assassino para a gata, mas minha bengala se espatifou na balaustrada e o animal correu de volta para o quarto do sr. Wilde.

Passando pela porta de Hawberk de novo, o vi ainda trabalhando na armadura, mas não parei, e com passo acelerado segui pela Bleecker Street até a Wooster, contornei o terreno da Câmara Letal e, atravessando a Washington Square, fui direto para meus aposentos no Benedick. Lá almocei confortavelmente, li o *Herald* e o *Meteor* e finalmente fui até o cofre de aço em meu quarto e ajustei a combinação temporizada. Os três minutos e três quartos que preciso esperar enquanto a trava está se abrindo são para mim momentos de ouro. Do instante em que ajusto a combinação ao instante em que agarro a alavanca e abro as sólidas portas de aço, vivo um êxtase de expectativa. Esses momentos devem ser como os momentos passados no Paraíso. Sei o que vou encontrar no fim desse limite de tempo. Sei o que o cofre maciço guarda em segurança para mim, apenas para mim, e o requintado prazer de esperar é severamente acentuado quando o cofre se abre e eu pego, de sua base de veludo, um diadema de ouro puro cravejado de diamantes reluzentes. Faço isso todos os dias, e, mesmo assim, a alegria de esperar e tocar de novo, por fim, o diadema, parece apenas aumentar com o passar dos dias. É um diadema digno de um Rei entre reis, um Imperador entre imperadores. *O Rei de Amarelo* pode até desprezá-lo, mas ele deverá ser usado por seu servo real.

Segurei o diadema em meus braços até o alarme do cofre soar de maneira desagradável, então, delicadamente, com orgulho, o devolvi ao lugar e fechei as portas de aço. Caminhei vagarosamente de volta ao meu estúdio, que se encontra defronte à Washington Square, e me encostei ao peitoril da janela. O sol da tarde jorrou nas minhas janelas, e uma brisa suave mexeu os galhos dos olmos e bordos no parque, agora cobertos de brotos e de uma folhagem delicada. Um bando de pombos circulou a torre da Memorial Church, às vezes pousando no telhado roxo, às vezes descendo em círculo até a fonte de lótus em frente ao arco de mármore. Os jardineiros estavam ocupados com os canteiros de flores ao redor da fonte, e a terra recentemente revolvada tinha um aroma doce e penetrante. Um cortador de grama, puxado por um cavalo branco e gordo, tilintava pelo gramado verde, e carros irrigadores jorravam chuveiradas de

borrifos sobre as ruas de asfalto. Ao redor da estátua de Peter Stuyvesant, que em 1897 havia substituído a monstruosidade que deveria representar Garibaldi⁽⁴⁾, crianças brincavam à luz do sol de primavera, e babás conduziam elaborados carrinhos de bebê com uma despreocupada indiferença pelos ocupantes de rosto pálido, o que poderia ser explicado pela presença de meia dúzia de soldados em boa forma sentados languidamente nos bancos. Através das árvores, o Arco Memorial de Washington cintilava como prata à luz do sol, e além, na extremidade leste da praça, estava o quartel de pedra cinza dos dragões, e os estábulos de granito branco da artilharia estavam vivos, cheios de cor e movimento.

Olhei para a Câmara Letal, localizada na extremidade oposta ao jardim. Algumas pessoas curiosas ainda se demoravam próximo à cerca de aço dourada, mas dentro do terreno os caminhos estavam desertos. Observei as águas das fontes ondulando e brilhando; os pardais já haviam encontrado este novo recanto de banho, e as bacias estavam cobertas com essas coisinhas emplumadas e empoeiradas. Dois ou três pavões-brancos tomaram seus caminhos pelo gramado, e um pombo de cor opaca se sentou tão imóvel sobre o braço de uma das Moiras que parecia fazer parte da escultura de pedra.

Estava indo embora, despreocupadamente, quando uma pequena comoção no grupo de curiosos remanescentes ao redor dos portões atraiu minha atenção. Um rapaz havia entrado e avançava com longos passos nervosos ao longo do caminho de cascalho que leva às portas de bronze da Câmara Letal. Ele parou por um momento diante das Moiras, e, enquanto levantava sua cabeça para aqueles três rostos misteriosos, o pombo levantou-se de seu poleiro esculpido, voou em círculos por um momento e rumou para leste. O rapaz pressionou as mãos contra seu rosto, e então, com um gesto indefinível, subiu os degraus de mármore com um salto, as portas de bronze se fecharam atrás dele; meia hora depois os remanescentes se afastaram, e o pombo assustado retornou a seu poleiro, nos braços da moira.

Coloquei meu chapéu e fui ao parque para uma pequena

caminhada antes do jantar. Assim que atravesssei o caminho central, um grupo de oficiais passou, e um deles chamou, "Olá, Hildred", e voltou para me cumprimentar. Era meu primo Louis, que ficou sorrindo e batendo em suas esporas com seu chicote de montaria.

"Acabei de voltar de Westchester", ele disse; "passei alguns momentos bucólicos; leite e coalhada, você sabe, garotas de leiterias em seus chapéus, que falam 'cumé qui é' e 'num acho' quando você diz a elas que são bonitas. Estou quase morrendo de vontade de uma refeição reforçada no Delmonico's. Quais são as novas?"

"Não há", respondi cordialmente.

"Vi seu regimento chegando esta manhã."

"Você viu? Não vi você. Onde estava?"

"Na janela do sr. Wilde."

"Oh, céus!", ele começou impacientemente, "aquele homem é doido varrido! Não entendo por que você—"

Ele viu o quanto irritado fiquei devido a essa explosão e implorou o meu perdão.

"De verdade, velho camarada", ele disse, "não quero ofender um homem que você gosta, mas não consigo enxergar, de maneira nenhuma, o que você tem em comum com o sr. Wilde. Ele não é de boa estirpe, para falar de forma educada; ele é horrivelmente deformado; ele tem a mente de um louco criminoso. Você sabe que ele esteve em um manicômio—"

"Eu também estive", interrompi calmamente.

Louis olhou surpreso e confuso por um momento, mas se recuperou e me deu um tapa com entusiasmo no ombro. "Você está completamente curado", ele começou; mas o interrompi novamente.

"Acho que você quer dizer que simplesmente reconheceram que eu nunca estive louco."

"Claro que é isso — é isso que quero dizer", ele riu.

Não gostei de sua risada porque sabia que era forçada, mas acenei com a cabeça alegremente e perguntei a ele onde estava indo. Louis procurava seus camaradas oficiais que haviam quase alcançado a Broadway.

"Nós pretendíamos experimentar um coquetel Brunswick, mas,

para falar a verdade, estava ansioso por uma desculpa para visitar Hawberk. Venha comigo, farei de você minha desculpa.”

Encontramos o velho Hawberk elegantemente vestido em um fresco terno de primavera parado à porta de sua oficina e farejando o ar.

“Acabei de decidir levar Constance a um pequeno passeio antes do jantar”, ele respondeu à impetuosa saraivada de perguntas de Louis. “Pensamos em caminhar no trecho do parque ao longo do North River.”

Naquele momento, Constance apareceu e alternava-se entre pálida e rosada à medida que Louis se inclinou em direção aos seus dedos enluvados. Tentei arrumar uma desculpa, alegando um compromisso nos arrabaldes da cidade, mas Louis e Constance não deram ouvidos, e vi que esperavam que eu ficasse e desse atenção ao velho Hawberk. Afinal de contas, eu poderia ficar de olho em Louis, pensei, e quando eles pararam uma charrete na Spring Street, fui atrás deles e me sentei ao lado do armeiro. A bonita fileira de parques e alamedas de granito à beira dos píeres ao longo do North River, que começaram a ser construídos em 1910 e terminados no outono de 1917, se tornaram os passeios mais populares na metrópole. Eles se estendiam da barragem até a 190th Street, contemplando o nobre rio e possibilitando uma boa visão da costa de Jersey e das serras à frente. Cafés e restaurantes estavam espalhados aqui e ali entre as árvores, e duas vezes por semana bandas militares da guarnição tocavam em coretos nos parapeitos.

Sentamos ao sol, no banco aos pés da estátua equestre do general Sheridan. Constance inclinou sua sombrinha para proteger os olhos, e ela e Louis iniciaram uma conversa sussurrada que era impossível de entender. O velho Hawberk, apoiado em sua bengala com punho de marfim, acendeu um charuto excelente e ofereceu um a mim para acompanhá-lo, mas eu educadamente recusei, e sorri sem preocupação. O sol pedia baixo, acima dos bosques da Staten Island, e a baía estava tingida com matizes dourados refletidos pelos veleiros da frota aquecidos pelo sol no porto.

Brigues, escunas, iates, balsas desajeitadas com seus deques repletos de pessoas, transportadores ferroviários carregando filas de

vagões de carga marrons, azuis e brancos, grandiosos navios ressoantes a vapor, navios comerciais comuns a vapor, navios de cabotagem, dragas, barcaças, e por todo lado rebocadores insolentes permeavam toda a baía, resfolegando e apitando inoportunamente; — estes eram os barcos que agitavam as águas diurnas, tão distantes quanto os olhos poderiam alcançar. Em calmo contraste à pressa de veleiros e navios a vapor, uma silenciosa frota de navios brancos de guerra permanecia imóvel em meio à correnteza.

A risada feliz de Constance me acordou de meu devaneio.

“O que você está olhando?”, ela perguntou.

“Nada — a frota”, eu sorri.

Então Louis nos contou quais eram os navios, indicando cada um por sua posição relativa ao Red Fort em Governor’s Island.

“Aquela coisinha em forma de charuto é um barco torpedeiro”, ele explicou, “ali há mais quatro parados próximos uns dos outros. Eles são o *Tarpon*, o *Falcon*, o *Sea Fox* e o *Octopus*. As canhoneiras acima são a *Princeton*, a *Champlain*, a *Still Water* e a *Erie*. Perto delas, estão os cruzadores *Faragut* e *Los Angeles* e, acima deles, os navios de guerra *California* e *Dakota*, e o *Washington*, que está no comando. Aqueles dois curtos, parecendo pedaços de metal, que estão ancorados ali perto do Castelo Williams, são os monitores armados com duas torres de tiros, *Terrible* e *Magnificent*; atrás deles fica o navio-aríete *Osceola*.”

Constance olhou para ele com profunda aprovação em seus belos olhos. “Quantas coisas você sabe para um soldado”, ela disse, e todos nos unimos na risada que se seguiu.

Logo Louis levantou-se com um aceno de cabeça e ofereceu o braço a Constance, e passearam ao longo da murada do rio. Hawberk os observou por um momento e depois se voltou a mim.

“O sr. Wilde estava correto”, ele disse. “Encontrei as perneiras perdidas e o coxote esquerdo da ‘Brasonada do Príncipe’ em um velho sótão repugnante de lixo na Pell Street.”

“No 998?”, perguntei com um sorriso.

“Sim.”

“O sr. Wilde é um homem muito inteligente”, observei.

“Quero dar a ele o crédito desta descoberta de enorme importância”, continuou Hawberk. “E pretendo que todos saibam que ele tem todo direito à fama.”

“Ele não o agradecerá por isso”, respondi categoricamente; “por favor, não diga nada sobre isso.”

“O senhor sabe quanto vale?”, disse Hawberk.

“Não, cinquenta dólares, talvez.”

“Está avaliado em quinhentos, mas o proprietário da ‘Brasonada do Príncipe’ dará dois mil dólares para a pessoa que completar sua armadura; essa recompensa também pertence ao sr. Wilde.”

“Ele não a quer! Ele a recusará!”, respondi com raiva. “O que o senhor sabe sobre o sr. Wilde? Ele não precisa desse dinheiro. Ele é rico — ou vai ser — mais rico do que qualquer homem vivo, exceto por mim. Por que vamos nos importar com dinheiro então — por que vamos nos importar, ele e eu, quando — quando—”

“Quando o quê?”, perguntou Hawberk, atônito.

“O senhor verá”, respondi, tentando me resguardar de novo.

Ele me olhou minuciosamente, bem como o dr. Archer costumava fazer, e soube que ele pensava que eu estava mentalmente doente. Talvez fosse melhor para ele que não usasse naquele instante a palavra “lunático”.

“Não”, respondi ao seu pensamento não mencionado, “não sou mentalmente fraco; minha mente é tão saudável quanto a do sr. Wilde. Ainda não me importo em explicar o que tenho em mãos, mas é um investimento que pagará mais do que mero ouro, prata ou pedras preciosas. Assegurará a felicidade e a prosperidade de um continente — sim, de um hemisfério!”

“Oh”, disse Hawberk.

“E com o tempo”, continuei mais calmamente, “assegurará a felicidade do mundo inteiro.”

“E, por coincidência, sua própria felicidade e prosperidade, bem como a do sr. Wilde?”

“Exatamente”, sorri. Mas poderia tê-lo estrangulado por ter

usado aquele tom de voz.

Ele me olhou em silêncio por um momento e então disse muito gentilmente: “Por que não desiste de seus livros e estudos, sr. Castaigne, e faz uma caminhada entre as montanhas, em algum lugar? O senhor costumava gostar muito de pescar. Jogue algumas iscas para as trutas no Rangelys.”⁽⁵⁾

“Não ligo mais para pescaria”, respondi, sem uma sombra de irritação em minha voz.

“O senhor costumava gostar muito de tudo”, continuou; “de esportes, de velejar, de tiro, de montaria—”

“Nunca mais pensei em montar desde minha queda”, disse calmamente.

“Ah, sim, sua queda”, ele repetiu, olhando para longe de mim.

Pensei que aquela bobagem havia ido longe demais, então levei a conversa de volta ao sr. Wilde; mas ele examinava meu rosto de uma maneira extremamente ofensiva para mim.

“O sr. Wilde”, ele repetiu, “o senhor sabe o que ele fez esta tarde?”

Ele desceu e fixou uma placa acima da porta do corredor próximo ao meu; ela dizia:

SR. WILDE,

REPARADOR DE REPUTAÇÕES.

3ª campanha.

“O senhor sabe o que pode ser um reparador de reputações?”

“Eu sei”, respondi, sufocando a raiva interior.

“Ah”, ele disse novamente.

Louis e Constance voltaram caminhando e pararam para perguntar se gostaríamos de nos juntar a eles. Hawberk olhou para seu relógio. No mesmo momento, saiu uma nuvem de fumaça vinda

das casamatas do Castelo Williams, e o estrondo do disparo do canhão durante a cerimônia de arreamento da bandeira correu sobre a água e ecoou nas serras à frente. A bandeira desceu do mastro, os clarins soaram nos conveses brancos dos navios de guerra, e a primeira luz elétrica brilhou na costa de Nova Jersey.

Enquanto voltava à cidade com Hawberk, ouvi Constance murmurar a Louis algo que não entendi, mas Louis sussurrou “Minha querida” em resposta; e, de novo, andando com Hawberk através da praça, ouvi um murmúrio de “querido” e “minha Constance”, e soube que o momento de conversar com meu primo Louis sobre questões importantes se aproximava.

III

Uma manhã cedo em maio parei diante do cofre de aço em meu quarto, experimentando a coroa de ouro e pedras preciosas. Os diamantes reluziram como fogo à medida que me volvei ao espelho, e o pesado ouro forjado queimou como um halo em minha cabeça. Lembrei-me do grito agonizante de Camilla e das palavras horríveis ecoando nas ruas escuras de Carcosa. Elas eram as últimas linhas no primeiro ato, e não me atrevi a pensar no que se seguia — não me atrevi, mesmo no sol de primavera, lá em meu próprio quarto, cercado de objetos familiares, reassegurado pelo alvoroço vindo da rua e das vozes dos criados no corredor, do lado de fora. Aquelas palavras envenenadas haviam gotejado vagarosamente em meu coração, como o suor da morte é absorvido por um lençol. Tremendo, tirei a coroa de minha cabeça e enxuguei minha testa, mas pensei em Hastur e em minha própria justa ambição, e me lembrei do sr. Wilde e em como o havia deixado, com seu rosto todo rasgado e ensanguentado devido às garras daquela criatura demoníaca, e do que ele disse — ah, do que ele disse. O alarme do cofre começou a tocar desagradavelmente, e sabia que meu tempo havia terminado; mas não o consideraria, e recolocando o pequeno círculo cintilante sobre minha cabeça, voltei-me desafiadoramente para o espelho. Permaneci por um longo tempo absorto na

expressão inconstante de meus próprios olhos. O espelho refletia um rosto que era como o meu próprio, mas mais branco, e tão magro que eu quase não o reconheci. E o tempo todo continuei repetindo entre meus dentes cerrados: “O dia chegou! O dia chegou!”, enquanto o alarme do cofre zunia e clamava, e os diamantes cintilavam e resplandeciam sobre minha fronte. Ouvi uma porta se abrir, mas não prestei atenção. Foi apenas quando vi dois rostos no espelho: — foi apenas quando outro rosto surgiu sobre meu ombro, e outros dois olhos encontraram os meus. Virei-me como um raio e agarrei uma longa faca de minha cômoda, e meu primo saltou para trás, muito pálido, gritando: “Hildred! Pelo amor de Deus!”; então, quando abaixei minha mão, ele disse: “Sou eu, Louis, você não me conhece?”. Permaneci em silêncio. Não poderia falar nem se minha vida dependesse disso. Ele caminhou até mim e tirou a faca de minha mão.

“O que está acontecendo?”, ele perguntou, em uma voz suave. “Você está doente?”

“Não”, respondi. Mas duvido que ele tenha me ouvido.

“Venha, venha, velho companheiro”, ele exclamou. “Tire essa coroa de latão e venha para o estúdio. Você vai a um baile de máscaras? O que é essa bijuteria de teatro, afinal?”

Estava feliz por ele pensar que a coroa era feita de latão e vidro, contudo, não gostei mais dele por pensar assim. Deixei-o tomar a coroa de minha mão, sabendo que era melhor satisfazê-lo. Ele arremessou o esplêndido diadema ao ar, o pegou e devolveu a mim, sorrindo.

“Não vale mais que cinquenta centavos”, ele disse. “Para que é isso?”

Não respondi, mas peguei o pequeno círculo de suas mãos, e colocando-a no cofre, fechei a porta de aço maciço. O alarme cessou seu zunido infernal instantaneamente. Ele me observou curioso, mas não pareceu notar o súbito cessar do alarme. Ele falou, entretanto, sobre o cofre como se fosse uma lata de biscoitos. Temendo que ele pudesse descobrir a combinação, guiei o caminho para meu estúdio. Louis se jogou no sofá e acertava as moscas com seu fiel chicote de montaria. Ele usava seu uniforme com sua jaqueta enfeitada e

quepe garboso, e percebi que suas botas de montaria estavam salpicadas de lama vermelha.

“O que você tem feito?”, indaguei.

“Saltando por riachos lamacentos em Jersey”, ele disse. “Ainda não tive tempo de me trocar; estava com pressa para ver você. Você não tem uma dose de alguma coisa? Estou morto de cansaço; fiquei vinte e quatro horas em cima de uma sela.”

Dei a ele um pouco de conhaque de meu estoque medicinal, que ele bebeu com uma careta.

“Que troço horrível”, ele observou. “Vou dar a você um endereço de onde vendem conhaque de verdade.”

“É bom o suficiente para minhas necessidades”, eu disse, de maneira indiferente. “Uso para limpar meu peito.” Ele fixou o olhar e chicoteou uma outra mosca.

“Veja, velho companheiro”, ele começou. “Tenho algo para sugerir a você. Faz quatro anos que você se trancou aqui como uma coruja aqui em cima, sem ir a lugar nenhum, sem fazer nenhum exercício saudável, sem fazer porcaria nenhuma a não ser se debruçar sobre todos aqueles livros ali na prateleira.”

Ele olhou rapidamente ao longo da fileira de prateleiras. “Napoleão, Napoleão, Napoleão!”, ele leu. “Pelo amor de Deus, você não tem nada além de Napoleão aqui?”

“Gostaria que fossem encadernados em ouro”, eu disse. “Mas, espere, sim, há outro livro, *O Rei de Amarelo*”. Olhei para ele firmemente.

“Você já leu?”, perguntei.

“Eu? Não, graças a Deus! Não quero ficar louco.”

Vi que ele se arrependeu do que disse assim que proferiu aquelas palavras. Só existe uma palavra que detesto mais do que “lunático”, e essa palavra é “louco”. Mas me controlei e perguntei por que ele achava *O Rei de Amarelo* perigoso.

“Oh, não sei”, ele disse com pressa. “Apenas me lembro da comoção que ele causou e das denúncias vindas dos religiosos e da imprensa. Acho que o autor se matou com um tiro após criar essa monstruosidade, não foi?”

“Sei que ele ainda está vivo”, respondi.

“Isso provavelmente é verdade”, ele murmurou; “balas não poderiam matar um demônio como aquele”.

“É um livro de grandes verdades”, eu disse.

“Sim”, respondeu, “de ‘verdades’ que deixam homens fora de si e destroem suas vidas. Não me importo se a coisa é, como dizem, a verdadeira essência suprema da arte. É um crime ter sido escrito, e com certeza nunca vou abrir suas páginas”.

“É isso que você veio me dizer?”, perguntei.

“Não”, ele disse. “Vim para lhe contar que vou me casar.”

Acredito que, por um momento, meu coração parou de bater, mas mantive meus olhos em seu rosto.

“Sim”, continuou, sorrindo alegremente, “casar com a garota mais doce na Terra”.

“Constance Hawberk”, eu disse mecanicamente.

“Como você sabia?”, perguntou, atônito. “Eu mesmo não sabia até aquela noite em abril passado, quando passeamos no calçadão à beira do rio antes do jantar.”

“Quando vai ser?”, perguntei.

“Seria em setembro próximo, mas uma hora atrás um despacho chegou, mandando nosso regimento a Presidio, em São Francisco. Partiremos amanhã, ao meio-dia. Amanhã”, ele repetiu. “Pense só, Hildred, amanhã serei o homem mais feliz que já respirou neste belo mundo, pois Constance irá comigo.”

Estendi minha mão para dar os parabéns, e ele a agarrou e apertou como o tolo bondoso que era — ou fingia ser.

“Vou ganhar meu próprio esquadrão como presente de casamento”, tagarelou. “Capitão e sra. Louis Castaigne, hein, Hildred?”

Então ele me contou onde seria e quem estaria lá, e me fez prometer ir e ser o padrinho. Cerrei meus dentes e ouvi sua conversa fiada infantil sem mostrar o que sentia, mas — Eu estava chegando ao limite da minha paciência, e quando ele se levantou de repente, e, batendo suas esporas até elas tilintarem, disse que

precisava ir, não o detive.

“Há uma coisa que quero pedir a você”, eu disse em voz baixa.

“Peça-me, está prometido”, ele riu.

“Quero que você me encontre para uma conversa de quinze minutos hoje à noite.”

“É claro, como quiser”, ele disse, um pouco intrigado. “Onde?”

“Em qualquer lugar, no parque, ali.”

“A que horas, Hildred?”

“Meia-noite.”

“Por Deus, o que—”, ele começou, mas se controlou e, rindo, concordou. O vi descendo as escadas com pressa, seu sabre batendo a cada passo. Ele se voltou para a Bleecker Street, e eu sabia que ele estava indo ver Constance. Dei a ele dez minutos para desaparecer e então o segui em seus passos, levando comigo a coroa de pedras preciosas e a túnica de seda bordada com o Símbolo Amarelo. Quando cheguei à Bleecker Street, e entrei pelo portal que tinha o letreiro:

SR. WILDE,

REPARADOR DE REPUTAÇÕES.

3ª campanha.

Vi o velho Hawberk andando por sua oficina e imaginei ouvir a voz de Constance no salão, mas os evitei e me apressei para as escadas trêmulas que levavam ao apartamento do sr. Wilde. Bati e entrei sem cerimônia. O sr. Wilde estava no chão, gemendo, seu rosto coberto de sangue, suas roupas despedaçadas em farrapos. Gotas de sangue estavam espalhadas por todo o carpete, que também havia sido rasgado e despedaçado na luta que obviamente havia ocorrido há pouco.

“É aquela gata maldita”, disse ele, cessando seus gemidos e voltando seus olhos claros para mim; “ela me atacou enquanto eu

dormia. Acho que ainda vai me matar”.

Aquilo já era demais, então fui à cozinha e, pegando uma machadinha na despensa, comecei a procurar a fera infernal para dar um fim a ela imediatamente. Minha busca foi inútil e, depois de um tempo, desisti e voltei para encontrar o sr. Wilde agachado em sua cadeira alta perto da mesa. Ele lavara seu rosto e trocara suas roupas. Preenchera com colódio os grandes cortes que as garras da gata haviam deixado em seu rosto, e uma tira de pano escondia a ferida em sua garganta. Disse a ele que ia matar a gata quando a encontrasse, mas ele apenas balançou a cabeça e se voltou ao livro-razão diante dele. Ele leu nome após nome das pessoas que vieram até ele para tratar de suas reputações, e as somas que ele acumulara eram espantadoras.

“Eu pressiono de vez em quando”, ele explicou.

“Qualquer dia desses alguma dessas pessoas vai acabar matando o senhor”, insisti.

“Você acha?”, ele disse, esfregando suas orelhas mutiladas.

Era inútil discutir com ele, então peguei o manuscrito intitulado *A Dinastia Imperial da América*, a última vez que eu o pegaria no estúdio do sr. Wilde. Eu o li sem interrupção, emocionado e tremendo com prazer. Quando terminei, o sr. Wilde pegou o manuscrito e, voltando-se à passagem escura que leva do seu estúdio ao seu quarto, chamou em voz alta: “Vance”. Então, pela primeira vez, notei um homem agachado, ali, na sombra. Eu não podia imaginar como não o percebi ali durante minha busca pela gata.

“Vance, venha cá”, gritou o sr. Wilde.

A figura se levantou e veio em silêncio em nossa direção, e eu nunca esquecerei o rosto que apareceu diante do meu quando a luz vinda da janela o iluminou.

“Vance, este é o sr. Castaigne”, disse o sr. Wilde. Antes que ele tivesse acabado de falar, o homem se atirou ao chão diante da mesa, gritando e me agarrando: “Oh, Deus! Oh, meu Deus! Me ajude! Me perdoe! Oh, sr. Castaigne, mantenha aquele homem longe de mim. O senhor não pode, o senhor não pode estar falando sério!

O senhor é diferente — me salve! Estou arruinado — eu estava em um hospício e agora — quando tudo estava indo bem — quando eu tinha me esquecido do Rei — *O Rei de Amarelo* e — vou ficar louco de novo — vou ficar louco—”

Sua voz morreu em um palavreado engasgado, pois o sr. Wilde saltou sobre ele e sua mão direita envolveu sua garganta. Quando Vance caiu amontoado ao chão, o sr. Wilde subiu novamente em sua cadeira agilmente, e esfregando suas orelhas deformadas com o coto de sua mão, voltou-se a mim e perguntou pelo livro-razão. O encontrei embaixo da prateleira e ele o abriu. Depois de um momento procurando entre as páginas belamente escritas, ele pigarreou com complacência e apontou para o nome Vance.

“Vance”, ele leu em voz alta, “Osgood Oswald Vance”. Ao som desse nome, o homem ao chão levantou sua cabeça e voltou seu rosto contorcido para o sr. Wilde. Seus olhos estavam injetados com sangue, seus lábios tumeficados. “Consultou-me dia 28 de abril”, continuou o sr. Wilde. “Ocupação: caixa no Seaforth National Bank; cumpriu pena por falsificação em Sing Sing,⁽⁶⁾ de onde foi transferido para o Manicômio Judiciário. Perdoado pelo governador de Nova York e liberado do manicômio em 19 de janeiro de 1918. Reputação prejudicada em Sheepshead Bay. Rumores de que mantém um estilo de vida incompatível com sua renda. Reputação a ser reparada imediatamente. Sinal: mil e quinhentos dólares.”

“Observação: desviou somas equivalentes a trinta mil dólares desde 20 de março de 1919, de excelente família e chegou à posição atual por influência do tio. Pai: presidente do Seaforth Bank.”

Olhei para o homem no chão.

“Levante, Vance”, disse o sr. Wilde em uma voz suave. Vance se levantou como que hipnotizado. “Ele fará como sugerirmos agora”, observou o sr. Wilde, e abrindo o manuscrito, leu a história inteira da Dinastia Imperial da América. Então, em um murmúrio gentil e tranquilizante, ele revisou rapidamente os pontos importantes com Vance, que permaneceu como que assombrado. Seus olhos estavam tão inexpressivos e vazios que imaginei que ele tivesse perdido a razão, e observei isso ao sr. Wilde, que respondeu

que isso não traria consequência alguma. Muito pacientemente, mostramos a Vance qual seria sua parte no negócio, e ele pareceu entender depois de um tempo. O sr. Wilde elucidou o manuscrito, usando vários volumes sobre heráldica, para evidenciar o resultado de suas pesquisas. Ele mencionou o estabelecimento da dinastia em Carcosa, os lagos que conectavam Hastur, Aldebaran e o mistério das Híades. Ele falou sobre Cassilda e Camilla, e examinou a profundidade sombria de Demhe e do lago de Hali. “Os farrapos ondulados do Rei de Amarelo devem esconder Yhtill para sempre”, ele murmurou, mas não acredito que Vance o tenha escutado. Então ele conduziu Vance pelos graus ao longo das ramificações da família Imperial, até Uoht e Thale, de Naotalba e o Fantasma da Verdade a Aldones, e, então, largando de lado seu manuscrito e as notas, começou a maravilhosa história do Último Rei. Eu o assisti fascinado e excitado. Ele jogou sua cabeça para cima, seus longos braços estavam esticados em um gesto magnífico de orgulho e poder, e seus olhos luziram profundamente nas órbitas como duas esmeraldas. Vance escutava entorpecido. Quanto a mim, quando finalmente o sr. Wilde terminou, e apontando para mim gritou: “O primo do Rei!”, minha cabeça girava vertiginosamente de exultação.

Controlando-me com um esforço sobre-humano, expliquei a Vance por que apenas eu era digno da coroa e por que meu primo devia ser exilado ou morto. Eu o fiz compreender por que meu primo nunca deveria se casar, mesmo depois de renunciar a todos os seus direitos, e por que, como a última coisa que deveria acontecer era ele se casar com a filha do marquês de Avonshire e pôr a Inglaterra no jogo. Mostrei a ele uma lista de milhares de nomes, os quais o sr. Wilde redigira; cada homem cujo nome estivesse ali recebera o Símbolo Amarelo, o qual nenhum ser vivo ousara desprezar. A cidade, o estado, o país inteiro estava preparado para se erguer e tremer diante da Máscara Pálida.

A hora havia chegado, e as pessoas deveriam conhecer o filho de Hastur, e o mundo inteiro deveria se render às estrelas negras que pendem do céu de Carcosa.

Vance se encostou à mesa, sua cabeça enterrada nas mãos. O

sr. Wilde desenhou um esboço simples na margem do *Herald* do dia anterior com um pedaço de lápis. Era uma planta dos aposentos de Hawberk. Então ele escreveu a ordem, fixou o selo, e eu, tremendo como um homem com paralisia, assinei minha primeira ordem de execução com o nome

Hildred-Rex.

O sr. Wilde escalou até o chão e, abrindo o armário, pegou uma grande caixa quadrada da primeira prateleira. Ele a trouxe até a mesa e abriu. Dentro, uma faca nova estava envolta em um papel de seda; eu a peguei e a entreguei a Vance junto com a ordem e a planta do apartamento de Hawberk. Então o sr. Wilde disse a Vance que ele poderia ir; e ele se foi, cambaleando como um pária dos cortiços. Sentei-me por um momento, assistindo a luz do dia desaparecer atrás da torre quadrada da Judson Memorial Church, e, finalmente recolhendo o manuscrito e as notas, peguei meu chapéu e parti para a porta.

O sr. Wilde me observou em silêncio. Quando pisei no corredor, olhei para trás. Os pequenos olhos do sr. Wilde ainda estavam fixos em mim. Atrás de mim, as sombras cresciam à medida em que a luz se esvaía.

Eu não havia comido nada desde o café da manhã, mas não estava com fome. Uma criatura deplorável e subnutrida, que permaneceu olhando, do outro lado da rua, para a Câmara Letal, me notou e veio me contar uma história de miséria. Dei dinheiro a ele, não sei por que, e ele foi embora sem me agradecer. Uma hora depois, outro pária se aproximou e lamentou sua história. Eu tinha um pedaço de papel branco em meu bolso, no qual estava traçado o Símbolo Amarelo, e o entreguei a ele. Ele o olhou estupidamente por um momento, e então, com uma olhadela incerta para mim, o dobrou, com o que parecia para mim um cuidado exagerado, e o guardou no bolso em seu peito.

As luzes elétricas estavam brilhando entre as árvores, e a lua nova brilhou no céu acima da Câmara Letal. Era cansativo esperar na praça; vaguei do Arco de Mármore⁽⁷⁾ aos estábulos da artilharia e de volta à fonte de lótus. As flores e a grama exalavam uma fragrância

que me incomodava. O esguicho da fonte brincou à luz da lua, e o som musical de gotas caindo me recordou o tilintar da cota de malha na oficina de Hawberk. Mas não era tão fascinante, e o lampejo lânguido da luz da lua na água não me trouxe tal sensação de prazer extraordinário, como quando a luz do sol brincava sobre o aço polido de um corselete no joelho de Hawberk. Observei os morcegos se arremessando e girando sobre as plantas aquáticas na bacia da fonte, mas seu voo rápido e convulsivo me deixou com os nervos à flor da pele, e fui andar novamente sem rumo, para lá e para cá entre as árvores.

Os estábulos da artilharia estavam escuros, mas no quartel da cavalaria as janelas dos oficiais estavam brilhantemente acesas, e o portão era constantemente movimentado pelos soldados em serviço, carregando capim, arreios e cestos cheios de pratos de estanho.

Por duas vezes a sentinela montada no portão foi trocada enquanto eu vagava para cima e para baixo no caminho de asfalto. Olhei para meu relógio. Estava quase na hora. As luzes no quartel se apagaram uma a uma, o portão com barras estava fechado, e, a cada minuto ou dois, um oficial passava através do postigo lateral, deixando um chocalhar de acessórios e um tinir de esporas no ar da noite. A praça tornara-se muito silenciosa. O último sem-teto que ainda permanecia por ali tinha sido enxotado pelo policial de casaco cinza do parque, as ruas ao longo da Wooster Street ficaram desertas e o único som que rompia o silêncio era aquele das passadas do cavalo da sentinela e o ressoar de seu sabre batendo na cabeça da sela. Nos alojamentos, os aposentos dos oficiais ainda estavam com as luzes acesas, e os militares em serviço passavam de um lado para outro diante das janelas da sacada. Soou meia-noite no novo pináculo da Igreja de S. Francisco Xavier, e após a última badalada daquele triste sino, uma figura atravessou o postigo ao lado do portão levadiço, devolveu a continência da sentinela e, depois de atravessar a rua, entrou na praça e se dirigiu ao residencial de Benedick.

“Louis”, chamei.

O homem girou em seus calcanhares com esporas e veio direto ao meu encontro.

“É você, Hildred?”

“Sim, você chegou bem na hora.”

Peguei sua mão em cumprimento e giramos ao encontro da Câmara Letal.

Ele tagarelou sobre seu casamento e os encantos de Constance, e seus futuros planos, chamando minha atenção para suas insígnias de capitão nos ombros, e o arabesco dourado triplo em suas mangas e no quepe. Acredito que dei tanta atenção à música de suas esporas e de seu sabre tanto quanto à sua tagarelance infantil, e finalmente paramos sob os olmos na esquina da Fourth Street na praça em frente à Câmara Letal. Então ele riu e me perguntou o que eu queria com ele. Gesticulei para que ele se sentasse em um banco sob a luz elétrica, e sentei ao seu lado. Ele olhou para mim curioso, com aquele mesmo olhar examinador que eu tanto odeio e temo em médicos. Senti o insulto desse olhar, mas ele não percebeu, e cuidadosamente escondi o que estava sentindo.

“Bem, velho camarada”, ele indagou, “o que posso fazer por você?”.

Tirei o manuscrito e as notas de *A Dinastia Imperial da América* de meu bolso e, olhando-o nos olhos, disse:

“Vou contar a você. Prometa-me, com sua palavra de honra, ler este manuscrito do começo ao fim, sem fazer nenhuma pergunta. Prometa-me ler essas notas do mesmo jeito, e prometa-me que vai escutar o que tenho a dizer depois.” “Prometo, se assim o deseja”, ele disse agradavelmente. “Dê-me o documento, Hildred.” Ele começou a ler, levantando suas sobrancelhas com um ar intrigado e caprichoso, que me fez tremer com raiva sufocada. Enquanto ele avançava, sobrancelhas contraídas, seus lábios pareciam formar a palavra “baboseira”.

Então ele me pareceu ligeiramente entediado, mas, aparentemente por causa de meu pedido, continuou a ler, buscando um estímulo para se interessar, o que logo deixou de ser um esforço. Ele começou bem perto de quando, nas páginas escritas com letras apertadas, chegou ao seu próprio nome, e quando chegou ao meu, abaixou o documento e me olhou atentamente por um momento.

Mas manteve sua palavra e continuou sua leitura, e deixei a questão meio formada morrer em seus lábios sem resposta. Quando ele terminou e leu a assinatura do sr. Wilde, dobrou o documento cuidadosamente e o devolveu a mim. Entreguei a ele as notas, e ele as arrumou, empurrando seu quepe para cima de sua testa, com um gesto juvenil, do qual me lembrava tão bem da época da escola. Eu observava seu rosto à medida que ele lia e, quando terminou, peguei as notas com o manuscrito e os guardei em meu bolso. Então desdobrei um pergaminho marcado com o Símbolo Amarelo. Ele viu o símbolo, mas não pareceu reconhecê-lo, e chamei sua atenção a isso um pouco bruscamente.

“Bem”, ele disse, “estou vendo. O que é isso?”

“É o Símbolo Amarelo”, eu disse com raiva.

“Ah, então é isso?”, disse Louis, naquela voz lisonjeira que o dr. Archer costumava usar comigo, e que provavelmente teria usado novamente se eu não tivesse resolvido esse problema por ele.

Mantive minha raiva controlada e respondi tão calmamente quanto possível: “Escute, você deu sua palavra?”.

“Estou ouvindo, velho camarada”, ele respondeu, de forma tranquilizante.

Comecei a falar muito calmamente.

“O dr. Archer, tendo, por meio de alguns meios, tomado posse do segredo da sucessão imperial, tentou me privar do meu direito, alegando que, devido a uma queda do meu cavalo quatro anos antes, eu me tornara mentalmente deficiente. Ele pretendia me colocar sob impedimento em sua própria casa, na esperança de ou me levar à loucura ou me envenenar. Não me esqueci disso. Eu o visitei na noite passada e a consulta foi definitiva.” Louis ficou muito pálido, mas não se moveu. Recomecei triunfantemente: “Há ainda três pessoas para serem entrevistadas nos interesses do sr. Wilde e meu. Eles são meu primo Louis, o sr. Hawberk e a filha dele, Constance”.

Louis levantou-se rapidamente, e eu também, e larguei o papel marcado com o Símbolo Amarelo no chão.

“Ah, não preciso disso para lhe dizer o que tenho a dizer”, gritei, com uma risada de triunfo. “Você deve abdicar da coroa, está

me ouvindo, para *mim*."

Louis me olhou com um ar perplexo, mas, recuperando-se, disse gentilmente: "É claro que abdicó da — do que é que tenho que abdicar?"

"Da coroa", eu disse com raiva.

"É claro", ele respondeu, "eu abdicó dela. Vamos lá, meu velho, voltarei com você aos seus aposentos".

"Não venha com nenhum de seus truques de médico para cima de mim", gritei, tremendo com fúria. "Não aja como se você pensasse que

sou louco." "Que besteira", ele respondeu. "Vamos, está ficando tarde, Hildred." "Não", eu gritei, "você deve me ouvir. Você não pode se casar, eu proíbo. Você está escutando? Eu proíbo. Você deve abdicar da coroa, e, como recompensa, lhe asseguro o exílio, mas se você se recusar, deverá morrer."

Ele tentou me acalmar, mas eu estava desperto finalmente, e sacando minha faca longa, barrei seu caminho. Então disse a ele como eles encontrariam o dr. Archer no porão, com sua garganta aberta, e ri em seu rosto quando pensei em Vance e sua faca e na ordem assinada por mim. "Ah, você é o Rei", eu gritei, "mas eu devo me tornar o Rei. Quem é você para me manter afastado do Império sobre toda a terra habitável?! Nasci primo de um rei, mas eu devo me tornar o Rei!". Louis permaneceu branco e rígido diante de mim. Repentinamente, um homem veio correndo pela Fourth Street, entrou pelo portão da Câmara Letal, atravessou o pátio até as portas de bronze a toda velocidade e mergulhou dentro da câmara da morte com o grito de um demente, e eu ri até chorar, pois reconheci Vance e soube que Hawberk e sua filha não estavam mais no meu caminho. "Vá", gritei para Louis, "você deixou de ser uma ameaça. Você nunca se casará com Constance, e se você se casar com qualquer outra em seu exílio, eu o visitarei como visitei meu médico na noite passada. O sr. Wilde tomará conta de você amanhã". Então virei e corri em direção ao sul da Quinta Avenida, e, com um grito de terror, Louis derrubou seu cinto e o sabre e me seguiu como o vento. O escutei perto de mim na esquina da Bleecker Street, e me arremessei pela entrada abaixo do letreiro de Hawberk. Ele gritou:

“Alto, ou eu atiro!”, mas quando ele viu que voei pelas escadas deixando a oficina de Hawberk para trás, ele me deixou, e o escutei martelando e gritando à porta como se fosse possível acordar os mortos. A porta do sr. Wilde estava aberta, e entrei gritando: “Está feito, está feito! Deixe as nações se levantarem e contemplar com respeito seu Rei!”, mas não pude achar o sr. Wilde, então fui ao armário e peguei o esplêndido diadema de seu estojo. Então vesti a túnica de seda branca, bordada com o Símbolo Amarelo, e coloquei a coroa sobre minha cabeça. Finalmente eu era Rei, Rei por meu direito em Hastur, Rei porque eu conhecia o mistério das Híades e minha mente havia explorado as profundezas do lago de Hali. Eu era Rei! Os primeiros traçados acinzentados do amanhecer levantariam uma tempestade que abalaria dois hemisférios. Então à medida que me levantava, cada nervo meu retesado até a mais alta tensão, abalados com a alegria e o esplendor do meu pensamento, no lado de fora, na passagem escura, um homem gemeu. Agarrei a lamparina e saltei para a porta. A gata passou por mim como um demônio, e a lamparina se apagou, mas minha longa faca voou mais rápido do que ela e ouvi seu grito, e soube que minha faca a encontrara. Por um momento a ouvi rolar e se debater na escuridão, e então, quando seu frenesi cessou, acendi uma lamparina e a levantei acima de minha cabeça.

O sr. Wilde jazia no chão com a garganta aberta. A princípio, pensei que ele estava morto, mas quando olhei, uma faísca verde veio de seus olhos fundos, sua mão mutilada tremeu, e então um espasmo esticou sua boca de orelha a orelha. Por um momento, meu terror e desespero deram lugar à esperança, mas quando me debrucei sobre ele, seus olhos rolaram para o vazio e ele morreu. Então enquanto eu me levantava, paralisado com ira e desespero, vendo minha coroa, meu império, cada esperança e cada ambição, minha vida, jazendo ali prostrados com o mestre morto, eles vieram, me agarraram por trás e me amarraram até minhas veias saltarem como cordas, e minha voz falhou com os ataques de meus gritos frenéticos. Mas eu ainda me enfurecia, sangrando e enraivecido entre eles, e mais de um policial sentiu meus dentes afiados. Então, quando eu não pude mais me mexer, eles se aproximaram; vi o

velho Hawberk, e atrás dele, a face pálida de meu primo Louis, e mais longe, no canto, uma mulher, Constance, chorando baixo. “Ah! Agora entendi!”, gritei. “Você tomou o trono e o império. Maldito! Maldito seja você, que está coroado com a coroa do Rei de Amarelo!”

[Nota do Editor: O sr. Castaigne faleceu ontem no Manicômio Judiciário.]



A Máscara

A Máscara

Título original: The Mask

Camilla: O senhor deveria tirar a máscara.

Desconhecido: Deveras?

Cassilda: De fato, é hora. Todos colocamos de lado nossos disfarces, exceto o senhor.

Desconhecido: Não uso nenhuma máscara.

Camilla: (Apavorada, ao lado de Cassilda.) Nenhuma máscara? Nenhuma máscara!

O REI DE AMARELO, Ato I, Cena 2.

I

EMBORA NÃO SOUBESSE coisa alguma de química, eu ouvia fascinado. Ele pegou um lírio-de-páscoa que Geneviève trouxera aquela manhã de Notre Dame e o deixou cair dentro da bacia. Instantaneamente o líquido perdeu sua clareza cristalina. Por um segundo, o lírio foi envolto por uma espuma leitosa, que desapareceu, deixando o fluido opalescente. Matizes mutantes de laranja e carmim brincaram na superfície, e então o que parecia ser um raio de pura luz do sol surgiu do fundo, onde o lírio repousava. No mesmo instante ele imergiu sua mão na bacia e retirou a flor. “Não há perigo”, ele explicou, “se você escolher o momento certo. Aquele raio dourado é o sinal”.

Ele segurou o lírio diante de mim e o peguei em minha mão. Ele transformara-se em pedra, no mais puro mármore.

“Está vendo?”, disse, “não tem uma falha. Qual escultor poderia reproduzi-lo?”.

O mármore era branco como a neve, mas, em suas profundezas, os veios do lírio foram tingidos do mais claro azul, e um ligeiro rubor deixou-se ficar no fundo de seu âmago.

“Não me pergunte a razão disso”, ele sorriu, notando meu espanto. “Não tenho ideia de por que os veios e o âmago ficarem tingidos, mas sempre ficam. Ontem experimentei em um dos peixes-dourados de Geneviève, — aqui está”.

O peixe parecia como que esculpido em mármore. Mas se você o segurasse de encontro à luz, a pedra era belamente raiada com um azul pálido, e de algum lugar vinha uma luz rósea, como o matiz que repousa em uma opala. Olhei para a bacia. Mais uma vez parecia preenchida com o mais claro cristal. “E se eu tocasse agora?”, perguntei.

“Não sei”, ele respondeu, “mas acho melhor você não tentar”.

“Há algo sobre o qual estou curioso”, eu disse, “e é de onde vem o raio de sol”.

“Realmente se parece com um raio de sol”, ele disse. “Não sei, sempre vem quando eu submerjo qualquer coisa viva. Talvez”, ele continuou, sorrindo, “talvez seja a centelha vital da criatura escapando para a fonte de onde veio”.

Vi que ele zombava, e o ameacei com um tento, mas ele apenas riu e mudou de assunto.

“Fique para o almoço. Geneviève logo estará aqui.”

“Eu a vi indo para a missa da manhã”, eu disse, “e ela parecia tão fresca e graciosa quanto aquele lírio — antes de você destruí-lo”.

“Você acha que o destruí?”, disse Boris gravemente.

“Destruído, preservado, como podemos saber?”

Sentamo-nos no canto de um estúdio, próximo a seu grupo inacabado das Moiras. Ele se recostou no sofá, girando um cinzel de escultor e observando seu trabalho apertando os olhos. “A propósito”, disse ele, “terminei de finalizar aquela clássica Ariadne acadêmica, e presumo que ela terá de ir ao Salão. É tudo que tenho pronto este ano, mas depois do sucesso que a madona me trouxe, me sinto envergonhado de enviar algo como aquilo”.

A madona, uma primorosa escultura em mármore para a qual Geneviève posara, fora a sensação do Salão do último ano. Olhei para a Ariadne. Era uma peça magnífica de trabalho técnico, mas concordei com Boris que o mundo esperaria dele algo melhor do que aquilo. Ainda assim, agora era impossível pensar em terminar a

tempo para o Salão aquele grupo esplêndido e terrível meio oculto no mármore atrás de mim. As Moiras teriam de esperar.

Tínhamos orgulho de Boris Yvain. Nós o considerávamos um de nós, e ele também, pelo fato de ter nascido na América, embora seu pai fosse francês e sua mãe, russa. Todos nas belas-artes o chamavam de Boris. E ainda assim havia apenas dois de nós a quem ele se dirigia no mesmo tom familiar — a Jack Scott e a mim. Talvez o fato de eu estar apaixonado por Geneviève tivesse algo a ver com a afeição dele por mim. Não que isso não fosse sabido entre nós. Mas depois que tudo foi resolvido, e ela me disse com lágrimas nos olhos que era Boris a quem amava, fui até a casa dele e o parabeneizei. A cordialidade perfeita daquele encontro não desapontou nenhum de nós, como sempre acreditei, embora pelo menos para um de nós tenha sido um grande conforto. Não acredito que ele e Geneviève alguma vez tenham falado sobre o assunto, mas Boris sabia.

Geneviève era encantadora. A pureza de uma madona de seu rosto pode ter sido inspirada pelo Sanctus da Missa de Gounod. Mas eu sempre ficava feliz quando ela mudava aquele humor pelo qual a chamávamos de “Manobras de Abril”. Ela frequentemente era tão imprevisível quanto um dia de abril. Pela manhã, séria, nobre e doce; à tarde, risonha, caprichosa; à noite, o que menos se esperava. Eu a preferia muito mais dessa forma àquela tranquilidade de madona que mexia com as profundezas do meu coração. Eu estava sonhando com Geneviève quando ele falou novamente.

“O que você acha da minha descoberta, Alec?”

“Acho maravilhosa.”

“Você sabe, não farei uso dela para nada além de satisfazer minha própria curiosidade tanto quanto puder, e o segredo morrerá comigo.”

“Seria um belo golpe à escultura, não seria? Nós, pintores, perdemos mais do que jamais ganharemos com a fotografia.”

Boris concordou com a cabeça, brincando com a lâmina do cinzel.

“Essa nova descoberta odiosa corromperia o mundo da arte. Não, nunca confiarei esse segredo a ninguém”, ele disse

vagarosamente.

Seria difícil encontrar alguém menos informado sobre tal fenômeno do que eu; mas, claro, eu escutara sobre fontes minerais tão saturadas com sílica que as folhas e os ramos que caíam sobre elas se transformavam em pedra depois de um tempo. Eu compreendia o processo vagamente, como a sílica substituía a matéria vegetal, átomo por átomo, e o resultado era uma duplicata do objeto em pedra. Isso, eu confesso, nunca me interessara muito, e quanto aos fósseis assim produzidos, eu os achava repugnantes. Parece que Boris, sentindo curiosidade em vez de repugnância, investigara o assunto e acidentalmente deu de cara com uma solução que, atacando o objeto imerso com uma ferocidade desconhecida, em um segundo realizava um trabalho de anos. Isso foi tudo que eu pude entender da estranha história que ele acabara de me contar. Ele falou de novo, depois de um longo silêncio.

“Fico quase aterrorizado quando penso no que encontrei. Cientistas ficariam loucos com essa descoberta. E foi tão simples; ela se descobriu. Quando penso naquela fórmula, e no novo elemento precipitado em camadas metálicas—”

“Que novo elemento?”

“Oh, não pensei em nomeá-lo, e não acredito que algum dia o farei. Já existem metais preciosos suficientes no mundo para fazer as pessoas se matarem por eles.”

Agucei meus ouvidos. “Você descobriu ouro, Boris?”

“Não, melhor; — mas, veja aqui, Alec!”, ele riu, levantando-se. “Você e eu temos tudo que precisamos neste mundo. Ah! Quão sinistro e ávido você já parece!”, eu ri também, e disse a ele que eu era devorado pelo desejo por ouro, e que seria melhor falarmos sobre outra coisa; então, quando Geneviève chegou logo depois, nós deixamos de falar de alquimia.

Geneviève estava vestida de um cinza prateado da cabeça aos pés. A luz cintilou ao longo das curvas suaves de seus belos cabelos enquanto ela voltava sua bochecha a Boris; então ela me viu e retornou meu cumprimento. Ela nunca antes falhara em me soprar um beijo da ponta de seus dedos alvos, e eu rapidamente reclamei da omissão. Ela sorriu e estendeu sua mão, que caiu quase antes de

ter tocado a minha; então ela falou, olhando para Boris:

“Você deve convidar Alec para ficar para o almoço”. Isso também era algo novo. Ela mesma sempre me convidara até hoje.

“Eu convidei”, disse Boris rapidamente.

“E você disse sim, espero?”. Ela se voltou a mim com um convencional sorriso charmoso. Eu poderia ter sido um recém-conhecido do dia anterior a ontem. Fiz a ela uma grande reverência. “J’avais bien l’honneur, madame”, mas recusando-se a empregar nosso usual tom brincalhão, ela murmurou uma trivialidade hospitaleira e desapareceu. Boris e eu nos olhamos.

“Melhor eu ir para casa, não acha?”, perguntei.

“Não sei dizer”, ele respondeu francamente.

Enquanto discutíamos a conveniência de minha partida, Geneviève reapareceu na entrada sem o seu gorro. Ela estava maravilhosamente bela, mas sua cor estava carregada demais, e seus olhos graciosos, brilhantes demais. Ela veio diretamente para mim e tomou meu braço.

“O almoço está pronto. Eu estava mal-humorada, Alec? Pensei ter tido uma dor de cabeça, mas não. Venha cá, Boris”, e ela escorregou seu outro braço no dele. “Alec sabe que, depois de você, não há pessoa no mundo que eu goste tanto quanto ele, então, se às vezes ele se sente desprezado, isso não o magoará.”

“À la bonheur!”, gritei, “quem disse que não há tempestades em abril?”.

“Você está pronto?”, cantarolou Boris. “Sempre prontos”; e de braços dados corremos para a sala de jantar, escandalizando os empregados. Afinal de contas, não tínhamos tanta idade para sermos responsáveis; Geneviève estava com 18 anos, Boris, 23, e eu ainda não tinha 21.

II

Um trabalho que eu fazia nesse tempo, na decoração do vestiário de Geneviève, me mantinha constantemente no pequeno hotel pitoresco na Rue Saint-Cécile. Boris e eu, naqueles dias,

trabalhávamos duro, mas enquanto nos agradasse, o que era esporádico, e nós três, com Jack Scott, passávamos bastante tempo juntos sem fazer nada.

Numa tarde tranquila, eu vagara sozinho pela casa examinando raridades, bisbilhotando nos cantos estranhos, encontrando guloseimas e charutos em lugares escondidos esquisitos, e por fim parei no banheiro. Boris, todo sujo de argila, estava ali lavando suas mãos.

O cômodo era todo de mármore cor-de-rosa, exceto pelo chão, que era enxadrezado de rosa e cinza. No centro ficava uma banheira quadrada submersa abaixo do nível do chão; degraus levavam para dentro da banheira, pilares esculpidos sustentavam um teto com afrescos. Um encantador cupido de mármore parecia ter acabado de pousar em seu pedestal no ponto mais alto do cômodo. Todo o interior era trabalho meu e de Boris. Boris, em suas roupas de trabalho de lona branca, esfregou os restos de argila e de cera de modelar vermelha de suas mãos atraentes e flertou com o cupido sobre seu ombro. "Estou vendo você", ele insistiu, "não tente olhar para o outro lado e fingir que não me vê. Você sabe quem o fez, seu malandrinho!"

Sempre foi meu papel interpretar os sentimentos do cupido nessas conversas, e quando minha vez chegou, eu respondi de tal maneira que Boris agarrou meu braço e me arrastou em direção à banheira, dizendo que iria me afogar. No próximo instante, ele largou meu braço e ficou pálido. "Meu Deus!", ele disse, "esqueci que a banheira está cheia da solução!"

Tremi um pouco, e asperamente o aconselhei a lembrar-se melhor de onde ele estocara o líquido precioso. "Pelo amor de Deus, com tanto lugar, por que você guarda um lago dessa coisa horrível logo aqui?", perguntei.

"Quero experimentar em algo grande", ele respondeu.

"Em mim, por exemplo?"

"Ah! Isso foi sério demais para brincar; mas eu quero observar essa solução agindo em um organismo vivo mais organizado; tem aquele coelhão branco", ele disse, me seguindo até o estúdio.

Jack Scott, vestindo um paletó manchado de tinta, veio

vagando, se apropriando de todas as guloseimas orientais nas quais pudesse pôr as mãos, saqueando o estojo de charutos, e finalmente ele e Boris desapareceram juntos para visitar a galeria Luxembourg, onde uma nova escultura de Rodin e uma paisagem de Monet estavam chamando toda a atenção da classe artística da França. Voltei ao estúdio e retomei meu trabalho. Era uma tela da Renascença, a qual Boris quis que eu pintasse para o boudoir de Geneviève. Mas o garotinho que estava a contragosto se detendo em uma série de poses para mim hoje recusou todos os subornos para ser bonzinho. Ele nunca permanecia um instante na mesma posição, e dentro de cinco minutos eu tinha vários esboços diferentes do pirralhinho.

“Você está posando ou cantando e dançando, meu amigo?”, perguntei.

“Qualquer coisa que o monsieur quiser”, ele respondeu, com um sorriso angélico.

É claro que eu o liberei pelo resto do dia, e é claro que o paguei pelo tempo integral, sendo essa a maneira que corrompíamos nossos modelos.

Depois que o pestinha partiu, fiz alguns borrões superficiais em meu trabalho, mas estava tão completamente sem vontade que levou o resto da tarde para consertar o dano que fizera, então finalmente descartei minha paleta, enfiei meus pincéis em uma tigela de sabão preto e caminhei vagorosamente até a sala de fumo. Realmente acredito que, excetuando os aposentos de Geneviève, nenhuma sala na casa estava tão livre do perfume do tabaco como esta. Era um caos esquisito de quinquilharias penduradas com tapeçaria puída. Uma velha espineta de tom doce, em bom estado de conservação, permanecia perto da janela. Havia suportes com armas, algumas velhas e obtusas, outras reluzentes e modernas, ornamentos de armaduras da Índia e da Turquia sobre a cornija da lareira, dois ou três bons quadros e uma prateleira para cachimbos. Era aqui que costumávamos vir para experimentar novas sensações ao fumar. Duvido se qualquer tipo de cachimbo já tenha existido que não estivesse representado naquela prateleira. Quando havíamos selecionado um, imediatamente o carregávamos para algum lugar e

o fumávamos; pois o lugar era, no todo, mais sombrio e menos atraente do que qualquer outro na casa. Mas, esta tarde, o crepúsculo estava muito tranquilizador, os tapetes e as peles no chão pareciam marrons, macios e letárgicos, o grande sofá estava coberto de almofadas — encontrei meu cachimbo e me encostei ali para uma tragada inabitual na sala de fumo. Escolhi um com uma longa haste flexível, e acendendo-o, caí em devaneios. Depois de um tempo, o cachimbo apagou-se, mas não me movi. Continuei a sonhar e logo adormeci.

Acordei com a música mais triste que já havia escutado. A sala estava muito escura, eu não tinha ideia de que horas eram. Um raio de luz da lua prateou um canto da velha espineta, e a madeira polida parecia exalar o som como um perfume que flutua sobre uma caixa de sândalo. Alguém surgiu na escuridão e se aproximou chorando em silêncio, e eu fui tolo o bastante para gritar “Geneviève!”.

Ela caiu com minha voz, e tive tempo de me amaldiçoar enquanto iluminei o local e tentei levantá-la do chão. Ela recuou com um murmúrio de dor. Ela estava muito quieta e perguntou por Boris. Eu a carreguei para o divã e fui procura-lo, mas ele não estava na casa e os empregados tinham ido para a cama. Perplexo e ansioso, voltei correndo rapidamente para Geneviève. Ela estava onde a deixara, aparentando muita palidez.

“Não consigo encontrar Boris e nenhum dos empregados”, eu disse.

“Eu sei”, ela respondeu fracamente, “Boris foi ao Epte com o sr. Scott. Não me lembrei disso quando pedi para você ir atrás dele há pouco”.

“Mas neste caso ele não voltará antes de amanhã à tarde, e — você se machucou? Você caiu porque se assustou comigo? Que tolo terrível eu sou, mas é que eu estava apenas meio acordado.”

“Boris pensou que você tivesse ido para casa antes do jantar. Por favor, nos desculpe por deixá-lo ficar aqui esse tempo todo.”

“Tirei uma longa soneca”, eu ri, “tão pesada que não sei se estava ainda adormecido ou não quando me encontrei olhando a uma figura que se movia em minha direção, e chamei seu nome.

Você estava tocando a velha espineta? Você deve ter tocado muito suavemente”.

Eu contaria mais mil mentiras piores do que aquela para ver a expressão de alívio que tomou seu rosto. Ela sorriu de maneira adorável e disse em sua voz natural: “Alec, eu tropecei naquela cabeça de lobo e acho que torci o tornozelo. Por favor, chame Marie e depois vá para casa.”

Fiz como ela mandou e a deixei ali quando a criada entrou.

III

À tarde, no dia seguinte, quando fui fazer uma visita, encontrei Boris caminhando impacientemente em seu estúdio.

“Geneviève está dormindo agora”, ele me disse, “a torção não foi nada, mas por que ela está com uma febre tão alta? O médico não sabe dizer; ou não quer dizer”, ele murmurou.

“Geneviève está com febre?”, perguntei.

“Acho que sim, e, na verdade, tem estado um pouco delirante, em intervalos, à noite. Aquele gênio! — a pequena e jovem Geneviève, sem uma preocupação no mundo — continua a dizer que seu coração está partido e que quer morrer!”

Meu próprio coração congelou.

Boris encostou-se na porta de seu estúdio, olhando para baixo, as mãos nos bolsos, seus meigos e aguçados olhos ficaram nublados e uma nova ruga de preocupação desenhou-se “acima da boca, formando um sorriso”⁽⁸⁾. A criada tinha ordem de chamá-lo no instante em que Geneviève abrisse os olhos. Nós esperamos e esperamos, e Boris, cada vez mais impaciente, vagava por ali, ocupando-se com cera de modelar vermelha e argila. De repente ele foi para a sala seguinte. “Venha ver minha banheira cheia de morte rosa!”, ele gritou.

“Isto é morte?”, perguntei, para animar seu humor.

“Você não está preparado para chamar isso de vida, eu suponho”, ele respondeu. Enquanto ele falava, tirou um peixe

dourado contorcendo-se e serpenteando para fora de seu aquário. “Nós mandaremos um depois do outro — seja lá para onde for”, ele disse. Havia excitação febril em sua voz. Um peso melancólico de febre pousava em meus membros e em minha cabeça enquanto o seguia para a banheira límpida como cristal, com suas paredes tingidas de rosa; e ele deixou a criatura cair ali dentro. Enquanto caía, suas escamas brilharam com um quente lampejo laranja em suas torções e contorções furiosas; no momento em que ele atingiu o líquido, se tornou rígido e afundou pesadamente até o chão da banheira. Então veio a espuma leitosa, matizes esplêndidos irradiando na superfície e então o feixe de pura luz serena abriu caminho através de profundezas aparentemente infinitas. Boris mergulhou sua mão e tirou uma coisa delicada de mármore, de veios azuis e nuances cor-de-rosa e brilhando com gotas opalescentes.

“Brincadeira de criança”, ele murmurou, e olhou, de maneira cansada, para mim — como se eu pudesse responder a tais questões! Mas Jack Scott veio e entrou no “jogo”, como ele chamava isso, com ardor. Só restava fazer a experiência no coelho branco, imediatamente. Eu desejava que Boris pudesse encontrar alguma distração de suas preocupações, mas odiava ver a vida ir embora de uma criatura viva e quente, e me recusei a presenciar. Pegando um livro ao acaso e me sentei no estúdio para ler. Meu Deus! Eu tinha encontrado *O Rei de Amarelo*. Depois de alguns momentos, que pareceram décadas, eu o larguei com um arrepio nervoso quando Boris e Jack entraram trazendo o coelho de mármore. Ao mesmo tempo, a campainha tocou, e um grito veio do quarto da enferma. Boris partiu como um relâmpago, e no momento seguinte ele chamou: “Jack, corra até o médico e o traga de volta com você. Alec, venha cá”.

Fui e permaneci à porta dela. Uma criada apavorada saiu com pressa e correu para buscar algum remédio. Geneviève, sentada ereta, com bochechas vermelhas e olhos brilhantes, balbuciava incessantemente e resistia ao controle gentil de Boris. Ele me chamou para ajudar. Ao meu primeiro toque ela suspirou e inclinou-

se para trás, fechando seus olhos, e então — então — enquanto continuávamos debruçados sobre ela, ela os abriu novamente, olhou diretamente para o rosto de Boris — pobre garota febril — e contou seu segredo. No mesmo instante nossas três vidas tomaram novos rumos; o laço que nos unia por tanto tempo juntos rompeu-se para sempre e um novo laço foi forjado em seu lugar por ela ter falado meu nome, e como a febre a torturava, seu coração verteu sua carga de pesar escondido. Assombrado e emudecido, baixei a cabeça, à medida que meu rosto ardia como uma brasa viva e o sangue explodia em meus ouvidos, me surpreendendo com seu clamor. Incapaz de me mover, incapaz de falar, ouvi suas palavras febris em uma agonia de vergonha e pesar. Não podia silenciá-la, não conseguia olhar para Boris. Então senti um braço sobre meu ombro, e Boris virou uma face pálida para mim.

“Não é sua culpa, Alec; não se aflija se ela o ama—”, mas ele não pôde terminar; e enquanto o médico entrava rapidamente na sala dizendo “Ah, a febre!”, agarrei Jack Scott e o levei rapidamente para a rua, dizendo: “Boris prefere ficar sozinho”. Atravessamos a rua para nosso próprio apartamento, e aquela noite, vendo que eu ficaria doente também, ele foi ao médico de novo. A última coisa que me lembro com clareza foi ouvir Jack dizer: “Pelo amor de Deus, doutor, o que ele tem para estar com uma cara dessas?”, e pensei no Rei de Amarelo e na Máscara Pálida. Eu estava muito doente pela tensão de dois anos que eu suportara desde aquela manhã fatal de maio, quando Geneviève murmurou: “Amo você, mas acredito que amo mais Boris”, tinha cobrado seu preço. Nunca imaginara que isso poderia se tornar mais do que eu pudesse suportar. Externamente tranquilo, eu havia me iludido. Embora a batalha interna se enfurecesse noite após noite, e eu, deitado sozinho em meu quarto, me amaldiçoasse por pensamentos rebeldes desleais a Boris e indignos de Geneviève, a manhã sempre trazia alívio, e eu retornava para Geneviève e para meu querido Boris com um coração lavado pelas tempestades da noite.

Nunca em palavra ou ação ou pensamento, enquanto com eles, eu traíra minha dor mesmo para mim.

A máscara do autoengano não era, há muito, uma máscara

para mim; era uma parte de mim. A noite a retirava, desnudando a verdade reprimida por trás dela; mas não havia alguém para ver exceto eu mesmo, e quando o dia raiava, a máscara voltava de novo para o mesmo lugar por sua conta. Esses pensamentos passaram pela minha cabeça transtornada enquanto eu jazia doente, mas eles eram desesperadamente enredados com visões de criaturas brancas, pesadas como pedras arrastando-se na bacia de Boris —, da cabeça de lobo no tapete, espumando e rosnando para Geneviève, que permanecia sorrindo a seu lado. Pensei também no Rei de Amarelo coberto pelas fantásticas cores de seu manto esfarrapado, e naquele grito amargo de Cassilda: “Não sobre nós, oh, Rei, não sobre nós!”. Lutei freneticamente para tirá-lo de mim, mas vi o lago de Hali, estreito e vazio, sem ondas ou vento para agitá-lo, e vi as torres de Carcosa atrás da lua. Aldebaran, as Híades, Alar, Hastur, pairavam através das fendas nas nuvens que flutuavam e oscilavam enquanto passavam como os farrapos ondulados do Rei de Amarelo. Entre todos estes, um pensamento sensato persistia. Não importa o que mais estivesse acontecendo em minha mente desordenada, nunca houve dúvida de que minha principal razão de existir era cumprir alguma exigência de Boris e Geneviève. O que era esta obrigação, sua natureza, isso nunca ficou claro; às vezes parecia ser proteção, às vezes, apoio em uma grande crise. O que quer que parecesse ser à época, seu peso permanecia apenas sobre mim, e nunca estive tão doente ou tão fraco que não pudesse responder com toda minha alma. Havia sempre uma multidão de rostos para mim, a maioria estranha, mas alguns eu reconhecia, Boris entre eles. Mais tarde eles me disseram que não poderia ter sido, mas eu sei que pelo menos uma vez ele se inclinou sobre mim, foi apenas um toque, um eco fraco de sua voz, e então as nuvens retornaram em meus sentidos, e o perdi, mas ele *esteve* ali e se inclinou sobre mim pelo menos *uma vez*.

Finalmente, uma manhã eu acordei e vi a luz do sol atingindo minha cama e Jack Scott lendo ao meu lado. Não tinha força suficiente para falar alto, nem podia pensar, muito menos me lembrar, mas podia sorrir debilmente, enquanto os olhos de Jack encontraram os meus, e quando ele se levantou com um pulo e

perguntou se eu queria algo, pude sussurrar: “Sim — Boris”. Jack se moveu para a cabeceira de minha cama e se inclinou para arrumar meu travesseiro: não vi seu rosto, mas ele respondeu cordialmente: “Você deve esperar, Alec; você está fraco demais até para ver Boris”.

Esperei e fiquei forte; em alguns dias eu era capaz de ver quem eu quisesse, mas enquanto isso eu pensara e lembrara. A partir do momento que todo o passado surgiu claro em minha mente, nunca duvidei do que eu deveria fazer quando chegasse a hora, e tive certeza de que Boris, de seu ponto de vista, teria decidido sobre o mesmo caminho; no que dizia respeito apenas a mim, eu sabia que ele veria aquilo da mesma forma que eu. Não perguntei mais por ninguém. Nunca perguntei por que não recebi mensagem alguma deles; por que durante a semana em que permaneci ali, esperando e ficando forte, nunca escutei seus nomes. Preocupado com minhas próprias buscas pelo caminho certo, e com minha luta fraca mas determinada contra o desespero, eu simplesmente consenti na reticência de Jack, tomando como certo que ele estava com medo de falar sobre eles, com receio de que eu me tornasse incontrolável e insistisse em vê-los. Entretanto, perguntei de novo e de novo a mim mesmo: como seria quando a vida começasse de novo para todos nós? Retomaríamos nossa relação exatamente como era antes de Geneviève ficar doente. Boris e eu nos olharíamos nos olhos, e não haveria nem rancor nem covardia nem desconfiança naquele olhar. Estaria com eles de novo por pouco tempo na querida intimidade de seu lar, e então, sem pretexto ou explicação, desapareceria de suas vidas para sempre. Boris saberia; Geneviève — o único conforto era que ela nunca saberia. Parecia, à medida que pensava sobre isso, que eu encontrara o sentido daquele senso de obrigação que persistira durante todo o meu delírio, e a única possível resposta a isso. Então, quando estava muito preparado, chamei Jack um dia e disse:

“Jack, quero falar com Boris imediatamente; e leve meus cumprimentos mais cordiais a Geneviève.”

Quando finalmente ele me fez entender que ambos estavam mortos, caí em uma fúria selvagem que partiu toda minha força convalescente em átomos. Eu delirei e me amaldiçoei em uma

recaída na qual me arrastei por algumas semanas depois como um garoto de vinte e um anos que acreditava que sua juventude havia se acabado para sempre. Parecia que eu ultrapassado a capacidade de sofrer mais e, um dia, quando Jack me entregou uma carta e as chaves para a casa de Boris, peguei-as sem um tremor e pedi a ele que me contasse tudo. Era cruel de minha parte pedir isso a ele, mas não havia solução, e ele se apoiou de maneira cansada em suas mãos magras para reabrir a ferida que jamais se fecharia por completo.

Ele começou muito calmamente:

“Alec, a menos que você tenha uma pista da qual eu nada saiba, você não será capaz de explicar melhor do que eu sobre o que aconteceu. Desconfio que você preferiria não ouvir esses detalhes, mas você precisa saber deles, do contrário eu o pouparia do relato. Deus sabe que eu gostaria de evitar contá-los. Tentarei ser breve.

“Aquele dia que deixei você aos cuidados do médico e voltei para Boris, o encontrei trabalhando nas Moiras. Geneviève, ele disse, dormia sob efeito dos remédios. Ela estivera emocionalmente bem esgotada, ele disse. Ele continuou trabalhando, não falando mais, e eu o observava. Depois de um longo tempo, vi que a terceira figura do grupo — a que olhava diretamente à frente, distante sobre o mundo — exibia o rosto dele; não como você já tenha visto, mas como ele parecia naquele momento e até o fim. Essa é uma coisa para a qual eu gostaria de encontrar uma explicação, mas nunca encontrarei.”

“Bem, ele trabalhava e eu o observava em silêncio, e nós continuamos assim até quase meia-noite. Então ouvimos a porta abrir e fechar repentinamente e um movimento rápido no quarto ao lado. Boris correu pela porta e eu o segui, mas era tarde demais. Ela jazia no fundo da banheira, os braços cruzados no peito. Então Boris deu um tiro no próprio coração”. Jack parou de falar, gotas de suor permaneciam sob seus olhos, e suas bochechas magras se contraíram. “Carreguei Boris até seu quarto. Então voltei e liberei aquele fluído infernal da banheira e, enchendo-a com água, lavei o mármore completamente. Quando eu me atrevi, com demora, a

descer os degraus, a encontrei deitada ali tão branca quanto a neve. Finalmente, quando decidi o que era o melhor a fazer, fui ao laboratório, e em primeiro lugar esvaziei a solução da bacia no ralo; então, depois disso, esvaziei o conteúdo de cada jarra e frasco. Havia madeira na lareira, então acendi o fogo, e quebrando as fechaduras do armário de Boris, queimei cada documento, caderno de anotações e carta que encontrei ali. Com uma marreta do estúdio esmaguei em pedaços todos os frascos vazios, então, carregando-os em um carrinho de carvão, os levei ao porão e os joguei sobre a brasa quente e vermelha da fornalha. Seis vezes fiz a viagem e, finalmente, não sobrou vestígio de nada que pudesse ajudar de novo na busca pela fórmula que Boris havia descoberto. Então, por fim, tive coragem de chamar o médico. Ele é um bom homem, e juntos trabalhamos para manter isso fora do conhecimento do público. Sem ele, eu nunca teria conseguido. Por fim, pagamos os criados e os mandamos para o campo, onde a velha Rosier os mantém quietos com histórias das viagens de Boris e Geneviève a terras distantes, de onde retornarão daqui a anos. Enterramos Boris no pequeno cemitério de Sèvres. O médico é uma boa criatura, e sabe quando compadecer-se de um homem que não aguenta mais. Ele deu seu atestado médico de doença do coração e não me fez perguntas.”

Então, levantado sua cabeça de suas mãos, ele disse: “Abra a carta, Alec; é para nós dois”.

Rasguei a carta para abri-la. Era o testamento de Boris, datado de um ano antes. Ele deixou tudo para Geneviève e, caso ela morresse sem filhos, eu tomaria conta da casa na Rue Sainte-Cécile, e Jack Scott, do gerenciamento no Epte. Com nossas mortes, as posses seriam revertidas para a família de sua mãe, na Rússia, com exceção das esculturas de mármore feitas por ele. Essas ele deixou para mim.

A página foi ficando borrada sob nossos olhos, e Jack se levantou e andou até a janela. Logo retornou e sentou-se de novo. Eu temia ouvir o que ele ia dizer, mas ele falou com a mesma simplicidade e suavidade.

“Geneviève está em frente à madona na sala dos mármore. A madona inclina-se delicadamente sobre ela, e Geneviève sorri de

volta para aquele rosto calmo que nunca teria existido não fosse por ela.”

Sua voz falhou, mas ele agarrou minha mão dizendo: “Coragem, Alec”. Na manhã seguinte, ele foi ao Epte para cumprir sua obrigação.

IV

Na mesma noite, peguei as chaves e fui à casa que eu conhecia tão bem. Tudo estava em ordem, mas o silêncio era horrível. Embora eu tivesse ido duas vezes até a porta da sala de mármore, não pude me forçar a entrar. Estava além da minha capacidade. Fui à sala de fumo e me sentei diante da espineta. Um pequeno lenço de renda repousava nas teclas e me afastei, chocado. Estava certo de que eu não conseguiria ficar, então tranquei cada porta, cada janela e os três portões da frente e dos fundos, e fui embora. Na manhã seguinte, Alcide arrumou minha valise, e deixando meus apartamentos sob seus cuidados, peguei o Expresso do Oriente para Constantinopla. Durante dois anos vaguei pelo Oriente; a princípio, em nossas cartas, nunca mencionávamos Geneviève e Boris, mas aos poucos seus nomes se insinuaram. Eu me lembro particularmente de uma passagem em uma das cartas de Jack respondendo a uma das minhas:

“O que você me diz de ver Boris se inclinado sobre você enquanto você estava doente, e sentir seu toque em seu rosto, e ouvir sua voz, é claro que intriga. Isso que você descreve deve ter acontecido quinze dias depois dele ter morrido. Penso que você estava sonhando, que isso foi parte de seu delírio, mas a explicação não me satisfaz, nem a você.”

Perto do fim do segundo ano, uma carta de Jack chegou a mim na Índia, e era tão diferente de qualquer coisa que eu conhecia dele que decidi retornar imediatamente a Paris. Ele havia escrito: “Estou bem, e tenho vendido todos meus quadros como os artistas que não precisam de dinheiro. Não tenho nenhuma preocupação, mas estou mais agitado do que se tivesse. Não consigo me livrar de uma

estranha ansiedade a seu respeito. Não é apreensão, é mais uma expectativa ansiosa — de quê, só Deus sabe! Só posso dizer que isso está me desgastando. À noite, sempre sonho com você e Boris. Nunca consigo me lembrar de nada depois, mas acordo de manhã com meu coração batendo, e durante o dia o excitamento aumenta até eu adormecer à noite para reinvocar a mesma experiência. Estou bastante exausto devido a isso, e resolvi terminar com essa condição mórbida. Preciso vê-lo. Devo ir a Bombaim ou você virá a Paris?”

Telegrafei a ele dizendo que me esperasse no vapor seguinte.

Quando nos encontramos, achei que ele havia mudado muito pouco; eu, ele insistiu, parecia estar com a saúde esplêndida. Era bom ouvir sua voz de novo, e enquanto sentávamos e conversávamos sobre o que a vida ainda reservava para nós, sentimos que era agradável estarmos vivos no clima luminoso da primavera.

Ficamos juntos em Paris por uma semana, e então fui ao Epte com ele por uma semana, mas, antes de tudo, fomos ao cemitério de Sèvres, onde Boris jazia.

“Deveríamos colocar as Moiras no pequeno bosque acima dele?”, Jack perguntou, e respondi:

“Acho que apenas a madona deveria zelar pela sepultura de Boris”. Mas Jack não parecia melhor com meu retorno. Os sonhos dos quais ele não conseguia reter nem mesmo o menor recente esboço definido continuavam, e ele falou que às vezes o sentido de expectativa ansiosa era sufocante.

“Você sabe que eu só lhe faço mal, e não bem”, eu disse. “Tente uma mudança sem mim”. Então ele iniciou uma longa viagem pelas Ilhas do Canal, e eu voltei a Paris. Ainda não entrara na casa de Boris, agora minha, desde meu retorno, mas eu sabia que isso deveria ser feito. Ela fora mantida em ordem por Jack; havia criados, então deixei de lado meu apartamento e fui viver ali. Em vez da agitação que eu temera, me encontrei capaz de pintar tranquilamente ali. Visitei todas as salas — todas menos uma. Não conseguia me fazer entrar na sala de mármore, onde Geneviève jazia, e ainda assim eu sentia crescer diariamente o anseio de ver

seu rosto, de me ajoelhar a seu lado.

Numa tarde de abril, eu sonhava na sala de fumo, como fizera dois anos antes, e mecanicamente procurei pela pele de lobo entre os tapetes orientais. Finalmente distingui as orelhas pontudas e a cruel cabeça achatada, e pensei em meu sonho, onde via Geneviève deitada a seu lado. Os capacetes ainda permaneciam pendurados contra a tapeçaria puída, entre eles o velho morrião espanhol, que me lembro de Geneviève usar uma vez quando estávamos nos divertindo com antigas peças de armadura. Voltei meus olhos para a espineta; cada tecla amarelada parecia ávida de sua mão amorosa, e levantei-me, compelido pela força da paixão da minha vida, em direção à porta fechada da sala de mármore. As portas pesadas oscilaram para dentro sob minhas mãos trêmulas. A luz do sol jorrou através da janela, ponteando com ouro as asas do Cupido, e deixou-se ficar como uma nuvem sobre a fronte da madona. Sua face meiga inclinada em compaixão sobre a forma de mármore era tão extraordinariamente pura que ajoelhei e fiz o sinal da cruz. Geneviève jazia na sombra, sob a madona, e mesmo assim, através de seus braços brancos, vi os pálidos veios azul-claros, e sob suas mãos macias cruzadas, as dobras de seu vestido estavam tingidas de rosa, como se a cor viesse de uma débil luz quente em seu peito.

Inclinando-me com o coração partido, toquei o tecido de mármore com os lábios, e então caminhei lentamente de volta pela casa silenciosa.

Uma criada veio e me trouxe uma carta, e sentei-me no pequeno jardim de inverno para lê-la; mas quando estava prestes a romper o lacre, vendo a garota ainda por ali, perguntei o que ela queria.

Ela gaguejou algo sobre um coelho branco que fora capturado na casa e perguntou o que deveria fazer com ele. Disse a ela para soltá-lo no jardim murado nos fundos da casa e abri minha carta. Era de Jack, mas tão incoerente que pensei que ele tivesse perdido o juízo. Não era nada além de uma série de súplicas para que eu não deixasse a casa até que ele retornasse; ele não podia me dizer o porquê, e havia os sonhos, ele dizia — ele não poderia explicar coisa alguma, mas ele tinha certeza de que eu não deveria deixar a casa

na Rue Sainte-Cécile.

À medida que fui terminando de ler, levantei meus olhos e vi a mesma criada parada na entrada, segurando uma travessa de vidro onde dois peixes-dourados nadavam: “Coloque-os de volta no tanque e me diga o que você quer interrompendo”, eu disse.

Com uma lamúria malcontida, ela colocou a água e os peixes em um aquário nos fundos do jardim de inverno e, voltando a mim, pediu minha permissão para deixar o emprego. Ela disse que as pessoas estavam pregando peças nela, evidentemente com a intenção de atormentá-la; o coelho de mármore fora roubado e um vivo fora trazido para dentro da casa; os dois lindos peixes de mármore desapareceram, e ela encontrara apenas aquelas coisas vivas comuns se debatendo no piso da sala de jantar. Eu a tranquilizei e a mandei embora dizendo que eu mesmo cuidaria daquilo. Fui até o estúdio, mas não havia nada ali além de minhas telas e alguns moldes, exceto o mármore do lírio-de-páscoa. Eu o vi em cima de uma mesa do outro lado da sala. Então andei com raiva até ele. Mas a flor que peguei da mesa estava fresca e frágil e encheu o ar com perfume.

Então de repente eu compreendi, e saltei através do corredor para a sala de mármore. As portas se abriram repentinamente, a luz do sol jorrou em meu rosto, e, através dela, em uma glória celestial, a madona sorriu enquanto Geneviève levantava seu rosto ruborizado de seu divã de mármore e abria os olhos sonolentos.



No Átrio do
Dragão

No Átrio do Dragão

Título original: In the Court of the Dragon

*“Oh, tu, que queimas no coração por aqueles que estão a queimar
No Inferno, cujo fogo tu próprio, por sua vez, deves alimentar
Quanto tempo até que comeces a implorar: ‘Tende piedade deles’. Deus!
Pois quem é Ele para aprender e quem és tu para ensinar?”*⁽⁹⁾

NA IGREJA DE SÃO BARNABÉ as vésperas haviam terminado;

os clérigos deixaram o altar, os garotinhos do coro revoaram através do presbitério e se sentaram nas cadeiras. Um sacristão em rico uniforme marchou pela nave sul, fazendo soar seu bastão a cada quatro passos no pavimento de pedra; atrás dele vinha aquele pregador eloquente e bom homem, o monsenhor C.

Minha cadeira estava perto da balaustrada do presbitério, e então me voltei na direção do ponto oeste da igreja. As outras pessoas entre o altar e o púlpito também se voltaram. Houve um pequeno arrastar e murmúrio à medida que a congregação se sentava; o pregador subiu as escadas do púlpito e o voluntário no órgão parou.

Sempre considerei a execução do órgão da São Barnabé extremamente interessante. Erudito e científico demais para meu pequeno conhecimento, mas expressando uma vívida, senão fria, inteligência. Além do mais, tinha a qualidade francesa do bom gosto: o gosto reinava supremo, autocontrolado, digno e reticente.

Hoje, entretanto, desde o primeiro acorde, eu sentira uma mudança para pior, uma mudança sinistra. Durante as vésperas, fora principalmente o órgão do presbitério que apoiara o lindo coro, mas de vez em quando, tão brutalmente quanto parecia, da galeria oriental onde o órgão se encontra, uma mão pesada golpeava

através da igreja a paz serena daquelas vozes puras. Era algo mais que áspero e dissonante, e não denunciava falta de habilidade. Como se repetiu de novo e de novo, isso me fez pensar sobre o que os meus livros de arquitetura dizem sobre o costume, em tempos antigos, de consagrar o coro tão logo fosse construído, e que a nave, sendo terminada às vezes meio século depois, frequentemente não obtinha nenhuma bênção. Imaginava, em vão, se aquele fora o caso na São Barnabé, e se algo não usualmente esperado de se sentir em casa em uma igreja cristã possa ter entrado escondido e tomado posse da galeria oriental. Eu havia lido que tais coisas acontecem também, mas não em obras sobre arquitetura.

Então lembrei-me de que a São Barnabé não tinha muito mais do que cem anos, e sorri à associação incongruente de superstições medievais com aquela pequena e agradável obra de rococó do século XVIII.

Mas agora as vésperas tinham terminado, e deveriam ter soado uns poucos calmos acordes, próprios para acompanhar a meditação, enquanto esperávamos pelo sermão. Em vez disso, a desarmonia no ponto mais baixo da igreja surgiu com a saída dos clérigos, como se agora nada pudesse controlá-la.

Pertenço àquelas crianças de uma geração mais antiga e simples, que não ama buscar por sutilezas psicológicas na arte; e sempre me recusei a encontrar na música nada mais do que melodia e harmonia, mas sentia que no labirinto dos sons agora vindos daquele instrumento havia algo sendo procurado. Por todos os cantos os pedais o perseguiram, à medida que os teclados proclamavam, em voz alta, aprovação. Pobre-diabo! Quem quer que fosse, parecia pequena a esperança de escapar!

Minha irritação nervosa mudou para raiva. Quem estava fazendo aquilo? Como ousava tocar daquele jeito no meio do serviço divino? Dei uma olhadela para as pessoas perto de mim: nenhuma parecia estar nem um pouco perturbada. As freiras ajoelhadas, ainda voltadas para o altar, não perderam nada de sua abstração devota sob a sombra pálida de seus hábitos brancos. A senhora elegante do meu lado olhava com expectativa para o monsenhor C. Pelo que o rosto dela denunciava, o órgão

deveria estar tocando a ave-maria.

Mas agora, finalmente, o pregador fizera o sinal da cruz, e pediu silêncio. Voltei-me a ele com prazer. Até agora, não encontrara o descanso com o qual contava quando entrei aquela tarde na São Barnabé.

Eu estava esgotado pelas três noites de sofrimento físico e preocupação mental: a última havia sido a pior, e eu era um corpo cansado e uma mente entorpecida, mas ainda assim intensamente sensível, que eu trouxera para a minha igreja favorita para curar. E isso por eu ter lido *O Rei de Amarelo*. “Nasce o sol e logo se acolhem, e se deitam nos seus covis”⁽¹⁰⁾. O monsenhor C. proferiu seu texto em uma voz calma, olhando rápida e calmamente para a congregação. Meus olhos se voltaram, não sei por quê, na direção da outra extremidade da igreja. O organista surgiu de trás de seus tubos, e passando ao longo da galeria em seu caminho para fora, o vi desaparecer em uma pequena porta que leva a algumas escadas que desciam diretamente para a rua. Ele era um homem esguio, e seu rosto era tão branco quanto seu casaco era preto. “Vá com Deus!”, pensei, “com sua música perversa! Espero que seu assistente toque o solo de encerramento”.

Com um sentimento de alívio — com um profundo e calmo sentimento de alívio —, voltei-me ao calmo rosto no púlpito e me acomodei para ouvir. Por fim, aqui estava a tranquilidade mental que eu tanto esperava.

“Minhas crianças”, disse o pregador, “uma verdade que a alma humana constata ser mais difícil do que todas para aprender: não ter nada a temer. Nunca se pode fazer compreender que nada pode realmente prejudicá-la”.

“Curiosa doutrina!”, pensei, “para um padre católico. Vamos ver como ele reconciliará isso com os pais da Igreja”. “Nada pode realmente fazer mal à alma”, ele prosseguiu em seu tom mais calmo e claro, “porque—”

Mas não ouvi o restante; meu olhar deixou seu rosto, eu não sabia por qual razão, e procurou pelo ponto mais baixo da igreja. O mesmo homem estava saindo de trás do órgão, e passava ao longo

da galeria *pelo mesmo caminho*. Mas não houve tempo para ele retornar, e se ele tivesse retornado, eu deveria tê-lo visto. Senti um calafrio débil e um peso no coração; e ainda assim, suas idas e vindas não tinham nada a ver comigo. Olhei para ele: não podia tirar meus olhos de sua figura negra e seu rosto branco. Quando ele estava exatamente no lado oposto ao meu, voltou-se e me enviou, através da igreja, direto a meus olhos, um olhar de ódio intenso e mortal: nunca vi nenhum outro como esse; Deus queira que eu nunca possa vê-lo de novo! Então ele desapareceu pela mesma porta pela qual eu o vira sair há menos de sessenta segundos.

Sentei e tentei reunir meus pensamentos. Minha primeira sensação foi como aquela de uma criança muito pequena extremamente machucada, quando perde o fôlego antes de chorar.

Descobrir-me repentinamente como o objeto de tal ódio foi intensamente doloroso: e este homem era um total estranho. Por que ele deveria me odiar tanto? — a mim, a quem ele nunca vira antes? Durante o momento, qualquer outra sensação estava imersa nessa angústia: mesmo o medo ficava subordinado à aflição, e durante aquele momento nunca duvidei; mas, no momento seguinte, comecei a raciocinar, e uma sensação de incongruência veio em meu auxílio. Como eu disse, São Barnabé é uma igreja moderna. É pequena e bem-iluminada; pode-se vê-la inteira com quase uma passada de olhos. A galeria do órgão recebe uma forte luz branca vinda de uma longa fileira de janelas do clerestório, que nem mesmo possui vitrais coloridos.

O púlpito, estando no meio da igreja, seguia essa disposição, e, quando eu estava voltado em direção a ele, o que quer que se movesse a oeste não poderia falhar em atrair minha atenção. Quando o organista passou, não foi milagre tê-lo visto: eu simplesmente calculara mal o intervalo entre sua primeira e sua segunda passagem. Ele viera na última vez pela outra porta lateral. Quanto ao olhar que tanto me incomodara, não houve tal coisa, e eu era um tolo nervoso.

Olhei ao redor. Que lugar verossímil para nutrir horrores sobrenaturais! Aquele rosto nítido e razoável do monsenhor C., suas maneiras contidas e gestos leves e graciosos, não eram um pequeno

desencorajamento à noção de um mistério abominável? Olhei rapidamente sobre sua cabeça e quase ri. Aquela esvoaçante senhora apoiando-se em um canto do dossel do púlpito, o qual parecia uma toalha de mesa em tecido adamascado com franjas em um vento forte, na primeira tentativa de permanência de um basilisco na galeria do órgão, lhe apontaria seu clarim de ouro e o sopraria, acabando com sua existência! Ri sozinho com essa fantasia, a qual, no momento, pensei ser bastante divertida, e sentei e zombei de mim mesmo e tudo mais, da velha harpia do lado de fora da balaustrada, que me fez pagar dez centavos pela minha cadeira antes de me deixar entrar (ela parecia mais com um basilisco, disse a mim mesmo, do que meu organista de compleição anêmica): daquela velha mulher sinistra e até mesmo, sim, Deus me perdoe!, até do próprio monsenhor C. Já que toda devoção desaparecera. Nunca fizera tal coisa em minha vida, mas naquele momento senti um desejo de zombar.

Com relação ao sermão, não podia ouvir uma palavra dele, devido à rima em meus ouvidos:

“A veste de São Paulo alcançou

Depois de pregar a nós aqueles seis sermões da quaresma,

Mais fervoroso do que jamais pregou,”⁽¹¹⁾

dando tempo o suficiente para os mais fantásticos e irreverentes pensamentos. Não era necessário sentar ali por mais tempo: eu tinha de sair e me livrar deste humor odioso. Eu sabia da rudeza que estava cometendo, mas mesmo assim levantei-me e deixei a igreja. Um sol de primavera brilhava na Rue St. Honoré à medida que eu descia os degraus da igreja. Em uma esquina estava um carrinho de mão cheio de junquinhos amarelos, violetas pálidas da Riviera, violetas negras da Rússia e jacintos brancos romanos em uma nuvem dourada de mimosas. A rua estava cheia de gente em busca de diversões de domingo. Balancei minha bengala e ri com o sossego. Alguém me ultrapassou. Ele não se virou, mas havia a mesma malignidade em seu perfil branco que havia também em seus olhos. Eu o observei enquanto pude vê-lo. Suas costas ágeis expressavam a mesma ameaça; cada passo que o levava para longe

de mim parecia conduzi-lo para alguma tarefa conectada com minha destruição.

Eu caminhava lentamente, meus pés quase se recusando a se movimentar. Ali começou a despertar em mim um sentido de responsabilidade por algo há muito esquecido. Começou a parecer como se eu merecesse o que aquilo me ameaçava: estendia-se a um longo caminho de volta — um longo, longo caminho de volta. Ele havia estado dormente todos esses anos: estava ali, entretanto, e logo surgiria e me confrontaria. Mas eu tentaria escapar; e cambaleei o melhor que pude pela Rue de Rivoli, atravessei a Praça da Concórdia e fui para o Quai. Olhei com olhos doentes para o sol, brilhando através da espuma branca da fonte, jorrando sobre as costas pardas de dos deuses de bronze do rio, no Arco longínquo, uma estrutura de névoa de ametista em meio aos inúmeros panoramas de troncos cinza e galhos nus palidamente verdes. Então o vi de novo, descendo um dos becos de castanheiras do Cours de la Reine.

Deixei a orla, mergulhei às cegas na Champs-Élysées e me dirigi em direção ao Arco. O sol poente lançava seus raios ao longo do gramado verde da rotatória: ele estava sentado em um banco sob o brilho máximo, crianças e jovens mães, todas perto dele. Ele era nada além de um preguiçoso dominical, como os outros, como eu mesmo. Eu disse as palavras quase em voz alta, e fitei o ódio maligno de seu rosto o tempo todo. Mas ele não estava olhando para mim. Passei por ele e arrastei meus pés pesados avenida acima. Eu sabia que a cada momento que o encontrava, eu o trazia mais para perto da realização de seu propósito e da minha sina. E ainda assim eu tentava me salvar.

Os últimos raios do pôr do sol jorravam através do grande Arco. Passei por baixo e o encontrei frente a frente. Eu o deixara longe, na Champs-Élysées, e, ainda assim, ele veio junto de uma torrente de pessoas que voltavam do Bois de Boulogne. Ele chegou tão perto que roçou em mim. Sua estrutura esguia parecia ferro dentro de sua ampla capa negra. Ele não mostrava sinal algum de pressa, nem de fadiga, nem de nenhum sentimento humano. Todo seu ser expressava apenas uma coisa: a vontade e o poder de me

fazer algum mal.

Em angústia, o observei quando ele desceu a ampla avenida cheia de pessoas, que estava toda brilhando com rodas e arreios de cavalos e capacetes da Garde Républicaine.

Logo ele já não era mais visto; então retornei e fugi. Para dentro do Bois e para além, fora dele, para longe — não sabia para onde havia ido, mas depois de um longo tempo, como pareceu para mim, a noite caíra, e me encontrei sentado a uma mesa de um pequeno café. Eu vagara de volta ao Bois. Fazia horas desde que eu o vira. O cansaço físico e o sofrimento mental me deixaram sem forças para pensar ou sentir. Eu estava cansado, tão cansado! Ansiei por me esconder em meu próprio refúgio. Mas ele estava a uma boa distância dali.

Vivo no Átrio do Dragão, uma passagem estreita que conduz da Rue de Rennes à Rue du Dragon.

É um "impasse"; por onde apenas pedestres podem transitar. Sobre a entrada na Rue de Rennes há uma sacada sustentada por um dragão de ferro. No átrio, velhas casas altas erguem-se em ambos os lados e ladeiam as saídas que dão para as duas ruas. Portões enormes, presos nas paredes dos arcos profundos, abertos durante o dia, fecham este átrio depois da meia-noite, e deve-se entrar, então, tocando-se a campainha em certas pequenas portas ao lado. O pavimento esburacado acumula poças repugnantes. Escadas assentadas em portas se abrem para o átrio. Os pisos térreos são ocupados por lojas de negociantes de segunda-mão e ferreiros. O dia inteiro o lugar soa com o tinido de martelos e o ressoar de barras de metal.

Por mais repugnante que seja abaixo, há alegria, conforto e trabalho duro e honesto acima.

Cinco lanços de escada acima estão os ateliês de arquitetos e pintores e os esconderijos de estudantes de meia-idade como eu, que querem viver sozinhos. Quando cheguei aqui eu era jovem e não era solitário.

Tive de caminhar um pouco até que qualquer condução aparecesse, mas, finalmente, quando eu quase alcançara o Arco do Triunfo de novo, uma charrete vazia apareceu e eu a peguei.

Do Arco até a Rue de Rennes é um percurso de mais de meia hora, especialmente quando se é conduzido por uma charrete com um cavalo que esteve à mercê de festeiros dominicais.

Houve tempo o suficiente até eu passar sob as asas do Dragão para encontrar meu inimigo de novo e de novo, mas não o vi nem uma vez, e agora o refúgio estava próximo.

Diante do portão amplo, um pequeno grupo de crianças brincava. Nosso concierge e sua esposa andavam entre elas, com seu poodle negro, mantendo a ordem; alguns casais valsavam na calçada. Retornei seus cumprimentos e entrei apressado.

Todos os habitantes do átrio se reuniram na rua. O lugar estava bastante solitário, iluminado por algumas lanternas penduradas no alto, nas quais o gás queimava debilmente.

Meu apartamento ficava no alto de uma casa, no meio do átrio, alcançado por uma escada que descia quase até a rua, com apenas um pedaço de passagem intermediária; coloquei meu pé na soleira da porta aberta, as velhas escadas amigáveis arruinadas se ergueram diante de mim, precedendo descanso e abrigo. Olhando para trás, por cima de meu ombro direito, eu o vi, a dez passos de distância. Ele devia ter entrado no átrio comigo.

Ele vinha direto, nem devagar, nem rápido, apenas direto para mim. E agora ele olhava para mim. Pela primeira vez, desde que nossos olhos se encontraram na igreja, eles se encontraram de novo, e eu sabia que a hora chegara.

Recuando no sentido oposto, descendo o átrio, o encarei. Pretendia escapar pela entrada na Rue du Dragon. Seus olhos me diziam que eu nunca escaparia.

Pareceu que se passaram décadas enquanto íamos, eu recuando, ele avançando, por dentro do átrio em silêncio absoluto. Mas finalmente senti a sombra da arcada da saída, e o próximo passo me levou para ela. Eu pretendia retornar para cá e sair para a rua. Mas a sombra não era de uma arcada, era de uma abóbada. As grandes portas da Rue du Dragon estavam fechadas. Senti isso pela escuridão que me cercou, e no mesmo instante eu li isso em seu rosto. Como esse rosto brilhou na escuridão, aproximando-se rapidamente! As profundas abóbadas, as enormes portas fechadas,

e as braçadeiras frias de ferro estavam todas do seu lado. A ameaça havia chegado: ela se juntou e me atingiu vinda das sombras impenetráveis; o ponto de onde ela poderia golpear seriam seus olhos infernais. Desesperado, apoiei minhas costas contra as portas trancadas e o desafiei. Houve um arrastar de cadeiras no chão de pedra e um murmúrio à medida que a congregação se levantava. Pude ouvir o sacristão na nave sul, precedendo o monsenhor C. à sacristia.

As freiras ajoelhadas, despertadas de sua abstração devota, fizeram sua reverência e partiram. A senhora elegante, minha vizinha, também se levantou, com reserva graciosa. Enquanto ela partia, seu olhar apenas passou rapidamente pelo meu rosto, em desaprovação.

Metade morto, ou assim me parecia, e ainda assim com cada célula intensamente viva, sentei-me entre a multidão que se movia vagarosamente e então também me levantei e fui em direção à porta.

Eu tinha dormido durante o sermão. Tinha dormido durante o sermão? Olhei para cima e o vi passando ao longo da galeria, para seu lugar. Vi apenas seu perfil; o braço magro dobrado sob sua capa negra parecia um daqueles diabólicos instrumentos sem nome que se encontram nas abandonadas câmaras de tortura de castelos medievais.

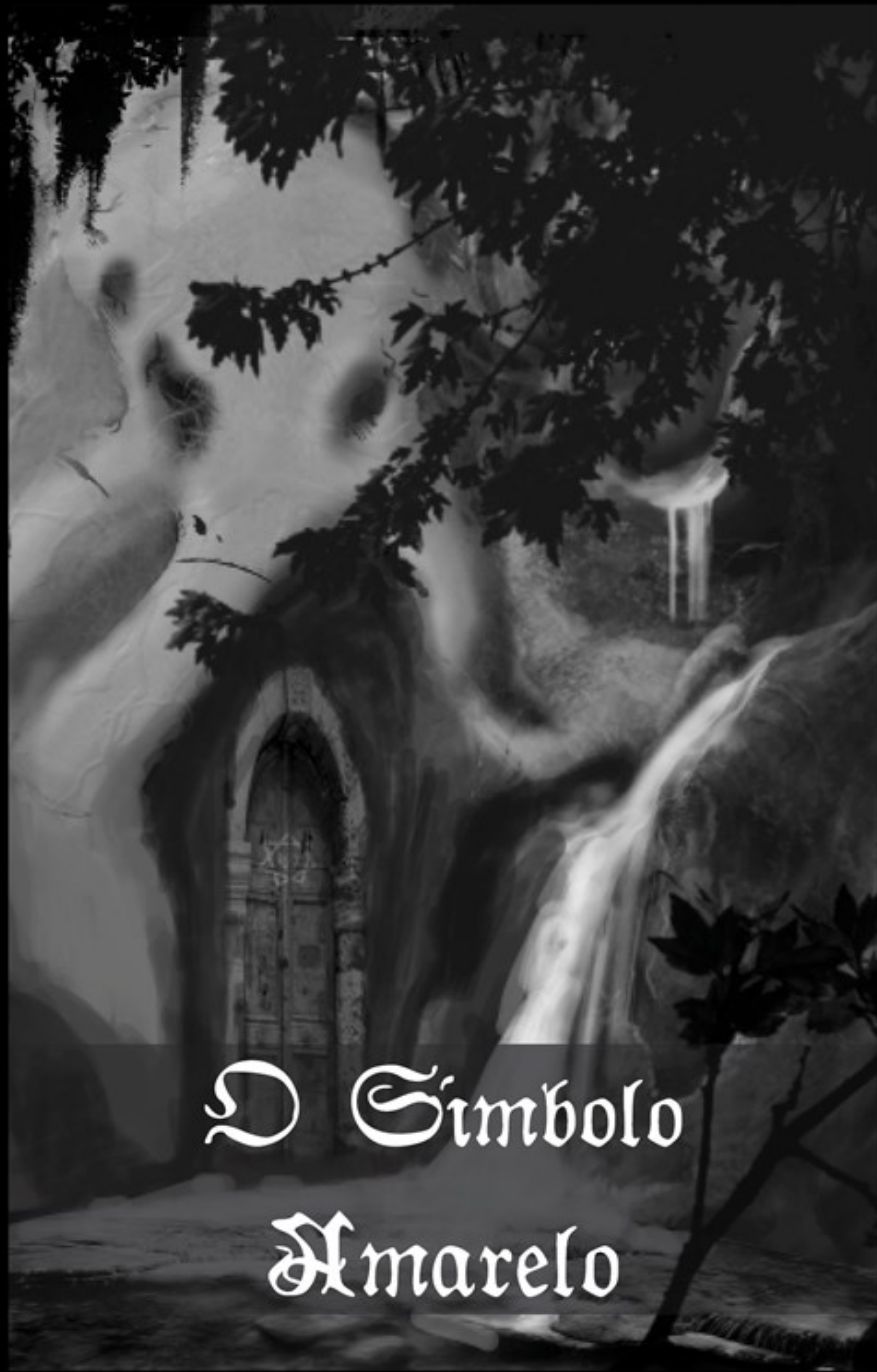
Mas eu havia escapado dele, embora seus olhos tenham dito que eu não deveria. *Havia* escapado dele? Aquilo que deu a ele o poder sobre mim voltou do esquecimento onde eu esperava mantê-lo. Pois eu já o conhecia agora. A morte e a terrível morada de almas perdidas, para onde minha fraqueza tempos atrás o enviara — elas o transformaram para todos os outros olhos, mas não para os meus. Eu o reconheci quase desde a primeira vez; eu nunca duvidara do que ele estava para fazer; e agora, eu sabia, enquanto meu corpo sentava-se seguro na alegre igreja, que ele estivera caçando minha alma no Átrio do Dragão.

Caminhei devagar até a porta: o órgão soou no alto com um estrondo. Uma luz ofuscante preencheu a igreja, encobrendo o altar de meus olhos. As pessoas desapareceram, os arcos, o teto

abobadado desapareceram. Levantei meus olhos ardentes para o brilho impenetrável e vi as estrelas negras penduradas nos céus: e os ventos úmidos vindos do lago de Hali gelaram meu rosto.

E agora, distante, sobre léguas de inquietas nuvens ondulantes, vi a lua gotejando com borrifos; e além, as torres de Carcosa se erguiam atrás da lua.

A morte e a terrível morada de almas perdidas, para onde minha fraqueza tempos atrás o enviara, o mudaram para todos os outros olhos, mas não para os meus. E então escutei *sua voz*, se erguendo, se expandindo, retumbando através da luz ofuscante, e à medida que eu caía, o resplendor aumentando, aumentando, jorrando sobre mim em ondas de fulgor. Então afundei dentro das profundezas e ouvi o Rei de Amarelo sussurrando para minha alma: "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo!".[\(12\)](#)



D Simbolo
Amarelo

O Símbolo Amarelo

Título original: The Yellow Sign

*“Deixe supor o entardecer avermelhado
O que iremos fazer,
Quando esta luz estelar azul morrer
E tudo estiver terminado.”*

I

QUÁ TANTAS COISAS impossíveis de se explicar! Por que certos acordes musicais me fazem pensar sobre os matizes marrons e dourados da folhagem de outono? Por que a missa da Santa Cecília desvia meus pensamentos a vagar entre cavernas cujas paredes resplandecem com massas irregulares de prata bruta? O que era aquilo em meio ao rugido e tumulto da Broadway às seis da tarde que fez lampejar diante de meus olhos a imagem de uma calma floresta bretã⁽¹³⁾ onde a luz do sol era filtrada através da folhagem de primavera e Sylvia debruçada, meio curiosa, meio carinhosa, sobre um pequeno lagarto verde, murmurando: “Pensar que isso é também um pequeno protegido de Deus!”?

Quando avistei o vigia pela primeira vez, ele estava de costas para mim. Olhei para ele com indiferença até que entrasse na igreja. Não prestei mais atenção a ele do que a qualquer outro homem que passeava pela Washington Square naquela manhã, e quando fechei minha janela e voltei ao meu estúdio, o havia esquecido. Depois, durante a tarde, com o dia quente, levantei a janela novamente e me debrucei para fora para pegar um pouco de ar. Um homem estava parado no pátio da igreja, e o notei de novo com tão pouco interesse quanto naquela manhã. Olhei através da praça, para onde

a fonte tremulava, e então, com minha mente cheia de impressões vagas de árvores, caminhos asfaltados e os grupos de babás e turistas em movimento, comecei a me voltar para meu cavalete. Conforme me virava, meu golpe de vista desatento apanhou o homem lá embaixo, no pátio da igreja. Seu rosto estava voltado para mim agora, e com um movimento perfeitamente involuntário, me inclinei para vê-lo. No mesmo instante ele levantou a cabeça e olhou para mim. Imediatamente pensei em um verme de sepultura. Eu não sabia explicar o que me causava repulsa naquele homem, mas a impressão de um gordo verme branco de sepultura era tão intensa e nauseante que eu devo tê-la deixado transparecer em minha expressão, pois ele virou seu rosto balofo com um movimento que me fez pensar em uma larva incomodada em uma noz.

Voltei a meu cavalete e acenei para que a modelo reassumisse sua pose. Depois de trabalhar um pouco, me dei conta de que estava estragando, tão rapidamente quanto era possível, o que eu havia feito, e peguei uma espátula e tirei a tinta novamente. Os tons de pele estavam pálidos e tinham um aspecto doentio, e não entendi como podia ter pintado uma cor tão doentia em um estudo que antes brilhara com tons saudáveis.

Olhei para Tessie. Ela não mudara, e o claro rubor de saúde tingiu seu pescoço e suas bochechas à medida que eu franzia as sobrancelhas.

“Foi algo que fiz?”, ela perguntou.

“Não, — eu estraguei esse braço, e nem pela minha vida eu poderia explicar como pinte uma porcaria dessas na tela”, respondi.

“Eu não posei bem?”, ela insistiu.

“Claro, perfeitamente.”

“Então, não é culpa minha?”

“Não. É culpa minha.”

“Sinto muito”, ela disse.

Disse a ela que poderia descansar enquanto eu esfregava terebintina na maldita mancha em minha tela, e ela saiu para fumar um cigarro e ver as ilustrações no *Courrier Français*.

Eu não sabia se era algo na terebintina ou um defeito na tela,

mas quanto mais eu esfregava, mais aquela gangrena parecia se espalhar. Trabalhei como um mouro para tirar aquilo e ainda assim a doença parecia rastejar de membro a membro no estudo diante de mim. Alarmado, me empenhava em detê-la, mas agora a cor nos seios havia mudado e a figura inteira parecia absorver a infecção como uma esponja que se encharca de água. Vigorosamente eu empreguei espátula, terebintina e raspador, pensando o tempo todo na discussão que eu teria com Duval, que me vendera a tela; mas logo percebi que não era a tela que estava defeituosa, nem as tintas de Edward. "Deve ser a terebintina", pensei com raiva, "se não, meus olhos se tornaram tão embaçados e confusos pela luz da tarde que não consigo enxergar direito". Chamei Tessie, a modelo. Ela veio e se encostou à minha cadeira, soprando anéis de fumaça no ar.

"O *que* você fez?", ela exclamou.

"Nada", eu resmunguei, "deve ser a terebintina!".

"Que cor horrível está agora", ela continuou. "Você acha que minha pele se parece com um queijo mofado?"

"Não, não acho", eu disse com raiva, "você já me viu pintar assim antes?"

"Não, não mesmo!"

"Bem, e então!?"

"Deve ser a terebintina, ou alguma outra coisa", ela admitiu.

Ela vestiu um quimono e caminhou até a janela. Eu raspei e esfreguei até ficar cansado; finalmente peguei meus pincéis e os arremessei contra a tela blasfemando violentamente, e só o tom chegou aos ouvidos de Tessie.

Mesmo assim ela rapidamente começou: "Isso! Xingue, aja como um tolo e arruíne seus pincéis! Você está há três semanas trabalhando nesse estudo e olhe agora! Qual é a vantagem de rasgar a tela? Que criaturas são os artistas!"

Senti-me tão envergonhado quanto habitualmente me sentia depois desse tipo de revolta, e virei a tela arruinada para a parede. Tessie me ajudou a limpar os pincéis, e, dançando, foi se vestir. Do biombo, ela me entreteve com conselhos referentes à perda de calma total ou parcial, até que, pensando talvez que já tivesse me atormentado o suficiente, saiu e me implorou para abotoar seu

corpete nos ombros, onde ela não alcançava.

“Tudo começou a dar errado desde quando você voltou da janela e falou daquele homem de aparência horrenda que viu no pátio da igreja”, ela disse.

“Sim, provavelmente ele enfeitiçou a pintura”, eu disse, bocejando. Olhei para meu relógio.

“Já passam das seis, eu sei”, disse Tessie, ajustando seu chapéu diante do espelho.

“Sim”, respondi, “não pretendia te segurar aqui por tanto tempo”, me debrucei na janela mas recuei com repulsa, pois o jovem homem com o rosto pálido continuava no pátio da igreja. Tessie viu meu gesto de desaprovação e se apoiou na janela.

“É o homem que você não gosta?”, ela sussurrou.

Concordei com a cabeça.

“Não consigo ver o rosto dele, mas parece mesmo gordo e flácido. De um jeito ou de outro”, ela continuou, voltando-se para olhar para mim, “ele me faz lembrar de um sonho — um sonho horrível que tive uma vez. Ou”, ela ponderou, olhando para baixo, para seus sapatos simétricos, “foi um sonho afinal de contas?”.

“Como eu poderia saber?”, eu sorri.

Tessie sorriu em resposta.

“Você estava nele”, ela disse, “então pode ser que você saiba algo a respeito”.

“Tessie! Tessie!”, protestei, “não se atreva a me bajular dizendo que sonhou comigo!”.

“Mas sonhei”, ela insistiu; “devo lhe contar sobre isso?”.

“Vá em frente”, respondi, acendendo um cigarro.

Tessie se encostou contra o peitoril da janela aberta e começou, com muita seriedade.

“Uma noite, no inverno passado, eu estava deitada, sem pensar sobre nada em particular. Eu posara para você e estava cansada; ainda assim, me parecia impossível dormir. Ouvi os sinos na cidade baterem dez horas, onze, meia-noite. Devo ter adormecido por volta da meia-noite, pois não me lembro de ouvir os sinos depois disso. Pareceu para mim que eu mal fechara os olhos quando sonhei que algo me impelira para ir à janela. Levantei-me e,

abrindo a janela, me debrucei para fora. A 25th Street estava deserta até onde eu conseguia enxergar. Comecei a ficar com medo; tudo lá fora parecia tão — tão escuro e desconfortável. Então o som de rodas, à distância, chegou a meus ouvidos, e para mim foi como se eu estivesse esperando por aquilo. Muito vagarosamente as rodas se aproximaram e, finalmente, pude distinguir um veículo se movendo ao longo da rua. Ele se aproximou mais e mais, e, quando passou abaixo de minha janela, vi que era uma carruagem fúnebre. Então, enquanto eu tremia de medo, o cocheiro se virou e olhou diretamente para mim. Quando acordei, estava em pé perto da janela aberta, tremendo de frio, mas a carruagem fúnebre com plumas negras e o cocheiro haviam partido. Tive esse sonho de novo março passado, e de novo acordei ao lado da janela aberta. Na noite passada o sonho veio de novo. Você se lembra de como chovia; quando acordei, ao lado da janela aberta, minha camisola estava ensopada.”

“Mas onde entrei no sonho?”, perguntei.

“Você — você estava no caixão, mas não estava morto.”

“No caixão?”

“Sim.”

“Como você sabia? Podia me ver?”

“Não; apenas sabia que você estava lá.”

“Você tem comido welsh rarebits⁽¹⁴⁾ ou salada de lagosta?”, comecei, rindo, mas a garota me interrompeu com um grito assustado.

“Ei! O que foi?”, eu disse, enquanto ela se encolhia na fresta da janela.

“O homem — o homem lá embaixo no pátio da igreja; — ele conduzia a carruagem fúnebre.”

“Besteira”, eu disse, mas os olhos de Tessie estavam arregalados de terror. Fui até a janela e olhei para fora. O homem havia partido. “Venha, Tessie”, insisti, “não seja tola. Você posou durante muito tempo; está nervosa”.

“Você acha que eu esqueceria aquele rosto?”, ela murmurou. “Vi a carruagem fúnebre passar embaixo de minha janela três vezes,

e todas as vezes o cocheiro se virava e olhava para mim. Oh, seu rosto era tão branco e — flácido? Parecia morto — parecia que estava morto há muito tempo”.

Pedi à garota que se sentasse e tomar uma dose de Marsala. Então me sentei ao seu lado e tentei lhe dar alguns conselhos.

“Veja, Tessie”, eu disse, “você vai para o campo por uma semana ou duas e não terá mais sonhos sobre carruagens fúnebres. Você posa o dia todo e quando a noite chega seus nervos estão descontrolados. Você não pode continuar assim. Então, de novo, em vez de ir para a cama quando seu dia de trabalho termina, você corre para piqueniques no Sulzer’s Park ou vai para Eldorado ou Coney Island, e quando você vem para cá na manhã seguinte, está esgotada. Não houve carruagem fúnebre de verdade. Foi um pesadelo causado por indisposição”.

Ela sorriu ligeiramente.

“E o homem no pátio da igreja?”

“Ah, ele é apenas uma criatura comum sem saúde.”

“Tão verdadeiro quanto meu nome é Tessie Reardon, juro ao senhor, sr. Scott, que o rosto do homem no pátio da igreja é o rosto do homem que conduzia a carruagem fúnebre!”

“E daí?”, eu disse. “É uma profissão honesta.”

“Então você acha que eu vi *mesmo* a carruagem fúnebre?”

“Ah”, eu disse, com diplomacia, “se você realmente a viu, não deve ser improvável que aquele homem lá embaixo a tenha conduzido. Nada

de mais nisso”. Tessie levantou-se, desenrolou seu lenço perfumado e, pegando um pedaço de goma de um laço na bainha, colocou-o em sua boca. Então, calçando suas luvas, me ofereceu a mão com um franco “Boa noite, sr. Scott” e foi embora.

II

Na manhã seguinte, Thomas, o carregador, me trouxe o *Herald* e algumas notícias. A igreja ao lado fora vendida. Agradei aos céus

por isso; não que por ser católico eu tivesse qualquer repugnância pela congregação ao lado, mas porque meus nervos estavam abalados por causa de um pregador barulhento, que fazia cada palavra ecoar através da nave da igreja como se estivesse em meus próprios aposentos, e que insistia em seus erres com uma persistência nasal que revoltava todos os meus instintos. Além disso, também havia um demônio em forma humana, um organista que tocava de memória alguns dos grandes hinos antigos com uma interpretação própria, e cobicei o sangue da criatura que podia tocar a doxologia com um aperfeiçoamento de acordes menor que aquele que ouvimos apenas em um quarteto de estudantes principiantes. Creio que o pastor era um bom homem, mas quando ele gritava: “E o Senhorrr disse a Moisés, o Senhorrr é um homem de guerra; o Senhorrr é o seu nome. E a minha ira se acenderá, e eu hei de vos matarr à espada!”, imaginei quantos séculos de purgatório levaria para expiar tal pecado.

“Quem comprou a propriedade?”, perguntei a Thomas.

“Ninguém q’eu cunheço, sinhô. Eles diz que o cavalheiro que é dono desses condormínio tava oiano ela. E talvez ia construí mais estúrdio.”

Fui até a janela. O homem jovem com o rosto doente permanecia perto do portão do pátio da igreja, e à sua mera visão a mesma repugnância esmagadora tomou posse de mim.

“A propósito, Thomas”, eu disse, “quem é aquele sujeito ali embaixo?”.

Thomas fungou. “Quele verme ali, sinhô? É o vigia noturno da igreja, sinhô. Ele me aburrece sentado nos degrau a noite toda e oiano pr’ocê como que xingano. Por mim, eu esmurrava a cara dele, sinhô — descurpa, sinhô—”

“Continue, Thomas.”

“U’a noite, vino pa casa co Harry, o otro carregador ingrês, eu vi ele ali, sentado nos degrau. Tava Molly e Jen co nós, sinhô, as duas copera, e ele encara como que xingano a gente inté q’eu paro e digo: ‘O que ocê tá oiano, sua lesma gorda?’ — descurpa, sinhô, mas é que nem falei, sinhô. Daí ele num fala nada e eu falo: ‘Vem pa fora e eu vô esmurrá essa tua cara de pudim’. Daí eu abro o portão e

entro, mas ele num fala nada, só óia encarano como que xingano. Daí eu bati nele u'a vez, mas eca!, a cabeça dele era dum jeito fria e mole que ocê adoecia só de enconstá."

"O que ele fez depois?", perguntei, curioso.

"Ele? Nada."

"E você, Thomas?"

O jovem sujeito corou com vergonha e sorriu, pouco à vontade.

"Seu Scott, eu num sô covarde, e num sei praquê eu corri. Eu tava no Quinto Rendimento Rear de Lancero Irlandês, sinhô, cornetêro em Tel-el-Kebir⁽¹⁵⁾, e tomei inté tiro perto dos poço."

"Não vai me dizer que fugiu."

"Sim, sinhô; eu fugi."

"Por quê?"

"Isso é o q'eu quero sabê, sinhô. Eu garrei a Molly e corri, e o resto tava co medo que nem eu."

"Mas eles ficaram com medo de quê?"

Thomas se recusou a responder por um momento, mas agora minha curiosidade sobre o repulsivo jovem ali embaixo havia aumentado, e o pressionei. A estadia de três anos na América não só modificara o dialeto cockney de Thomas, mas dera a ele o medo que todo americano tem de se passar por ridículo.

"O sinhô num vai creditá ni mim, seu Scott, né?"

"Sim, eu vou acreditar."

"Vai ri' de mim, sinhô?"

"Bobagem!"

Ele hesitou. "Bom, sinhô, juro por Deus que quano bati nele, ele me garrou os punho, sinhô, e quano eu girei o punho froxo e molenga dele, um dedo dele saiu na minha mão."

A completa repugnância e horror do rosto de Thomas devem ter se refletido no meu, pois ele acrescentou:

"É horríve', sinhô, e agora, quano vejo ele, só vô embora. Ele me dexa co nojo."

Quando Thomas foi embora, fui até a janela. O homem permanecia ao lado das grades da igreja, com ambas as mãos no

portão, mas eu rapidamente me retirei de novo para meu cavalete, enjoado e horrorizado, pois vi que ele não tinha o dedo do meio de sua mão direita.

Às nove horas, Tessie surgiu e desapareceu atrás do biombo com um alegre "Bom dia, sr. Scott". Quando ela reapareceu e fez sua pose em cima do expositor, iniciei uma tela nova, muito para seu deleite. Ela permaneceu em silêncio enquanto eu estava desenhando, mas assim que o raspar do carvão cessou e eu peguei meu fixador, ela começou a falar.

"Ah, me diverti à beça noite passada. Nós fomos ao Tony Pastor's."

"Nós' quem?", perguntei.

"Ah, Maggie, você conhece, a modelo do sr. Whyte, e Pinkie McCormick — nós a chamamos de Pinkie porque ela tem aquele cabelo ruivo lindo que vocês artistas tanto gostam — e Lizzie Burke."

Borrifei um jato de fixativo sobre a tela e disse: "Bem, continue".

"Encontramos Kelly e Baby Barnes, que faz a dança das saias⁽¹⁶⁾ — e todo o resto. Encontrei um flerte."

"E então você voltou pros meus braços, Tessie?"

Ela riu e balançou a cabeça.

"Ele é o irmão de Lizzie Burke, Ed. É um perfeito cavalheiro."

Senti-me obrigado a lhe dar alguns conselhos paternais a respeito de flertes, os quais ela aceitou com um sorriso brilhante.

"Ah, eu posso lidar com um flerte desconhecido", ela disse, examinando sua goma de mascar, "mas Ed é diferente. Lizzie é minha melhor amiga".

Então ela contou como Ed havia voltado da fábrica de meias em Lowell, Massachusetts, para encontrá-las, ela e Lizzie, crescidas, e que rapaz bem-sucedido ele era, e como ele não se importava em esbanjar meio dólar com sorvete e ostras para celebrar sua contratação no departamento de produtos de lã da Macy's como balconista. Antes que ela terminasse, comecei a pintar, e ela retomou a pose, sorrindo e falando como um papagaio. À tarde, eu tinha o estudo razoavelmente bem-traçado, e Tessie veio olhá-lo.

“Está melhor”, ela disse.

Também achei, e comi meu almoço com um sentimento de satisfação de que tudo estava correndo bem. Tessie espalhou seu almoço em uma mesa de desenho em frente a mim e bebemos nosso vinho da mesma garrafa e acendemos nossos cigarros com o mesmo fósforo. Eu era muito ligado a Tessie. Eu a vi se transformar de uma criança frágil e desajeitada em uma mulher esguia mas perfeitamente constituída. Ela posara para mim durante os três últimos anos, e entre todas as minhas modelos, era minha favorita. Teria me preocupado muito, de fato, se ela tivesse se tornado “dura” ou “esperta”, como se diz, mas nunca notei qualquer deterioração de sua conduta, e eu sabia, em meu coração, que ela estava bem. Ela e eu nunca discutimos conduta, de maneira nenhuma, e eu não tinha intenção de fazê-lo, parte por eu mesmo não ter nenhuma e parte porque eu sabia que ela faria o que quisesse, independentemente de mim. Ainda assim, eu esperava que ela seguisse livre de tribulações porque eu desejava seu bem e também porque tinha um desejo egoísta de manter a melhor modelo que já tivera. Eu sabia que flertar, como ela chamava aquilo, não tinha significância para garotas como Tessie, e que tais coisas na América não se assemelhavam, enfim, às mesmas coisas em Paris. Ainda assim, por ter vivido com meus olhos abertos, eu também sabia que alguém levaria Tessie algum dia, de uma forma ou de outra, e embora eu professasse a mim mesmo que casamento era bobagem, eu sinceramente esperava que, neste caso, houvesse um padre no fim da estrada. Sou católico. Quando assisto à missa solene, quando faço o sinal da cruz, sinto que tudo, incluindo eu mesmo, se torna mais alegre, e quando confesso, isso me faz bem. Um homem que vive tão sozinho como eu deve se confessar a alguém. Então, de novo, Sylvia era católica, e isso era razão suficiente para mim. Mas eu estava falando de Tessie, o que é bem diferente. Tessie também era católica e muito mais devota que eu; então, no fim das contas, eu pouco temia por minha bela modelo até que ela se apaixonasse. Mas então eu sabia que apenas o destino decidiria seu futuro por ela, e rezava para que aquele destino a mantivesse longe de homens como eu e colocasse em seu caminho

nada além de Ed Burkes e Jimmy McCormicks, abençoado seja seu doce rosto!

Tessie sentou-se soprando anéis de fumaça para o teto e tilintando o gelo em seu copo.

“Você sabe que eu também tive um sonho noite passada?”, observei.

“Não com aquele homem”, ela riu.

“Exatamente. Um sonho parecido com o seu, só que muito pior.”

Era tolo e irrefletido da minha parte dizer isso, mas vocês sabem o quão pequeno é o tato de um pintor mediano. “Devo ter adormecido por volta das dez horas”, continuei, “e depois de um tempo, sonhei que acordei. Tão claramente eu ouvi as batidas da meia-noite, o vento nos galhos das árvores e os apitos dos navios a vapor na baía que mesmo agora eu mal posso acreditar que não estava acordado. Eu parecia estar deitado em uma caixa que tinha uma tampa de vidro. Vagamente eu vi as lâmpadas nas ruas enquanto eu passava e preciso dizer a você, Tessie, a caixa parecia estar em uma carruagem acolchoada que se chocava contra um pavimento de pedra. Depois de um tempo, fiquei impaciente e tentei me mexer, mas a caixa era estreita demais. Minhas mãos estavam cruzadas sobre meu peito, então não podia elevá-las para me ajudar. Eu escutava e então tentei gritar. Estava sem voz. Eu podia escutar o pisar dos cavalos presos à carruagem e até mesmo a respiração do cocheiro. Então outro som irrompeu pelos meus ouvidos, como o abrir de uma janela guilhotina. Virei minha cabeça um pouco e vi que podia olhar não apenas através da tampa de vidro de minha caixa mas também através dos vidros laterais do veículo coberto. Vi casas vazias e silenciosas, sem luz nem vida em todas elas, exceto uma. Naquela casa, uma janela estava aberta no primeiro andar e uma figura, toda de branco, estava parada olhando para a rua abaixo. Era você.”

Tessie virara seu rosto para longe de mim e se apoiou na mesa com o seu cotovelo.

“Eu podia ver seu rosto”, continuei, “e parecia para mim que estava muito triste. Então continuamos e viramos em uma travessa

estreita e escura. Logo os cavalos pararam. Esperei e esperei, fechando meus olhos com medo e impaciência, mas tudo estava silencioso como uma sepultura. Depois do que me pareceram horas, comecei a me sentir desconfortável. Uma sensação de que alguém estava perto de mim me fez abrir os olhos. Então vi o rosto branco do condutor da carruagem fúnebre olhando para mim pela tampa do caixão—”.

Um soluço de choro vindo de Tessie me interrompeu. Ela estava tremendo como uma vara. Percebi que me comportara como uma mula e tentei reparar o dano.

“O que foi, Tess?”, eu disse, “apenas contei isso a você para mostrar qual é a influência que sua história pode ter nos sonhos de outra pessoa. Você não acha que eu realmente deitei em um caixão, acha? Por que está tremendo? Você não vê que seu sonho e minha aversão insensata por aquele vigia inofensivo da igreja simplesmente colocam meu cérebro para trabalhar assim que adormeço?”.

Ela deitou sua cabeça entre seus braços e soluçou como se seu coração fosse se partir. Que maravilhoso burro triplo eu fizera de mim mesmo! Mas estava prestes a quebrar meu recorde. Eu me aproximei e coloquei o braço ao redor dela.

“Tessie querida, me perdoe”, eu disse; “não tenho razão para assustar você com tal bobagem. Você é uma garota sensível demais, uma católica boa demais para acreditar em sonhos”.

Sua mão apertava a minha e sua cabeça caiu para trás sobre meu ombro, mas ela ainda tremia e eu a aflagava e a confortava.

“Vamos, Tess, abra seus olhos e sorria.”

Seus olhos abriram com um lento movimento lânguido e encontraram os meus, mas sua expressão estava tão estranha que eu me apressei em tranquilizá-la novamente.

“É tudo besteira, Tessie; você com certeza não está com medo que algum mal lhe ocorra por causa disso.”

“Não”, ela disse, mas seus lábios vermelhos tremeram.

“Então, qual o problema? Você está com medo?”

“Sim. Mas não por mim.”

“Por mim, então?”, perguntei de maneira divertida.

“Por você”, ela murmurou em uma voz quase inaudível. “Eu —

eu me preocupo com você.”

Primeiro comecei a rir, mas quando entendi, um choque passou por mim, e me senti como se tivesse me tornado pedra. Essa foi a coroação da idiotice que eu cometera. Durante o momento que transcorreu entre sua réplica e minha resposta, pensei em mil respostas para aquela confissão inocente. Poderia deixar passar com uma risada, poderia fingir ter entendido errado e tranquilizá-la quanto à minha saúde, poderia simplesmente mostrar que era impossível que ela pudesse me amar. Mas minha resposta foi mais rápida que meus pensamentos, e eu deveria ter pensado, e penso agora quando já é tarde demais, pois eu a beijara na boca.

Naquela noite fiz minha caminhada usual pelo Washington Park, ponderando sobre os acontecimentos do dia. Estava completamente comprometido. Não havia volta agora, e encarei o futuro diretamente em seu rosto. Eu não era bom, nem escrupuloso, mas não tive intenção de enganar nem a mim ou Tessie. A única paixão da minha vida jazia enterrada nas florestas ensolaradas da Bretanha. Estava enterrada para sempre? A Esperança gritava “Não!”. Por três anos eu escutara a voz da Esperança, e por três anos eu aguardara por uma pegada em minha soleira. Sylvia esquecera? “Não!”, gritava a Esperança.

Eu disse que não era bom. Isso é verdade, mas, ainda assim, não era exatamente um vilão cômico de ópera. Eu havia levado uma vida calma e despreocupada, aceitando o que convidava ao prazer, lamentando e às vezes me arrependendo amargamente das consequências. Em uma única coisa apenas, além de minha pintura, eu era sério, e isso era algo que jazia oculto, se não perdido, nas floretas bretãs.

Era tarde demais para me arrepender do que ocorrera durante o dia. O que quer que tenha sido, pena, uma sensibilidade repentina por pesar ou o instinto mais brutal de vaidade satisfeita, era tudo o mesmo agora, e a menos que eu desejasse machucar um coração inocente, meu caminho estava traçado diante de mim. O fogo e a força, a profundidade da paixão de um amor do qual eu jamais suspeitara, com toda minha imaginada experiência no mundo, não me deixou alternativa a não ser corresponder ou mandá-la embora.

Se é porque sou tão covarde em causar dor aos outros, se é porque possuo um pouco do puritano melancólico em mim, eu não sei dizer, mas encolhi por ter fugido da responsabilidade por aquele beijo impensado, e na verdade não tive tempo de fazê-lo antes que os portões do seu coração se abrissem e a enchente jorrasse adiante. Outros que habitualmente executam sua obrigação e encontram uma satisfação sombria em fazer a si e aos outros tristes podem ter suportado isso. Eu não. Não me atrevi. Após a tempestade que se abateu, disse que ela deveria ter amado Ed Burke e usado uma aliança simples de ouro, mas ela não ouviu, e pensei que talvez desde que ela decidira amar alguém com quem não pudesse se casar, seria melhor que fosse eu. Eu, pelo menos, poderia tratá-la com uma afeição inteligente, e sempre que ela se tornasse cansada de sua paixão, perceberia que poderia ter sido pior. Pois naquele ponto eu estava decidido, embora soubesse como poderia ser difícil. Lembro-me do término comum das relações platônicas, e pensei em como ficava enojado cada vez que ouvia sobre um. Eu sabia que estava empreendendo um grande negócio para um homem tão inescrupuloso como eu era, e sonhei com o futuro, mas nunca, nem por um momento, duvidei de que ela estivesse segura comigo. Tivesse sido qualquer pessoa e não Tessie, eu não teria me preocupado com escrúpulos. Pois não passou pela minha cabeça sacrificar Tessie como teria sacrificado qualquer mulher do mundo. Olhei o futuro diretamente no rosto e vi vários finais prováveis para o caso. Ou ela se cansaria da coisa toda ou se tornaria tão triste que eu deveria ou casar com ela ou ir embora. Se eu me casasse com ela, seríamos infelizes. Eu com uma esposa incompatível a mim, e ela com um marido incompatível a qualquer mulher. Pois minha vida passada mal poderia me autorizar a casar. Se eu fosse embora, ela poderia cair doente, se recuperar e se casar com algum Eddie Burke, ou poderia imprudentemente ou deliberadamente ir adiante e fazer algo idiota. Por outro lado, se ela se cansasse de mim, então sua vida inteira estaria diante dela com imagens bonitas de Eddie Burke e alianças de casamento e gêmeos e apartamentos no Harlem e os céus sabem mais o quê. Enquanto eu passeava ao longo das árvores do Arco de Washington, decidi que ela deveria encontrar um amigo

substancial em mim, em qualquer circunstância, e o futuro poderia cuidar de si. Então fui para casa e coloquei minha roupa de noite, já que o pequeno bilhete vagamente perfumado em minha cômoda dizia: "Tome uma condução até a porta dos bastidores às onze", e o bilhete estava assinado "Edith Carmichel, Teatro Metropolitano".

Jantei naquela noite, ou melhor, jantamos, a srta. Carmichel e eu, no Solari's, e a aurora estava apenas começando a dourar a cruz na Memorial Church quando entrei na Washington Square depois de deixar Edith em Brunswick. Não havia viva alma no parque enquanto eu passava ao longo das árvores tomando o caminho que leva da estátua de Garibaldi até o condomínio Hamilton, mas quando passei pelo pátio da igreja, vi uma figura sentada nos degraus de pedra. Contra minha vontade, um calafrio me percorreu pela visão do gordo rosto branco, e apertei o passo. Então ele disse alguma coisa que poderia ter sido dirigida a mim ou ter sido apenas um murmúrio para si mesmo, mas uma raiva furiosa e repentina me queimou por dentro por tal criatura ter se dirigido a mim. Por um momento, senti vontade de me virar e estraçalhar sua cabeça com minha bengala, mas continuei andando, e entrando no Hamilton fui para meu apartamento. Por algum tempo, me debati na cama, tentando tirar dos meus ouvidos o som de sua voz, mas não consegui. Preenchia minha cabeça, aquele som murmurante, como uma fumaça oleosa e espessa vinda de um tacho de derreter banha ou um odor fétido de putrefação. E enquanto eu estava deitado inquieto, a voz em meus ouvidos parecia mais distinta, e comecei a entender as palavras que ele havia murmurado. Era isto:

"Você encontrou o Símbolo Amarelo?"

"Você encontrou o Símbolo Amarelo?"

"Você encontrou o Símbolo Amarelo?"

Fiquei furioso. O que ele queria dizer com aquilo? Então, amaldiçoando a ele e sua gente, me virei de lado e dormi, no entanto, quando acordei mais tarde, estava pálido e extenuado, pois tivera o mesmo sonho da noite anterior, e isso me perturbou mais do que eu queria imaginar.

Vesti-me e desci ao meu estúdio. Tessie estava sentada perto

da janela, mas quando entrei, ela levantou-se e colocou ambos os braços ao redor do meu pescoço para um beijo inocente. Ela estava tão adorável e bela que a beijei de novo e me sentei diante do cavalete.

“Ei! Onde está o estudo que comecei ontem?”, perguntei.

Tessie parecia ciente, mas não respondeu. Comecei a caçar entre as pilhas de telas dizendo: “Rápido, Tess, e se apronte; temos que aproveitar a luz da manhã”.

Quando finalmente desisti da busca entre as outras telas e passei a procurar no resto da sala o estudo perdido, notei Tessie parada perto do biombo, ainda com suas roupas.

“Qual o problema?”, perguntei, “não se sente bem?”.

“Sim.”

“Então, se apresse.”

“Você quer que eu pose como — como sempre posei?”

Então entendi. Havia aqui uma nova complicação. Eu perdera, claro, a melhor modelo de nu que eu já tinha visto. Olhei para Tessie. Seu rosto estava vermelho. Maldição! Maldição! Havíamos comido da árvore do conhecimento, e o Éden e a inocência nata eram sonhos do passado — ao menos para ela.

Suponho que ela tenha notado o desapontamento em meu rosto, pois disse: “Posarei, se você quiser. O estudo está atrás dessa tela, onde eu o coloquei”. “Não”, eu disse, “começaremos algo novo”, e fui até meu guarda-roupa e peguei um traje mourisco, que brilhava bastante com lantejoulas. Era um traje autêntico, e Tessie se retirou para o biombo, encantada. Quando ela retornou de novo, fiquei admirado. Seus longos cabelos negros estavam amarrados sobre sua testa com um diadema de turquesas, e as pontas cacheadas caíam sobre seu corpete cintilante. Os pés estavam envolvidos em seus chinelos bordados pontudos, e a saia de seu traje, peculiarmente ornamentada com arabescos em prata, caía até a altura dos tornozelos. O colete de um azul-escuro metálico bordado com prata e a curta jaqueta mourisca com lantejoulas e turquesas deixaram-na maravilhosa. Ela se aproximou de mim e levantou o rosto, sorrindo. Enfiei a mão no bolso e, tirando uma corrente de ouro com uma cruz pendurada, a passei por sobre sua

cabeça.

“É sua, Tessie.”

“Minha?”, ela titubeou.

“Sua. Agora vá e pose”. Então, com um sorriso radiante, ela correu para trás do biombo e logo reapareceu com uma caixinha na qual estava escrito meu nome.

“Eu tinha planejado dar isso a você quando fosse para casa, à noite”, ela disse, “mas não posso esperar”.

Abri a caixa. No algodão cor-de-rosa no interior repousava um broche de ônix negro no qual estava gravado em ouro um símbolo, ou uma letra, curioso. Não era nem árabe nem chinês, e não pertencia a nenhuma escrita humana, como descobri mais tarde.

“É tudo que eu tinha para dar a você como lembrança”, disse ela com timidez. Eu estava contrariado, mas disse a ela o quanto eu o prezava, e prometi usá-lo sempre. Ela o prendeu em meu paletó, abaixo da lapela.

“Que bobagem, Tess, comprar para mim uma coisa tão bonita como esta”, eu disse.

“Não comprei”, ela riu.

“Onde você o conseguiu?”

Então ela me contou como o achara um dia enquanto voltava do aquário no Battery Park, e como ela o anunciara nos jornais, acompanhando-os, mas finalmente desistiu de encontrar o proprietário.

“Isso foi no inverno passado”, ela disse, “no exato dia em que tive o primeiro sonho horrendo sobre a carruagem fúnebre”.

Lembrei-me do meu sonho da noite anterior, mas não disse coisa alguma, e logo meu carvão estava voando sobre uma tela nova e Tessie permanecia imóvel no expositor.

III

O dia seguinte foi um desastre para mim. Enquanto movia uma tela emoldurada de um cavalete a outro, meu pé escorregou no chão polido e caí pesadamente sobre os dois punhos. Eles estavam tão

distendidos que era inútil tentar segurar um pincel; fui obrigado a vagar pelo estúdio, olhando desenhos inacabados e esboços, até o desespero se apoderar de mim, e sentei para fumar e girar meus polegares com raiva. A chuva golpeava a janela e chiava no telhado da igreja, me conduzindo para um acesso nervoso com seu interminável barulho. Tessie sentou-se perto da janela para costurar, e ocasionalmente levantava sua cabeça e olhava para mim com uma compaixão tão inocente que comecei a me sentir envergonhado por minha irritação e procurei algo com que me ocupar. Eu havia lido todos os jornais e livros na biblioteca, mas em prol de algo a se fazer, fui até os armários e os abri com o cotovelo. Conhecia cada volume por sua cor e examinei todos eles, passando vagarosamente ao redor da biblioteca e assobiando para manter meu humor. Estava me virando para ir até a sala de jantar quando meu olhar caiu sobre um livro encadernado com couro de cobra, que estava em um canto da prateleira superior, na última estante. Não me lembrava dele, e do chão não conseguia decifrar as letras pálidas na lombada, então fui à sala de fumo e chamei Tessie. Ela veio do estúdio e subiu para alcançar o livro.

“O que é isso?”, perguntei.

O Rei de Amarelo

Fiquei pasmo. Quem o colocara ali? Como isso veio parar em meus aposentos? Há muito tempo eu decidira que jamais abriria aquele livro, e nada no mundo poderia ter me persuadido a comprá-lo. Temeroso de que a curiosidade pudesse me tentar a abri-lo, eu jamais sequer olhara para ele em livrarias. Se eu tivesse tido qualquer curiosidade para lê-lo, a horrível tragédia do jovem Castaigne, que eu conhecia, me impediu de explorar suas páginas perversas. Sempre me recusei a ouvir qualquer descrição dele e, de fato, ninguém jamais se aventurou a discutir a segunda parte em voz alta, então eu não tinha absolutamente qualquer conhecimento sobre o que aquelas páginas poderiam revelar. Encarei a encadernação mosqueada como faria com uma cobra.

“Não toque nisso, Tessie”, eu disse; “desça”.

É claro que minha repreensão foi suficiente para aumentar sua

curiosidade, e antes que eu pudesse evitar, ela pegou o livro e, rindo, dançou para fora do estúdio com ele. Eu a chamei, mas ela fugiu com um sorriso torturante para minhas mãos impotentes, e a segui com certa impaciência.

“Tessie!”, gritei, entrando na biblioteca, “escute, estou falando sério. Largue esse livro. Não quero que você o abra!”. A biblioteca estava vazia. Fui até as duas salas de visita, então aos quartos, lavanderia, cozinha e finalmente voltei à biblioteca e comecei uma busca sistemática. Ela se escondera tão bem que só meia hora depois a encontrei, agachada, pálida e em silêncio, perto da janela com treliça na despensa acima. Ao primeiro olhar, vi que ela fora punida por sua tolice. *O Rei de Amarelo* estava a seus pés, mas o livro estava aberto na segunda parte. Olhei para Tessie e vi que era tarde demais. Ela abrira *O Rei de Amarelo*. Então a tomei pela mão e a levei para o estúdio. Ela parecia atordoada, e quando disse a ela para se deitar no sofá, ela obedeceu sem uma palavra. Depois de um tempo, fechou os olhos e sua respiração tornou-se regular e profunda, mas eu não conseguia dizer se ela havia dormido ou não. Por um longo tempo eu fiquei sentado silenciosamente a seu lado, mas ela nem se mexeu nem falou, e finalmente me levantei, e, entrando na despensa desocupada, peguei o livro em minha mão menos machucada. Parecia pesado como chumbo, mas o levei para o estúdio de novo e, me sentando no tapete ao lado do sofá, o abri e li do começo ao fim.

Quando, fraco devido ao excesso de minhas emoções, derrubei o volume e me recostei exausto no sofá, Tessie abriu seus olhos e olhou para minha pessoa...

Estivéramos conversando por algum tempo de uma maneira monótona e enfadonha antes que eu percebesse que estávamos discutindo *O Rei de Amarelo*. Ah, o pecado de escrever tais palavras, — palavras claras como cristal, límpidas e musicais como fontes borbulhantes, palavras que cintilam e brilham como os diamantes envenenados dos Médici! Ah, a maldade, a condenação desesperada de uma alma capaz de fascinar e paralisar criaturas humanas com tais palavras — palavras entendidas pelo ignorante e pelo sábio da

mesma maneira, palavras mais preciosas que joias, mais calmantes que música, mais terríveis que a morte!

Continuamos a conversar, desatentos às sombras que se reuniam, e ela me implorava para que eu jogasse fora o broche de ônix negro singularmente incrustado com o que agora sabemos ser o Símbolo Amarelo. Jamais saberei por que recusei fazê-lo, embora até mesmo agora, aqui em meu quarto enquanto escrevo esta confissão, deveria estar feliz por saber *o que* era que me impedia de arrancar o Símbolo Amarelo de meu peito e arremessá-lo ao fogo. Tenho certeza de que eu gostaria de ter feito isso, e mesmo assim Tessie implorou para mim em vão. A noite caiu e as horas se arrastaram, mas ainda murmurávamos um para o outro sobre o Rei e a Máscara Pálida, e a meia-noite soou dos pináculos obscuros na cidade envolta em nevoeiro. Falamos sobre Hastur e Cassilda, enquanto lá fora o nevoeiro deslizava contra as vidraças pálidas como as ondas de nuvens deslizam e quebram nas costas de Hali.

A casa estava muito silenciosa agora, e nem um único som vinha das ruas nevoentas. Tessie estava deitada entre as almofadas, seu rosto era um borrão cinza na escuridão, mas suas mãos estavam apertadas nas minhas, e eu sabia que ela sabia e lera meus pensamentos como eu li os dela, pois entendêramos o mistério das Híades, e o Fantasma da Verdade estava exposto. Então, enquanto respondíamos um ao outro, rapidamente, silenciosamente, de pensamento em pensamento, as sombras se moveram na obscuridade à nossa volta, e longe, nas ruas distantes, ouvimos um som. Mais e mais ele se aproximava, o som baço e triturante de rodas, mais e mais perto ainda, e agora, lá fora, diante da porta, ele cessou, e arrastei-me até a janela e vi uma carruagem fúnebre com plumas negras. O portão abaixo se abriu e fechou, e arrastei-me tremendo até a porta e a tranquei, mas eu sabia que ferrolhos, nenhuma fechadura, poderiam manter lá fora aquela criatura que vinha pelo Símbolo Amarelo.

E agora o ouvi se movendo muito suavemente no corredor. Agora ele estava à porta, e os ferrolhos apodreceram ao seu toque. Agora ele havia entrado. Com meus próprios olhos perscrutei a escuridão, mas quando ele entrou no quarto, não o vi. Foi só quando

o senti me envolvendo com seu aperto macio e gelado que gritei e lutei com fúria mortal, mas minhas mãos eram inúteis e ele arrancou o broche de ônix de meu casaco e me golpeou em cheio no rosto.

Então, enquanto caía, ouvi o grito suave de Tessie e seu espírito abandonar seu corpo: e mesmo enquanto eu caía, desejei segui-la, pois sabia que *O Rei de Amarelo* abria seu manto esfarrapado e agora havia apenas Deus a quem implorar.

Eu poderia contar mais, mas não consigo enxergar qual ajuda isso traria ao mundo. Quanto a mim, sou salvação ou esperança passadas para a humanidade. Enquanto estou aqui, escrevendo, indiferente mesmo ao fato de morrer ou não antes de terminar, posso ver o médico reunindo seus pós e frascos com um gesto vago para o bom padre ao meu lado, o que compreendi.

Eles ficarão muito curiosos para conhecer a tragédia — eles, do mundo exterior, que escrevem livros e imprimem milhões de jornais; mas não escreverei mais, e o padre confessor selará minhas últimas palavras com o selo da santidade quando seu santo sacramento estiver terminado.

Eles, do mundo exterior, podem enviar suas criaturas até lares arruinados e forjados pelo fogo da morte, e seus jornais se alimentarão com sangue e lágrimas, mas comigo seus espíões devem se prostrar diante do confessor.

Eles sabem que Tessie está morta e que eu estou morrendo.

Eles sabem como as pessoas na casa, despertadas por um grito infernal, correram para meu quarto e encontraram um vivo e dois mortos, mas eles não sabem o que contarei a eles agora; eles não sabem o que o médico disse enquanto apontava para um horrível amontoado em decomposição no chão — o cadáver pálido do vigia da igreja: “Não tenho teoria, nenhuma explicação. Esse homem deve estar morto há meses!”.

Acho que estou morrendo. Gostaria que o padre—

A Demoiselle d'Yz

À Demoiselle d'Ys

*“Mais je croy que je
Suis descendu on puiz
Ténébreux onquel disoit
Heraclytus estre Vereté cachée.”*[\(17\)](#)

“Há três coisas que me são admiráveis demais, quatro que não entendo: o caminho de uma águia no ar; o caminho de uma serpente sobre uma rocha; o caminho de um navio no mar; e o caminho de um homem com uma donzela.”[\(18\)](#)

I

À total desolação do cenário começou a fazer efeito; sentei-me para encarar a situação e, se possível, evocar à mente algum ponto de referência que pudesse me ajudar a me livrar de minha posição no momento. Se eu simplesmente pudesse encontrar o oceano de novo tudo ficaria claro, pois sabia que se podia enxergar a ilha de Groix dos despenhadeiros.

Abaixei minha arma e, me ajoelhando ao lado de uma rocha, acendi um cachimbo. Então olhei meu relógio. Eram quase quatro horas. Eu devo ter vagado para longe de Kerselec desde a alvorada.

Ficando o dia anterior nos despenhadeiros abaixo de Kerselec com Goulven, olhando do alto os pântanos sombrios entre os quais eu perdera meu caminho, estas depressões pareceram para mim como uma campina estendendo-se no horizonte, e embora eu soubesse como a distância pode enganar, não percebi que o que de Kerselec pareciam meras depressões cobertas de grama eram grandes vales cobertos com arbustos de espinhos e urze, e o que pareciam ser seixos espalhados, eram, na verdade, enormes

despenhadeiros de granito.

“É um lugar ruim para um forasteiro”, o velho Goulven havia dito: “é melhor você levar um guia”; e eu respondera: “Não vou me perder”. Enquanto descansava fumando, com o vento marítimo soprando em meu rosto, agora sabia que me perdera. Em cada lado se estendia a charneca, coberta com tojo florido, pastagem e matacões de granito. Não havia uma árvore à vista, muito menos uma casa. Depois de um tempo, peguei a arma e, dando as costas ao sol, voltei a caminhar.

Havia pouca utilidade em seguir os córregos agitados que ocasionalmente cruzavam meu caminho, pois em vez deles correrem para o mar, corriam para o interior, para lagos cheios de juncos nos charcos. Eu seguira vários, mas todos eles me levaram para pântanos ou pequenas lagoas silenciosas, das quais narcejas surgiam piando e fugiam, voando em círculos, em um êxtase de medo. Comecei a me sentir cansado e, apesar da proteção reforçada, a arma esfolava meu ombro. O sol declinava mais e mais, brilhando uniforme ao nível dos tojos amarelos e das lagoas da charneca.

Enquanto eu caminhava, minha própria sombra gigantesca me guiava, parecendo se alongar a cada passo. Os tojos se batiam contra minhas pernas, se partiam debaixo dos meus pés, cobrindo a terra marrom com botões, e as samambaias se curvavam e ondulavam ao longo com minha passagem. Das moitas de coelhos do charco, fugidos apressados através das samambaias, e entre a grama do pântano, eu ouvia a grasnada sonolenta dos patos selvagens. Uma vez, uma raposa cruzou meu caminho, e de novo, quando parei para beber em um riacho apressado, uma garça sacudiu as asas pesadamente nos juncos ao meu lado. Virei-me para olhar para o sol. Parecia tocar as bordas da planície. Quando finalmente decidi que era inútil prosseguir e que deveria me decidir em passar pelo menos uma noite nos pântanos, me joguei ao chão, completamente estafado. A luz do sol da tarde caiu quente sobre meu corpo, mas os ventos marítimos começaram a aumentar e senti um arrepião passar através de mim, vindo de minhas botas de caça. Gaiotas no alto rodopiavam e se agitavam como pedaços de papel

branco; em algum pântano distante, o maçarico solitário piava. Pouco a pouco o sol desceu sobre a planície, e o zênite resplandeceu com o arrebol. Assisti ao céu mudar de dourado-claro para rosa e então para fogo ardente. Nuvens de mosquitos dançavam sobre mim, e nas alturas do ar calmo um morcego mergulhou e rapidamente se elevou. Minhas pálpebras começaram a pesar. Então, enquanto eu espantava a sonolência, um estalar repentino entre as samambaias me despertou. Levantei meus olhos. Um grande pássaro projetou-se acima do meu rosto, batendo as asas. Por um instante eu olhei fixamente, incapaz de me mover; então algo saltou em minha frente, nas samambaias, e o pássaro levantou voo, rodopiou e mergulhou de cabeça entre as samambaias.

Fiquei de pé em um instante, espiando através dos tojos. De um arbusto de urzes ali perto veio o som de uma luta, e então tudo ficou quieto. Dei um passo à frente, minha arma preparada, mas quando fui para as urzes, a arma tombou para debaixo de meu braço de novo e permaneci imóvel em assombroso silencioso. Uma lebre morta estava caída ao chão, e sobre ela um magnífico falcão, uma garra enterrada no pescoço da criatura, a outra em seu flanco sem vida. Mas o que me assombrou não foi a simples visão de um falcão sobre sua presa. Eu já vira isso mais de uma vez. Era que o falcão estava equipado com uma espécie de correia ao redor de ambas as garras, e da correia pendia um pedaço redondo de metal, como um guizo. O pássaro voltou para mim seus olhos amarelos selvagens, e então se inclinou para a frente e afundou seu bico curvado na presa. No mesmo instante, passos apressados soaram entre as urzes e uma garota saltou de um esconderijo à frente. Sem olhar para mim, ela caminhou até o falcão, e passando sua mão enluvada sobre o peito dele, o levantou, afastando-o da presa. Então escorregou com destreza um capuz sobre a cabeça do pássaro e, segurando-o no punho da luva, inclinou-se e pegou a lebre.

Ela passou um cordão ao redor das pernas do animal e amarrou a extremidade da correia em seu cinto. Então voltou pelo mesmo caminho através do esconderijo. Quando passou por mim, levantei minha boina e ela notou minha presença respondendo com

uma reverência quase imperceptível. Eu ficara tão estupefato, tão perdido em admiração pela cena diante de meus olhos, que não me ocorrera que ali estava minha salvação. Mas enquanto ela se afastava, me lembrei de que, a menos que eu quisesse dormir aquela noite em um pântano e ao relento sob o vento, seria melhor recuperar a fala sem demora. À minha primeira palavra ela hesitou, e quando parei diante dela, achei que um olhar de medo surgiu em seus belos olhos. Mas como humildemente expliquei meus apuros desagradáveis, sua face corou e ela olhou para mim surpresa.

“Você não pode ter vindo de Kerselec!”, ela repetiu.

Sua voz doce não possuía traço do sotaque bretão nem de nenhum sotaque que eu conhecesse, e, ainda assim, havia algo nela que parecia ter ouvido antes, algo singular e indefinível, como a melodia de uma antiga canção.

Expliquei que era um americano que desconhecia o Finistère, caçando ali para minha própria diversão.

“Um americano”, ela repetiu, nos mesmos tons singulares. “Nunca vi um americano antes.”

Por um instante ela permaneceu em silêncio, e então, olhando para mim, disse: “Se você caminhasse a noite inteira poderia não chegar a Kerselec, mesmo se tivesse um guia”.

Aquelas eram notícias agradáveis.

“Mas”, eu comecei, “se eu apenas pudesse encontrar uma cabana de camponês onde arranjasse algo para comer e abrigo”.

O falcão em seu punho bateu as asas e balançou a cabeça. A garota alisou suas costas lustrosas e olhou para mim.

“Olhe ao redor”, ela disse gentilmente. “Consegue ver o fim desses pântanos? Olhe, norte, sul, leste, oeste. Você consegue ver algo além de pântano e samambaia?”.

“Não”, eu disse.

“O pântano é selvagem e desolado. É fácil entrar, mas às vezes os que entram nunca saem. Não há cabanas de camponeses aqui.”

“Bem”, eu disse, “se a senhorita me disser em que direção fica Kerselec, amanhã não levarei mais tempo para ir do que levei para

vir.”

Ela me olhou de novo com uma expressão quase de pena.

“Ah”, ela disse, “vir é fácil e leva horas; ir é diferente — e pode levar séculos.”

Fitei-a espantado, mas decidi que a entendera errado. Então, antes que eu tivesse tempo de falar, ela puxou um apito de seu cinto e o soou.

“Sente-se e descanse”, ela me disse; “você veio de longe e está cansado”.

Ela segurou sua saia plissada e, gesticulando para que a seguisse, escolheu seu caminho gracioso, por meio do tojo, para uma rocha plana entre as samambaias.

“Eles estarão aqui sem demora”, ela disse, e sentando-se em uma das extremidades da pedra, me convidou a sentar na outra extremidade. O arrebol estava começando a desaparecer no céu e uma única estrela cintilou fracamente através da neblina rosa. Um longo triângulo oscilante de aves aquáticas rumou para o sul sobre nossas cabeças, e dos pântanos ao redor os maçaricos piavam.

“Eles são muito bonitos — esses pântanos”, ela disse calmamente.

“Bonitos, mas cruéis com estranhos”, respondi.

“Bonitos e cruéis”, ela repetiu, em devaneios, “bonitos e cruéis”.

“Como uma mulher”, eu disse de modo estúpido.

“Ah”, ela exclamou, recuperando um pouco o fôlego, e olhou para mim. Seus olhos escuros encontraram os meus, e achei que ela parecia furiosa ou assustada.

“Como uma mulher”, ela repetiu sussurrando, “que coisa cruel de se dizer!”. Então, depois de uma pausa, como se falasse em voz alta consigo mesma, “Que coisa cruel ele dizer isso!”.

Não sei qual tipo de desculpa eu ofereci por minhas vazias embora inofensivas palavras, mas sei que ela parecia tão perturbada quanto a isso que comecei a pensar que eu havia dito algo muito terrível sem saber, e recordei com horror as ciladas que a língua francesa arma para estrangeiros. Enquanto eu tentava imaginar o que poderia ter dito, uma vociferação veio através do pântano, e a

garota ficou de pé.

“Não”, ela disse, com um traço de sorriso em seu rosto pálido, “não aceitarei suas desculpas, monsieur, mas devo provar que está errado, e essa será minha vingança. Olhe. Aí vêm Hastur e Raoul”.

Dois homens surgiram no crepúsculo. Um tinha um saco sobre seus ombros e o outro carregava uma argola diante de si como um garçom carrega uma bandeja. A argola estava amarrada com correias a seus ombros, e ao redor de sua borda repousavam três falcões equipados com sinos tilintantes. A garota se aproximou do falcoeiro, e com um giro de seu punho transferiu seu falcão à argola, onde ele rapidamente se esgueirou e se aninhou entre seus companheiros, que mexeram suas cabeças encapuzadas e agitaram suas penas até as correias de couro com sinos tilintarem novamente. O outro homem deu um passo à frente e, inclinando-se respeitosamente, pegou a lebre e a colocou no saco de caça.

“Estes são meus *piqueurs*”, disse a garota, voltando-se a mim com uma amável dignidade. “Raoul é um bom falcoeiro, e algum dia eu farei dele um *grand veneur*. Hastur é incomparável.”

Os dois homens calados me saudaram com respeito.

“Eu não disse a você, monsieur, que eu provaria que está errado?”, ela continuou. “Esta, então, é minha vingança: que o senhor me faça a cortesia de aceitar comida e abrigo em minha própria casa.”

Antes que eu pudesse responder, ela falou com os falcoeiros, que partiram no mesmo instante através do urzal, e com um gesto gracioso dirigido a mim, ela os seguiu.

Não sei se a fiz entender como profundamente grato eu me sentia, embora ela parecesse satisfeita em ouvir, enquanto andávamos sobre o urzal úmido. “O senhor não está muito cansado?” Eu esquecera completamente minha fadiga em sua presença, e disse isso a ela. “O senhor não acha que seu galanteio é um pouco antiquado?”, ela disse; e quando olhei confuso e envergonhado, ela acrescentou calmamente: “Ah, gosto disso, gosto de tudo que é antiquado, e é delicioso ouvi-lo dizer coisas bonitas assim.” O pântano ao nosso redor estava muito quieto naquele

momento, sob sua superfície fantasmagórica de neblina. Os maçaricos haviam cessado seus pios; os grilos e todas as pequenas criaturas dos campos estavam silenciosos à medida que passávamos, e, ainda assim, para mim era como se eu pudesse escutá-los ao longe, atrás de nós, começando de novo. Bem à frente, os dois altos falcoeiros avançavam através das urzes, e o tilintar suave dos sinos dos falcões chegavam a nossos ouvidos em distantes toques murmurantes. De repente, um esplêndido cão de caça saiu correndo da neblina à nossa frente, seguido por outro e por outro, até que meia dúzia ou mais estavam saltando ao redor da garota ao meu lado. Ela os acariciou e os acalmou com sua mão enluvada, falando com eles com palavras estranhas, que me recordei de ter visto em velhos manuscritos franceses. Então os falcões na argola carregada pelo falcoeiro começaram a bater suas asas e piar, e, de algum lugar fora da vista, as notas de uma corneta de caça flutuaram através do pântano. Os cães saltaram diante de nós e sumiram no crepúsculo, os falcões se agitaram e piaram de maneira estridente em seu poleiro, e a garota, seguindo a canção da corneta, começou a cantarolar. Clara e suave, sua voz soou no ar da noite.

*"Chasseur, chasseur, chassez encore,
Quittez Rosette et Jeanneton,
Tonton, tonton, tontaine, tonton,
Ou, pour, rabattre, dès l'aurore,
Que les Amours soient de planton, Tonton, tontaine,
tonton."* [\(19\)](#)

Enquanto ouvia sua voz adorável, uma massa cinza que rapidamente se tornou mais distinta surgiu à nossa frente, e a corneta soou alegremente através do tumulto dos cães e falcões. Uma tocha brilhou em um portão, uma luz jorrou por uma porta aberta, e nós pisamos em uma ponte de madeira que tremeu sob nossos pés e avançou rangendo e balançando atrás de nós enquanto passávamos sobre o fosso até um pequeno pátio de pedra, murado em ambos os lados. De uma pequena entrada aberta veio um homem que, inclinando-se em saudação, ofereceu um cálice à

garota ao meu lado. Ela pegou o cálice e o tocou com seus lábios; então, abaixando-o, se voltou a mim e disse em uma voz baixa. “Eu proclamo que você é bem-vindo”.

Naquele momento, um dos falcoeiros chegou com outro cálice, mas antes de entregá-lo a mim, apresentou-o à garota, que o provou. O falcoeiro fez um gesto para recebê-lo de volta, mas ela hesitou por um instante e então, dando um passo à frente, me ofereceu o cálice com suas próprias mãos. Achei ser isso um ato de gentileza extraordinária, mas mal sabia o que era esperado de mim e não o levei a meus lábios de uma vez. A garota corou. Percebi que deveria agir rapidamente.

“Mademoiselle”, eu titubeei, “um estranho que você salvou de perigos que ele talvez nunca imagine esvazia este cálice para a anfitriã mais gentil e adorável da França”.

“Em Seu nome”, ela murmurou, fazendo o sinal da cruz enquanto eu esvaziava o cálice. Então, pisando na entrada, ela se virou para mim com um belo gesto e, colocando minha mão nas suas, me guiou para dentro da casa, dizendo de novo e de novo: “Você é muito bem-vindo, realmente você é bem-vindo ao Château d’Ys”.

II

Acordei na manhã seguinte com a música da corneta em meus ouvidos e, pulando da cama antiga, fui até uma janela cortinada onde a luz do sol se filtrava através das vidraças encovadas. A corneta cessou enquanto eu olhava o pátio abaixo.

Um homem, que deveria ser irmão dos dois falcoeiros da noite anterior, estava no meio de um grupo de cães. Uma corneta curvada estava amarrada sobre suas costas, e em sua mão ele segurava um chicote longo. Os cães ganiem e uivavam, dançando ao seu redor em expectativa; havia também no pátio murado o estrepitar dos cavalos.

“Montar!”, gritou uma voz em bretão, e, com uma algazarra de cascos, os dois falcoeiros, com falcões em seus punhos, percorreram

o pátio, entre os cães. Então escutei outra voz que bombeou sangue palpitante ao meu coração: “Piriou Louis, use bem os cães e não poupe espora nem chicote. Você, Raoul, e você, Gaston, cuidem para que o epervier não se comporte como *niais*, e se for melhor em sua opinião, *faites courtoisie à l’oiseau*. *Jardiner un oiseau*, como o mué no punho de Hastur, não é difícil, mas você, Raoul, pode não achar tão simples dominar aquele *hagard*. Duas vezes semana na passada ele ficou irritado *au vif* e perdeu o *beccade*, embora ele esteja acostumado com o leurre. O pássaro age como um estúpido *branchier*. *Paître un hagard n’est pas si facile*”.

Eu estava sonhando? A linguagem antiga dos falcoeiros que eu lera em manuscritos amarelados — o esquecido e arcaico francês da Idade Média estava soando em meus ouvidos enquanto os cães latiam e os sinos dos falcões tilintavam em acompanhamento ao estrepitar dos cavalos. Ela falou de novo na doce linguagem esquecida:

“Se você preferir, amarre a longe e deixe o seu *hagard au bloc*, Raoul, não falarei nada; pois foi uma pena arruinar um dia tão propício para a caça com um sors tão malpreparado. Essimer abaisser — é, possivelmente, a melhor maneira. *Ça lui donnera des reins*. Eu fui, talvez, muito apressada com o pássaro. Leva tempo para passar *à la filière* e os exercícios *d’escap*”.

Então, o falcoeiro Raoul fez uma reverência com seus estribos e respondeu: “Se for o desejo da mademoiselle, posso ficar com o falcão”.

“É meu desejo”, ela respondeu. “Conheço falcoaria, mas você ainda deve me dar várias lições em *Autourserie*, meu pobre Raoul. *Sieur Piriou Louis, montar!*”.

O caçador saltou para a entrada em arco e em um instante retornou, montado em um forte cavalo negro, seguido por um piqueiro, também montado.

“Ah!”, ela gritou alegremente, “apresse-se, Glemarec René! Apresse-se! Apressem-se todos! Soe sua corneta, *sieur Piriou!*”

A música argêntea da corneta de caça preencheu o pátio, os cães saltaram através do portal e, correndo estrondosamente, lançaram-se para fora do pátio pavimentado; o som, alto na ponte

levadiça, foi repentinamente abafado, e então se perdeu entre a urze e as samambaias dos pântanos. Mais e mais distante soava a corneta, até se tornar tão fraca que o repentino canto de uma exuberante cotovia a abafou em meus ouvidos. Ouvi a voz abaixo respondendo a um chamado de dentro da casa.

“Não vou sentir falta dessa caçada, irei em outro momento. É uma cortesia ao estranho, Pelagie, lembre-se!”

E uma voz fraca veio tremulando de dentro da casa: “*Courtoisie*”.

Eu me despi e me lavei da cabeça aos pés na enorme bacia de barro com água gelada que estava sobre o chão de pedra aos pés de minha cama. Então procurei por minhas roupas. Elas haviam sumido, mas em um banco perto da porta estava uma pilha de peças de vestuário que inspecionei assombrado. Como minhas roupas haviam desaparecido, fui obrigado a me vestir com o traje que evidentemente fora colocado ali para eu vestir enquanto minhas roupas secavam. Tudo estava ali: boina, sapatos e um rústico gibão de caça cinza argênteo; mas o traje apertado e os sapatos sem costura pertenciam a outro século, e me lembrei dos trajes estranhos dos três falcoeiros no pátio. Tinha certeza de que não era a vestimenta moderna de nenhuma parte da França ou da Bretanha; mas não foi até me vestir e ficar em frente a um espelho entre as janelas que percebi que estava vestido muito mais como um jovem caçador da Idade Média do que como um bretão de hoje. Hesitei e peguei a boina. Deveria descer e me apresentar naquelas estranhas vestimentas? Parecia não haver solução para isso, minhas roupas haviam desaparecido e não havia sino no antigo aposento para chamar um criado; então me contentei em remover uma pequena pena de falcão da boina, e, abrindo a porta, desci as escadas.

Perto da lareira, na grande sala ao pé da escada, uma velha mulher bretã sentada girava uma roca. Ela olhou para mim quando apareci, e, sorrindo abertamente, me desejou saúde na língua bretã, ao que respondi em francês, sorrindo. No mesmo instante, minha anfitriã apareceu e retribuiu minha saudação com uma beleza e dignidade que enviaram uma vibração ao meu coração. Sua cabeça

adorável com seus cabelos escuros enrolados estava coroada com um toucado que, sem dúvida, mostrava ser da mesma época que meu próprio traje. Sua figura delgada estava primorosamente ornamentada no gibão de caça caseiro ornado com prata, e no punho de sua luva ela portava um dos seus falcões de estimação. Com perfeita simplicidade, ela pegou minha mão e me levou para o jardim no pátio, e sentando-se diante de uma mesa, me convidou muito docemente para me sentar a seu lado. Então me perguntou em seu suave sotaque singular como eu passara a noite e se eu estava muito desconfortável por vestir as roupas que a velha Pelagie colocara lá para mim enquanto eu dormia. Olhei para minhas roupas e sapatos secando ao sol, próximos à parede do jardim, e as odiei. Que horror elas eram em comparação ao traje gracioso que agora eu vestia! Falei isso a ela rindo, mas ela concordou comigo muito séria.

“Nós as jogaremos fora”, ela disse em uma voz calma. Em meu espanto, tentei explicar que não poderia pensar em aceitar roupas de alguém, embora, por tudo que eu soubesse, isso poderia ser o costume de hospitalidade naquela parte do país, mas eu seria uma figura inaceitável se retornasse à França vestido como estava vestido agora.

Ela riu e sacudiu sua linda cabeça, dizendo algo no velho francês que eu não entendia, e então Pelagie se apressou com uma bandeja onde estavam duas tigelas de leite, um filão de pão branco, frutas, uma travessa de favos de mel e uma jarra de um encorpado vinho tinto. “Veja o senhor, eu não quebrei meu jejum ainda porque desejei que comesse comigo. Mas estou muito faminta”, ela sorriu.

“Prefiro morrer a esquecer uma palavra do que você disse!”, falei sem pensar, enquanto minhas bochechas queimavam. “Ela achará que sou louco”, acrescentei a mim mesmo, mas ela se voltou a mim com olhos brilhantes.

“Ah!”, ela murmurou. “Então o monsieur entende tudo de cavalheirismo—”

Ela fez o sinal da cruz e compartilhou o alimento. Sentei-me e observei suas mãos brancas, não me atrevendo a elevar meus olhos aos dela.

“O senhor não vai comer?”, ela perguntou. “Por que parece tão

preocupado?”

Ah, por quê? Agora eu sabia. Sabia que daria minha vida para tocar com meus lábios aquelas palmas rosadas — eu entendia, agora, que desde o momento em que olhei para aqueles olhos escuros, ali, no pântano, na noite passada, eu a amava. Minha grande e repentina paixão me deixou mudo.

“O senhor está desconfortável?”, ela perguntou de novo.

Então, como um homem que decreta a própria condenação, respondi em uma voz baixa: “Sim, estou desconfortável por amar você”. E como ela não se moveu nem respondeu, o mesmo poder moveu meus lábios contra minha vontade e eu disse: “Eu, que não sou digno do mais vago dos seus pensamentos, eu, que abuso da hospitalidade e retribuo sua cortesia com presunção impertinente, eu amo você”.

Ela apoiou a cabeça com as mãos e respondeu suavemente: “Eu amo você. Suas palavras são muito queridas para mim. Eu amo você”.

“Então vou conquistá-la.”

“Conquiste-me”, ela respondeu.

Mas o tempo todo eu me sentara em silêncio, meu rosto voltado em direção ao dela. Ela, também em silêncio, seu rosto doce descansando sobre sua palma voltada para cima, repousava olhando para mim, e à medida que seus olhos olhavam para os meus, eu soube que nem ela nem eu faláramos de forma humana; mas eu sabia que sua alma respondera à minha, e me endireitei sentindo um jovem e alegre amor fluindo através de cada veia. Ela, com uma cor brilhante em seu rosto adorável, parecia como saída de um sonho, e seus olhos buscaram os meus com um olhar questionador que me fez tremer com deleite. Quebramos nosso jejum falando de nós mesmos. Disse a ela meu nome e ela me disse o dela, a demoiselle Jeanne d’Ys.

Ela falou da morte de seu pai e sua mãe, e como dezenove de seus anos ela passara na pequena fazenda fortificada, sozinha, com sua governanta Pelagie, Glemarec René, o *piqueur*, e os quatro falcoeiros, Raoul, Gaston, Hastur e o sieur Piriou Louis, que servira seu pai. Ela nunca estivera fora do pântano — nunca vira uma alma

humana antes, exceto os falcoeiros e Pelagie. Ela não sabia como ouvira sobre Kerselec; talvez os falcoeiros tivessem falado de lá. Ela conhecia as lendas de Loup Garou e Jeanne la Flamme, contadas por sua governanta Pelagie. Ela bordou e teceu linho. Seus falcões e cães eram sua única distração. Quando ela me encontrou no pântano, estava tão apavorada que quase caiu ao som de minha voz. Ela vira dos penhascos, é verdade, navios ao mar, mas tão longe quanto o olhar pudesse alcançar, os pântanos em que ela galopava eram destituídos de qualquer sinal de vida humana. Havia uma lenda que a velha Pelagie contou, sobre como alguém, uma vez perdido nos pântanos inexplorados, talvez nunca retorne, pois os pântanos eram encantados. Ela não sabia se era verdade, e nunca pensara sobre isso até me encontrar. Ela não sabia se os falcoeiros já tinham escapado de lá ou se conseguiriam, se quisessem. Os livros na casa, com os quais Pelagie, a governanta, lhe ensinara a ler, tinham centenas de anos.

Tudo isso ela me disse com uma doce seriedade raramente vista em alguém, exceto em crianças. Meu próprio nome ela achou fácil de pronunciar, e insistiu, uma vez que meu primeiro nome era Philip, que eu deveria ter sangue francês. Ela não pareceu curiosa para aprender nada sobre o mundo lá fora, e pensei que talvez ela considerasse ter perdido seu interesse e respeito sobre as histórias de sua governanta.

Estávamos ainda sentados à mesa, e ela jogava uvas aos pequenos pássaros do campo que vinham sem medo até nossos pés. Comecei a falar de maneira vaga em partir, mas ela não ouviu, e antes que eu percebesse, eu prometera ficar uma semana e caçar com os falcões e cães em sua companhia. Também obtive permissão para vir de novo de Kerselec e visitá-la depois de minha volta.

“Por que”, ela disse com inocência, “não sei o que faria se você não voltasse nunca mais?”; e eu, sabendo que não tinha direito de despertá-la com o choque repentino que a confissão de meu próprio amor poderia trazer a ela, sentei-me em silêncio, mal me atrevendo a respirar.

“Você virá com frequência?”, ela perguntou.

“Muito frequentemente”, eu disse.

“Todo dia?”

“Todo dia.”

“Oh”, ela suspirou, “estou muito feliz. Venha e veja meus falcões”.

Ela levantou-se e pegou minha mão de novo, com uma inocência infantil de posse, e andamos através do jardim e do pomar até um gramado delimitado por um riacho. Sobre o gramado, espalhavam-se quinze ou vinte tocos de árvores — parcialmente cobertos pela grama — e sobre todos eles, exceto dois, falcões se acomodavam. Estavam amarrados aos tocos por correias que eram, por sua vez, presas com anilhas de aço em suas patas, logo acima das garras. Um pequeno curso de pura água de primavera fluía em um curso sinuoso dentro de uma distância cômoda de cada poleiro.

Os pássaros iniciaram um alarido quando a garota apareceu, mas ela foi de um em um, acariciando alguns, pegando outros por um momento em seu punho ou parando para ajustar suas correias.

“Não são lindos?”, ela disse. “Veja, aqui está um falcão fêmea. Nós a chamamos de ‘ignóbil’ porque ela pega a presa em caça direta. Este é um falcão-azul. Em falcoaria, nós o chamamos de ‘nobre’ porque ele se eleva sobre a presa, e em círculos, cai sobre ela, vindo de cima. Este pássaro branco é um falcão-gerifalte, do norte. Ele também é ‘nobre’! Aqui está um esmerilhão, e este *tiercelet* é um falcão treinado para caçar garças ferozmente”.

Perguntei como ela aprendera a linguagem antiga da falcoaria. Ela não se lembrava, mas achava que seu pai deve ter lhe ensinado quando ela era muito jovem.

Então ela me guiou para longe e me mostrou os jovens falcões, ainda no ninho. “Eles são chamados niais em falcoaria”, ela explicou. “Um *branchier* é o pássaro jovem que é hábil apenas para deixar o ninho e pular de galho em galho. Um pássaro jovem que ainda não trocou suas penas é chamado *sors*, e um *mué* é um falcão que trocou de penas em cativeiro. Quando pegamos um falcão selvagem que já trocou sua plumagem, nós o chamamos de *hagard*. Raoul me ensinou, em primeiro lugar, a treinar um falcão. Devo ensinar a você como se faz?”

Ela sentou-se no banco do riacho entre os falcões e eu me

joguei a seus pés para ouvir.

Então a demoiselle d'Ys levantou um dedo de ponta rosada e começou, muito gravemente.

"Primeiro deve-se capturar o falcão."

"Já fui capturado", respondi.

Ela riu com muita beleza e me disse que, por eu ser nobre, meu *dressage* talvez fosse difícil.

"Eu já estou domesticado", respondi, "amarrado e com guizo".

Ela riu, encantada. "Ah, meu bravo falcão; então, você retornará ao meu chamado?"

"Sou seu", respondi gravemente.

Ela fez silêncio por um instante. Então a cor aumentou em suas bochechas e ela levantou seu dedo novamente, dizendo: "Escute, quero falar de falcoaria—".

"Sou todo ouvidos, condessa Jeanne d'Ys."

Mas de novo ela caiu em devaneio, e seus olhos pareciam fixos em algo além das nuvens de verão.

"Philip", ela disse finalmente.

"Jeanne", murmurei.

"Isso é tudo — isso é tudo que eu desejava", ela suspirou — "Philip e Jeanne". Ela segurou sua mão diante de mim e eu a toquei com meus lábios.

"Conquiste-me", ela disse, mas desta vez foi o corpo e a alma que falaram em uníssono.

Depois de um tempo, ela começou de novo: "Vamos falar de falcoaria".

"Comece", respondi, "já pegamos o falcão."

Então Jeanne d'Ys pegou com ambas as mãos a minha e me contou como, com paciência infinita, o jovem falcão foi ensinado a se empoleirar no punho, como pouco a pouco ele se acostumou às correias com guizos e ao *chaperon à cornette*.

"Eles precisam estar com um bom apetite", ela disse; "depois, pouco a pouco, eu reduzo seu alimento, que em falcoaria chamamos de *pât*. Quando, depois de muitas noites passadas *au bloc*, como estes pássaros estão agora, convenço o *hagard* e ele permanece quieto no punho, e então o pássaro está pronto para ser ensinado a

ir atrás de sua comida. Eu ponho o pát ao final de uma correia, ou leurre, e ensino o pássaro a vir até mim assim que eu começo a girar a corda em círculos sobe minha cabeça. Primeiro, derrubo o pát quando o falcão vem, e ele come o alimento no chão. Depois de pouco tempo, ele aprenderá a agarrar o leurre em movimento, à medida que eu o giro ao redor da minha cabeça ou o arrasto até o chão. Depois, é fácil ensinar o falcão a atacar a caça, sempre lembrando-se de '*faire courtoisie á l'oiseau*', que é deixar o pássaro experimentar a presa".

Um guincho de um dos falcões a interrompeu, e ela levantou-se para ajustar a *longe*, que se enrolara ao redor do *bloc*, mas o pássaro ainda batia suas asas e gritava.

"Qual o problema?", ela disse. "Philip, você pode ver?"

Olhei ao redor e a princípio não vi coisa alguma que causasse tal comoção, que agora aumentara com os gritos e bater de asas de todos os pássaros. Então meu olhar caiu sobre uma rocha plana ao lado do córrego do qual a garota surgira. Uma serpente cinza movia-se vagarosamente pela superfície da rocha, e os olhos em sua cabeça achatada triangular brilhavam como azeviche.

"Uma *couleuvre*", ela disse calmamente.

"É inofensiva, não é?", perguntei.

Ela apontou para a marca negra em forma de V no pescoço.

"Com certeza é mortal", ela disse; "é uma víbora."

Observamos o réptil movendo-se vagarosamente sobre a pedra lisa, onde a luz do sol caía em uma ampla área quente.

Eu pisei à frente para examinar o animal, mas ela grudou-se em meu braço gritando: "Não, Philip, tenho medo."

"Por mim?"

"Por você, Philip — eu amo você."

Então a peguei em meus braços e beijei seus lábios, mas tudo o que pude dizer foi: "Jeanne, Jeanne, Jeanne". E enquanto ela tremia em meu peito, algo na grama bateu em meus pés, mas não dei atenção. Depois algo bateu em meu tornozelo e uma dor aguda me atingiu. Olhei para o rosto doce de Jeanne d'Ys e a beijei, e com toda minha força a levantei em meus braços e a afastei para longe de mim. Então, curvando-me, arranquei a víbora de meu tornozelo e

pisei com o calcanhar sobre sua cabeça. Lembro-me de me sentir fraco e entorpecido, — lembro-me de cair no chão. Por meio de meus olhos lentos vitrificados vi o rosto branco de Jeanne inclinando-se para perto do meu, e quando a luz em meus olhos se extinguiu, ainda sentia seus braços ao redor do meu pescoço e sua bochecha suave contra meus lábios contraídos.

Quando abri meus olhos, olhei ao redor, em terror. Jeanne havia desaparecido. Vi o riacho e a rocha lisa; vi a víbora esmagada na grama ao meu lado, mas os falcões e os blocs haviam desaparecido. Levantei-me com um salto. O jardim, o pomar, a ponte elevadiça e o pátio murado sumiram. Olhei fixamente com estupidez para uma pilha cinza de ruínas cobertas de hera, através da qual grandes árvores abriram seu caminho. Caminhei me arrastando para a frente, arrastando meu pé entorpecido, e enquanto eu me movia, um falcão planou, vindo do topo das árvores entre as ruínas, e, elevando-se em círculos estreitos, desapareceu nas nuvens.

“Jeanne, Jeanne”, gritei, mas minha voz morreu nos lábios, e caí de joelhos entre as ervas daninhas. E, pela vontade de Deus, eu, não sabendo, havia caído de joelhos diante de um santuário em ruínas, entalhado em rocha para Nossa Senhora das Dores. Vi o rosto triste da Virgem forjado na pedra fria. Vi a cruz e os espinhos a seus pés, e abaixo eu li:

***“Rezai pela alma de
Demoiselle Jeanne d’Ys,
que morreu
em sua juventude por amor a
Philip, um desconhecido.”
1573 A.D.”***

Mas sobre a lápide gelada repousava uma luva de mulher ainda quente e perfumada.

O Paraíso do Profeta

O Paraíso do Profeta

*Se todos, menos os que à Videira e ao Amor rejeitarão
No Paraíso do Profeta estão para ficar
Meu Deus! O Paraíso do Profeta, não posso acreditar
Que estivesse vazio como a palma de alguma mão* [\(20\)](#)

O ESTÚDIO

Ele sorriu, dizendo: "Procure-a por todo o mundo".

Eu disse: "Por que você me fala do mundo? Meu mundo é aqui, entre estas paredes e as telhas de vidro no alto; aqui, entre jarros dourados e joias sem brilho que adornam braços, molduras e quadros opacos, baús escuros e cadeiras de encosto alto, exoticamente entalhadas e tons azulados e dourados".

"Por quem você espera?", ele disse, e respondi: "Quando ela vier, eu a reconhecerei".

Em meu coração, uma língua de fogo sussurrou segredos para as cinzas pálidas. Na rua, abaixo, ouvi passos, uma voz e uma canção.

"Por quem, então, você espera?", ele disse, e respondi: "Eu a reconhecerei".

Passos, uma voz e uma canção na rua, abaixo, e eu conhecia a canção, mas não os passos ou a voz.

"Tolo!", ele gritou, "a canção é a mesma, mas a voz e os passos mudaram com os anos!".

No coração, uma língua de fogo sussurrou sobre as cinzas pálidas: "Não espere mais; eles passaram, os passos e a voz na rua abaixo".

Então ele sorriu, dizendo: "Por quem você espera? Procure-a por todo o mundo!".

Respondi: "Meu mundo é aqui, entre estas paredes e as telhas de vidro no alto; aqui, entre jarros dourados e joias sem brilho que adornam braços, molduras e quadros opacos, baús escuros e cadeiras de encosto alto, exoticamente entalhadas e tingidas em tons azulados e dourados".

O ESPECTRO

O Espectro do Passado não avançaria mais.

"Se é verdade", ela suspirou, "que você encontrou em mim uma amiga, vamos retornar juntos. Você esquecerá, aqui, sob o céu de verão".

Eu a abracei apertado, suplicando, acariciando; eu a agarrei, branco de fúria, mas ela resistiu.

"Se é verdade", ela suspirou, "que você encontrou em mim uma amiga, vamos retornar juntos".

O Espectro do Passado não avançaria mais.

O SACRIFÍCIO

Entrei em um campo de flores cujas pétalas são mais brancas que a neve e cujos cernes são puro ouro.

Muito longe uma mulher chorava: "Matei a quem amava!", e, de um jarro, ela verteu sangue sobre as flores cujas pétalas são mais brancas que a neve e cujos cernes são puro ouro.

Muito de longe eu a observei, e no jarro li mil nomes, enquanto, de dentro até a borda, o sangue fresco borbulhava.

"Matei a quem amava!", ela gritou. "O mundo está ávido; agora deixe-o beber!". Ela passou, e muito de longe a observei vertendo sangue sobre as flores cujas pétalas são mais brancas que neve e cujos cernes são puro ouro.

DESTINO

Vim à ponte por onde poucos podem passar.

“Passe!”, gritou o guarda, mas eu ri, dizendo: “Há tempo”, e ele sorriu e fechou os portões.

À ponte por onde poucos passam vieram jovens e velhos. Todos foram barrados. Fiquei por ali ao acaso e os contei, até que, cansado de seu barulho e de seus lamentos, retornei à ponte por onde poucos podem passar.

Aqueles na multidão perto dos portões gritaram: “Ele vem tarde demais!”. Mas eu ri, dizendo: “Há tempo”.

“Passe!”, gritou o guarda enquanto eu entrava; então sorriu e fechou os portões.

A MULTIDÃO

Ali, onde a multidão era mais densa na rua, eu estava com Pierrot. Todos os olhos estavam voltados para mim.

“De que eles estão rindo?”, perguntei, mas ele riu de um jeito forçado, removendo o pó de giz de minha capa negra. “Não consigo ver; deve ser algo engraçado, talvez um ladrão honesto!”

Todos os olhares estavam voltados para mim.

“Ele roubou sua carteira!”, eles riram.

“Minha carteira!”, gritei; “Pierrot — socorro! Um ladrão!”.

Eles riram: “Ele roubou sua carteira!”.

Então a Verdade surgiu, segurando um espelho. “Se ele for um ladrão honesto”, gritou a Verdade, “Pierrot o encontrará com este espelho!”, mas ele apenas riu de um jeito forçado, removendo o pó de giz de minha capa negra.

“Sabe”, ele disse, “a Verdade é uma ladra honesta, ela trouxe de volta seu espelho”.

Todos os olhares estavam voltados para mim.

“Prendam a Verdade!”, gritei, esquecendo que não foi um espelho, mas uma carteira que perdi, ficando com Pierrot, ali, onde a

multidão era mais densa na rua.

O BOBO

“Ela era bonita?”, perguntei, mas ele apenas deu um risinho, ouvindo os guizos tilintando em seu chapéu.

“Apunhalada”, ele riu entredentes. “Pense na longa jornada, nos dias de perigo, nas noites horríveis! Pense em como ele viajou, por amor a ela, ano após ano, por meio de terras hostis, ansiando pela família, ansiando por ela!”

“Apunhalada”, ele riu entredentes, ouvindo os sinos tilintando em seu chapéu.

“Ela era bonita?”, perguntei, mas ele apenas rosnou, balbuciando aos guizos tilintando em seu chapéu.

“Ela o beijou no portão”, ele riu entredentes, “mas, no salão, a recepção de seu irmão tocou seu coração”.

“Ela era bonita?”, perguntei.

“Apunhalada”, ele riu entredentes. “Pense na longa jornada, nos dias de perigo, nas noites horríveis! Pense em como ele viajou, por amor a ela, ano após ano, por meio de terras hostis, ansiando pela família, ansiando por ela!”

“Ela o beijou no portão, mas, no salão, a recepção de seu irmão tocou seu coração.”

“Ela era bonita?”, perguntei; mas ele apenas rosnou, ouvindo os guizos tilintando em seu chapéu.

A SALA VERDE

O Palhaço virou para o espelho o rosto empoado.

“Se ser pálido é ser belo”, ele disse, “quem pode se comparar a mim em minha pálida máscara?”.

“Quem pode se comparar a ele em sua pálida máscara?”, perguntei para a Morte ao meu lado.

“Quem pode se comparar a mim?”, disse a Morte, “pois sou ainda muito mais pálida”.

“Você é muito bela”, suspirou o Palhaço, virando do espelho o rosto todo empoadado.

O TESTE DO AMOR

“Se é verdade que você ama,” disse o Amor, “então não espere mais. Dê a ela estas joias que a desonrariam e então desonrariam a você por amar alguém desonrado. Se é verdade que você ama”, disse o Amor, “então não espere mais”.

Peguei as joias e fui até ela, mas ela as pisoteou, soluçando: “Ensine-me a esperar — amo você!”.

“Então espere, se for verdade”, disse o Amor.

A Rua dos Quatro
Ventos

A Rua dos Quatro Ventos

*“Ferme tes yeux à demi,
Croise tes bras sur ton sein,
Et de ton cœur endormi
Chasse à jamais tout dessein.”*[\(21\)](#)

*“Je chante la nature,
Les étoiles du soir, les larmes du matin,
Les couchers de soleil à l’horizon lointain,
Le ciel qui parle au cœur d’existence future!”*[\(22\)](#)

I

☺ animal parou na soleira da porta, num alerta interrogativo, pronto para a fuga se necessário. Severn deitou sua paleta e gesticulou boas-vindas. A gata permaneceu imóvel, seus olhos amarelos fixos sobre Severn.

“Gatinha”, ele disse, com sua voz baixa e agradável, “entre”.

A ponta de sua cauda fina moveu-se de modo incerto.

“Entre”, ele disse novamente.

Aparentemente, ela achou sua voz tranquilizadora, pois vagarosamente ficou sobre as quatro patas, seus olhos ainda fixos nos dele, a cauda enrolada e dobrada sob seus flancos magros.

Ele levantou-se de seu cavalete, sorrindo. Ela o fitou calmamente, e quando ele caminhou em sua direção, ela o observou se curvando sobre ela sem recuar; seus olhos seguiram a mão dele até que tocasse sua cabeça. Então ela proferiu um miado rouco. Era antigo o costume de Severn de conversar com animais, provavelmente porque ele vivia muito sozinho; e então ele disse:

“Qual o problema, gatinha?”. Seus olhos tímidos buscaram os dele.

“Entendo”, ele disse gentilmente, “você vai comer já”.

Então, movendo-se sem barulho, ele se ocupou com os deveres de um anfitrião: lavou um pires, encheu-o com o resto do leite da garrafa deixada no parapeito da janela e, ajoelhando-se, esfarelou um pãozinho na palma da mão.

A criatura levantou-se e caminhou lentamente em direção ao pires.

Com o cabo de uma espátula, ele misturou as migalhas e o leite e deu um passo para trás enquanto ela enfiava seu nariz na mistura. Ele a observou em silêncio. De vez em quando o pires tilintava sobre o piso azulejado quando ela pegava um pedaço na borda; finalmente todo o pão acabou, e sua língua púrpura viajava sobre cada ponto não lambido até o pires brilhar como mármore polido. Então ela se sentou ereta e, friamente, dando as costas a ele, começou a se limpar.

“Continue”, disse Severn, muito interessado, “você precisa disso”.

Ela baixou uma orelha, mas não se perturbou nem interrompeu sua limpeza. Enquanto a sujeira era vagarosamente removida, Severn observou que a natureza teve a intenção de que ela fosse uma gata branca. Sua pelagem desaparecera em alguns pontos, de doenças ou acasos da guerra, sua cauda estava ossuda e sua espinha, pronunciada. Mas os charmes que ela tinha se tornavam aparentes sob as lambidas vigorosas, e ele esperou até que ela terminasse para continuar a conversa. Quando finalmente ela fechou os olhos e dobrou as patas dianteiras sob o peito, ele recomeçou, muito delicadamente: “Gatinha, me conte suas preocupações”.

Ao som de sua voz, ela irrompeu em um ronco baixo e roco, que ele reconheceu como uma tentativa de ronronar. Ele se inclinou para a acariciar na bochecha e ela miou novamente, um miadinho curioso e afável, ao qual ele respondeu: “Certamente, você melhorou muito, e quando você recuperar sua plumagem, será um pássaro lindo”. Muito satisfeita, ela levantou-se e marchou em círculos entre as pernas dele, empurrando a cabeça entre elas e fazendo sons de satisfação, aos quais ele respondia de forma séria e

educada.

“Agora, o a trouxe até aqui”, ele disse — “aqui, para a Rua dos Quatro Ventos, e cinco lanços de escada acima, até esta exata porta, onde você seria bem-vinda? O que foi que evitou sua fuga premeditada quando eu dei as costas à minha tela para encontrar seus olhos amarelos? Você é uma gata do Quartier Latin como eu sou um homem Quartier Latin? E por que você usa uma liga cor-de-rosa e florida presa ao redor do pescoço?”. A gata subira em seu colo e agora estava sentada, ronronando, enquanto ele passava a mão por seu pelo fino.

“Desculpe-me”, ele continuou, em um tom de voz lento e calmante, harmonizando com o ronronado, “posso parecer indelicado, mas não posso deixar de pensar nesta liga cor-de-rosa, florida de modo tão singular e presa com uma fivela de prata. Pois a fivela é de prata; posso ver a marca de fundição na beirada, como é prescrito pela lei da República Francesa. Agora, por que essa liga é urdida de seda rosa e delicadamente bordada, — por que esta liga de seda com este fecho de prata está em volta de sua garganta faminta? Sou indiscreto se pergunto se a proprietária dela é sua dona? Ela é alguma velha dama, vivendo em memória de suas vaidades juvenis, gostando de você, idolatrando você, enfeitando você com seus acessórios pessoais íntimos? A circunferência da liga poderia sugerir isso, pois seu pescoço é magro, e a liga cabe em você. Mas, de novo eu percebo — como percebo a maioria das coisas — que a liga pode ficar bem maior. Esses ilhós prateados, dos quais eu conto cinco, são prova disso. E agora observo que o quinto ilhó está gasto, como se a língua da fivela estivesse acostumada a estar ali. Isso parece indicar uma volta completa”.

A gata retraiu as patas em contentamento. Lá fora, a rua estava muito calma.

Ele murmurou: “Por que sua ama a decoraria com um artigo muitíssimo necessário a ela o tempo todo? Quero dizer, ao menos na maior parte do tempo. Como ela colocou esse pedaço de seda e prata ao redor do seu pescoço? Foi um capricho de momento, — quando você, antes de perder sua bela corpulência, entrou cantando no quarto dela para lhe dar bom dia? Claro, e ela sentou-se entre os

travesseiros, seus cabelos cacheados caindo em seus ombros, enquanto você saltou na cama, ronronando: 'Bom dia, minha ama'. Ah, é muito fácil entender", ele bocejou, descansando sua cabeça no encosto da cadeira. A gata ainda ronronava, apertando as patas macias sobre seu joelho.

"Devo contar a você sobre ela, gata? Ela é muito bela — sua ama", ele murmurou, de modo sonolento, "e seus cabelos são pesados como ouro polido. Poderia pintá-la, — não na tela — pois precisaria de matizes, tons, cores e tintas mais esplêndidas do que a iridescência de um esplêndido arco-íris. Poderia pintá-la apenas de olhos fechados, pois só em sonhos cores como as que preciso podem ser encontradas. Para seus olhos, devo conseguir um azul-celeste de céus não perturbados por uma nuvem sequer — os céus da terra dos sonhos. Para seus lábios, rosas dos palácios da terra do sono, e para sua fronte, cumes de neve de montanhas que se elevam em fantásticos pináculos até as luas; — ah, muito mais alto do que nossa lua aqui, — as luas de cristal da terra dos sonhos. Ela é — muito — bela, sua ama."

As palavras morreram em seus lábios, e suas pálpebras caíram.

A gata também dormia, a cabeça voltada para o lado ferido do corpo, suas patas relaxadas e soltas.

II

"É uma sorte", disse Severn, sentando-se e alongando-se, "que nós tenhamos suportado até a hora do jantar, pois não tenho nada para oferecer a você para o jantar a não ser algo que possa ser comprado com um franco de prata".

A gata subiu em seus joelhos, arqueou as costas, bocejou e deu uma olhada para ele.

"O que poderia ser? Galinha assada com salada? Não? Talvez prefira carne de vaca? Claro — e para mim um ovo e um pouco de pão branco. Agora, os vinhos. Leite para você? Bom. Para mim um pouco de água fresca da floresta", com um movimento em direção ao balde na pia.

Ele colocou seu chapéu e deixou o quarto. A gata o seguiu até a porta, e após ele a ter fechado atrás de si, ela sossegou, cheirando as rachaduras e inclinando uma orelha para cada ranger do velho e decrépito edifício.

A porta abaixo abriu e fechou. A gata parecia séria, por um momento em dúvida, e suas orelhas se achataram em expectativa nervosa. Logo ela se levantou com uma contração de sua cauda e começou um passeio silencioso pelo estúdio. Ela cheirou um pote de terebintina, rapidamente fugindo para a mesa, onde logo subiu, e tendo satisfeito sua curiosidade quanto a um rolo de cera de modelar vermelha, retornou à porta e se sentou com seus olhos na fenda acima da soleira. Então elevou sua voz em um fraco lamento.

Quando Severn retornou, parecia sério, mas a gata, alegre e expressiva, marchou ao seu redor, esfregando seu corpo macilento contra suas pernas, empurrando sua cabeça em sua mão com entusiasmo, e ronronando até que sua voz se elevasse a um miado.

Ele colocou um pedaço de carne, embrulhado em papel pardo, sobre a mesa, e com um canivete o cortou em pedaços. O leite, pegou de uma garrafa que servira para remédio, e o verteu dentro do pires perto da lareira.

A gata agachou diante dele, ronronando e bebendo ao mesmo tempo.

Ele cozinhou seu ovo e o comeu com uma fatia de pão, observando-a ocupada com a carne em pedaços, e, quando ele terminou, e encheu e esvaziou uma xícara de água do balde na pia, sentou-se, colocando-a em seu colo, onde ela sentou-se de uma vez e começou sua limpeza. Ele começou a falar novamente, tocando-a carinhosamente e muitas vezes apenas por veemência.

“Gata, descobri onde sua ama vive. Não é muito longe; — é aqui, sob esse mesmo teto avariado, mas na asa norte, que eu pensei estar desabitada. Meu zelador me disse isso. Por acaso, ele está quase sóbrio esta tarde. O açougueiro na Rue de Seine, onde comprei sua carne, conhece você, e o velho Cabane, o padeiro, identificou você com sarcasmo desnecessário. Eles me contam histórias desonrosas sobre sua ama, nas quais não acredito. Eles dizem que ela é preguiçosa e fútil e amante dos prazeres; dizem que

ela é tola e negligente. O escultor baixinho no térreo, que estava comprando pães do velho Cabane, falou comigo pela primeira vez esta noite, embora nós sempre tenhamos nos cumprimentado. Ele disse que ela era muito boa e muito bonita. Ele a viu apenas uma vez, e não sabia seu nome. Agradei a ele; — não sei por que agradei a ele tão cordialmente. Cabane disse: 'Na maldita Rua dos Quatro Ventos, os quatro ventos sopram todas as coisas ruins'. O escultor parecia confuso, mas quando ele saiu com seus pães me disse: 'Tenho certeza, monsieur, de que ela é tão boa quanto é bela.'"

A gata terminara sua limpeza, e então, saltando suavemente para o chão, foi até a porta e farejou. Ele se ajoelhou ao seu lado e, soltando a liga, a segurou por um momento em suas mãos. Depois de um tempo ele disse: "Há um nome gravado sobre o fecho de prata, abaixo da fivela. É um belo nome, Sylvia Elven. Sylvia é um nome de mulher. Elven é o nome de uma cidade. Em Paris, neste quarteirão, ainda mais nesta Rua dos Quatro Ventos, nomes são usados e descartados como as modas mudam com as estações. Conheço a pequena cidade de Elven, pois lá encontrei o Destino face a face e o Destino foi cruel. Mas você sabia que em Elven o Destino tinha outro nome, e que esse nome era Sylvia?"

Ele recolocou a liga e permaneceu olhando para a gata agachada diante da porta fechada.

"O nome Elven tem um encanto para mim. Ele me fala sobre campinas e rios límpidos. O nome de Sylvia me perturba como o perfume vindo de flores mortas."

A gata miou.

"Sim, sim", ele disse, de forma tranquilizadora, "levarei você de volta. Sua Sylvia não é minha Sylvia; o mundo é amplo e Elven não é desconhecida. Ainda assim, na escuridão e na sujeira da Paris mais pobre, nas tristes sombras desta casa antiga, esses nomes são muito agradáveis para mim".

Ela a levantou em seus braços e andou com passos largos pelo corredor silencioso até as escadas. Descendo cinco lanços até o pátio enluarado, depois do estúdio do pequeno escultor, e então de

novo no portão da asa norte e pelas escadas devoradas por vermes ele passou, até que alcançou uma porta fechada. Após bater por um longo tempo, algo se moveu atrás da porta; ela se abriu e ele entrou. O quarto estava escuro. Enquanto ele cruzava a soleira, a gata saltou de seus braços para as sombras. Ele se manteve atento, mas não ouviu nada. O silêncio era opressivo, e ele acendeu um fósforo. Perto de seu cotovelo estava uma mesa, e na mesa uma vela em um candelabro dourado. Ele a acendeu, então olhou ao redor. A câmara era vasta, as cortinas pesadas com bordados. Acima da lareira elevava-se uma cornija esculpida, acinzentada pelas cinzas das chamas mortas. Em uma reentrância perto das janelas encovadas estava uma cama, da qual roupas de cama, macias e de excelente qualidade, arrastavam-se até o chão polido. Ele levantou a vela acima da cabeça. Um lenço repousava a seus pés. Estava ligeiramente perfumado. Ele voltou-se em direção às janelas. Em frente a elas estava um canapé e sobre ele estavam jogados, em desordem, um vestido de seda, uma pilha de vestimentas de renda, brancas e delicadas como teias de aranha, e longas luvas amassadas, e, no chão, as meias de seda, os pequenos sapatos pontudos e uma liga de seda cor-de-rosa, exoticamente florida e presa com um fecho de prata. Pensativamente, ele deu um passo à frente e abriu as cortinas pesadas da cama. Por um momento a vela tremeluziu em sua mão; então seus olhos encontraram dois outros olhos, escancarados, sorrindo, e a chama da vela brilhou sobre os cabelos pesados como ouro.

Ela estava pálida, mas não tão branca quanto ele; os olhos dela estavam despreocupados como os de uma criança; mas ele olhou fixamente, tremendo da cabeça aos pés enquanto a vela tremeluzia em sua mão.

Finalmente ele sussurrou: "Sylvia, sou eu".

De novo ele disse: "Sou eu". Então sabendo que ela estava morta, ele a beijou na boca. E através das longas vigilâncias da noite, a gata ronronou em seu colo, apertando e relaxando suas patas macias, até o céu empalidecer sobre a Rua dos Quatro Ventos.

A Rua Da
Primeira Bomba

A Rua Da Primeira Bomba

*“Esteja em bom ânimo, o Mês Sombrio morrerá,
E uma Lua nova o futuro nos recompensará:
Veja como a Velha, magra, curvada e descorada,
Com a idade e o Jejum, do céu cai desmaiada”* [\(23\)](#)

☉ quarto já estava escuro. Os altos telhados à frente bloqueavam o pouco que restava da luz do sol de dezembro. A garota arrastou sua cadeira para mais perto da janela, e escolhendo uma agulha grande, enfiou a linha, amarrando-a com seus dedos. Então ela alisou a roupa de bebê que estava sobre seus joelhos e, curvando-se, tirou com os dentes a linha e puxou a agulha menor que estava na bainha. Quando ela retirou os fiapos e pedaços soltos da renda, colocou a roupa novamente sobre os joelhos, carinhosamente. Então ela tirou a agulha com linha de seu corpete e a passou através de um botão, mas enquanto o botão escorregava na linha, sua mão cambaleou, a linha se rompeu e o botão rolou pelo chão. Ela levantou a cabeça. Seus olhos estavam fixos em uma faixa de luz desvanecendo-se sobre as chaminés. De algum lugar da cidade vinham sons que pareciam um distante bater de tambores, e além, bem além, um murmúrio vago, agora crescendo, intensificava-se, retumbando na distância, como as ondas batendo nas rochas; e agora, como as ondas de novo, retrocedia, rugindo, ameaçando. O frio tornara-se intenso, um frio implacável e penetrante, que oprimia e rosnava nas vigas e suportes e que fazia a neve derretida do dia anterior petrificar. Da rua abaixo, todo som irrompia penetrante e metálico – o bater de tamancos, o chocalhar das persianas ou o som raro da voz humana. O ar estava pesado, carregado com o frio tenebroso, como se fosse uma mortalha. Respirar era doloroso;

mover-se, um esforço.

No céu desolado havia algo que desgastava, nas nuvens nefastas, algo que entristecia. Isso penetrava a cidade congelante dividida pelo rio congelante, a cidade esplêndida com suas torres e seus domos, com seus cais e suas pontes e centenas de pináculos. Isso entrava nas praças, apoderava-se das avenidas e dos palácios, movia-se silenciosamente através de pontes e rastejava entre as ruas estreitas do Quartier Latin, cinza sob o cinza do céu de dezembro. Tristeza, total tristeza. Uma fina chuva com neve caía, polvilhando o pavimento com uma leve poeira cristalizada. Passava por entre as vidraças das janelas e se amontoava em pilhas ao longo do peitoril. A luz próxima à janela quase acabara, e a garota curvou-se sobre seu trabalho. Logo levantou sua cabeça, removendo os cachos de seus olhos.

“Jack?”

“Querida?”

“Não se esqueça de limpar sua paleta.”

Ele disse: “Tudo bem”; e pegando a paleta, sentou-se no chão em frente ao fogão. Sua cabeça e seus ombros estavam à sombra, mas a luz do fogo caía sobre seus joelhos e brilhava vermelha na lâmina da espátula. A seu lado, e inteira à luz do fogo, estava uma caixa de tintas. Na tampa estava entalhado:

J. TRENT.

École des Beaux Arts.

1870.

Essa inscrição era ornamentada com as bandeiras americana e francesa.

A chuva com neve soprava contra as vidraças, cobrindo-as com estrelas e diamantes, que então derretiam-se com o ar quente de dentro, correndo para baixo e congelando-se de novo em ramificações que

lembravam samambaias.

Um cachorro gemeu e o ruído de pequenas patas soou no zinco atrás do fogão.

“Jack, querido, você acha que Hércules está com fome?”

O ruído de patas foi redobrado atrás do fogão.

“Ele está gemendo”, ela continuou nervosamente, “e se não é porque está com fome é porque—”

Sua voz titubeou. Um zumbido alto encheu o ar, as janelas vibraram.

“Oh, Jack”, ela gritou, “outra—”, mas sua voz foi abafada pelo grito de uma bomba rasgando as nuvens.

“Essa foi mais próxima ainda”, ela murmurou.

“Oh, não”, ele respondeu com ânimo, “ela provavelmente caiu sobre Montmartre”; e como ela não respondeu, ele disse de novo com despreocupação exagerada: “Eles não se dariam ao trabalho de atingir o Quartier Latin; de qualquer forma, eles não têm uma bateria que possa lhe causar dano”. Depois de um tempo, ela se manifestou com ânimo: “Jack, querido, quando você me levará para ver as estátuas do Sr. West?”

“Eu aposto”, ele disse, jogando sua paleta e caminhando até a janela a seu lado, “que Colette esteve aqui hoje”.

“Por quê?”, ela perguntou, com os olhos arregalados. Então: “Oh, é tão chato! De verdade, homens são tão tediosos quando acham que sabem tudo! E aviso a você que se o Sr. West é presunçoso o bastante para imaginar que Colette—”

Do norte, outra bomba veio zunindo e estremecendo o céu, passando sobre eles com um grito extenso que deixou as janelas cantando.

“Esta”, ele deixou escapar, “foi perto demais para não ficar preocupado”.

Eles ficaram em silêncio por um tempo; então ele falou alegremente: “Continue, Sylvia, e difame o pobre West”, mas ela apenas suspirou: “Ah, querido, acho que nunca vou me acostumar às bombas”.

Ele sentou-se no braço da cadeira ao lado dela.

Sua tesoura caiu tinindo no chão; ela arremessou a roupa

inacabada para trás deles, e colocando ambos os braços ao redor de seu pescoço, o puxou para seu colo.

“Não saia esta noite, Jack.”

Ele beijou sua face; “Você sabe que eu devo, não torne isso muito difícil para mim”.

“Mas quando escuto as bombas e — e sei que você está fora, na cidade—”

“Mas todas elas caem em Montmartre—”

“Todas elas podem cair na Beaux Arts; você mesmo disse que duas atingiram o Quai d’Orsay—”

“Mero acidente—”

“Jack, tenha pena de mim! Leve-me com você!”

“E quem vai lá pegar o jantar?”

Ela levantou-se e atirou-se na cama. “Oh, eu não consigo me acostumar com isso, e sei que você deve ir, mas lhe imploro para não voltar tarde para o jantar. Se você soubesse o quanto sofro! Eu — eu — não posso evitar, e você deve ser paciente comigo, querido.”

Ele disse: “É tão seguro lá quanto em nossa própria casa”.

Ela o observou encher a lamparina para ela, e quando ele a acendera e pegara seu chapéu para ir, ela saltou e se agarrou a ele em silêncio. Depois de um momento ele disse: “Agora, Sylvia, lembre-se que minha coragem depende da sua. Vamos lá, tenho de ir!”. Ela não se moveu, e ele repetiu: “Tenho de ir”, então ela deu um passo para trás e ele pensou que ela iria falar e esperou, mas ela apenas olhou para ele, e ele, um pouco impaciente, beijou-a novamente, dizendo: “Não se preocupe, querida”.

Quando ele havia alcançado o último lance de escada em seu caminho para a rua, uma mulher saiu mancando de seu alojamento de empregada acenando uma carta e chamando: “Monsieur Jack! Monsieur Jack! Isso foi deixado pelo Monsieur Fallowby!”.

Ele pegou a carta e, encostando-se à soleira do alojamento, a leu:

[...]“Querido Jack,
“Acredito que Braith esteja completamente quebrado e tenho certeza de que Fallowby

está. Braith jura que não, e Fallowby jura que ele está, então você pode tirar suas próprias conclusões. Tenho um plano para um jantar, e se der certo, avisarei vocês também. Cordialmente, West.

"P.S. — Fallowby deu uma dura em Hartman e seu bando, graças a Deus! Há algo de podre ali — ou pode ser que ele seja apenas um pão-duro.

"P.P.S. — Estou mais desesperadamente apaixonado do que nunca, mas tenho certeza de que ela não se importa nada comigo."

"Tudo bem", disse Trent, com um sorriso, à concierge; "mas, me diga, como está Papa Cottard?".

A velha mulher balançou sua cabeça e apontou para a cama envolta por cortinas no alojamento.

"Père Cottard!", ele gritou com ânimo, "como está o ferimento hoje?".

Ele andou até a cama e puxou as cortinas. Um homem velho estava deitado entre os lençóis desarrumados.

"Melhor?", sorriu Trent.

"Melhor", repetiu o homem de maneira cansada; e depois de uma pausa: "Tem alguma novidade, Sr. Jack?".

"Não estive fora hoje. Trarei ao senhor qualquer boato que possa ouvir, apesar de que Deus sabe como estou farto de boatos", ele resmungou a si mesmo. Então, em voz alta: "Anime-se, você parece melhor".

"E a incursão?"

"Oh, a incursão será neste fim de semana. O general Trochu enviou ordens noite passada."

"Será horrível."

"Será doentio", pensava Trent enquanto saía à rua dobrando a esquina em direção à Rue de Seine; "matança, matança, ufa! Estou feliz por não ir".

A rua estava quase deserta. Algumas poucas mulheres em capas militares esfarrapadas moviam-se vagarosamente ao longo do pavimento congelado, e um menino de rua miseravelmente vestido rondava o buraco de esgoto na esquina do Boulevard. Uma corda ao redor de sua cintura segurava seus farrapos. Da corda pendia um rato, quente e sangrando.

“Tem outro ali”, ele gritou para Trent. “Eu bati nele, mas ele fugiu.”

Trent atravessou a rua e perguntou: “Quanto?”

“Dois francos por um quarto de um rato gordo; é o que eles pagam no Mercado Saint Germain.”

Um violento ataque de tosse o interrompeu, mas ele esfregou seu rosto com a palma de sua mão e olhou astuciosamente para Trent.

“Semana passada você poderia comprar um rato por seis francos, mas”, e aqui ele xingou descaradamente, “os ratos desistiram da Rue de Seine e os matam agora perto do novo hospital. Deixarei você levar este por sete francos; posso vendê-lo por dez na Ilha St. Louis”.

“Você está mentindo”, disse Trent, “e deixe-me dizer que se você tentar enganar qualquer um neste quarteirão, as pessoas acabarão com você e todos os seus ratos”.

Ele permaneceu um momento olhando o menino, que fingia choramingar. Então arremessou-lhe um franco, rindo. A criança pegou a moeda e a enfiou dentro da boca, correndo para o buraco do esgoto. Por um segundo ele se agachou, sem movimento, alerta, seus olhos nas barras do bueiro, e então saltando à frente ele lançou uma pedra dentro do esgoto, e Trent o deixou lá matando um rato cinza feroz que se contorcia e guinchava à boca do esgoto.

“Imagine se Braith chegasse a esse ponto”, ele pensou: “pobre camarada”; e, apressando-se, ele virou na passagem suja do Beaux Arts e entrou na terceira casa à esquerda.

“O monsieur está em casa”, disse a velha concierge com uma voz muitíssimo trêmula.

Casa? Um sótão absolutamente desguarnecido, salvo pela cabeceira de aço no canto e a bacia e o jarro de aço no chão.

West apareceu à porta, piscando com muito mistério, e gesticulou para Trent entrar. Braith, que pintava na cama para se manter aquecido, olhou para cima, riu e apertou sua mão.

“Alguma novidade?”

A questão superficial foi respondida como sempre por: “Nada, exceto os canhões”.

Trent sentou-se na cama.

“Onde vocês conseguiram aquilo?”, ele perguntou, apontando para uma galinha meio terminada aninhada em uma pia.

West riu de maneira forçada.

“Vocês ficaram milionários, os dois? Digam logo.”

Braith, parecendo um pouco envergonhado, começou: “Oh, é uma das façanhas de West”, mas foi interrompido por West, que disse que deveria contar a história ele mesmo.

“Veja você, antes do cerco eu tinha uma carta de apresentação para um ‘sujeito’ daqui, um banqueiro gordo, variedade franco-americana. Você conhece o tipo, eu sei. Bem, é claro que me esqueci de apresentar a carta, mas esta manhã, julgando ser uma oportunidade favorável, fui até ele.”

“O velhaco vive no conforto – lareiras, meu rapaz! – lareiras nas antessalas! O pajem finalmente aceitou levar minha carta e meu cartão, deixando-me em pé no corredor, o que não gostei; então entrei na primeira sala que vi e quase desmaiei à vista de um banquete na mesa perto da lareira. Então volta o pajem, muito insolente. Não, oh, não, seu amo não está em casa, e, na verdade, está ocupado demais para receber cartas de apresentação agora; o cerco, e muitas dificuldades nos negócios—”

“Dei um chute no pajem, peguei essa galinha da mesa, larguei meu cartão no prato vazio, e me voltando ao pajem como se fosse um porco prussiano, eu marchei para fora com honras de guerra.”

Trent balançou a cabeça.

“Eu me esqueci de dizer que Hartman frequentemente ceia lá, e eu cheguei às minhas próprias conclusões”, continuou West. “Agora, com relação a essa galinha, metade dela é para Braith e para mim, e metade para Colette, mas é claro que você me ajudará a comer minha parte, pois não estou com fome.”

“Eu também não estou”, começou Braith, mas Trent, com um sorriso para os rostos esqueléticos diante dele, balançou sua cabeça, dizendo: “Que bobagem! Vocês sabem que eu nunca estou com fome!”.

West hesitou, corado, e então, fatiando a porção de Braith, mas não comendo nada ele mesmo, deu boa noite e se apressou para o número 470 da Rue Serpente, onde morava uma linda garota chamada Colette, órfã depois de Sedan, e só Deus sabe onde ela conseguia o corado de suas bochechas, pois o cerco era difícil para os pobres.

“Ela ficará deliciada com aquela galinha, mas eu realmente acredito que ela está apaixonada por West”, disse Trent. Então, andando até a cama: “Olhe aqui, velho, sem trapaças, você sabe, quanto sobrou para você?”.

O outro hesitou e corou.

“Vamos, velho camarada”, insistiu Trent.

Braith puxou uma carteira que estava debaixo de seu travesseiro e a entregou a seu amigo com uma simplicidade que o comoveu.

“Sete sous”, ele contou; “você me cansa! Por que não me procurou? Sinto-me ofendido, Braith! Quantas vezes eu terei que tocar no mesmo assunto e explicar a você que, porque tenho dinheiro, é meu dever compartilhá-lo, e seu dever e dever de todo americano compartilhar isso comigo? Você não consegue um centavo, a cidade está cercada e o ministro americano tem suas mãos cheias com toda a gentalha alemã e diabo sabe o quê! Por que você não age de modo sensato?”.

“Eu — eu agirei, Trent, mas é uma obrigação que talvez eu nunca possa, mesmo em parte, retribuir, sou pobre e—”

“É claro que você me pagará! Se eu fosse um agiota, tomaria seu talento como garantia. Quando você for rico e famoso—”

“Não, Trent—”

“Tudo bem, mas pare de conversa fiada.”

Ele guardou uma dúzia de peças de ouro na carteira, e colocando-a de novo embaixo do colchão, sorriu para Braith.

“Quantos anos você tem?”, ele perguntou.

“Dezesseis.”

Trent colocou sua mão levemente no ombro de seu amigo. “Tenho vinte e dois, e tenho os direitos de um avô no que diz respeito a você. Você fará o que eu digo até ter vinte e um.”

“O cerco terá acabado então, eu espero”, disse Braith, tentando rir, mas a oração em seus corações: “Quanto tempo, ó Deus, quanto tempo!”, foi respondida pelo grito imediato de uma bomba voando entre as nuvens de tempestade daquela noite de dezembro.

II

West, parado na soleira de uma casa na Rue Serpente, falava com raiva. Ele dizia que não se importava se Hartman gostava disso ou não; ele estava lhe contando, não discutindo.

“Você se diz americano!”, ele zombou; “Berlim e o inferno estão cheios desse tipo de americano. Vocês vêm vadiando ao redor de Colette, com seus bolsos cheios de pão branco e carne de vaca e uma garrafa de vinho de trinta francos, e não conseguem nem mesmo dar um dólar para a Ambulância Americana e para a Assistência Pública, o que Braith faz, mesmo estando faminto!”.

Hartman se retirou para o meio-fio, mas West o seguiu, seu rosto parecia uma nuvem carregada de eletricidade. “Não se atreva a dizer que é meu compatriota”, ele rosnou, — “não, — nem de artista! Artistas não rastejam como vermes para o Serviço de Defensoria Pública, onde não fazem nada além de se alimentar da comida do povo feito ratos! E falo agora para você”, ele continuou, baixando sua voz, pois Hartman começara, mas como se tivesse sido afetado, “melhor você ficar longe daquela cervejaria alsaciana e dos ladrões cheios de si que se entocam lá. Você sabe o que fazem com suspeitos!”.

“Você mente, seu cachorro!”, gritou Hartman, jogando a garrafa que estava em sua mão diretamente no rosto de West. West o agarrou pela garganta em um segundo, e, forçando-o violentamente contra a parede, o sacudiu intensamente.

“Agora, me escute”, ele murmurou entredentes. “Você já é um suspeito e — eu juro — acredito que você é um espião contratado! Não é da minha conta detectar tal tipo de verme, e não pretendo denunciá-lo, mas entenda! Colette não gosta de você e eu não o suporto, e se eu pegá-lo nessa rua de novo, farei que seja, digamos, desagradável. Vá embora, seu prussiano dissimulado!” Hartman puxara uma faca de seu bolso, mas West a arrancou dele e o jogou na sarjeta. “É uma vitória?”, murmurou alguém.

“Olhe isso”, gritou West enquanto Hartman levantava-se do chão, “olhe! Seu miserável! Olhe para esses rostos!”. Mas Hartman deu a ele um olhar, do qual West nunca esqueceu, e foi embora sem uma palavra. Trent, que apareceu de repente na esquina, olhou rapidamente para West, que apenas apontou com a cabeça para sua porta dizendo: “Entre; Fallowby está lá em cima”.

“O que você está fazendo com esta faca?”, perguntou Fallowby, enquanto ele e Trent entravam no apartamento.

West olhou para sua mão machucada, que ainda segurava a faca, mas dizendo: “Eu me cortei por acidente”, a jogou num canto e lavou o sangue de seus dedos.

Fallowby, gordo e preguiçoso, o observou sem comentários, mas Trent, meio que adivinhando como tudo havia ocorrido, caminhou até Fallowby dando um sorriso.

“Tenho um abacaxi para descascar contigo!”, ele disse.

“Onde está? Estou faminto”, respondeu Fallowby, com entusiasmo afetado, mas Trent, franzindo seriamente as sobrancelhas, disse-lhe

para escutar.

“Quanto eu emprestei a você há uma semana?”

“Trezentos e oito francos”, respondeu o outro, com uma contorção de muito arrependimento.

“Onde está?”

Fallowby começou uma série de explicações complexas, que logo foram interrompidas por Trent.

“Eu sei; você esbanjou; — você sempre esbanja. Pouco me importa o que você fez antes do cerco: sei que você é rico e tem o direito de gastar seu dinheiro como quiser, e sei também, de um

modo geral, que não é problema meu. Mas *agora* isso é problema meu, enquanto eu tiver de prover os fundos até você conseguir mais, o que você não fará até que o cerco termine, de uma maneira ou de outra. Quero dividir o que tenho, mas não vou ver isso ser jogado pela janela. Oh, sim, é claro que eu sei que você vai me reembolsar, mas essa não é a questão; e além disso, é opinião dos seus amigos, meu velho, que uma pequena abstinência de prazeres mundanos não vai lhe causar mal algum. Você é, sem dúvida, um excêntrico nessa cidade de esqueletos amaldiçoados pela fome!”

“Eu *estou* gordo mesmo”, ele admitiu.

“É verdade que você está sem dinheiro?”, perguntou Trent.

“Sim, estou”, suspirou o outro.

“Aquele leitão assado e suculento na Rue St. Honoré, — ainda está lá?”, continuou Trent.

“O — o quê?”, gaguejou o debilitado.

“Ah — como imaginei! Peguei você em êxtase diante daquele leitão suculento pelo menos uma dúzia de vezes!”

Então, rindo, ele presenteou Fallowby com um maço de vinte francos, dizendo: “Se usar para luxos, vai ter de começar a se sustentar da sua própria carne”, e foi ajudar West, que estava ao lado da pia, enfaixando sua mão.

West permitiu que ele fizesse o nó, e então disse: “Você se lembra, ontem, quando deixei você e Braith para levar a galinha para Colette?”.

“Galinha! Meu Deus!”, gemeu Fallowby.

“Galinha”, repetiu West, divertindo-se com o descontentamento de Fallowby; “Eu — quero dizer, devo explicar que as coisas mudaram. Colette e eu — vamos nos casar—”.

“Mas e — e a galinha?”, gemeu Fallowby.

“Fique quieto!”, riu Trent, e escorregando seu braço pelo de West, caminhou para a escada.

“A pobrezinha”, disse West, “apenas pense, sem uma lasca de lenha por uma semana e não me contou, pois pensou que eu precisava para minha escultura de argila. Nossa! Quando ouvi isso, esmaguei aquela ninfa de barro de com cara de convencida em pedaços, e o resto pode congelar e ser enforcado!”. Depois de um

momento, ele adicionou timidamente: “Quando você descer, por que não dá uma passada lá para dizer bon soir? É número 17”.

“Sim”, disse Trent, e saiu tranquilamente, fechando a porta.

Ele parou no terceiro lance, acendeu um fósforo, examinou os números pelo corredor de portas encardidas e bateu no número 17.

“C’est toi, Georges?”. A porta se abriu.

“Oh, pardon, Monsieur Jack, achei que era o Monsieur West”, então corando intensamente: “Oh, vejo que o senhor já está sabendo! Oh, muito obrigada por seus votos, e tenho certeza de que nos amamos muito, — e não vejo a hora de ver Sylvia e lhe contar e —”.

“E o quê?”, riu Trent.

“Estou muito feliz”, ela suspirou.

“Ele é de ouro”, respondeu Trent, e então alegremente: “Quero que você e George venham jantar conosco esta noite. É uma surpresinha, — sabe, amanhã é a *fête* de Sylvia. Vai fazer dezenove anos. Escrevi para os Thorne, e os Guernalecs virão com Odile, prima deles. Fallowby diz que não levará nenhuma pessoa”.

A garota aceitou timidamente, confiando a ele diversas lembranças carinhosas a Sylvia, e ele disse boa-noite.

Ele iniciou sua caminhada a passos rápidos, pois estava terrivelmente frio, e, cortando pela Rue de la Lune, entrou na Rue de Seine. A noite adiantada de inverno caíra, quase sem aviso, mas o céu estava claro e miríades de estrelas brilhavam no céu. O bombardeio tornara-se furioso — um permanente trovão retumbante que vinha do canhão prussiano, pontuado pelos choques pesados vindos de Mont Valérien.

As bombas atravessavam o céu deixando trilhas que pareciam estrelas cadentes, e agora, enquanto ele virava-se para olhar, foguetes azuis e vermelhos explodiam sobre o horizonte do Forte de Issy, e a fortaleza do Norte queimava como uma fogueira.

“Boas notícias!”, um homem gritou perto do Boulevard St. Germain. E como que por mágica as ruas ficaram cheias de gente, — pessoas de olhos contraídos, tremendo e conversando.

“Jacques!”, gritou alguém. “O Exército do Loire!”.

“Eh! *mon vieux*, finalmente ele vem! Eu lhe disse! Eu lhe disse!

Amanhã — hoje à noite — quem sabe?”

“É verdade? É uma incursão?”

Alguém disse: “Oh, Deus — uma incursão — e meu filho? Outra pessoa gritou: “Vão ao Sena? Eles dizem que dá para ver sinais do Exército do Loire da Pont Neuf”.

Havia uma criança perto de Trent, que continuava dizendo: “Mamma, mamma, então amanhã vamos comer pão branco?”, e a seu lado um homem velho balançava, gaguejava, suas mãos enrugadas comprimidas no peito, murmurando como se fosse louco.

“Será que é verdade? Quem tem ouvido as notícias? O sapateiro na Rue de Buci obteve a informação de um soldado da Guarda Móvel, que escutara um atirador de elite repetir isso para um capitão da Guarda Nacional.”

Trent seguiu uma multidão que se avolumava pela Rue de Seine para o rio. Projétil após projétil perfurava o céu, e agora, de Montmartre, o canhão ressoava, e as baterias em Montparnasse juntaram-se num estrondo. A ponte estava abarrotada de gente. Trent perguntou: “Quem viu sinais do Exército do Loire?”.

“Estamos esperando por eles”, foi a resposta.

Ele olhou para o norte. Repentinamente a enorme silhueta do Arco do Triunfo mostrou-se num relevo negro contra o brilho da explosão de um canhão. O estouro da arma ressoou ao longo do cais e a velha ponte vibrou.

De novo, perto da Point du Jour, um brilho e uma explosão pesada sacudiram a ponte, e então todo o bastião oriental das fortificações ardeu e cedeu, enviando uma chama vermelha ao céu.

“Alguém já viu os sinais?”, ele perguntou novamente.

“Estamos esperando”, foi a resposta.

“Sim, esperando”, murmurou um homem atrás dele, “esperando, doentes, famintos, congelados, mas esperando. É uma incursão? Eles vão alegremente. É para passar fome? Eles passam fome. Eles não têm tempo para pensar em rendição. Eles são heróis, — estes parisienses?”

Responda-me, Trent!”.

O cirurgião da Ambulância Americana se virou e examinou os parapeitos da ponte.

“Alguma novidade, doutor?”, perguntou Trent mecanicamente.

“Novidade?”, disse o médico; “Não tenho nenhuma; — não tenho tido tempo de saber nada. Essas pessoas estão atrás do quê?”.

“Eles dizem que o Exército do Loire deu sinais em Mont Valérien.”

“Pobres-diabos.” O médico olhou para ele por um instante, e então disse: “Estou tão perturbado e preocupado que não sei o que fazer. Depois da última incursão nós tivemos o trabalho de cinquenta ambulâncias para ajudar nossos pobres e pequenos pelotões. Amanhã haverá outra incursão, e eu gostaria que vocês, companheiros, pudessem vir para o quartel-general. Podemos precisar de voluntários. Como está sua senhora?”, ele adicionou abruptamente.

“Bem”, respondeu Trent, “mas parece ficar mais nervosa a cada dia. Eu deveria estar com ela agora”.

“Cuide dela”, disse o médico, e então, com um olhar atento para as pessoas, disse: “Não posso parar agora — boa noite!”, e se afastou apressado, murmurando: “Pobres-diabos!”.

Trent encostou-se ao parapeito e olhou para o rio negro que surgia através dos arcos. Objetos escuros, carregados rapidamente na parte superior da correnteza, batiam contra os píeres de pedra com um barulho opressor e violento, giravam por um instante e se afastavam rapidamente na escuridão. O gelo do Marne.

Enquanto ele permanecia parado olhando para a água, uma mão pousou em seu ombro. “Olá, Southwark!”, ele gritou, virando-se; “este é um lugar estranho para você estar!”.

“Trent, tenho algo para dizer a você. Não fique aqui, — não acredite no Exército do Loire”, e o *attaché* da Missão Diplomática Americana deu o braço a Trent e o arrastou em direção ao Louvre.

“Então é outra mentira!”, disse Trent amargamente.

“Pior — nós soubemos na Missão — não vale a pena mencionar. Mas não é o que quero dizer. Algo aconteceu esta tarde. Fizeram uma visita à cervejaria alsaciana e um americano chamado Hartman foi preso. Você conhece ele?”

“Conheço um alemão que se diz americano; — seu nome é

Hartman.”

“Bem, ele foi preso há duas horas. Pretendem fuzilá-lo.”

“O quê?!”

“É claro que nós na Missão não podemos permitir que o fuzilem sem mais nem menos, mas as evidências parecem conclusivas.”

“Ele é um espião?”

“Bem, os documentos confiscados em seu quarto são provas muito incriminatórias, e, além disso, ele foi pego, eles dizem, fraudando o Comitê de Alimentação Pública. Ele desviou rações para cinquenta. Como, não sei. Ele alega ser um artista americano aqui, e temos sido obrigados a registrar isso na Missão. É um problema feio.”

“Enganar as pessoas em tal momento é pior do que roubar a caixa de esmolas da igreja”, gritou Trent com raiva. “Deixe que o matem!”

“Ele é um cidadão americano.”

“Sim, oh, sim”, disse o outro com amargura. “Cidadania americana é um privilégio precioso quando todo alemão de olhos esbugalhados—”. Sua raiva o fez engasgar.

Southwark apertou sua mão calorosamente. “Não tem como evitar, nós devemos admitir a sujeira. Temo que você possa ser chamado para identificá-lo como um artista americano”, ele disse com um traço de sorriso em seu rosto sulcado; e se afastou através do Cours la Reine.

Trent xingou em silêncio por um momento e então puxou seu relógio. Sete horas. “Sylvia deve estar ansiosa”, ele pensou, e se apressou de volta ao rio. A multidão ainda se agrupava tremendo na ponte, uma lamentável e sombria congregação, tentando avistar na noite sinais do Exército do Loire: e seus corações batiam no compasso do estrondo das armas, seus olhos iluminados com cada brilho vindo da fortificação, e a esperança crescia com os projéteis que passavam.

Uma nuvem negra pairava sobre as fortificações. De horizonte a horizonte, a fumaça dos canhões se estendia em faixas oscilantes, ora encobrindo os pináculos e domos com nuvens, ora se movendo

em serpentinas e retalhos ao longo das ruas, ora descendo dos telhados, envolvendo cais, pontes e rio em uma névoa sulfurosa. E, através da cortina de fumaça, o relâmpago do canhão brincava, enquanto, de tempos em tempos, uma brecha mostrava uma insondável abóbada negra ornamentada com estrelas.

Ele voltou-se novamente para a Rue de Seine, aquela triste rua abandonada, com suas fileiras de venezianas fechadas e desoladas lâmpadas apagadas. Ele estava um pouco nervoso e desejou uma ou duas vezes um revólver, mas as figuras furtivas que passavam por ele na escuridão estavam enfraquecidas demais pela fome para serem perigosas, ele pensou, e passou por sua porta sem ser incomodado. Mas alguém saltou em sua garganta. Sobre o pavimento congelado ele rolou com seu assaltante, tentando se livrar da corda em seu pescoço, e então, com um impulso, levantou-se.

“Levante-se”, ele gritou ao outro.

Vagarosamente e com grande deliberação, um pequeno menino de rua levantou-se da sarjeta e examinou Trent com repulsa.

“Que trapaça essa”, disse Trent; “um pivete da sua idade! Você vai acabar no paredão! Dê-me essa corda!”.

A criança maltrapilha entregou-lhe a corda sem uma palavra.

Trent acendeu um fósforo e olhou para seu assaltante. Era o assassino de ratos do dia anterior.

“Hm! Eu imaginei”, ele murmurou.

“Tiens, c’est toi?”, disse o garoto tranquilamente.

O descaramento, a audácia irresistível da criança maltrapilha tirou o fôlego de Trent.

“Você sabia, seu pequeno estrangulador”, ele arfou, “que eles matam ladrões da sua idade?”.

A criança virou um rosto impassível para Trent. “Que matem, então.”

Isso foi demais; ele virou e entrou em seu hotel.

Tateando as escadas sem iluminação, ele finalmente alcançou seu andar e procurou a porta na escuridão. De seu apartamento vinham sons de vozes, da risada forte de West e do riso de Fallowby, e finalmente ele encontrou a maçaneta e, empurrando a porta,

permaneceu parado por um momento, desnorteado pela luz.

“Alô, Jack!”, gritou West, “você é uma criatura agradável, convidando pessoas para jantar e deixando-as esperar. Aqui está Fallowby, chorando de fome—”.

“Cale a boca”, observou o último, “talvez ele tenha saído para comprar um peru”.

“Ele esteve fora estrangulando pessoas, olhe para a corda!”, riu Guernalec.

“Então, agora sabemos onde você consegue seu dinheiro!”, adicionou West; “vive le coup du Père François!”.

Trent apertou a mão de todos e riu do rosto pálido de Sylvia.

“Não tinha a intenção de me atrasar; parei na ponte por um momento para assistir o bombardeio. Você ficou ansiosa, Sylvia?”

Ela sorriu e murmurou, “Oh, não!”, mas sua mão escorregou na dele, apertando-a convulsivamente.

“Para a mesa!”, gritou Fallowby, e soltou um grito alegre.

“Vá com calma”, observou Thorne, com uma reminiscência de boas maneiras; “você não é o anfitrião, você sabe”.

Marie Guernalec, que estivera conversando com Colette, saltou e pegou o braço de Thorne, e o monsieur Guernalec puxou o braço de Odile para o seu.

Trent, inclinando-se solenemente, ofereceu o seu braço para Colette, West pegou o braço de Sylvia e Fallowby rondava ansiosamente na retaguarda.

“Vocês marcham ao redor da mesa três vezes cantando a Marseillaise”, explicou Sylvia, “e monsieur Fallowby bate na mesa e marca o tempo”.

Fallowby sugeriu que eles cantassem depois do jantar, mas seu protesto foi abafado no coro vibrante:

“Auxarmes! Formez vos bataillons!”

Ao redor da sala eles marchavam, cantando,

“Marchons! Marchons!”

com toda a força, enquanto Fallowby com muita má-vontade golpeava a mesa, consolando-se um pouco com a esperança de que o exercício aumentaria seu apetite. Hércules, o cão preto e caramelo, fugiu para debaixo da cama, esconderijo de onde ele gania e gemia até ser arrastado por Guernalec e ser colocado no colo de Odile.

“E agora”, disse Trent seriamente, quando todos estavam sentados, “escutem!”, e ele leu o cardápio.

Sopa de carne de vaca à la Siege de Paris.

—

Peixe.

Sardinhas à la père Lachaise.

(Vinho Branco)

—

Rôti (vinho tinto).

Carne de vaca fresca à incursão.

—

Vegetais.

Feijão enlatado à la chasse-pot,

Ervilhas enlatadas Gravelotte,

Batatas Irlandaises,

Variado,

—

Carne-seca à la Thieis,

Ameixas cozidas à la Garibaldi,

—

Sobremesa.

Ameixas secas – Pão branco,

Geleia de groselha,

Chá – Café,

Liqueurs,

Cachimbos e cigarros.

Fallowby aplaudiu freneticamente e Sylvia serviu a sopa.

“Não está deliciosa?”, suspirou Odile.

Marie Guernalec bebericou sua sopa em êxtase.

“De maneira nenhuma parece cavalo, não me importa o que eles digam, cavalo não tem o mesmo gosto da carne de vaca”, sussurrou Colette para West. Fallowby, que terminara, começou a acariciar seu queixo e a olhar a terrina.

“Deseja mais um pouco, meu velho?”, inquiriu Trent.

“Monsieur Fallowby não pode tomar mais”, anunciou Sylvia; “Guardarei isto para a concierge”. Fallowby transferiu seus olhos ao peixe.

As sardinhas quentes da grelha foram um grande sucesso. Enquanto os outros estavam comendo, Sylvia desceu as escadas com a sopa para a velha concierge e seu marido, e, quando ela voltou apressada, corada e sem fôlego, e escorregou em sua cadeira com um sorriso feliz para Trent, aquele jovem homem levantou-se e o silêncio caiu sobre a mesa. Por um momento ele olhou para Sylvia e pensou que nunca a vira tão bonita.

“Todos vocês sabem”, ele começou, “que hoje é o aniversário de dezenove anos de minha esposa—”

Fallowby, radiante de alegria, balançou seu copo em círculos sobre sua cabeça, para o terror de Odile e Colette, suas vizinhas, e Thorne, West e Guernalec encheram seus copos três vezes antes que a salva de palmas que o brinde de Sylvia provocara diminuísse.

Três vezes os copos foram enchidos e esvaziados para Sylvia, e de novo para Trent, que protestou.

“Isto é errado”, ele gritou, “o próximo brinde é para as repúblicas gêmeas, França e América?”.

“Às Repúblicas! Às Repúblicas!”, eles gritaram, e o brinde foi bebido em meio a gritos de “Vive la France! Vive l’Amérique! Vive la Nation!”

Trent, então, com um sorriso para West, ofereceu o brinde: “Ao Feliz Casal!”⁽²⁴⁾, e todos entenderam, e Sylvia debruçou-se e beijou Colette, enquanto Trent fez uma reverência para West.

A carne foi comida em comparativa calma, mas quando

acabou, e uma porção foi separada para as pessoas velhas embaixo, Trent gritou: "Bebamos a Paris! Possa ela levantar-se das ruínas e esmagar o invasor!", e os gritos de viva ressoaram, abafando por um momento o monótono estrondo das armas prussianas.

Cachimbos e cigarros foram acesos, e Trent ouviu por um instante a conversa animada ao seu redor, interrompida pela agitação das risadas das garotas ou a risada embriagada de Fallowby. Então ele virou-se para West.

"Vai haver uma incursão esta noite", ele disse. "Vi o cirurgião da Ambulância Americana pouco antes de vir e ele me pediu para conversar com vocês. Qualquer ajuda que pudermos dar a ele será oportuna."

Diminuindo então sua voz e falando em inglês: "Quanto a mim, eu sairei com a ambulância amanhã de manhã. Não há perigo, é claro, mas é melhor não dizer nada a Sylvia".

West acenou com a cabeça, em aprovação. Thorne e Guernalec, que ouviram, interromperam e ofereceram ajuda, e Fallowby voluntariou-se com um resmungo.

"Tudo bem", disse Trent rapidamente, — "por enquanto é isso, mas me encontrem no quartel-general da Ambulância amanhã de manhã, às oito."

Sylvia e Colette, que estavam ficando desconfortáveis com a conversa em inglês, quiseram saber sobre o que eles estavam conversando.

"Um escultor fala normalmente sobre o quê?", gritou West, com uma risada.

Odile olhou com repreensão para Thorne, seu *fiancé*.

"Você não é francês, sabia, e isso não é da sua conta, esta guerra", disse Odile, com muita dignidade.

Thorne parecia submisso, mas West assumiu um ar de virtude ultrajada.

"Parece", disse ele a Fallowby, "que um sujeito não pode discutir a beleza da escultura grega em sua língua nativa sem ser abertamente suspeito".

Colette colocou sua mão sobre a boca dele e, voltando-se para Sylvia, murmurou: "Eles são horrivelmente desonestos, estes homens".

"Acredito que a palavra para ambulância seja a mesma em ambas as línguas", disse Marie Guernalec, provocativa; "Sylvia, não deposite sua confiança no Monsieur Trent."

"Jack", sussurrou Sylvia, "prometa-me—"

Uma batida na porta do apartamento a interrompeu.

"Entre", gritou Fallowby, mas Trent saltou, e abrindo a porta, olhou para fora. Então, com uma desculpa rápida para o resto, pisou no corredor e fechou a porta.

Quando retornou, estava resmungando.

"O que foi, Jack?", perguntou West.

"O que foi?", repetiu Trent ferozmente; "Vou dizer o que foi. Recebi um despacho do ministro americano para ir imediatamente identificar e confirmar, como compatriota e artista, um ladrão vil e espião alemão!".

"Não vá", sugeriu Fallowby.

"Se eu não for, vão fuzilá-lo imediatamente."

"Deixe que façam isso", rosnou Thorne.

"Vocês sabem quem é ele?"

"Hartman!", gritou West, inspirado.

Sylvia levantou-se com um salto, mortalmente pálida, mas Odile colocou o braço ao seu redor e a apoiou até uma cadeira, dizendo calmamente: "Sylvia desmaiou, — é essa sala quente, — traga um pouco de água".

Trent trouxe água imediatamente. Sylvia abriu seus olhos, e depois de um momento levantou-se, e apoiada por Maria Guernalec e Trent, foi para o quarto. Este foi o sinal para todos irem embora, e todos vieram e cumprimentaram Trent, dizendo que esperavam que Sylvia se recuperasse durante o sono e que não fosse nada.

Quando Marie Guernalec o deixou, ela evitou contato visual, mas ele falou com ela cordialmente e agradeceu pela ajuda.

"Algo que eu possa fazer, Jack?", inquiriu West, hesitando, e então apressou-se escadas abaixo para alcançar os outros.

Trent encostou-se na balaustrada, ouvindo os passos e a

conversa deles, e então a porta de baixo bateu e a casa ficou em silêncio. Ele hesitou, olhando para a escuridão abaixo, mordendo seus lábios; então, com um movimento impaciente: “Estou louco!”, ele murmurou, e acendendo uma vela, foi para o quarto. Sylvia estava deitada na cama. Ele inclinou-se sobre ela, alisando o cabelo cacheado em sua testa.

“Está melhor, Sylvia querida?”

Ela não respondeu, mas levantou seus olhos para encontrar os dele. Por um momento, ele encontrou seu olhar, mas o que ele viu deixou seu coração gelado, e ele sentou-se cobrindo seu rosto com as mãos.

Finalmente ela falou em uma voz alterada e irritada, — uma voz que ele nunca ouvira, e ele deixou suas mãos caírem e ouviu, sentado ereto em sua cadeira.

“Jack, aconteceu finalmente. Eu tive medo e tremi, — ah! Quantas vezes fiquei acordada à noite com isso em meu coração e rezei para que eu morresse antes que você soubesse! Pois amo você, Jack, e se você for embora, eu não posso viver. Eu o desapontei; — isso aconteceu antes de conhecer você, mas desde aquele primeiro dia, quando você me encontrou chorando em Luxembourg e falou comigo, tenho sido fiel a você em cada pensamento e ação. Amei você desde o primeiro momento, e não ousei contar isso a você — temendo que você fosse embora; e desde então meu amor tem crescido — crescido — e, oh! Eu sofri! — mas não ousei contar a você. E agora você sabe, mas não sabe o pior. Porque ele — agora — o que me importa? Ele foi cruel — oh, tão cruel!”

Ela escondeu o rosto em suas mãos.

“Devo continuar? Devo contar a você — você não pode imaginar, oh! Jack—”

Ele não se mexeu; seus olhos pareciam mortos.

“Eu — eu era tão jovem, não sabia coisa alguma, e ele disse — disse que me amava—”

Trent levantou-se e apagou a vela com seu punho cerrado, e o quarto ficou escuro.

Os sinos de St. Sulpice soaram as horas, e ela levantou-se,

falando com pressa febril, — “Preciso terminar! Quando você disse que me amava — você — você nada me pediu; mas naquele tempo, mesmo naquele tempo, já era tarde demais, e *aquela outra vida* que me liga a ele deve permanecer para sempre entre mim e você! Pois há *outra pessoa* sobre a qual ele tem reivindicado direito, e para quem ele é bom. Ele não pode morrer, — eles não podem fuzilá-lo, pelo bem da *outra pessoa!*”

Trent permaneceu sentado imóvel, mas seus pensamentos corriam em uma confusão interminável.

Sylvia, pequena Sylvia, que compartilhara com ele sua vida de estudante, — que suportou com ele a desolação sombria do cerco sem reclamações, — essa garota esbelta de olhos azuis, de quem ele gostava tanto em silêncio, a quem ele provocava ou acariciava conforme seus caprichos, que às vezes o deixava, no mínimo, um pouco impaciente com sua devoção apaixonada por ele, — poderia ser a mesma Sylvia que chorava deitada ali na escuridão?

Então ele cerrou seus dentes. “Deixe que morra! Deixe que morra!” — mas então, — pelo bem de Sylvia, e, — pelo bem daquela *outra pessoa*, — Sim, ele iria, — ele *deveria* ir, — seu dever era óbvio diante dele. Mas Sylvia, — ele não mais poderia ser o que fora para ela, e mesmo que um vago terror tomasse conta dele, agora tudo estava dito. Tremendo, ele acendeu uma luz.

Ela continuava deitada ali, seu cabelo cacheado caindo em seu rosto, suas pequenas mãos brancas pressionadas em seu peito.

Ele não podia deixá-la, mas não podia ficar. Ele nunca antes soube que a amava. Ela fora uma simples camarada, aquela garota e esposa dele. Ah! Ele a amava agora com todo seu coração e sua alma, e ele descobriu isso apenas quando já era tarde demais. Tarde demais? Por quê? Então ele pensou naquela outra pessoa, que a ligava, que a conectava para sempre à criatura que corria risco de vida. Com um xingamento, ele saltou para a porta, mas a porta não abriu, — ou foi porque ele a empurrou para trás, — trancando-a — e se arremessou de joelhos ao lado da cama, sabendo que nem pela própria vida se atreveria a abandonar o que era tudo em sua vida.

III

Eram quatro da manhã quando ele saiu da Prisão dos Condenados com o secretário da Missão Diplomática Americana. Um grupo de pessoas reunira-se ao redor da carruagem do ministro americano, que permanecia em frente à prisão, com os cavalos pisoteando e escarvando a rua congelada, o cocheiro encolhido, embrulhado em peles.

“Como o patife encarava”, ele disse; “seu testemunho foi pior do que um chute, mas salvou a pele dele por enquanto, — e evitou complicações”.

O secretário suspirou. “Fizemos nossa parte. Agora deixemos que provem que ele é espião e lavaremos nossas mãos. Entre, capitão! Venha, Trent!”

“Tenho de dar uma palavra com o capitão Southwark, não vou tomar muito tempo”, disse Trent rapidamente, e abaixando sua voz: “Southwark, me ajude agora. Você conhece a história do salafrário. Você sabe que a — a criança está em seus aposentos. Pegue-a e leve-a para meu apartamento, e se ele for morto, eu providenciarei um lar para ela”.

“Entendo”, disse o capitão de modo grave.

“Você fará isso imediatamente?”

“Imediatamente”, ele respondeu.

Suas mãos se encontraram em um aperto quente, e então o capitão Southwark subiu na carruagem, gesticulando para que Trent o seguisse; mas ele balançou sua cabeça, dizendo “Adeus!”, e a carruagem se afastou.

Ele observou a carruagem até o fim da rua, então seguiu em direção ao seu próprio bairro, mas depois de um ou dois passos hesitou, parou e finalmente voltou-se para a direção oposta. Algo — talvez a visão do prisioneiro que ele confrontara tão recentemente o nauseasse. Ele sentiu a necessidade de solidão e silêncio para ordenar os pensamentos. Os eventos da noite o perturbaram terrivelmente, mas ele se livraria disso, esqueceria, enterraria tudo, e então voltaria para Sylvia. Ele pôs-se em movimento rapidamente,

e por certo tempo os pensamentos amargos pareceram desaparecer, mas quando ele parou finalmente, sem fôlego, sob o Arco do Triunfo, a amargura e a desgraça da situação toda — sim, de sua vida inteira desperdiçada, voltaram com uma pontada de angústia. Então o rosto do prisioneiro, horrivelmente deformada pelo medo, surgiu nas sombras diante de seus olhos.

Sofrendo no coração, ele vagou para cima e para baixo sob o grande Arco, lutando para ocupar sua mente, observando atentamente as cornijas das esculturas para ler os nomes dos heróis e das batalhas que ele sabia estarem gravadas ali, mas sempre a face pálida de Hartman o seguia arreganhando os dentes com terror! — ou era terror? — não era triunfo? — A esse pensamento, saltou como um homem que sente uma faca em sua garganta, mas depois de uma caminhada furiosa ao redor da praça, retornou e sentou-se para lutar contra sua miséria.

O ar estava frio, mas suas bochechas queimavam de raiva e vergonha. Por quê? Foi por ter se casado com uma garota que o acaso transformara em mãe? Ele a amava? Esta existência boêmia miserável era, então, seu fim e objetivo de vida? Ele voltou seus olhos aos segredos de seu coração e leu uma história perversa, — a história do passado, e ele cobriu seu rosto por vergonha enquanto, no mesmo ritmo da maçante dor latejante em sua cabeça, seu coração bombeava a história para o futuro. Vergonha e desgraça.

Desperto finalmente de uma letargia que começara a entorpecer a amargura de seus pensamentos, ele levantou a sua cabeça e olhou ao redor. Uma névoa repentina ocupara as ruas; os arcos do Arco estavam envoltos por ela. Ele foi para casa. Um grande terror de estar sozinho o tomou. *Mas ele não estava sozinho.* A névoa estava povoada de fantasmas. Eles se moviam ao seu redor na neblina, vagando através dos arcos, em filas longas, e desapareciam enquanto outros surgiam da névoa, passavam rapidamente e eram engolfados. Ele não estava sozinho, pois mesmo a seu lado eles se reuniam, tocando-o, se amontoando diante dele, ao seu lado, atrás dele, empurrando-o para trás, agarrando-o e carregando-o pela neblina. Descendo uma avenida obscura, por meio de travessas e becos com neblina eles passaram, e se falavam,

suas vozes soariam embaçadas como o vapor que os encobria. Finalmente à frente, uma construção de alvenaria e terra cortada por um portão maciço de barras de ferro elevava-se da neblina. Cada vez mais lentamente eles deslizavam, ombro a ombro e coxa a coxa. E então todo o movimento cessou. Uma brisa repentina moveu a neblina, que ondulou e se moveu em círculos. Os objetos se tornaram mais distintos. Uma palidez se arrastou acima do horizonte, tocando as margens das nuvens carregadas, e revelou fracas faíscas de milhares de baionetas. Baionetas — elas estavam por toda parte, cortando a neblina ou deslizando debaixo dela em rios de aço. No alto da parede de alvenaria e terra assomava-se um grande canhão, e ao seu redor figuras se moviam em suas silhuetas. Abaixo, uma vasta torrente de baionetas passava rapidamente através do portão de grades de ferro em direção à planície sombria. O dia tornou-se mais claro, rostos surgiam mais distintos entre as massas que marchavam e ele reconheceu um deles.

“Você, Philippe!”

A figura virou a cabeça.

Trent gritou: “Há lugar para mim?”, mas o outro apenas acenou um vago *adieu* e seguiu com o resto. Logo a cavalaria começou a passar, esquadrão por esquadrão, se aglomerando na escuridão; e então muitos canhões, uma ambulância, e, de novo, as fileiras sem fim de baionetas. Ao seu lado, um couraceiro sentou-se em seu cavalo, cuja expiração soltava vapor, e à frente, entre um grupo de oficiais, ele viu um general com o colarinho de pele carneiro de seu dólmã virado para seu rosto pálido.

Algumas mulheres choravam perto dele e uma delas esforçava-se para enfiar uma fatia de pão preto no embornal de um soldado. O soldado tentou ajudá-la, mas o saco estava amarrado e seu rifle o incomodava, então Trent o segurou, enquanto a mulher abriu o saco e enfiou nele o pão, agora todo molhado com suas lágrimas. O rifle não era pesado. Trent o achou maravilhosamente manejável. A baioneta estava afiada? Ele a testou. Então um anseio repentino, um feroz, imperativo desejo tomou posse dele.

“*Chouette!*”, gritou um menino de rua, grudando-se ao portão, “*encore toi mon vieux?*”.

Trent olhou para cima e o caçador de ratos riu em sua cara. Mas quando o soldado pegou o rifle de novo, e agradecendo a ele, correu rápido para alcançar o seu batalhão, ele mergulhou na multidão perto da passagem.

“Você está indo?”, ele gritou para um fuzileiro naval que estava sentado na sarjeta enfaixando seu pé com uma bandagem.

“Sim.”

Uma garota então — uma mera criança — o pegou pela mão e o levou ao café que estava em frente ao portão. O salão estava cheio de soldados, alguns, brancos e silenciosos, sentados no chão, outros gemendo nos assentos forrados de couro. O ar estava azedo e sufocante.

“Escolha!”, disse a garota com um pequeno gesto de pena; “eles não podem ir!”.

Em uma pilha de roupas no chão, ele encontrou um capote e um quepe.

Ela o ajudou a afivelar sua mochila, a cartucheira e o cinto, e mostrou-lhe como carregar o fuzil chassepot, segurando-o em seus joelhos.

Quando ele a agradeceu, ela levantou-se repentinamente.

“Você é um estrangeiro!”

“Americano”, ele disse, indo em direção à porta, mas a criança barrou seu caminho.

“Eu sou bretã. Meu pai está ali com o canhão dos fuzileiros navais. Ele vai atirar em você se for um espião.” Eles se olharam por um instante. Então, suspirando, ele se inclinou e beijou a criança. “Reze pela França, pequenina”, ele murmurou, e ela repetiu com um sorriso pálido: “Pela França e por você, beau monsieur.”

Ele atravessou correndo a rua e passou pelo portão. Uma vez fora, ele esgueirou-se para entrar numa fila e forçou caminho ao longo da via. Um cabo passou, olhou para ele, passou novamente, e finalmente chamou um oficial. “Você pertence ao sexagésimo”, rosnou o cabo, olhando para o número em seu quepe.

“Não estamos precisando de franco-atiradores”, adicionou o oficial ao reparar suas calças pretas.

“Eu me ofereço como voluntário no lugar de um camarada”,

disse Trent, e o oficial deu de ombros e seguiu em frente.

Ninguém prestou muita atenção a ele, e um ou dois olharam rapidamente para suas calças. A via estava escondida pela neve semiderretida e pela lama sulcada e removida por saltos e cascos. Um soldado à sua frente torceu o tornozelo em um sulco congelado e se arrastou para a margem do aterro, gemendo. As planícies de ambos os lados deles estavam cinza da neve derretida. Aqui e ali, atrás de cercas-vivas desmanteladas, vagões de defesa ostentavam bandeiras brancas com cruces vermelhas. Às vezes, o motorista era um padre em chapéu e beca desbotados, às vezes era um soldado aleijado da Guarda Móvel. Uma vez, passaram por um vagão manobrado por uma irmã de caridade. Casas vazias e silenciosas com grandes fendas em suas paredes, e cada espaço vazio de janela, se amontoavam ao longo da rua. Mais além, dentro da zona de perigo, não restaram habitações humanas, exceto aqui e ali uma pilha de tijolos congelados ou um porão enegrecido sufocado pela neve.

Já fazia algum tempo que Trent vinha se sentindo incomodado pelo homem atrás dele e que continuava pisando em seus calcanhares. Convencido finalmente de que era intencional, ele virou-se para reclamar e se viu face a face com um colega, estudante da Beaux Arts. Trent o encarou.

“Pensei que você estava no hospital.”

O outro balançou a cabeça, apontando para seu maxilar enfaixado.

“Estou vendo, você não pode falar. Posso fazer alguma coisa?”

O homem machucado revistou seu embornal e tirou uma casca de pão preto.

“Ele não pode comer, seu maxilar está esmagado, e ele quer que você mastigue por ele”, disse o soldado perto dele. Trent pegou a casca, e triturando-a em seus dentes pedaço por pedaço, passava-os para o homem faminto. De tempos em tempos, ordenanças montados corriam para o *front*, cobrindo-os com neve semiderretida. Era uma marcha calma e silenciosa através de prados encharcados envoltos pela neblina. Ao longo do aterro da ferrovia do outro lado da vala, outra coluna movia-se paralela à deles. Trent observava,

uma massa sombria, ora distinta, ora vaga, ora obscurecida pela lufada de neblina. Uma vez, por meia hora, ele não a viu, mas quando ela surgiu novamente, ele notou uma linha fina se destacando do flanco, e, reunindo-se no centro, girou rapidamente para oeste. No mesmo momento, uma fissura prolongada irrompeu da neblina à frente. Outras linhas começaram a desgarrar-se da coluna, oscilando para leste e oeste, e a fissura se tornou contínua. Uma bateria passou a todo galope, e ele se afastou com seus camaradas para abrir caminho. Entraram em ação um pouco à direita de seu batalhão, e quando o tiro do primeiro rifle soou através da névoa, o canhão da fortificação abriu fogo com um rugido poderoso. Um oficial passou galopando e gritando algo que Trent não conseguiu entender, mas ele viu as linhas à frente repentinamente se separarem da sua e desaparecerem no crepúsculo. Mais oficiais chegaram a cavalo e permaneceram ao seu lado sondando a neblina. Longe, à frente, os tiros tornaram-se um estrondo prolongado. Era uma espera angustiante. Trent mastigou um pouco de pão para o homem atrás dele, que tentou engolir, e depois de um tempo, balançou sua cabeça, gesticulando a Trent para que comesse o restante. Um cabo ofereceu a ele um pouco de conhaque e ele bebeu, mas quando ele se voltou para retornar o frasco, o cabo estava no chão. Alarmado, ele olhou para o soldado perto dele, que deu de ombros e abriu a boca para falar, mas algo o atingiu e ele rolou até o final do barranco. Naquele momento o cavalo de um dos oficiais deu um pinote e recuou de costas para o batalhão, dando coices com as patas de trás. Um homem foi derrubado; outro levou um coice no peito e foi arremessado nas colunas. O oficial afundou suas esporas no cavalo e o forçou a ir para o *front* de novo, onde parou tremendo. O bombardeio parecia se aproximar mais. Um oficial, cavalgando vagarosamente para cima e para baixo entre o batalhão, de repente caiu de sua sela e grudou na crina de seu cavalo. Uma de suas botas balançava presa pelo estribo, pingando gotas vermelhas. Então homens vieram correndo da neblina. As estradas, os campos, os barrancos estavam cheios deles, e muitos deles caíam. Por um instante ele imaginou ver cavaleiros cavalgando de um lado para o outro como fantasmas nos

vapores além, e um homem atrás dele praguejava horrivelmente, dizendo que ele também os vira, e que eles eram os Uhlans; mas o batalhão permanecia inativo, e a neblina caiu de novo sobre os prados.

O coronel sentava-se pesadamente em seu cavalo, sua cabeça em forma de bala enterrada em seu colarinho de pele de carneiro, suas pernas gordas fincadas de forma esticada nos estribos.

Os corneteiros agrupavam-se perto dele com as cornetas posicionadas, e atrás dele um oficial em uma jaqueta azul-claro fumava um cigarro e conversava com o capitão dos hussardos. Da rua à frente vinha o som de um galope furioso, e um oficial parou ao lado do coronel, que gesticulou para a retaguarda sem virar a cabeça. Então, um murmúrio confuso surgiu à esquerda, acabando em um grito. Um hussardo passou como o vento, seguido por outro e outro, e então, esquadrão depois de esquadrão passou correndo perto deles para dentro das camadas de neblina. Naquele instante, o coronel tomou a retaguarda em sua cela, os corneteiros soaram as cornetas, e todo o batalhão acelerou pelo barranco e pôs-se em movimento através do prado encharcado. Trent perdeu seu quepe quase que imediatamente. Algo o arrebatou de sua cabeça, ele achou que tinha sido o galho de uma árvore. Um bom número de seus camaradas rolou na lama e no gelo, e ele imaginou que eles haviam escorregado. Um homem foi arremessado bem em seu caminho e ele parou para ajudá-lo, mas o homem gritou quando ele o tocou, e um oficial gritou, "À frente! À frente!", então ele correu novamente. Era uma longa corrida através da neblina, e ele era obrigado frequentemente a mudar seu rifle de posição. Quando, finalmente, eles se deitaram ofegando atrás da elevação da ferrovia, ele olhou ao redor. Ele sentira a necessidade de ação, de um embate físico desesperado, de matar e aniquilar. Ele fora tomado por um desejo de se atirar entre as massas e rasgar à direita e à esquerda. Ele ansiou por atirar e usar a lâmina fina de seu *chassepot*. Não esperara por isso. Ele queria ficar exausto, lutar e cortar até ficar incapaz de levantar o braço. Depois ele podia ir para casa. Ouviu um homem dizer que metade do batalhão caíra com o ataque explosivo, e viu outro examinando um corpo sob a elevação. O corpo, ainda

quente, estava vestido em um estranho uniforme, mas mesmo quando ele notou o elmo com ponteira caído a alguns centímetros à frente, ele não entendeu o que havia ocorrido.

O coronel estava sentado em seu cavalo poucos metros à esquerda, seus olhos brilhando sob o quepe vermelho. Trent o ouviu responder a um oficial: "Posso resistir, mas outro ataque e não terei homens suficientes nem para tocar a corneta."

"Os prussianos estavam aqui?", Trent perguntou a um soldado que limpava o sangue gotejando de seus cabelos.

"Sim. Os hussardos os eliminaram. Os pegamos em fogo cruzado."

"Estamos dando apoio a uma bateria na elevação", disse outro.

Então o batalhão rastejou pela elevação e moveu-se ao longo das linhas de trilhos retorcidos. Trent dobrou as pernas da calça e as enfiou nas meias de lã, mas eles pararam de novo e alguns homens se sentaram nos trilhos desmantelados da via férrea. Trent procurou por seu camarada ferido da Beaux Arts. Ele continuava em seu lugar, muito pálido. O bombardeio tornara-se horrível. Por um momento, a neblina elevou-se. Ele teve um vislumbre do primeiro batalhão, imóvel nos trilhos à frente, de regimentos em ambos os flancos, e então, enquanto a neblina baixava de novo, os tambores soaram e a música das cornetas começou distante, à esquerda. Um movimento agitado passou entre as tropas, o coronel levantou seu braço, os tambores ressoaram e o batalhão se movimentou através do nevoeiro. Eles estavam próximos ao *front* agora, pois o batalhão atirava à medida que avançava. Ambulâncias galopavam ao longo da base da elevação, para a retaguarda, e os hussardos iam e voltavam como fantasmas. Eles estavam no *front*, finalmente, pois tudo era movimento e agitação, enquanto que, do nevoeiro, ao alcance das mãos, vinham gritos, gemidos e saraivadas de tiros estrondosas. Bombas caíam por todos os lados, explodindo ao longo da elevação, salpicando-os de lama congelada. Trent estava apavorado. Ele começou a temer o desconhecido que estava lá, estalando e ardendo na obscuridade. O impacto do canhão o fazia se sentir mal. Ele podia mesmo ver o nevoeiro se iluminar com um fraco laranja quando o estrondo sacudia a terra. Estava próximo, ele teve certeza,

pois o coronel gritou “À frente”, e o primeiro batalhão se apressou para dentro da neblina. Ele sentiu sua respiração, ele tremeu, mas se apressou. Um disparo assustador à frente o deixou aterrorizado. Em algum lugar no nevoeiro, homens comemoravam, e o cavalo do coronel, ofegando e sangrando, mergulhou na fumaça.

Outra explosão, e um impacto, bem em seu rosto, quase o atordoou, e ele cambaleou. Todos os homens à direita tinham caído. Sua cabeça girou; o nevoeiro e a fumaça o entorpeceram. Ele estendeu sua mão para um apoio e segurou em algo. Era a roda de um carrinho de canhão, e um homem saltou de trás dela, almejando um golpe em sua cabeça com um martelo, mas caiu para trás, gritando com uma baioneta enfiada no pescoço, e Trent sabia que o tinha matado. Mecanicamente, ele se abaixou para pegar seu rifle, mas a baioneta ainda estava no homem, que jazia no chão, batendo as mãos vermelhas na grama. Aquilo o fez passar mal, e ele se apoiou no canhão. Homens lutavam por todo canto ao seu redor, e o ar estava fétido de fumaça e suor. Alguém o agarrou por trás e outro pela frente, mas outros ao redor os agarraram ou os atingiram com fortes golpes. O clique! clique! clique! de baionetas o enfurecia, e ele agarrou o martelo e golpeou às cegas até que a arma ficasse em pedaços.

Um homem o segurou pelo pescoço e o derrubou no chão, mas ele o estrangulou e se levantou. Ele viu um camarada agarrar o canhão e cair do outro lado com o crânio esmagado; ele viu o tombo do coronel, de sua cela à lama; e então sua consciência se foi.

Quando voltou a si, estava deitado na elevação entre os trilhos retorcidos. De cada lado, homens em agrupamentos gritavam, xingavam e sumiam dentro do nevoeiro, e ele levantou-se cambaleando e os seguiu. Parou uma vez para ajudar um camarada com o maxilar enfaixado, que não podia falar, mas que se grudou em seu braço por um tempo e, então, caiu morto no lamaçal congelado; e, de novo, ele ajudou outro, que gemia: “Trent c’est moi —Philippe”, até que uma saraivada repentina na neblina o aliviou de sua carga.

Um vento congelante desceu das alturas e cortou o nevoeiro. Por um instante, com um olhar nocivo, o sol perscrutou através das

matas nuas de Vincennes e se pôs, mais e mais baixo, se afundando no prado encharcado de sangue como um coágulo entre a fumaça das baterias.

IV

Quando bateu a meia-noite no campanário da St. Sulpice, os portões de Paris ainda estavam obstruídos por resquícios do que, uma vez, fora um exército.

Eles entraram com a noite, uma multidão sombria e silenciosa, respingada com lama, fraca de fome e exaustão. Houve pequena desordem no início, e a multidão nos portões se dispersou silenciosamente enquanto as tropas vagavam ao longo das ruas congelantes. A confusão começou conforme as horas foram passando. Cada vez mais rápido, uma multidão de esquadrões após esquadrões ia se acumulando, e baterias após baterias, cavalos saltando e carroças de munição aos solavancos, os remanescentes vindos do *front* surgiam através dos portões, um caos de cavalaria e artilharia lutando pelo direito à passagem. Perto deles cambaleava a infantaria; aqui o esqueleto de um regimento marchando em uma tentativa desesperada para se organizar; acolá um grupo desordeiro de soldados *mobiles* abria seu caminho entre as ruas; e então um tumulto de cavaleiros, canhões, tropas sem oficiais, oficiais sem homens, e de novo uma linha de ambulâncias com as rodas gemendo sob suas cargas pesadas.

Emudecida pela miséria, a multidão olhava à frente.

Durante todo o dia, as ambulâncias chegaram, e durante o dia inteiro a multidão esfarrapada gemia e tremia perto das barreiras. Ao meio-dia, a multidão aumentou dez vezes, preenchendo as praças perto dos portões e se aglomerando nas fortificações internas.

Às quatro da tarde, as baterias alemãs repentinamente envolveram-se em fumaça, e as bombas caíam rápido em Montparnasse. Às quatro e vinte, dois projéteis atingiram uma casa

na Rue du Bac, e, um momento depois, a primeira bomba caiu no Quartier Latin.

Braith pintava na cama quando West chegou, muito assustado.

“Queria que você descesse; nossa casa foi atacada e destruída, e tenho medo de que alguns dos saqueadores estejam planejando nos fazer uma visita esta noite.”

Braith pulou da cama e se enrolou em uma peça de roupa que uma vez fora um sobretudo.

“Alguém machucado?”, ele perguntou, lutando com uma manga com um forro aos farrapos.

“Não. Colette está protegida no porão, e a concierge fugiu para as fortificações. Vai chegar uma gangue violenta lá se o bombardeio continuar. Você deve nos ajudar—”

“É claro”, disse Braith; mas apenas quando eles chegaram à Rue Serpente e entraram na passagem que levava ao porão de West que o último gritou: “Você viu Jack Trent hoje?”.

“Não”, respondeu Braith, com um olhar preocupado, “ele não estava no quartel da Ambulância Americana.”

“Ele deve ter ficado em casa para tomar conta de Sylvia, imagino.”

Uma bomba veio destruindo tudo através do telhado de uma casa no fim do beco e explodiu no porão, espalhando ardósia e reboco por toda a rua. Uma segunda atingiu uma chaminé e caiu no jardim, seguida por uma avalanche de tijolos, e outra explodiu na rua ao lado com um estrondo ensurdecedor.

Eles correram ao longo da passagem até os degraus que levavam ao porão. Aqui, Braith parou novamente.

“Você não acha melhor eu correr para checar se Jack e Sylvia estão bem-entrancheirados? Posso voltar antes do anoitecer.”

“Não. Vá e ache Colette, e eu vou.”

“Não, não, deixe-me ir, não há perigo.”

“Eu sei disso”, respondeu West calmamente; e, arrastando Braith para o beco, apontou para os degraus do porão. A porta de aço estava bloqueada.

“Colette! Colette!”, ele chamou. A porta abriu para dentro, e a garota subiu as escadas para encontrá-los. Naquele instante, Braith,

olhando para trás, gritou perplexo, e empurrando os dois para dentro do porão, saltou logo atrás, batendo a porta de aço violentamente. Alguns segundos depois, um pesado abalo vindo de fora balançou as dobradiças.

“Eles estão aqui”, murmurou West, muito pálido.

“Aquela porta”, observou Colette calmamente, “resistirá para sempre.”

Braith examinou a estrutura baixa de aço, agora trêmula com os choques vindos de fora. West olhou ansiosamente para Colette, que não aparentava agitação, e isso o confortou.

“Não acho que eles passarão muito tempo por aqui”, disse Braith; “eles apenas revistam porões em busca de bebida, imagino.”

“A menos que saibam que há coisas valiosas escondidas aqui.”

“Mas com certeza não há nada escondido aqui”, exclamou Braith com preocupação.

“Infelizmente há”, rosnou West. “Aquele meu senhorio pão-duro—”

Um estrondo vindo de fora, seguido por um grito, o interrompeu repentinamente; então, golpe após golpe fez as portas tremerem, até que um estalo agudo, um tinir de metal, fez com que um pedaço triangular de aço caísse lá dentro, deixando um buraco através do qual se contorcia um raio de luz.

Instantaneamente West se ajoelhou e, colocando seu revólver através da abertura, disparou todos os cartuchos. Por um momento, o beco ressoou com o barulho do revólver, e depois um silêncio absoluto se seguiu.

“Aqui”, disse West, agarrando Colette pelo pulso, “me siga, Braith!”, e ele correu rapidamente em direção a um ponto circular de luz no ponto mais distante do porão. O ponto de luz vinha de um bueiro bloqueado acima. West gesticulou para que Braith subisse em seus ombros. “Empurre. Você tem que fazer isso!” Com pouco esforço, Braith levantou a tampa bloqueada, arrastando-se de bruços para fora, e facilmente puxou Colette dos ombros de West. “Rápido, meu velho!”, gritou o último. Braith torceu suas pernas ao redor da cerca de arame e se curvou para frente de novo. O porão estava inundado com uma luz amarela, e o ar estava preenchido com o

cheiro ruim do petróleo das tochas. A porta de ferro ainda resistia, mas uma chapa inteira de metal se fora, e agora enquanto eles observavam, uma figura veio se arrastando, segurando uma tocha. "Rápido!", sussurrou Braith. "Pule!", e West se pendurou balançando até Colette agarrá-lo pelo colarinho e ele ser puxado para fora. Então ela se descontrolou e chorou histericamente, mas West a abraçou e a guiou para os jardins da rua ao lado, onde Braith, depois de recolocar a tampa do bueiro e empilhar sobre ela algumas pedras de uma parede ali perto, reuniu-se a eles. Estava quase escuro. Eles correram pela rua, agora iluminada apenas pelos prédios em chama ou pelo rápido brilho das bombas. Eles evitaram as chamas, mas a certa distância viam as formas dos saqueadores movimentando-se rápido entre os escombros. Às vezes passavam por uma fúria de mulheres enlouquecidas pela bebida, proferindo maldições sobre o mundo, ou algum camponês preguiçoso cujas mãos e rosto enegrecidos traíam sua contribuição no trabalho de destruição. Finalmente eles chegaram ao Sena e passaram pela ponte, e então Braith disse: "Devo voltar. Não estou certo sobre Jack e Sylvia". Enquanto ele falava, abriu caminho por uma multidão que vinha marchando pela ponte e ao longo da parede de contenção perto das casernas em Quai D'Orsay. No meio disso, West escutou o passo cadenciado de um pelotão. Um lampião passou, uma fileira de baionetas, e então outro lampião, que bruxuleava em uma face mortal oculta, e Colette falou com um susto: "Hartman!", e ele desapareceu. Eles observavam com medo através do aterro, segurando a respiração. Houve um arrastar de pés no cais, e o portão das casernas se fechou com um estrondo. Um lampião brilhou por um momento no portão dos fundos, a multidão se espremeu contra a grade e, então, escutou-se o ressoar da saraivada vindo do lado de dentro do muro de pedras.

Uma por uma, as tochas lamparinas se acenderam ao longo do aterro, e agora a praça toda estava em movimento. Desde a Champs-Élysées e da Place de la Concorde, os fragmentos da batalha se espalhavam, uma companhia aqui, uma multidão ali. Eles brotavam de cada rua, seguidos por mulheres e crianças, e um grande murmúrio, carregado pelo vento congelante, soprando

através do Arco do Triunfo e pela avenida escura: “Perdus! Perdus!”.

A retaguarda esfarrapada de um batalhão forçava a passagem, o espectro da aniquilação. West gemeu. Então uma figura saltou das fileiras sombrias e chamou o nome de West, e quando viu que era Trent, ele gritou. Trent o agarrou, branco de terror. “Sylvia?” West apenas o encarou, sem palavras, mas Colette gemeu. “Ah, Sylvia! Sylvia! — e eles estão bombardeando o Quartier!” “Trent!”, gritou Braith; mas ele havia partido, e eles não poderiam alcançá-lo. O bombardeio cessou enquanto Trent cruzava o Boulevard St. Germain, mas a entrada para a Rue de Seine estava bloqueada por uma pilha de tijolos fumegantes. Por todo lado, as bombas rasgavam grandes buracos no pavimento. O café era uma ruína de pedaços de madeira e vidro, a livraria estava arruinada, rachada do teto ao porão, e a pequena padaria, fechada há tempos, se projetava sobre uma massa de ardósia e metal. Ele escalou os tijolos fumegantes e se apressou pela Rue de Tournon. Na esquina, uma fogueira ardia, iluminando a rua, e na parede do banco, abaixo de uma lâmpada a gás despedaçada, uma criança escrevia com um pedaço de carvão:

“Aqui caiu a primeira bomba.”

As letras o encararam. O matador de ratos acabou e deu um passo para trás para olhar seu trabalho, mas, vendo a baioneta de Trent, gritou e fugiu, e enquanto Trent cambaleava através da rua em pedaços, mulheres furiosas fugiam, de buracos e fendas nas ruínas, de seu trabalho de pilhagem, xingando-o. No início, ele não pôde encontrar sua casa, pois as lágrimas o cegavam, mas ele bateu ao longo da parede e alcançou a porta. Um lampião ardia no alojamento da concierge e o velho jazia morto a seu lado. Abatido de medo, ele se apoiou por um momento em seu rifle, e, então, apanhando o lampião, subiu as escadas. Ele tentou chamar, mas sua língua não se movia. No segundo andar, ele viu reboco nas escadas, e o terceiro andar estava destruído, e a concierge jazia em uma poça de sangue no outro lado do patamar. O próximo andar era o seu, o *deles*. A porta estava pendurada pelas dobradiças, as paredes com

grandes buracos e vãos. Ele se arrastou para dentro e se agachou ao lado da cama; ali, dois braços se atiraram ao redor de seu pescoço, e um rosto marcado por lágrimas procurou o dele. "Sylvia!" "Oh, Jack! Jack! Jack!" No travesseiro caído ao lado deles, uma criança choramingou. "Eles a trouxeram; ela é minha", ela soluçou. "Nossa", ele sussurrou, com seus braços ao redor das duas. Então, das escadas abaixo veio a voz ansiosa de Braith. "Trent! Está tudo bem?"

A Rua de Nossa Senhora
dos Campos

A Rua de Nossa Senhora dos Campos

*“Et tout les jours passés dans la tristesse
Nous sont comptés comme des jours heureux!”⁽²⁵⁾*

I

A rua não é elegante nem desprezível. Ela é uma pária entre as ruas — uma rua sem bairro. É geralmente reconhecida por se encontrar fora dos limites da aristocrática Avenue de l’Observatoire. Os estudantes do distrito de Montparnasse a consideram elegante e não querem saber dela. O Quartier Latin, a partir do Luxembourg, sua fronteira ao norte, sorri com desdém à sua respeitabilidade e observa com desaprovação os estudantes corretamente trajados que a assombram. Poucos estrangeiros passam por lá. Às vezes, entretanto, os estudantes do Quartier Latin a usam como passagem entre a Rue de Rennes e o Bullier, mas, fora isso e as visitas vespertinas semanais de pais e guardiões ao convento próximo à Rue Vavin, a rua de Nossa Senhora dos Campos é tão calma quanto um bulevar de Passy. Talvez a porção mais respeitável encontre-se entre a Rue de la Grande Chaumière e a Rue Vavin; pelo menos esta foi a conclusão a que chegou o reverendo Joel Byram enquanto perambulava por ela conduzido por Hastings. Para Hastings, a rua parecia agradável no tempo claro de junho, e ele esperava que ela fosse a escolhida quando o reverendo Byram recuou violentamente diante da cruz do lado oposto, no convento.

“Jesuítas”, ele murmurou.

“Bem”, disse Hastings, de maneira entediada, “imagino que não encontraremos nada melhor. Você mesmo disse que o vício é triunfante em Paris, e me parece que em cada rua encontraremos

jesuítas ou coisa pior”.

O dr. Byram mordeu os lábios e observou ao redor. Ele estava impressionado pela evidente respeitabilidade dos arredores. Então, fechando a cara para o convento, ele pegou o braço de Hastings e se arrastaram pela da rua até um portão de ferro que portava o número 201 pintado duas vezes em branco sobre um fundo azul. Abaixo dele havia um aviso em inglês:

- 1. Para carregador, favor pressionar uma vez.**
- 2. Para criado, favor pressionar duas vezes.**
- 3. Para a recepção, favor pressionar três vezes.**

Hastings tocou o botão elétrico três vezes, e eles foram conduzidos pelo jardim até a recepção por uma empregada bem-arrumada. A porta da sala de jantar, logo à frente, estava aberta, e da mesa à vista total uma mulher robusta levantou-se rapidamente e foi na direção a eles. Hastings teve um vislumbre de um jovem com uma grande cabeça, além de velhos senhores rabugentos tomando café da manhã, antes da porta se fechar e a mulher robusta gingar para dentro da sala trazendo com ela um aroma de café e um poodle preto.

“É um plaisir vous recevoir!”, ela gritou. “O monsieur é anglais? No? Americain? Claro. Minha pension é para americanos surtout. Aqui todos falar anglais, c’est à dire, os funcionários; os criados falar plus ou moins, um pouco. Estou feliz por ter vous como pensionnaires—”

“Madame”, começou o dr. Byram, mas foi interrompido novamente.

“Ah, sim, eu sei, ah! Mon Dieu! Você não falar francês, mas veio para aprender! Meu marido falar francês com os pensionnaires. Nós temos, no momento, une famille americaine que aprende francês com meu marido—”

Nesse instante o poodle rosnou para o dr. Byram e foi prontamente repreendido por sua dona.

“Veux tu!”, ela gritou, com uma palmada, “veux tu! Ah! le vilain, ah! le villain!”

“Mais, Madame”, disse Hastings, sorrindo, “il n’a pas l’air très féroce”.

O poodle fugiu e sua dona exclamou: “Ah, que sotaque charmoso! Ele já falar francês como un jovem cavalheiro parisien!”.

Então o dr. Byram manejou para conseguir falar uma palavra ou duas e reunir alguma informação com relação preços.

“Aqui é une pension sérieux; minha clientèle é une das melhores, de fato, é une pension de famille, onde todos se sentir em casa.”

Então subiram para examinar o futuro aposento de Hastings, testar as molas da cama e combinar o fornecimento semanal de toalhas. O dr. Byram pareceu satisfeito.

A madame Marotte os acompanhou até a porta e tocou a campainha para chamar a empregada, mas, enquanto Hastings saía de casa pisando no caminho de cascalho, seu guia e mentor parou por um momento e olhou para a madame com seus olhos úmidos.

“Você entende”, ele disse, “que ele é um jovem da mais cuidadosa criação, e seu caráter e moral não possuem mancha. Ele é jovem e nunca esteve fora do país, nunca nem mesmo viu uma cidade grande, e seus pais me solicitaram, como um velho amigo da família vivendo em Paris, que eu me certificasse de que ele está sob boas influências. Ele vai estudar arte, mas por nenhuma razão seus pais desejariam que ele vivesse no Quartier Latin se soubessem da imoralidade predominante por ali”.

Um som como o clique de um trinco o interrompeu e ele levantou seus olhos, mas não a tempo de ver a empregada dar um tapa jovem cabeçudo atrás da porta do salão principal.

A madame pigarreou, lançou um olhar mortal para trás e então voltou-se sorrindo radiantemente para o dr. Byram.

“É bon que ele venha para cá. A pension mais séria, il n’en existe pas, non há nenhuma!”, ela disse com convicção.

Então, como não havia nada mais a acrescentar, o dr. Byram se juntou a Hastings no portão.

“Eu confio”, ele disse, olhando para o convento, “que você não fará amizades entre os jesuítas!”.

Hastings olhou para o convento até que uma garota bonita passou em frente à fachada cinza, e então olhou para ela. Um rapaz com uma caixa de tintas para pintura e uma tela chegou gingando e parou diante da garota bonita, disse algo durante um breve e vigoroso aperto de mãos, do qual ambos riram, e então continuou seu caminho, exclamando para trás: "Até amanhã, Valentine!", enquanto ela gritou no mesmo instante: "Até amanhã!".

"Valentine", pensou Hastings, "que nome singular", e ele começou a seguir o reverendo Joel Byram, que se arrastava em direção à estação de bondes mais próxima.

II

"E o sieur estar gostando de Pari', monsieur Astang?", perguntou a madame Marotte na manhã seguinte, quando Hastings entrou na sala para o café da manhã, corado de sua imersão na banheira estreita acima.

"Tenho certeza de que vou gostar da cidade", ele respondeu, imaginando a razão de seu desânimo.

A empregada trouxe-lhe café e pãezinhos. Ele devolveu o olhar vago do jovem cabeçudo e respondeu com timidez os cumprimentos dos senhores rabugentos. Ele não tentou terminar o café e permaneceu ali esmigalhando um pão, inconsciente dos olhares simpáticos da madame Marotte, que tivera tato suficiente para não incomodá-lo. Logo uma empregada entrou com uma bandeja na qual se equilibravam duas canecas, e os senhores rabugentos olharam com malícia para os tornozelos dela. A empregada pôs o chocolate na mesa próxima à janela e sorriu para Hastings. Então, uma jovem magra entrou na sala, seguida por sua sócia em tudo, menos na idade, e as duas ocuparam a mesa próxima à janela. Elas eram evidentemente americanas, mas se Hastings esperava qualquer sinal de reconhecimento, ficou decepcionado. Ser ignorado por compatriotas intensificou sua depressão. Ele se atrapalhou com a faca e olhou para o seu prato.

A jovem magra era muito falante, e bem consciente da

presença de Hastings, pronta para ficar lisonjeada se ele olhasse para ela; mas, por outro lado, reconhecia a própria superioridade por já estar em Paris há três semanas, enquanto ele, como era fácil perceber, não desfizera o baú que trouxera do vapor.

A conversa dela era indulgente. Ela discutia com a mãe os méritos relativos do Louvre e da Bon Marché, mas a parte de sua mãe na conversa era principalmente limitada à observação: "Ora, Susie!".

Os senhores rabugentos deixaram a sala em conjunto, com uma educação aparente, porém furiosos por dentro. Eles não suportavam as americanas, que enchiam a sala com sua conversa.

O jovem cabeçudo olhou para trás com um pigarro intencional, murmurando: "Velhos pássaros alegres".

"Eles parecem velhos maus, senhor Bladen", disse a garota.

A isso, o sr. Bladen sorriu e disse: "O tempo deles já se foi", em um tom que dava a entender que agora era o tempo dele.

"E é por isso que eles têm olhos com bolsas", gritou a garota. "Acho uma pena que jovens cavalheiros—"

"Ora, Susie!", disse a mãe, e a conversa definiu.

Depois de um tempo, o sr. Bladen largou o Petit Journal, que ele lia diariamente à custa da casa, e, voltando-se para Hastings, começou a puxar assunto. Ele começou dizendo: "Vejo que você é americano".

A essa brilhante e original abertura, Hastings, com muita saudade de casa, respondeu com gratidão, e a conversa era judiciosamente mantida por observações da srta. Susie Byng, claramente direcionadas ao sr. Bladen. No decorrer dos acontecimentos, a srta. Susie começou a se esquecer de se dirigir exclusivamente ao sr. Bladen, e Hastings começou a responder aos seus questionamentos genéricos, até que a entente cordiale foi estabelecida e Susie e sua mãe estenderam um protetorado sobre o que era claramente um território neutro.

"Sr. Hastings, o senhor não deve abandonar a pensão todas as noites como faz o sr. Bladen. Paris é um lugar horrível para jovens cavalheiros, e o sr. Bladen é um cínico incorrigível."

O sr. Bladen olhou com satisfação.

Hastings respondeu: “Eu devo ficar no estúdio o dia inteiro, e imagino que ficarei bastante feliz em retornar à noite”.

O sr. Bladen, que, a um salário de quinze dólares por semana, atuava como agente para a Pewly Manufacturing Company de Troy, NY, deu um sorriso cético e se retirou para uma reunião com um cliente no Boulevard Magenta.

Hastings foi caminhar no jardim com a sra. Byng e Susie, e, a convite delas, sentou-se à sombra diante do portão de ferro.

As castanheiras ainda mantinham seus fragrantes cachos cor-de-rosa e branco, e as abelhas zumbiam entre as rosas treliçadas nas paredes brancas da casa.

Um débil frescor pairava no ar. Os carros de água moviam-se para cima e para baixo pela rua, e uma corrente clara borbulhava sobre as sarjetas imaculadas da Rue de la Grande Chaumière. Os pardais estavam alegres ao longo das guias do calçamento, tomando banho na água e agitando suas penas com prazer. Em um jardim murado do outro lado da rua, um par de melros piava entre as amendoeiras.

Hastings engoliu o nó na garganta, pois a música dos pássaros e o murmúrio da água em uma sarjeta de Paris lhe trouxe de volta as campinas ensolaradas de Millbrook.

“Aquele é um melro”, observou a srta. Byng; “Veja-o no arbusto com botões cor-de-rosa. Ele é todo negro, menos o bico, que parece que foi mergulhado em uma omelete, como alguns franceses dizem—”

“Ora, Susie!”, disse a sra. Byng.

“Aquele jardim pertence a um estúdio onde vivem dois americanos”, continuou a garota serenamente, “e eu frequentemente os vejo passar. Eles parecem precisar de um grande número de modelos, a maioria jovem e feminina—”

“Ora, Susie!”

“Talvez eles prefiram esse tipo de pintura, mas eu não vejo por que eles devem convidar cinco, com mais três jovens cavalheiros, e todos entram em duas carruagens alugadas e vão embora cantando. Esta rua”, ela continuou, “é maçante. Não há nada para ver exceto o jardim e um pouco do Boulevard Montparnasse através da Rue de la

Grand Chaumière. Ninguém passa exceto um policial. Há um convento na esquina”.

“Pensei que era um Colégio Jesuíta”, começou Hastings, mas foi imediatamente soterrado com uma descrição baedekeriana do lugar, que terminava com: “Em um lado ficam os hotéis palacianos de Jean-Paul Laurens e Guillaume Bouguereau, e do lado oposto, na pequena Passage Stanislas, Carolus Duran pinta as obras de arte que encantam o mundo”.

O melro emergiu de uma agitação de notas guturais douradas, e, de algum distante local verde na cidade, um pássaro selvagem desconhecido respondeu com um frenesi de trinos fluídos, até que os pardais parassem sua limpeza para levantar os olhos com gorjeios impacientes.

Então uma borboleta veio e pousou em um arbusto de heliotrópio e bateu suas asas listradas de vermelho à luz quente do sol. Hastings a tinha como uma amiga, e diante de seus olhos surgiu uma visão de altos verbascos e asclépias perfumadas vivas e com asas coloridas, uma visão de uma casa branca e uma piazza coberta por madressilvas, — um relance de um homem lendo e uma mulher inclinando-se sobre um canteiro de amores-perfeitos, — e seu coração ficou pesado. Ele se assustou um momento depois com a srta. Byng.

“Creio que o senhor está com saudade de casa!”. Hastings corou. A srta. Byng olhou para ele com um suspiro simpático e continuou: “Toda vez que eu sentia saudade de casa, eu costumava conversar com mamãe e andar pelo Jardim do Luxembourg. Não sei o que é, mas aqueles antigos jardins pareciam me aproximar mais de casa do que qualquer coisa nesta cidade artificial”.

“Mas eles estão cheios de estátuas de mármore”, disse a sra. Byng de forma delicada; “eu mesma não vejo a semelhança”.

“Onde é o Luxembourg?”, perguntou Hastings depois de um momento de silêncio.

“Venha comigo até o portão”, disse a srta. Byng. Ele se levantou e a seguiu, e ela apontou para a Rue Vavin, no final da rua.

“Você passa pelo convento e vira à direita”, ela sorriu; e Hastings foi.

III

O Jardim do Luxembourg era um esplendor de flores. Ele caminhou vagarosamente através das longas alamedas de árvores, passou por mármore cobertos de musgo e colunas antigas e, passando com dificuldade entre os arvoredos perto do leão de bronze, chegou até o terraço que ficava à sombra da copa das árvores, acima da fonte. Abaixo ficava o espelho d'água, brilhando à luz do sol. Amendoeiras florescentes circundavam o terraço, e, em uma espiral maior, maciços de castanheiras serpenteavam para dentro e para fora entre as moitas úmidas perto da ala oeste do palácio. Ao final de uma das três avenidas, elevava-se o Observatório, seus domos brancos empilhados como uma mesquita oriental; no outro fim estava o opressivo palácio, com cada vidraça brilhando no violento sol de junho.

Ao redor da fonte, crianças e babás com toucas brancas, armadas com varas de bambu, empurravam barcos de brinquedo cujas velas balançavam frouxamente à luz do sol. Um guarda, usando dragonas vermelhas e portando uma espada, observou-os por um momento e então foi embora para censurar um jovem que tirara a coleira de seu cachorro. O cachorro estava prazerosamente ocupado em esfregar grama e sujeira em suas costas enquanto suas patas se agitavam no ar.

O policial apontou para o cachorro. Ele estava indignado, sem palavras.

"Bem, capitão", sorriu o jovem.

"Bem, monsieur estudante", rosnou o policial.

"O senhor veio até mim para reclamar de quê?"

"Se você não prendê-lo, vou levá-lo", gritou o policial.

"O que isso tem a ver comigo, *mon capitaine*?"

"O — o quê?! Aquele buldogue não é seu?"

"Se fosse, o senhor não acha que eu o teria na coleira?"

O policial o fitou por um instante em silêncio, então, decidindo que ele era tanto estudante quanto era mal-intencionado, tentou pegar o cachorro, que prontamente se esquivou. Eles correram ao

redor do canteiro, e quando o oficial chegou perto demais, o buldogue cortou por um canteiro, o que talvez não fosse um jogo limpo.

O jovem se divertia, e o cachorro também parecia apreciar o exercício.

O policial notou isso e decidiu ir direto à fonte do mal. Ele se enfureceu com o estudante e disse: "Como o responsável por este transtorno público, você está preso!". "Mas", contestou o outro, "eu disse que não era dono do cachorro". Aquilo era mentira. Foi inútil tentar capturar o cachorro até que três jardineiros deram uma mão, mas então o cachorro simplesmente fugiu e desapareceu na Rue de Médicis.

O policial saiu lentamente em busca de conforto entre as babás de touca branca, e o estudante, olhando para seu relógio, levantou-se bocejando. Então, vendo Hastings, sorriu e fez uma referência. Hastings caminhou até a escultura de mármore, rindo.

"Nossa, Clifford", ele disse, "não o reconheci".

"É meu bigode", suspirou o outro. "O sacrifiquei para satisfazer um capricho de — de — uma amiga. O que achou do meu cachorro?"

"Então ele é seu?", gritou Hastings.

"É claro. É uma mudança agradável para ele, essa brincadeira de pega-pega com policiais, mas agora ele ficou visado e eu terei de parar com isso. Ele foi para casa. Ele sempre faz isso quando os jardineiros tentam agarrá-lo. É uma pena; ele adora rolar no gramado."

Então eles conversaram por um momento sobre os planos de Hastings, e Clifford educadamente se ofereceu como patrocinador em seu estúdio.

"Veja, o velho fofoqueiro, digo, o dr. Byram, ele me falou sobre você antes de eu conhecê-lo", explicou Clifford, "e Elliott e eu ficaremos felizes em fazer tudo o que pudermos". Então, olhando para seu relógio de novo, ele murmurou: "Tenho apenas dez minutos para pegar o trem para Versalhes; au revoir", e começou a se retirar, mas vendo uma garota se aproximar da fonte, tirou seu chapéu com um sorriso confuso.

“Por que você não está em Versalhes?”, ela disse, com um reconhecimento quase imperceptível da presença de Hastings.

“Eu — eu estou indo”, murmurou Clifford.

Por um momento, eles se olharam, e então Clifford, muito vermelho, gaguejou: “Com sua permissão, tenho a honra de apresentá-la a meu amigo, monsieur Hastings”.

Hastings fez uma reverência. Ela sorriu muito docemente, mas havia algo de malícia na leve inclinação de sua pequena cabeça *parisienne*.

“Eu desejaria”, ela disse, “que o monsieur Clifford pudesse me dedicar mais tempo quando estiver em companhia de um americano tão charmoso”.

“Devo — devo ir, Valentine?”, começou Clifford.

“Claro”, ela respondeu.

Clifford partiu muito sem graça, sentindo-se embaraçado, quando ela adicionou: “E mande lembranças com meu mais caro amor a Cécile!”. Enquanto ele desaparecia na Rue d’Assas, a garota girou, como se para ir embora, mas, então, repentinamente lembrando-se de Hastings, olhou para ele e balançou a sua cabeça.

“Monsieur Clifford é tão perfeitamente tolo”, ela sorriu, “que chega a ser constrangedor às vezes. O senhor soube, é claro, de todo seu sucesso no Salon?”.

Ele parecia intrigado e ela notou isso.

“É claro que o senhor esteve no Salon, não?”

“Bem, não”, ele respondeu, “cheguei a Paris há apenas três dias”.

Ela parecia prestar pouca atenção à explicação dele, mas continuou: “Ninguém imaginou que ele tivesse energia para fazer algo bom, mas na inauguração, o Salon estava atônito pelo trabalho inscrito pelo monsieur Clifford, que circulou por ali muito tranquilamente com uma orquídea na lapela e uma bela pintura em exposição”.

Ela sorriu para si mesma devido à lembrança e olhou para a fonte.

“Monsieur Bouguereau me disse que o monsieur Julian estava tão surpreso que cumprimentou o monsieur Clifford um tanto

atônito, e, na verdade, esqueceu-se de dar uma tapinha em suas costas! O pomposo”, ela continuou com muita alegria, “o pomposo papa Julian esquecendo-se de dar tapinhas nas costas de alguém.”

Hastings, pensando na intimidade da moça com o grande Bouguereau, olhou para ela com respeito. “Permita-me perguntar”, ele disse, com timidez, “se você é uma pupila de Bouguereau?”

“Eu?”, ela disse com alguma surpresa. Então ela olhou para ele com curiosidade. Estaria ele se dando a liberdade de fazer piadas com tão pouco tempo para intimidades?

O agradável e sério rosto dele questionava o dela.

“*Tiens*”, ela pensou, “que homem divertido!”.

“A senhorita, com certeza, estuda arte, não?”, ele disse.

Ela encostou-se à haste arqueada de sua sombrinha, e olhou para ele. “Por que acha isso?”

“Porque a senhorita fala como se pensasse.”

“O senhor está debochando de mim”, ela disse, “e isso não é de bom tom”. Ela parou, confusa, enquanto ele corou até a raiz dos cabelos.

“Quanto tempo faz que está em Paris?”, ela disse finalmente.

“Três dias”, ele respondeu seriamente.

“Mas — mas — certamente o senhor não é um *nouveau*! O senhor fala francês bem demais!”

Então, depois de uma pausa: “O senhor é mesmo um *nouveau*?”

“Sou”, ele disse.

Ela sentou-se no banco de mármore, antes ocupado por Clifford, e inclinando sua sombrinha sobre sua pequena cabeça, olhou para ele.

“Não acredito.”

Ele percebeu o elogio, e por um momento hesitou em se declarar um dos desprezados. Então, mostrando sua coragem, ele lhe disse o quão novo e verde era, e tudo com uma franqueza que arregalou os olhos azuis dela e lhe causou o mais doce dos sorrisos.

“O senhor nunca viu um estúdio?”

“Nunca.”

“Nem uma modelo?”

“Não.”

“Que engraçado”, ela disse solenemente. E então ambos riram.

“E a senhorita”, ele disse, “já viu estúdios?”

“Centenas.”

“E modelos?”

“Milhões.”

“E conhece Bouguereau?”

“Sim, e Henner, e Constant e Laurens, e Puvis de Chavannes e Dagnan e Courtois, e — e todo o resto deles!”

“E ainda assim diz que não é uma artista.”

“*Pardon*”, ela disse com seriedade, “eu disse que não era?”

“Não vá me dizer?”, ele hesitou.

Primeiro ela o encarou, balançando sua cabeça e sorrindo, então, de repente, seus olhos baixaram e ela começou a traçar figuras com sua sombrinha nas pedras a seus pés. Hastings tomara um lugar no banco, e agora, com seus cotovelos em seus joelhos, permanecia observando o borrifo flutuando sobre o esguicho da fonte. Um garotinho, vestido como marinheiro, cutucava seu barco e gritava: “Não quero ir para casa! Não quero ir para casa!”. A babá levantava as mãos aos céus.

“Igualzinho a um garotinho americano!”, pensou Hastings, e uma pontada de saudade de casa o atingiu.

Logo a babá pegou o barco e o garotinho permaneceu à distância.

“Monsieur René, quando decidir vir aqui, vai ter seu barco de volta.”

O garoto se afastou fazendo caretas.

“Me dá meu barco”, ele gritou, “e não me chame de René, porque meu nome é Randall e você sabe disso!” “Olá!”, disse Hastings, — “Randall? — isso é inglês.”

“Eu sou americano”, anunciou o garoto em perfeito inglês, virando-se para Hastings, “e ela é uma boba de me chamar de René só porque mamãe me chama de Ranny—”

Nesse momento ele se esquivou da babá exasperada e se escondeu atrás de Hastings, que ria, e pegando-o pela cintura, levantou-o até seu colo.

“Um dos meus compatriotas”, ele disse à garota ao seu lado. Ele sorriu enquanto falava, mas havia um sentimento estranho em sua garganta.

“Viu as estrelas e listras no meu barco?”, perguntou Randall. Com certeza, as cores americanas pendiam imóveis sob o braço da babá.

“Oh!”, exclamou a moça, “ele é uma graça”, e impulsivamente inclinou-se para beijá-lo, mas o pequeno Randall retorceu-se para fora dos braços de Hastings, e sua babá se lançou sobre ele com um olhar raivoso para a garota.

Ela corou e então mordeu seus lábios, enquanto a babá, com os olhos ainda fixos nela, arrastava a criança para longe e explicitamente limpou os lábios do menino com seu lenço.

Então ela lançou um olhar para Hastings e mordeu os lábios de novo.

“Que mulher desagradável!”, ele disse. “Na América, a maioria das babás sentem-se lisonjeada quando alguém beija suas crianças.”

Por um momento, ela inclinou a sombrinha para esconder o rosto, então a fechou com um estalo e olhou para ele de um jeito desafiador.

“O senhor acha estanho ela ter reprovado?”

“Por que não?”, ele disse, surpreso.

Ela olhou novamente para ele com olhos rápidos e inquisidores.

Os olhos dele estavam claros e brilhantes, e ele sorriu de volta, repetindo: “Por que não?”.

“Você é *mesmo* brincalhão”, ela murmurou, baixando a cabeça.

“Por quê?”

Mas ela não respondeu, e permaneceu sentada em silêncio, traçando curvas e círculos na terra com sua sombrinha. Depois de um tempo, ele disse: “Fico feliz de ver que os jovens têm bastante liberdade aqui. Eu achava que os franceses não eram parecidos conosco de forma alguma. Você sabe, na América — ou pelo menos onde eu vivia, em Millbrook, as garotas têm toda a liberdade — saem sozinhas e recebem seus amigos sozinhas, e eu estava com medo de sentir falta disso aqui. Mas agora vejo como é e estou feliz

por perceber que estava enganado”.

Ela levantou seus olhos para ele e os manteve fixos nele.

Ele continuou, satisfeito: “Desde que me sentei aqui, tenho visto muitas garotas bonitas andando sozinhas no terraço ali — e você também está sozinha. Diga-me, pois não conheço os costumes franceses — vocês têm a liberdade de ir ao teatro sem uma companhia?”.

Por um longo tempo, ela observou o rosto dele, e então, com um sorriso trêmulo, disse: “Por que o senhor pergunta isso para mim?”.

“Por que você deve saber, é claro”, ele disse com animação.

“Sim”, ela respondeu com indiferença, “eu sei”.

Ele esperou por uma resposta, mas, não obtendo nenhuma, pensou que talvez ela o tivesse entendido mal.

“Espero que a senhorita não ache que eu tenha qualquer intenção de algo com base no pouco tempo desde que nos conhecemos”, ele começou, — “na verdade, é bem estranho, mas não sei seu nome. Quando o sr. Clifford me apresentou, ele mencionou apenas o meu. É esse o costume na França?”.

“É o costume no Quartier Latin”, com um brilho estranho em seus olhos. Então, de repente, ela começou a falar febrilmente.

“Você deve saber, monsieur Hastings, que somos todos un peu sans gêne aqui no Quartier Latin. Somos muito boêmios, e aqui não é lugar para etiquetas e cerimônias. Foi por isso que o monsieur Clifford apresentou-lhe a mim com pouca cerimônia, e nos deixou juntos com menos — apenas por isso, e eu sou amiga dele, e tenho muitos amigos no Quartier Latin, e nos conhecemos muito bem — e eu não estou estudando arte, mas — mas—”

“Mas o quê?”, ele disse, desconcertado.

“Não devo contar a você, — é segredo”, ela disse com um sorriso indefinido. Em ambas as bochechas um ponto cor-de-rosa queimava, e seus olhos estavam muito brilhantes.

Então em um instante sua expressão se fechou. “O senhor conhece monsieur Clifford muito intimamente?”

“Não muito.”

Depois de um tempo, ela virou-se para ele, séria e um pouco

pálida.

“Meu nome é Valentine — Valentine Tissot. Eu posso — posso pedir um favor para o senhor, nesse pouco tempo em que nos conhecemos?”

“Ah”, ele exclamou, “eu ficaria honrado”.

“É apenas isso”, ela disse gentilmente, “não é muito. Prometa-me não falar com monsieur Clifford sobre mim. Prometa-me que o senhor não falará com ninguém sobre mim”.

“Eu prometo”, ele disse, muito confuso.

Ela riu com nervosismo. “Espero que permaneça um mistério. É um mero capricho.”

“Mas”, ele começou, “eu queria, eu esperava que a senhorita pudesse ter dado permissão ao monsieur Clifford para me levar, para me apresentar sua casa.”

“Minha — minha casa!”, ela repetiu.

“Quero dizer, onde a senhorita mora, de verdade, para apresentar-me à sua família.”

A mudança no rosto da moça o chocou.

“Eu imploro seu perdão”, ele exclamou, “eu a magoei.”

E, por ser mulher, ela o entendeu tão rápida quanto um raio.

“Meus pais morreram”, ela disse.

Logo ele recomeçou, muito delicadamente.

“Desagradaria à senhorita se eu implorasse que me recebesse? Esse é o costume?”

“Não posso”, ela respondeu. Então ela olhou para cima, na direção dele: “Sinto muito; eu gostaria; mas acredite em mim. Não posso”.

Ele fez uma reverência de maneira séria e pareceu levemente constrangido.

“Não é que eu não queira. Eu — eu gosto do senhor; o senhor é muito gentil comigo.”

“Gentil?”, ele exclamou, surpreso e confuso.

“Gosto do senhor”, ela disse vagarosamente, “e nos veremos às vezes, se o senhor quiser.”

“Nas casas de amigos?”

“Não, não em casas de amigos.”

“Onde?”

“Aqui”, ela disse com olhos desafiadores.

“Nossa”, ele exclamou, “em Paris vocês são muito mais liberais que nós”.

Ela olhou para ele com curiosidade.

“Sim, somos muito boêmios.”

“Eu acho charmoso”, ele declarou.

“Veja, vamos estar no meio da nata da sociedade”, ela se aventurou timidamente, com um belo gesto em direção às estátuas das rainhas mortas, agrupadas em fileiras majestosas acima do terraço.

Ele olhou para ela em deleite, e ela brilhou ao sucesso de seu pequeno inocente gracejo.

“Na verdade”, ela sorriu, “vou estar muito bem-acompanhada, pois, veja, estamos sob proteção dos próprios deuses; olhe, ali estão Apolo, Juno e Vênus, em seus pedestais”, contando-os com seus pequenos dedos enluvados, “e Ceres, Hércules, e — mas não consigo identificar—”

Hastings voltou-se para olhar para o deus alado sob cuja sombra eles estavam sentados.

“Ora, é o Amor”, ele disse.

IV

“Tem um *nouveau* aqui”, falou Laffat de maneira arrastada, recostando-se em seu cavalete e se dirigindo a seu amigo Bowles, “tem um *nouveau* aqui que é tão tenro, verde e apetitoso que Deus o ajude se ele cair em uma tigela de salada”.

“Da roça?”, perguntou Bowles, cobrindo um fundo com uma espátula quebrada e semicerrando os olhos ao efeito, com aprovação.

“Sim, de uma cidadezinha ou de Oshkosh, e, crescendo entre as margaridas, só Deus sabe como escapava de ser comido pelas vacas!”

Bowles esfregou o polegar pelos contornos de seu estudo para “adicionar uma pequena atmosfera”, como ele disse, e depois, encarando o modelo, pegou seu cachimbo e, o encontrando apagado, riscou um fósforo nas costas de seu vizinho para reacendê-lo.

“O nome dele”, continuou Laffat, arremessando um pedaço de pão na chapeleira, “o nome dele é Hastings. Ele é uma fruta. E ele conhece tanto do mundo” — e o rosto do sr. Laffat deixou entrever muito de seu próprio conhecimento sobre aquele planeta, — “quanto uma gatinha em seu primeiro passeio à luz da lua”.

Bowles, agora tendo sucesso em acender seu cachimbo, esfregou de novo o polegar na outra beirada do estudo e disse: “Ah!”.

“É”, continuou seu amigo, “e você imagine só, parece que ele pensa que tudo aqui funciona do mesmo jeito que na sua maldita fazenda lá na terra dele; fala sobre as belas garotas que andam sozinhas na rua; diz o quanto isso é sensato; e como os americanos têm uma péssima imagem dos pais franceses; diz que de sua parte ele acha as garotas francesas, — e ele confessou conhecer apenas uma, — tão divertidas quanto as americanas. Tentei deixá-lo ciente, tentei dar a ele um indicador de que tipo de garotas caminham por aí sozinhas ou com estudantes, e ele é ou burro demais ou inocente demais para sacar. Então falei sem rodeios, e ele disse que eu era um tolo depravado e foi embora.”

“Você estava com seu sapato?”, perguntou Bowles languidamente, mas muito interessado.

“Ora, não.”

“Ele chamou você de tolo depravado.”

“Ele estava certo”, disse Clifford de seu cavalete, à frente.

“O — o que você quer dizer?”, perguntou Laffat, corando.

“*Aí está*”, respondeu Clifford.

“Quem falou com você? Isso é da sua conta?”, zombou Bowles, mas quase perdeu seu equilíbrio quando Clifford se levantou gingando e olhou para ele.

“É”, ele disse vagarosamente, “é da minha conta”.

Por algum tempo, ninguém falou nada.

Então Clifford berrou: “Ei, Hastings!”.

E quando Hastings deixou seu cavalete e se aproximou, Clifford deu um aceno com a cabeça na direção do surpreso Laffat.

“Este homem tem sido desagradável com você, e quero que você saiba que a qualquer momento que você sentir vontade de lhe dar uns chutes, bom, eu segurarei a outra criatura.”

Hastings, embaraçado, disse: “Ora, não; só não concordo com as ideias dele, nada mais”.

Clifford disse: “É claro”, e escorregando seu braço pelo braço de Hastings, deu uma volta com ele e o apresentou a vários de seus amigos, o que fez com que todos os *nouveaux* arregalassem os olhos com inveja, e isso fez o estúdio entender que Hastings, embora preparado para fazer o trabalho como subalterno, já que era o último *nouveau*, fazia já parte do círculo dos antigos, respeitados e temidos, os verdadeiramente grandes.

O restante terminou seu trabalho, o modelo retomou seu lugar e o trabalho foi feito em um coro de canções, gritos e todo barulho extremamente alto que os estudantes de arte exprimem quando estudam a beleza.

Bateram cinco horas em ponto, — o modelo bocejou, se espreguiçou e vestiu as calças, e os ocupantes barulhentos dos seis estúdios lotaram o corredor e desceram a rua. Dez minutos depois, Hastings estava dentro de um bonde para Montrouge, e logo depois Clifford juntou-se a ele.

Eles saltaram na Rue Gay Lussac.

“Eu sempre paro aqui”, observou Clifford, “Eu gosto de andar pelo Jardim do Luxembourg”.

“A propósito”, disse Hastings, “como posso fazer uma visita a você se não sei onde mora?”.

“Ora, eu moro do lado oposto a você.”

“O quê — o estúdio no jardim com as amendoeiras e os melros —”

“Exatamente”, disse Clifford, “moro com meu amigo Elliott”.

Hastings pensou na descrição dos dois artistas americanos que ouvira da srta. Susie Byng e pareceu sem reação.

Clifford continuou: "Talvez seja melhor você me dizer quando estiver pensando em aparecer por lá, para — para daí eu ter certeza de — de estar lá", ele terminou, de modo pouco convincente.

"Eu não deveria me importar em encontrar nenhuma de suas modelos por lá", disse Hastings, sorrindo. "Mas você sabe — minhas ideias são bem quadradas, — suponho que você diria que são até puritanas. Eu não gostaria disso e não saberia como me comportar".

"Ah, eu entendo", disse Clifford, mas adicionou com grande cordialidade: "Tenho certeza de que seremos amigos, embora você possa não aprovar a mim e meus amigos, mas você vai gostar de Severn e de Selby porque — porque, bem, eles são como você, meu velho camarada".

Depois de um momento, ele continuou: "Há algo que quero falar com você. Veja, quando o apresentei, semana passada, no Jardim do Luxembourg, para Valentine—"

"Nenhuma palavra!", bradou Hastings, sorrindo, "você não deve me dizer nem uma palavra a respeito dela!".

"Por quê—?"

"Não, nem uma palavra!", ele disse com animação. "Eu insisto, — prometa-me sobre sua honra que você não falará dela até eu dar-lhe permissão; prometa!"

"Eu prometo", disse Clifford, impressionado.

"Ela é uma moça encantadora, — tivemos uma conversa prazerosa depois que você foi embora, e eu agradeço por ter me apresentado a ela, mas nenhuma outra palavra sobre ela até eu lhe dar permissão."

"Ah", murmurou Clifford.

"Lembre-se de sua promessa", ele sorriu, enquanto atravessava o portão de sua casa.

Clifford andou vagorosamente através da rua e, atravessando o beco coberto por heras, entrou em seu jardim.

Ele procurava a chave de seu estúdio, murmurando: "Será? — será? — mas é claro que ele não!".

Ele entrou no corredor, e colocando a chave na fechadura, permaneceu olhando para os dois cartões presos na porta.

FOXHALL CLIFFORD.

RICHARD OSBORNE ELLIOTT.

“Por que diabos ele não quer que eu fale dela?”

Ele abriu a porta, e, desencorajando os carinhos de dois buldogues malhados, se afundou no sofá.

Elliott fumava e rascunhava com um pedaço de carvão, perto da janela.

“Olá”, ele disse sem olhar ao redor.

Clifford encarou distraidamente a parte de trás de sua cabeça, murmurando: “Estou com medo, com medo de que aquele homem seja inocente demais. Estou dizendo, Elliott”, ele disse, finalmente, “Hastings, — você conhece o sujeito sobre o qual o velho fofoqueiro do Byram veio nos contar — o dia em que você teve que esconder Colette no armário”.

“Sim, o que aconteceu?”

“Ah, nada. Ele é um ótimo sujeito.”

“Sim”, disse Elliott, sem entusiasmo.

“Você não acha?”, perguntou Clifford.

“Ora, acho, mas ele vai passar um mau bocado quando algumas ilusões se desfizerem.”

“Será mais vergonhoso para aqueles que as desfizerem!”

“É, — espere até ele vir nos visitar, de surpresa, é claro—”

Clifford parecia satisfeito e acendeu um cigarro.

“Eu ia dizer agora, aliás”, ele observou, “que pedi a ele para não vir sem nos avisar, e assim posso adiar qualquer orgia que você possa ter planejado—”

“Ah”, exclamou Elliott com indignação, “suponho que você disse com essas palavras.”

“Não exatamente”, sorriu Clifford de maneira forçada. Então, com mais seriedade: “Não quero que nada do que ocorre o incomode. Ele é uma pessoa admirável, e é uma pena que não possamos ser mais como ele”. “Eu sou”, observou Elliott com complacência, “só que morando com você—”

“Escute!”, exclamou o outro. “Tenho conseguido começar em

grande estilo. Sabe o que fiz? Bem — a primeira vez que o encontrei na rua, — ou melhor, foi no Luxembourg, eu o apresentei a Valentine!”

“Ele se opôs?”

“Acredite em mim”, disse Clifford seriamente, “esse rústico Hastings não faz a menor ideia de que Valentine é — é — de que na verdade é Valentine, do mesmo modo que ele mesmo não faz ideia de que é um bonito exemplar de decência moral em um bairro onde moral é tão raro quanto elefantes. Eu ouvi o bastante em uma conversa entre aquele salafrário do Laffat e aquela pequena erupção imoral, Bowles, para abrir meus olhos. Digo a você que Hastings é uma ótima pessoa! Ele é um jovem saudável e inocente, criado em uma vila pequena no interior, que cresceu com a ideia que bares são paradas no caminho para o inferno — e no que diz respeito a mulheres—”

“O que tem?”, perguntou Elliott.

“Bem”, disse Clifford, “a ideia dele de uma mulher perigosa é provavelmente uma Jezebel num quadro”.

“Provavelmente”, respondeu o outro.

“Ele é uma ótima pessoa!”, disse Clifford, “e se ele jura que o mundo é tão bom e puro como seu próprio coração, eu jurarei que ele está correto”.

Elliott esfregou o carvão em sua lima para deixá-lo apontado e voltou-se para seu esboço, dizendo: “Ele nunca ouvirá nenhum pessimismo de Richard Osborne E.”.

“Ele é uma lição para mim”, disse Clifford. Então ele desdobrou um pequeno bilhete perfumado escrito em papel cor-de-rosa, que estivera na mesa à sua frente.

Ele o leu, sorriu, assoviou uma nota ou duas de “Miss Helyett” e sentou-se para respondê-lo em seu melhor papel de carta creme texturizado. Quando estava escrito e selado, ele pegou a bengala e deu algumas voltas no estúdio, duas ou três vezes, assobiando.

“Vai sair?”, perguntou o outro, sem se virar.

“Vou”, ele disse, mas demorou-se por um momento sobre o ombro de Elliott, observando-o realçar as luzes em seu esboço com um pedaço de pão.

“Amanhã é domingo”, ele observou depois de um momento de silêncio.

“E?”, perguntou Elliott.

“Você tem visto Colette?”

“Não, vou vê-la hoje à noite. Ela, Rowden e Jacqueline vão ao Boulant. Suponho que você e Cécile estarão lá, certo?”

“Bem, não”, respondeu Clifford. “Cécile vai jantar em casa esta noite, e eu — eu pensei em ir ao Mignon.”

Elliott olhou para ele com desaprovação.

“Você pode fazer todos os preparativos para La Roche sem mim”, ele continuou, evitando os olhos de Elliott.

“O que você está arranjando agora?”

“Nada”, protestou Clifford.

“Não me venha com essa”, respondeu seu companheiro, com desprezo; “amigos não correm para o Mignon quando o restante dos amigos janta no Boulant. Quem é agora? — mas não, não vou perguntar isso, — de que vai adiantar?!”. Então ele levantou sua voz para reclamar e bateu sobre a mesa com seu cachimbo. “De que adianta sempre tentar ficar sabendo por onde você anda? O que Cécile vai dizer, — ah, sim, o que ela vai dizer? É uma pena que você não consiga se manter firme dois meses seguidos, sim, por Jeová! e o Quartier é indulgente, mas você abusa de sua boa vontade, e da minha também!”

Logo ele levantou-se e, apertando o chapéu em sua cabeça, marchou para a porta.

“Só Deus sabe por que alguém tolera seu comportamento, mas todos toleram, e eu também. Se eu fosse Cécile ou qualquer outra tola bonita diante da qual você anda com pernas bambas e que, dentro do que é possível para um homem, continuará a andar, eu digo, se eu fosse Cécile, eu lhe daria uma surra! Agora vou ao Boulant e, como sempre, inventarei desculpas por você e arranjarei tudo, e não me importa onde você vai, mas, pelo crânio do esqueleto do estúdio!, se você não aparecer amanhã com um estojo de desenho embaixo de um braço e Cécile no outro, — se você não estiver em bom estado, eu desisto de você, e o resto pode pensar o que quiser. Boa noite.”

Clifford disse boa noite com um sorriso tão agradável quanto ele poderia exibir, e então se sentou com os olhos na porta. Ele tirou seu relógio e deu a Elliott dez minutos para desaparecer, então tocou a campainha do concierge, murmurando: "Ah, Deus, ah, Deus, por que diabos eu faço isso?"

"Alfred", ele disse, quando aquela pessoa de olhos penetrantes respondeu ao chamado, "esteja limpo e se arrume, Alfred, e troque seus tamancos por um par de sapatos. Depois ponha seu melhor chapéu e leve esta carta até a grande casa branca na Rue du Dragon. Não espere resposta, mon petit Alfred." O concierge partiu com um resfôlego, no qual havia uma combinação de má vontade para executar a tarefa e afeição por M. Clifford. Então, com grande cuidado, o jovem se arrumou com todas as belezas do seu armário e do armário de Elliott. Ele levou um tempo e, de vez em quando, interrompia sua arrumação para tocar banjo ou para ter uma diversão agradável com os buldogues, andando para lá e para cá de quatro. "Tenho ainda duas horas", ele pensou, e emprestou um par de polainas de seda de Elliott, com as quais ele e os cachorros brincaram de bola até ele decidir colocá-las. Então acendeu um cigarro e inspecionou a casaca. Quando ele a esvaziou de quatro lenços, um leque e um par de luvas amassadas tão longas quanto seu braço, decidiu que não servia para adicionar éclat ao seu charme e pensou em um substituto. Elliott estava magro demais, e, de qualquer maneira, seus casacos estavam agora trancados a chave. Rowden provavelmente estava tão mal quanto ele. Hastings! Hastings era o homem! Mas quando ele colocou um smoking e caminhou até a casa de Hastings, foi informado de que ele partira há mais de uma hora.

"Agora, em nome de tudo que é razoável, para onde poderia ele ter ido?!", murmurou Clifford, olhando para a rua.

A criada não sabia, então ele concedeu a ela um sorriso fascinante e retornou ao estúdio.

Hastings não estava longe. O Luxembourg fica a cinco minutos de caminhada da Rue Notre Dame des Champs, e lá estava ele, sob a sombra de um deus alado, e estava lá fazia uma hora, fazendo buracos na terra e observando os degraus que levavam do terraço

norte até a fonte. O sol pendia, um globo roxo, acima das colinas nubladas de Meudon. Longas faixas de nuvens de toques rosados deslizavam baixo no céu do oeste, e a cúpula do distante Invalides brilhava como uma opala através da névoa. Atrás do palácio, a fumaça de uma alta chaminé que se elevava diretamente ao céu, roxa até cruzar o sol, onde mudava para uma barra de fogo ardente. Acima da folhagem escurecida das castanheiras, as torres gêmeas da St. Sulpice elevavam-se, uma silhueta cada vez mais profunda.

Um melro sonolento cantava em algum arbusto próximo e pombos passavam e repassavam com o sussurro de ventos suaves em suas asas. As luzes nas janelas do palácio haviam morrido, e a cúpula do Panteão flutuava reluzente acima do terraço norte, um incandescente Valhala no céu; enquanto abaixo, em formação sombria ao longo do terraço extenso, as fileiras de rainhas de mármore olhavam para o oeste.

Do fim de um longo caminho perto da fachada norte do palácio vinha o barulho dos ônibus e de gritos da rua. Hastings olhou para o relógio do palácio. Seis horas, e como seu relógio concordava com isso, ele voltou a fazer buracos no cascalho. Um fluxo constante de pessoas passava entre o Odéon e a fonte. Padres de preto com sapatos de fivelas prateadas; soldados em linha, desleixados e joviais; garotas arrumadas, sem chapéu, carregando caixas de chapeleiros, estudantes com portfólios pretos e chapéus altos, estudantes com boinas e grandes bengalas, policia apressados e nervosos, sinfonias em turquesa e prata; pesados cavaleiros fazendo um barulho estridente no chão, meninos entregadores de confeitaria pulando, com total despreocupação pela segurança da cesta equilibrada em suas cabeças arteiras, e então os poucos excluídos, os vagabundos preguiçosos de Paris, com seus ombros caídos e pequenos olhos que escaneiam furtivamente o chão à procura das bitucas de fumantes; — todos se moviam em um fluxo constante através do círculo da fonte e saíam para a cidade, perto do Odéon, cujas longas colunas agora começavam a cintilar com a luz dos bicos de gás. Os sinos melancólicos da St. Sulpice soaram a hora e o relógio da torre do Palácio iluminou-se. Então passos apressados soaram do outro lado do caminho de cascalho e Hastings levantou

sua cabeça.

“Como você se atrasou”, ele disse, mas sua voz estava rouca, e apenas seu rosto corado é que revelava o quão demorado lhe pareceu a espera.

Ela disse: “Eu fiquei presa — na verdade, eu estava muito irritada — e — e só posso ficar um pouco”.

Ela sentou-se ao seu lado, lançando um olhar furtivo sobre o seu ombro, para o deus sobre seu pedestal.

“Que chato, esse Cupido intrometido ainda está aí?”

“Com asas e flechas também”, disse Hastings, sem perceber que ela sentou-se ao seu lado.

“Asas”, ela murmurou, “ah, sim — para voar para longe quando estiver cansado de brincadeira. É claro que foi um homem que teve a ideia das asas, caso contrário, o Cupido teria sido insuportável”.

“Você acha?”

“*Ma foi*, é o que os homens acham.”

“E as mulheres?”

“Ah”, ela disse, com um movimento de sua cabeça pequena, “eu realmente me esqueci sobre o que estávamos falando.”

“Estávamos falando de amor”, disse Hastings.

“*Eu não estava*”, disse a garota. Então, olhando para o deus de mármore: “Não me importo com esse aí de maneira nenhuma. Não acredito que ele saiba atirar as flechas — não, de fato, ele é um covarde; — ele se esgueira como um assassino na noite. Não aprovo a covardia”, ela declarou, e voltou as costas para a estátua.

“Eu acho”, disse Hastings numa voz baixa, “que ele atira bem — sim, e até dá um aviso.”

“Essa é sua experiência, monsieur Hastings?”

Ele olhou diretamente nos olhos dela e disse: “Ele está me avisando”.

“Ouça o aviso, então”, ela bradou, com um riso nervoso. Enquanto ela falava, tirou as luvas, e então, com cuidado, as calçou de novo. Quando estava terminado, olhou para o relógio do palácio e disse: “Ah, Deus, como está tarde!”, abriu a sombrinha e então a fechou e finalmente olhou para ele.

“Não”, ele disse, “não vou ouvir o aviso”.

“Ah, Deus”, ela suspirou novamente, “ainda falando sobre aquela estátua chata!”. Então, lançando a ele um olhar furtivo: “Eu acho — eu acho que você está apaixonado”.

“Não sei”, ele murmurou, “acho que estou”.

Ela levantou a cabeça com um gesto rápido. “Você parece encantado com a ideia”, ela disse, mas mordeu o lábio e tremeu quando olhos dele encontraram os dela. Então, de repente, o medo a acometeu e ela pulou, encarando as sombras que se reuniam.

“Você está com frio?”

Mas ela apenas respondeu: “Meu Deus, meu Deus, está tarde — muito tarde! — tenho de ir — boa noite!”.

Ela lhe ofereceu a mão enluvada por um momento e, então, a retirou com um sobressalto.

“O que foi?”, ele insistiu, “você está com medo?”.

Ela olhou para ele de modo estranho.

“Não — não — não com medo, — você é bom demais para mim—”

“Por Jeová!”, ele exclamou, “o que quer dizer quando fala que sou bom demais para você? Essa é pelo menos a terceira vez, e eu não entendo!”.

O som de um tambor vindo da guarda no palácio o interrompeu. “Escute”, ela sussurrou, “eles vão fechar. Está tarde, ah, muito tarde!”.

O rufar do tambor chegava cada vez mais perto, e, então, a silhueta do tocador dividiu o céu acima do terraço leste. A luz desvanecente demorou-se por um momento em seu cinto e sua baioneta, e então ele atravessou as sombras, rufando os ecos despertos. O rufar tornou-se mais fraco ao longo do terraço este, e depois cresceu e cresceu e ribombou com agudeza crescente quando ele passou pela alameda próxima ao leão de bronze e voltou-se para o caminho oeste. Cada vez mais alto o tambor soava, e os ecos rebatiam as notas vindas da parede cinza do palácio; e agora o tocador apareceu diante deles — suas calças vermelhas pareciam uma mancha sem brilho na escuridão que se reunia, o metal de seu tambor e da baioneta eram tocados por uma faísca pálida e suas dragonas balançavam em seus ombros. Ele passou

deixando o estrondo do tambor em seus ouvidos, e longe, na alameda de árvores, eles viram sua pequena caneca de latão brilhando em seu embornal. Então as sentinelas começaram a monótona gritaria: "On ferme! On ferme!", e a corneta soou no quartel da Rue de Tournon.

"On ferme! On ferme!"

"Boa noite", ela sussurrou, "devo voltar sozinha esta noite".

Ele a observou até que alcançasse o terraço norte, e então se sentou no banco de mármore até uma mão em seu ombro e um brilho de baionetas o avisaram para que fosse embora.

Ela passou pelo bosque e, voltando para a Rue de Médicis, atravessou para o bulevar. Na esquina, comprou um buquê de violetas e caminhou ao longo do bulevar até a Rue des Écoles. Um coche alugado estava estacionando diante do Boulant, e uma bela garota, ajudada por Elliott, saltou dele.

"Valentine!", gritou a garota, "venha conosco!".

"Não posso", ela disse, parando por um momento — "tenho um encontro no Mignon".

"Não é o Victor!", gritou a garota, rindo, mas ela passou com um pequeno tremor acenando boa noite, e então, voltando-se ao Boulevard St. Germain, ela andou um pouco mais rápido para escapar de um grupo alegre diante do Café Cluny, que a chamou para se unir a eles. À porta do Mignon estava um negro, escuro como carvão, de uniforme. Ele levantou seu quepe pontudo à medida que ela subia as escadas com carpete.

"Peça a Eugene que me encontre", ela disse no escritório, e, passando pelo corredor à direita da sala de jantar, parou diante de uma fileira de portas feitas almofadadas. Um garçom passou e ela repetiu seu chamado por Eugene, que logo apareceu, passando silenciosamente, e fez uma reverência, murmurando: "Madame".

"Quem está aqui?"

"Ninguém nas salas privadas, madame; no mezanino, madame Madelon e monsieur Gay, monsieur de Clamart, monsieur Clisson, madame Marie e seu grupo." Então ele olhou ao redor e, com outra reverência, murmurou: "O monsieur espera pela madame há meia hora", e bateu em uma das portas almofadadas, que portava o

número seis.

Clifford abriu a porta e a garota entrou.

O garçom fez uma reverência a ela e sussurrou: "O monsieur terá a bondade de tocar a campainha?", e desapareceu.

Ele a ajudou a tirar o casaco e pegou seu chapéu e sua sombrinha. Quando ela estava sentada à pequena mesa, com Clifford no lado oposto, ela sorriu e apoiou-se à frente em ambos os cotovelos, olhando-o no rosto.

"O que você está fazendo aqui?", ela perguntou.

"Esperando", ele respondeu, em tom de adoração.

Por um instante ela se virou e se examinou no espelho. Os grandes olhos azuis, o cabelo cacheado, o nariz reto e os pequenos lábios curvados no espelho brilharam no espelho apenas por um instante, e então a profundidade do objeto refletiu seu belo pescoço e suas costas. "Deste modo dou as costas à vaidade", ela disse, e então, debruçando-se para a frente de novo: "O que você está fazendo aqui?"

"Esperando por você", repetiu Clifford, levemente incomodado.

"E Cécile."

"Agora não, Valentine—"

"Você sabe", ela disse calmamente, "que eu não gosto da sua conduta?"

Ele estava um pouco desconcertado, e tocou a campainha para chamar Eugene, para disfarçar sua confusão.

A sopa era bisque, e o vinho, Pommery, e os pratos seguiram um ao outro com a usual regularidade até Eugene trazer o café, e não restou nada na mesa exceto uma pequena lamparina prateada.

"Valentine", disse Clifford, depois de obter permissão para fumar, "é o Vaudeville ou o Eldorado — ou ambos, ou o Nouveau Cirque, ou—"

"É aqui", disse Valentine.

"Bem", ele disse, muito lisonjeado,

"temo não ter conseguido diverti-la".

"Ah, sim, você é mais divertido que o Eldorado."

"Agora, veja, não caçoe de mim, Valentine. Você sempre faz isso, e, e, — você sabe o que eles dizem, — uma boa risada mata—"

“O quê?”

“É — hum — o amor e tudo o mais.”

Ela riu até seus olhos ficarem úmidos com lágrimas. “*Tiens*”, ela exclamou, “ele está morto então!”

Clifford a olhou com um alarme crescente.

“Você sabe por que vim?”, ela disse.

“Não”, ele respondeu, se sentindo desconfortável, “não sei”.

“Há quanto tempo você vem me cortejando?”

“Bem”, ele admitiu, um pouco surpreso, — “eu diria, — há um ano”.

“Sim, um ano, eu acho. Você não está cansado?”

Ele não respondeu.

“Você não sabe que gosto demais de você para — para jamais me apaixonar por você?”, ela disse. “Você não sabe que somos bons camaradas demais, — velhos amigos demais para isso? E se não fôssemos, — você acha que não conheço sua história, monsieur Clifford?”

“Não seja — não seja tão sarcástica”, ele pediu; “não seja indelicada, Valentine”.

“Não sou. Eu sou gentil. Sou muito gentil, — com você e com Cécile.”

“Cécile está cansada de mim.”

“Espero que esteja”, disse a garota, “pois ela merece um destino melhor. *Tiens*, você conhece sua reputação no Quartier? De inconstante, o mais inconstante, — totalmente incorrigível e tão sério quanto um mosquito numa noite de verão. Pobre Cécile!”

Clifford pareceu tão desconfortável que ela falou mais delicadamente.

“Gosto de você. Você sabe disse. Todos sabem. Você é uma criança mimada aqui. Tudo é permitido a você e todos aceitam, mas nem todos podem ser vítimas de seus caprichos.”

“Caprichos!”, ele exclamou. “Por Jeová — como se as garotas do Quartier Latin não fossem caprichosas—”

“Não importa — não importa! Você não deve julgar — você mais que qualquer homem. Por que você está aqui esta noite? Ah”, ela exclamou, “eu lhe direi por quê! Monsieur recebe um bilheteinho;

envia uma pequena resposta; ele veste seu traje de conquista—”

“Eu não”, disse Clifford, muito vermelho.

“Você sim, e esse é você”, ela replicou com um sorriso débil. Então, de novo, muito calmamente: “Estou sob seu poder, mas sei que estou sob o poder de um amigo. Eu vim aqui para que você saiba disso, — e é por isso que estou aqui para lhe implorar — um — um favor”.

Clifford arregalou os olhos, mas não disse nada.

“Minha — minha mente está muito confusa. É o monsieur Hastings.”

“E?”, disse Clifford, com algum espanto.

“Quero pedir a você”, ela continuou em voz baixa, “quero pedir a você para — para — se você falar de mim a ele, — não diga, — não diga, —”

“Não falarei de você para ele”, ele disse em voz baixa.

“Você — você pode impedir os outros?”

“Posso se estiver presente. Posso perguntar por quê?”

“Não é justo”, ela murmurou; “você sabe como — como ele me vê, — como ele vê cada mulher. Você sabe o quão diferente ele é de você e do resto. Nunca vi um homem, — um homem como o monsieur Hastings”.

Ele deixou seu cigarro apagar sem perceber.

“Tenho medo de que ele — que ele saiba — o que todos somos no Quartier. Ah, não quero que ele saiba! Não quero que ele se — se desinteresse de mim — pare de conversar comigo do jeito que conversa! Você — você e o resto não imaginam como tem sido para mim. Eu não podia acreditar, — eu não podia acreditar que ele era tão bom e — e nobre. Não quero que ele saiba — tão cedo. Ele vai descobrir — cedo ou tarde, ele vai descobrir sozinho, e então ele se afastará de mim. Por quê?!”, ela chorava com paixão, “por que ele se afastaria de mim e não de *você*?”

Clifford, muito embaraçado, olhou para seu cigarro.

A garota se levantou, muito pálida. “Ele é seu amigo — você tem o direito de alertá-lo”

“Ele é meu amigo”, ele disse depois de algum tempo.

Eles se olharam em silêncio.

Então, ela chorou: "Por tudo que me é mais sagrado, você não pode alertá-lo."

"Farei jus às suas palavras", ele disse, em tom agradável.

V

O mês passou rápido para Hastings e deixou poucas impressões definitivas. Mas deixou algumas entretanto. Uma foi a impressão dolorosa de encontrar o sr. Bladen no Boulevard des Capucines na companhia de uma pessoa muito jovem cuja risada o consternava, e quando finalmente ele escapou do café onde o sr. Bladen o conduzira para se juntar a eles para uma bock, ele sentiu como se o bulevar inteiro olhasse para ele e o julgasse por sua companhia. Mais tarde, uma convicção instintiva relacionada à jovem pessoa com o sr. Bladen fez seu rosto corar, e ele retornou à pensão em tal estado miserável de mente que a srta. Byng ficou alarmada e o aconselhou a dominar a saudade de casa de uma vez.

Outra impressão foi igualmente vívida. Uma manhã de sábado, sentindo-se solitário, seu caminhar pela cidade o levou à Gare St. Lazare. Estava cedo para o café da manhã, mas ele entrou no Hôtel Terminus e pegou uma mesa próxima à janela. Quando ele olhou ao redor para fazer seu pedido, um homem passando rapidamente ao longo do corredor esbarrou em sua cabeça e, ao olhar para cima para receber a desculpa esperada, em vez disso ele foi recebido com um tapinha no ombro e um caloroso: "O que diabos você está fazendo aqui, velho camarada?". Era Rowden, que o agarrou e o levou em sua companhia. Então, protestando moderadamente, ele foi conduzido para uma sala de jantar privada onde Clifford, bem vermelho, pulou da mesa e o saudou com um ar surpreso, que foi amaciado pela exaltação indiferente de Rowden e da extrema cortesia de Elliott. O último o apresentou a três garotas encantadoras que o saudaram com muito charme e auxiliaram Rowden em seu pedido para que Hastings fizesse parte da festa, o que ele aceitou de pronto. Enquanto Elliott esboçava brevemente a

excursão projetada para La Roche, Hastings deliciava-se comendo sua omelete, e retornou os sorrisos de encorajamento de Cécile, Colette e Jacqueline. Enquanto isso, Clifford, em um sussurro baixo, dizia a Rowden o quão idiota ele era. Pobre Rowden, parecia arrasado com isso, até que Elliott, adivinhando o que aquilo estava se tornando, fechou a cara para Clifford e encontrou um momento para deixar que Rowden soubesse que eles iriam aproveitar ao máximo.

“Você fique quieto”, Elliott falou a Clifford, “é o destino, e ele é que acerta as coisas”.

“É Rowden, e ele é que acerta as coisas”, murmurou Clifford, escondendo um riso forçado. Pois, afinal de contas, ele não era a babá de Hastings. Então aconteceu que o trem que deixou a Gare S. Lazare às nove e quinze da manhã parou por um momento em seu caminho em direção a Le Havre e deixou na estação de tijolos vermelhos de La Roche um grupo feliz, armado com guarda-sóis, varas de pescar e uma bengala, carregada pelo único não combatente, Hastings. Então eles montaram o acampamento em um pequeno bosque de sicômoros que bordejavam o pequeno rio Epte; Clifford, o reconhecido como o mestre de tudo que diz respeito a esportes, assumiu o comando.

“Você, Rowden”, ele disse, “divida suas iscas artificiais com Elliott e fique de olho nele ou do contrário ele vai tentar pôr um flutuador e um peso. Use até mesmo sua força para evitar que ele cave atrás de minhocas”.

Elliott protestou, mas foi forçado a sorrir em meio à gargalhada de todos. “Você me deixa doente”, ele declarou, “você acha que essa é minha primeira truta?”.

“Eu ficarei encantado em ver sua primeira truta”, disse Clifford, e desviando-se de um anzol com isca, arremessado com a intenção de acertá-lo, começou a separar e equipar três varas mais finas destinadas a trazer alegria e peixes a Cécile, Colette e Jacqueline. Com toda seriedade, ele ornamentou cada linha com quatro chumbos repartidos, um pequeno anzol e um brilhante flutuador.

“*Nunca* que vou pegar essas minhocas”, anunciou Cécile, com um tremor.

Jacqueline e Colette se apressaram para apoiá-la, e Hastings agradavelmente se ofereceu para ser o colocador geral de iscas e coletor de peixes. Mas Cécile, sem dúvida fascinada pelas iscas enfeitadas no estojo de Clifford, decidiu aceitar as lições dele nessa verdadeira arte, e logo desapareceu Epte acima com Clifford a reboque.

Elliott olhou de modo desconfiado para Colette.

“Prefiro gobiões”, disse a moça, com decisão, “e você e o monsieur Rowden podem ir embora quando quiserem; não podem, Jacqueline?”

“Claro”, respondeu Jacqueline.

Elliott, incerto, examinou sua vara e seu molinete.

“Seu molinete está do lado errado”, observou Rowden.

Elliott acenou e lançou um olhar para Colette.

“Eu — eu — praticamente decidi não — é — não jogar as iscas agora”, ele começou. “Tem a vareta que Cécile deixou—”

“Não chame de vareta”, corrigiu Rowden.

“*Vara*, então”, continuou Elliot, e partiu no rastro das duas garotas, mas foi prontamente agarrado pelo pescoço por Rowden.

“Não, você não! Imagine! Um homem pescar com flutuador e peso quando ele tem uma vara com isca artificial em mãos! Você vem

com a gente!”

Onde o plácido pequeno Epte corre entre suas moitas para o Sena, uma margem gramada faz sombra ao refúgio dos gobiões, e nessa margem se sentaram Colette e Jacqueline, e conversaram, riram e observaram a guinada dos flutuadores com penas vermelhas, enquanto Hastings, com o chapéu sobre os olhos, a cabeça em um banco de musgo, ouvia suas vozes suaves e galantemente tirava do anzol os pequenos e indignados gobiões, quando um vislumbre de uma vara e um grito meio reprimido anunciaram algo fisgado. A luz do sol filtrava-se através das copas folhosas das árvores, despertando os pássaros da floresta para a canção. Pega-rabilongas em um preto e branco impecáveis passaram depois, pousando por perto com um pulo e uma contração da cauda. Gaios azuis e brancos de peito rosado guinchavam entre as árvores, e um falcão que

planava baixo circulou entre os campos de trigo em amadurecimento, colocando em voo bandos de pássaros tagarelas que se esquivavam.

Do outro lado do Sena, uma gaivota mergulhou na água como uma pluma. O ar estava puro e parado. As folhas mal se moviam. Sons vindos de uma fazenda distante chegavam fracamente, o estridente canto de um galo e o débil latido. Ocasionalmente, um rebocador a vapor com uma chaminé inclinada, portando o nome *Guêpe 27*, sulcava o rio arrastando suas intermináveis fileiras de barças, ou um veleiro navegava rio abaixo com a corrente em direção à sonolenta Rouen.

Um suave odor fresco de terra e água pairava no ar, e, através da luz do sol, borboletas de asas de ponta laranja dançavam sobre a grama do brejo, e macias borboletas aveludadas revoavam através da mata musgosa.

Hastings pensava em Valentine. Eram duas da tarde quando Elliott retornou, e francamente admitindo que ele escapara de Rowden, sentou-se ao lado de Colette e se preparou para cochilar com satisfação.

“Onde estão suas trutas?”, disse Colette severamente.

“Ainda estão vivas”, murmurou Elliot, e adormeceu rápido.

Rowden retornou imediatamente depois e, lançando um olhar de desprezo para o que estava cochilando, mostrou três trutas de pintas vermelhas. “E isso”, sorriu Hastings preguiçosamente, “isso é o santo fim para o qual o crente labuta, — o abate desses peixinhos com um fio de seda e penas”.

Rowden desdenhou em lhe responder. Colette pegou outro gobião e acordou Elliot, que protestou e procurou atentamente pelas cestas de almoço, enquanto Clifford e Cécile chegaram pedindo por refrescos imediatamente. A saia de Cécile estava encharcada, e suas luvas, rasgadas, mas ela estava feliz, e Clifford, puxando uma truta de um quilo, permaneceu imóvel para receber os aplausos de todos.

“Onde diabos você arrumou isso?”, perguntou Elliot.

Cécile, molhada e entusiasmada, recontou a batalha, e então Clifford elogiou os poderes dela com a isca artificial, e, para provar, exibiu de seu cesto um caboz morto, o qual, ele observou, era quase

uma truta.

Todos estavam felizes no almoço, e Hastings foi condecorado como “charmoso”. Ele desfrutou disso imensamente, — apenas parecia a ele que, em alguns momentos, o flerte ia mais além na França do que em Millbrook, Connecticut, e ele pensou que Cécile podia estar um pouco menos entusiasmada a respeito de Clifford, que, talvez, seria muito bom também se Jacqueline se sentasse mais distante de Rowden, e que possivelmente Colette poderia ter, por um momento pelo menos, tirado os olhos do rosto de Elliot. Ainda que ele gostasse disso — exceto quando seus pensamentos tendiam a Valentine, e então ele pensava que estava muito longe dela. La Roche está a pelo menos uma hora e meia de Paris. Também é verdade que ele sentiu uma felicidade, um bater rápido do coração, quando, às oito em ponto daquela noite, o trem que os levou de La Roche deslizou para a Gare St. Lazare e ele estava de volta à cidade de Valentine.

“Boa noite” eles disseram, se apinhando ao redor dele. “Você deve vir conosco novamente da próxima vez.”

Ele prometeu, e os observou, dois a dois, caminhar para a cidade que escurecia, e permaneceu tanto tempo parado que, quando de novo levantou seus olhos, o vasto bulevar estava cintilando com o gás fluído, através dos quais as luzes elétricas espiavam como luas.

VI

Foi com o coração mais uma vez acelerado que ele acordou na manhã seguinte, pois seu primeiro pensamento foi Valentine.

O sol já dourava as torres da Notre Dame, a algazarra dos tamancos dos trabalhadores acordou ecos agudos na rua abaixo, e do outro lado da rua um melro em uma amendoeira cor-de-rosa estava em um êxtase de trinados.

Ele estava determinado a acordar Clifford para uma rápida caminhada no campo, esperando mais tarde seduzir aquele cavalheiro até a igreja americana pelo bem de sua alma. Ele

encontrou Alfred com os olhos penetrantes lavando o asfalto que levava ao estúdio.

“Monsieur Elliott?”, ele respondeu à indagação de todos os dias, “je ne sais pas”.

“E monsieur Clifford”, começou Hastings, um tanto atônito.

“Monsieur Clifford”, disse o concierge com uma fina ironia, “ficará satisfeito em vê-lo, uma vez que ele se recolheu cedo; na verdade, ele acabou de chegar”.

Hastings hesitou enquanto o concierge pronunciava um bom elogio a pessoas que nunca passavam a noite toda fora e que depois chegavam batendo no portão dos aposentos a horas em que até mesmo um gendarme considerava sagradas para dormir. Ele também discursou com eloquência sobre as belezas da temperança e fez um esboço pomposo da fonte no pátio.

“Acho que não vou entrar”, disse Hastings.

“Pardon, monsieur”, o concierge resmungou, “talvez seja bom que veja o monsieur Clifford. Provavelmente ele precisa de ajuda. Ele me expulsa jogando escovas de cabelo e botas. É um milagre que ele não tenha ateado fogo a alguma coisa com a vela”.

Hastings hesitou por um instante, mas, engolindo seu desagrado por tal missão, caminhou vagarosamente através da via coberta por hera e através do jardim interno até chegar ao estúdio. Ele bateu. Silêncio total. Então ele bateu de novo, e dessa vez algo acertou a porta do lado de dentro gerando um estrondo.

“Isso”, disse o concierge, “foi uma bota”. Ele enfiou sua cópia da chave na fechadura e fez um gesto para que Hastings entrasse. Clifford, com um pijama desarrumado, estava sentado no tapete no meio da sala. Ele segurava um sapato e não parecia surpreso em ver Hastings.

“Bom dia, você usa sabonete Pears?”, ele perguntou, com um vago aceno de mão e um sorriso ainda mais vago.

O coração de Hastings ficou desolado. “Pelo amor de Deus”, ele disse, “Clifford, vá para a cama”.

“Não enquanto esse — esse Alfred continuar enfiando a cabeça desgrenhada dele aqui dentro e eu ainda tiver um sapato sobrando.”

Hastings apagou a vela com um sopro, pegou o chapéu e a

bengala de Clifford e disse, com uma emoção que ele não conseguia esconder: “Isso é terrível, Clifford, — eu nunca soube que você fazia este tipo de coisa”.

“Bem, eu faço”, disse Clifford.

“Onde está Elliott?”

“Meu velho”, respondeu Clifford, tornando-se sentimental, “a providência que alimenta — alimenta — é —os pardais e tudo o mais cuida do homem sem temperança—”

“Onde está Elliott?”

Mas Clifford apenas sacudiu a cabeça e gesticulou com os braços. “Ele está por aí, — em algum lugar por aí.” Então, repentinamente sentido um desejo de ver o companheiro desaparecido, levantou sua voz e gritou por ele.

Hastings, completamente chocado, sentou-se sem uma palavra. Logo depois de derramar várias lágrimas escaldantes, Clifford se animou e levantou com grande precaução. “Meu velho”, ele observou, “você quer ver um — um milagre? Bem, lá vai. Vou começar”.

Ele parou e permaneceu assim, olhando para o vazio.

“Um milagre”, ele repetiu.

Hastings supôs que ele estava se referindo ao milagre de manter o equilíbrio, e nada disse.

“Vou para a cama”, ele anunciou, “o coitado do velho Clifford vai para a cama, e isso é um milagre!”.

E ele foi, com um bom cálculo de distância e com um equilíbrio que teriam arrancado brados e aplausos de Elliott, estivesse ele ali para assistir *en connaisseur*. Mas ele não estava. Ele não chegara ainda ao estúdio. Estava a caminho, entretanto, e sorriu com magnificente condescendência para Hastings, que, meia hora mais tarde, o encontrou reclinado sobre um banco no Luxembourg. Ele se permitiu ser despertado, limpo e escoltado até o portão. Lá, entretanto, ele recusou toda ajuda adicional, e fazendo uma reverência ativa a Hastings, seguiu um curso toleravelmente correto para a Rue Vavin.

Hastings o observou até sumir de vista, e então, vagarosamente, retornou em direção à fonte. Primeiro ele se sentiu

melancólico e deprimido, mas gradualmente o ar limpo da manhã tirou o peso de seu coração, e ele se sentou no banco de mármore sob a sombra do deus alado.

O ar estava fresco e doce com o perfume das flores de laranjeira. Por todos os lugares pombos se banhavam, borrifando a água sobre seus peitos furta-cor, entrando e saindo do borrifo ou se aninhando quase até o pescoço, ao longo do espelho d'água. Os pardais também estavam por ali, molhando suas penas cor de terra na água límpida e trinando com força. Sob os sicômoros que rodeavam o lago dos patos oposta à fonte de Marie de Médicis, as aves aquáticas aparavam a relva ou gingavam em filas margem abaixo para embarcar em algum solene cruzeiro sem destino.

Borboletas, de certa forma enfraquecidas por uma noite fria de repouso, fervilhavam na flox branca ou partiam em um voo reumático em direção a algum arbusto aquecido pelo sol. As abelhas já estavam ocupadas entre os heliotrópios, e uma ou duas moscas grandes moscas acinzentadas com olhos cor de tijolo estavam pousadas em um ponto de luz do sol ao lado do banco de mármore, ou se perseguiam de um lado para o outro, apenas para retornar ao ponto iluminado pelo sol e esfregar suas patas dianteiras, exultantes. As sentinelas marchavam rapidamente diante das guaritas pintadas, parando às vezes para olhar na direção da casa de guarda para conferir a rendição. Eles finalmente chegaram, com uma confusão de sons de passos e cliques de baionetas; o comando foi passado, a rendição da guarda foi feita e eles foram embora, com sua marcha fazendo *crush, crush* no cascalho.

Uma suave batida flutuando pelo ar, vinda da torre do relógio do palácio, o sino profundo da St. Sulpice ecoou a badalada. Hastings permaneceu sentado e sonhando à sombra do deus, e, enquanto refletia, alguém veio e sentou-se a seu lado. Primeiro ele não levantou sua cabeça. Foi apenas quando ela falou que ele levantou-se de um salto.

“Você! A esta hora?”

“Eu estava agitada, não conseguia dormir”. Depois, em uma voz baixa e feliz: “E *você!* A esta hora?”

“Eu — eu dormi, mas o sol me acordou.”

“*Eu não consegui dormir*”, ela disse, e seus olhos pareceram, por um momento, tocados por uma sombra indefinível. Então, sorrindo: “Estou tão feliz — parecia que eu sabia que você viria. Não ria, eu acredito em sonhos.”

“Você realmente sonhou que — que eu viria aqui?”

“Eu acho que estava acordada quando sonhei isso”, ela admitiu. Depois, por um tempo, eles ficaram calados, confessando pelo silêncio a felicidade de estarem juntos. E, afinal de contas, o silêncio era eloquente, pois sorrisos tímidos e olhares nasceram de seus pensamentos, e passavam e repassavam, até seus lábios se moverem e formar palavras que pareciam quase supérfluas. O que eles diziam não era profundo. Talvez a joia mais valiosa que caiu dos lábios de Hastings fez direta referência ao café da manhã.

“Ainda não tomei meu chocolate quente”, ela confessou, “mas que homem materialista você é”.

“Valentine”, ele disse impulsivamente, “eu gostaria — eu gostaria mesmo que você possa, — apenas dessa vez, — me desse o dia inteiro — apenas dessa vez”.

“Meu Deus”, ela sorriu, “não só materialista mas egoísta também!”.

“Não egoísta, faminto”, ele disse, olhando para ela.

“Um canibal também; minha nossa!”

“Você fará isso, Valentine?”

“Mas meu chocolate—”

“Tome-o comigo.”

“Mas o *déjeuner*—”

“Juntos, em St. Cloud.”

“Mas eu não posso—”

“Juntos, — o dia inteiro, — o dia inteiro; você aceita, Valentine?”

Ela ficou em silêncio.

“Só dessa vez”.

De novo aquela sombra indefinível caiu sobre seus olhos, e quando desapareceu, ela suspirou. “Sim, — juntos, só dessa vez.”

“O dia todo?”, ele perguntou, duvidando de sua felicidade.

“O dia todo”, ela sorriu; “e, ah, estou com tanta fome!”.

Ele riu, encantado.

“Mas que moça mais materialista essa.”

No Boulevard St. Michel há uma crémérie pintada de branco e azul por fora, e muito organizada e limpa por dentro. A jovem ruiva que fala francês como uma nativa e que atendia pelo nome de Murphy sorriu para eles quando entraram, e, lançando um guardanapo limpo sobre a mesa de zinco *tête-à-tête*, pôs diante deles duas xícaras de chocolate e uma cesta cheia de croissants frescos e crocantes.

Os tabletes de manteiga cor de prímula, cada um estampado com um trevo em relevo, pareciam saturados com a fragrância dos pastos da Normandia. “Que delicioso!”, eles disseram ao mesmo tempo, e então riram da coincidência.

“Temos o mesmo pensamento”, ele começou.

“Que absurdo!”, ela exclamou, com as bochechas rosadas. “Estou pensando que gostaria de um croissant.”

“Eu também”, ele respondeu triunfante, “é a prova”.

Então tiveram uma discussão; ela o acusando de comportamento indigno de uma criança de colo, e ele negando isso, e trazendo contra-acusações, até que mademoiselle Murphy riu com simpatia, e o último croissant foi comido sob uma bandeira de trégua. Depois se levantaram e ela pegou seu braço com um aceno de cabeça animado para mademoiselle Murphy, que exclamou a eles uma saudação: “Bonjour, madame! bonjour, monsieur!”, e os observou acenar para um coche de aluguel que passava e partirem. “Dieu! qu’il est beau”, ela suspirou, adicionado depois de um tempo: “Será que são casados? Não sei, — ma foi ils ont bien l’air”.

O coche balançou pela Rue de Médicis, entrou na Rue de Vaugirard, seguiu até o cruzamento com a Rue de Rennes e, tomando aquele entroncamento barulhento, seguiu até a Gare Montparnasse. Eles chegaram bem a tempo de pegar um trem e dispararam pelas escadas até chegarem aos vagões quando a última nota do sinal de partida ecoou pela estação em arco. O guarda bateu na porta de sua cabine, um apito soou, respondido por um silvo da locomotiva, e o longo trem deixou a estação, cada vez mais rápido, e acelerou para o sol da manhã. O vento de verão soprava

em seus rostos pela janela aberta e fazia o cabelo macio dela dançar em sua testa.

“Temos a cabine só para nós”, disse Hastings.

Ela se encostou contra o assento almofadado perto da janela, seus olhos brilhantes e arregalados, seus lábios abertos. O vento levantava seu chapéu e fazia flutuar as fitas embaixo de seu queixo. Com um movimento rápido ela as desamarrou, e, puxando um alfinete de seu chapéu, o colocou no assento ao seu lado. O trem estava voando.

A cor surgiu em suas bochechas, e, com cada respiração rápida, seu peito subia e descia abaixo do arranjo de lírios em sua garganta. Árvores, casas, lagos passavam dançando, cortados por uma névoa de postes de telégrafo. “Mais rápido! Mais rápido!”, ela gritava.

Os olhos dele não saíam dela, mas os dela, arregalados, e azuis como o céu de verão, pareciam fixos em algo longe à frente, — algo que nunca chegava, mas que voava diante deles enquanto eles voavam no trem.

Seria o horizonte, cortado agora pela fortaleza sinistra na colina, e depois pela cruz de uma capela do campo? Seria a lua de verão, como um fantasma, deslizando pelo azul mais suave acima?

“Mais rápido! Mais rápido!”, ela gritava.

Os lábios abertos queimavam, vermelhos.

O vagão chacoalhava e sacudia, e os campos corriam como uma torrente esmeralda. Ele sentiu o excitação, e seu rosto brilhou.

“Ah”, ela exclamou, e com um movimento inconsciente pegou a mão dele, arrastando-o até a janela a seu lado. “Olhe! Incline-se para fora comigo!”

Ele apenas viu os lábios dela se moverem; a voz dela foi abafada pelo rugido dos trilhos, mas sua mão se fechou na dela e ele se prendeu na borda da janela. O vento assobiava em seus ouvidos. “Não tão para fora, Valentine, tome cuidado!”, ele arfou.

Abaixo, através dos vãos do trilho, um vasto rio apareceu e desapareceu, enquanto o trem retumbava ao longo de um túnel, e mais uma vez através da frescura dos campos verdes. O vento rugia

ao redor deles. A garota estava inclinada para fora da janela, e ele a segurava pela cintura, exclamando: “Não tão para fora!”, mas ela apenas murmurou: “Mais rápido! Mais rápido! Para longe da cidade, longe da terra, mais rápido, mais rápido! Para longe do mundo!”. “O que você está falando aí sozinha?”, ele disse, mas sua voz falhou, e o vento a lançou de volta para sua garganta.

Ela o ouviu, e, virando-se da janela, olhou para o braço dele ao seu redor. Então ela levantou seus olhos para os dele. O vagão balançou e as janelas chocalharam. Eles estavam correndo através de uma floresta agora, e o sol derramava-se nos galhos orvalhados com lampejos fluentes de fogo. Ele olhou para os olhos preocupados dela; ele a puxou para si e beijou seus lábios entreabertos, e ela gritou, um grito amargo e sem esperança: “Isso não — isso não!”.

Mas ele a segurou forte e junto de si, sussurrando palavras de amor honesto e paixão, e quando ela soluçava: “Isso não — isso não — eu prometi! Você deve — você deve saber — eu não valho a pena —”.

Na pureza de seu coração as palavras dela eram, para ele, sem sentido então, sem sentido para sempre. Logo a voz dela cessou, e sua cabeça descansou no peito dele.

Ele se encostou contra a janela, seus ouvidos fustigados pelo vento furioso, seu coração em um tumulto de alegria.

A floresta passou, e o sol surgia de trás das árvores, inundando a terra de novo com claridade.

Ela levantou seus olhos e olhou para o mundo através da janela. Então ela começou a falar, mas sua voz estava fraca, e ele inclinou a cabeça para ela e a ouviu.

“Não consigo fugir de você; sou fraca demais. Você é meu mestre há tempos — mestre do meu coração e da minha alma.

Quebrei minha palavra com alguém que confiou em mim, mas eu lhe contei tudo; — o que importa o resto?”

Ele riu da inocência dela e ela venerou a dele. Ela falou de novo: “Me tenha ou me mande embora; — o que importa? Agora, com uma palavra você pode me matar, e talvez seja mais fácil morrer do que imaginar felicidade tão grande quanto a minha”.

Ele a tomou nos braços: “Calma, o que você está dizendo?”

Olhe, — olhe para o sol, os campos e os rios.

Seremos muito felizes em um mundo tão lindo”.

Ela virou-se para a luz do sol. Da janela, o mundo abaixo parecia muito bonito para ela.

Tremendo de felicidade, ela suspirou: “Este é o mundo? Então nunca o conheci”.

“Nem eu, que Deus me perdoe”, ele murmurou. Talvez tenha sido a amável Nossa Senhora dos Campos que tenha lhes perdoado.

Rue Barrée

Rue Barrée

*“Pois deixem o Filósofo e o Médico pregar
Sobre o que vão ou não ordenar
Cada um é apenas um elo na corrente eterna
A qual ninguém pode soltar, quebrar ou arrancar.”[\(26\)](#)*

*“Nem rosas rubras ou amarelas
Nem o aroma do mar que se eleva
ão dignos do perfume por mim amado
E que a ti se agarra.
Lânguidos lírios me deixam entediado,
As águas inertes me dão fastio;
Sofro com desejo apaixonado
Por ti e pelo que é do teu feitio.
Há apenas estas coisas no todo:
Tua boca de fogo,
Tuas mãos, teu cabelo cacheado, teus seios
E meu anseio.”[\(27\)](#)*

I

Certa manhã, na Julian, um estudante disse a Selby: “Aquele é Foxhall Clifford”, apontando com seus pincéis para um jovem que estava em frente a um cavalete, fazendo nada.

Selby, tímido e nervoso, caminhou em sua direção e disse: “Meu nome é Selby, — acabo de chegar a Paris, e trago uma carta de apresentação—”. Sua voz se perdeu no barulho de um cavalete que caiu, cujo dono prontamente atacou o vizinho, e por um tempo

o barulho do combate ressoou através dos estúdios de MM. Boulanger e Lefebvre, logo se precipitando para uma briga nas escadas do lado de fora. Selby, apreensivo quanto à sua própria recepção no estúdio, olhou para Clifford, que permanecia sentado serenamente, observando a briga.

“Está um pouco barulhento aqui”, disse Clifford, “mas você vai gostar dos rapazes quando os conhecer”. Seu jeito sem afetação encantou Selby. Então, com uma simplicidade que ganhou seu coração, ele o apresentou a meia dúzia de estudantes de várias nacionalidades. Alguns foram cordiais, todos foram educados. Mesmo a majestosa criatura que mantinha a posição de massier se endireitou o suficiente para dizer: “Meu amigo, quando um homem fala francês tão bem como você, e também é amigo de monsieur Clifford, não terá problemas neste estúdio. Você sabe, claro, que cuidará do fogareiro até o próximo chegar?”.

“É claro.”

“E você não se importa com zombarias?”

“Não”, respondeu Selby, que odiava isso.

Clifford, muito bem-humorado, colocou seu chapéu, dizendo: “É bom estar pronto para várias no começo”.

Selby colocou o próprio chapéu na cabeça e o seguiu até a porta.

Enquanto passavam pela plataforma do modelo, houve um grito furioso de “*Chapeau! Chapeau!*” e um estudante correu de seu cavalete ameaçando Selby, que corou, mas olhou para Clifford.

“Tire seu chapéu para eles”, disse o último, rindo.

Um pouco sem jeito, ele se virou e saudou o estúdio.

“*Et moi?*”, gritou a modelo.

“Você é encantadora”, respondeu Selby, atônito pela própria audácia, mas o estúdio se levantou numa só voz, gritando: “Ele mandou bem! Ele é legal!”, enquanto a modelo, rindo, soprou um beijo para ele e exclamou: “*À demain beau jeune homme!*”.

Durante toda aquela semana, Selby trabalhou no estúdio sem ser incomodado. Os estudantes franceses o batizaram de “*l’Enfant Prodigue*”, que foi traduzido livremente como “O Garoto Prodígio”, “O Garoto”, “Garoto Selby” e “Garosselby”. Mas a doença logo mudou

seu curso de “Garosselby” para “Carrossel” e então naturalmente para “Cascavel”, onde foi detida pela autoridade de Clifford e, finalmente, retornou para apenas “Garoto”.

Quarta-feira chegou, e com ela M. Boulanger. Durante três horas os estudantes sofreram sob seu sarcasmo mordaz, — entre eles Clifford, que foi informado de que sabia menos sobre um trabalho de arte do que sabia sobre a arte de trabalhar. Selby teve mais sorte. O professor examinou seu desenho em silêncio, lançou para ele um olhar penetrante e prosseguiu com um gesto de indiferença. Ele logo partiu de braços dados com Bouguereau, para alívio de Clifford, que se sentiu livre para meter o chapéu na cabeça e ir embora.

Ele não apareceu no dia seguinte, e Selby, que contava em vê-lo no estúdio, algo que ele aprendeu mais tarde ser inútil, retornou ao Quartier Latin sozinho. Paris ainda era estranha e nova, e ele estava vagamente atordoado por seu esplendor. Nenhuma memória doce agitou seu coração americano no Place du Châtelet, nem mesmo a Notre Dame. O Palais de Justice, com seu relógio e suas torres e sentinelas que espreitavam em azul e vermelho, a Place St. Michel, com sua confusão de ônibus e feios grifos que cuspiam água, a colina do Boulevard St. Michel, os bondes que buzonavam, os policiais circulando em pares e os terraços com mesas alinhadas do Café Vachette não significavam nada para ele, pois até agora nem ele mesmo sabia, ao sair das pedras da Place St. Michel para o asfalto do Boulevard, que cruzara a fronteira e entrara na área dos estudantes — o famoso Quartier Latin. Um cocheiro o cumprimentou chamando-o de “bourgeois” e falou sobre a vantagem de dirigir em vez de caminhar. Um moleque, com aparência de grande preocupação, pediu as últimas notícias telegráficas de Londres, e então, ficando de cabeça para baixo, desafiou Selby numa disputa de força. Uma bela moça deu a ele uma olhadela com seu par de olhos violeta. Ele não a viu, mas ela, vendo seu próprio reflexo em uma vitrine, imaginou a razão da cor queimando em suas bochechas. Virando-se para continuar seu caminho, ela encontrou Foxhall Clifford e se apressou. Clifford, de boca aberta, a seguiu com os olhos; então procurou por Selby, que virou no Boulevard St.

Germain em direção à Rue de Seine. Então Clifford se examinou na vitrine. O resultado não pareceu ser satisfatório.

“Não sou uma beleza”, ele refletiu, “mas também não sou um monstro. O que significa ela ter corado ao ver Selby? Nunca a vi olhar para um homem em minha vida — nem ninguém no Quartier Latin viu isso. De qualquer forma, posso jurar que ela nunca olhou para mim, e Deus sabe que já dediquei a ela toda forma de adoração respeitosa que eu poderia fazer”.

Ele suspirou, e murmurando uma profecia relacionada à salvação de sua alma imortal, andou naquele gracioso gingado que sempre caracterizou Clifford. Sem aparente esforço, ele alcançou Selby na esquina, e juntos eles atravessaram o bulevar iluminado pelo sol e sentaram-se sob o toldo do Café du Cercle. Clifford fez um cumprimento com a cabeça para todos no terraço, dizendo: “Você conhecerá todos mais tarde, mas agora me deixe apresentá-lo a duas atrações de Paris, o sr. Richard Elliott e o sr. Stanley Rowden”.

As “atrações” pareceram cordiais e bebiam vermute.

“Você não foi ao estúdio hoje”, disse Elliott, repentinamente voltando-se para Clifford, que evitou seus olhos.

“Para ficar em comunhão com a natureza?”, observou Rowden.

“Qual é o nome dela dessa vez?”, perguntou Elliott, e Rowden respondeu prontamente: “Nome, Yvette; nacionalidade: bretã—”.

“Errado”, respondeu Clifford com brandura, “é a Rue Barrée”.

O assunto mudou instantaneamente, e Selby ouvia, com surpresa, nomes que eram novos para ele, e elogios ao vencedor do último Prix de Rome. Ele estava encantado em ouvir opiniões audaciosamente expressas e pontos honestamente debatidos, embora o meio para isso fosse, principalmente, gírias, tanto em inglês quanto em francês. Ele ansiava pelo tempo em que também poderia se lançar na luta pela fama.

Os sinos da St. Sulpice bateram as horas, e o Palácio do Luxembourg respondeu badalada por badalada. Com um olhar para o sol, que mergulhava profundo na poeira dourada por trás do Palais Bourbon, eles se levantaram e, voltando-se para o leste, cruzaram o Boulevard St. Germain e perambularam em direção à École de

Médecine. Na esquina, uma garota passou por eles, caminhando apressada. Clifford sorriu de modo malicioso, Elliott e Rowden ficaram agitados, mas todos fizeram uma reverência, e ela, sem levantar os olhos, retornou o cumprimento. Mas Selby, que ficara para trás, fascinado por alguma vitrine alegre, levantou seus olhos para encontrar dois dos olhos mais azuis que ele já vira. Os olhos dele se baixaram num instante, e o jovem se apressou para alcançar os outros.

“Por Jeová”, ele disse, “vocês sabiam que acabei de ver a garota mais bonita—”, uma exclamação veio do trio, sombria, agourenta, como o coro de uma peça grega.

“Rue Barrée!”

“O quê?!”, exclamou Selby, perplexo.

A única resposta foi um gesto vago de Clifford.

Duas horas depois, durante o jantar, Clifford virou-se para Selby e disse: “Você quer perguntar algo; percebo isso pela maneira que você tem se mostrado impaciente.”

“Sim, eu quero”, ele disse, com inocência o suficiente; “é sobre aquela garota. Quem é ela?”.

No sorriso de Rowden havia pena, no de Elliott, rancor.

“O nome dela”, disse Clifford solenemente, “é desconhecido de todos, pelo menos”, e ele adicionou com mais seriedade: “até onde eu sei. Cada sujeito no Quartier Latin a cumprimenta e ela retorna a saudação com seriedade, mas não se sabe de nenhum homem que tenha ido além disso. A profissão dela, julgando pelo rolo de pianola, é algo como pianista. Mora em uma rua pequena e humilde, que é mantida em um processo eterno de reparo pelas autoridades do município, e, pelas letras negras pintadas na barreira que interdita a rua do tráfego, ela recebeu o nome pelo qual a conhecemos — Rue Barrée. O sr. Rowden, com seu conhecimento imperfeito da língua francesa, chamou nossa atenção para ela chamando-a de Roo Barry —”.

“Eu não”, disse Rowden, indignado.

“E Roo Barry, ou Rue Barrée, é hoje um objeto de adoração de toda ave de rapina no Quartier—”

“Não somos aves de rapina”, corrigiu Elliott.

“*Eu não sou*”, retrucou Clifford, “e eu imploro que você preste atenção, Selby, que estes dois cavalheiros em vários momentos, aparentemente infelizes, se ofereceram para depositar a vida aos pés de Rue Barrée. A dama tem um sorriso gelado que usa em tais ocasiões e”, aqui ele se tornou impressionantemente obscuro. “Fui obrigado a acreditar que nem o chame erudito de meu amigo Elliott nem a forte beleza de meu amigo Rowden tocaram aquele coração de gelo.”

Elliott e Rowden, fervendo de indignação, exclamaram: “Nem você!”.

“Eu”, disse Clifford suavemente, “realmente temo caminhar por onde vocês entram correndo”.

II

Vinte e quatro horas depois, Selby havia esquecido completamente Rue Barrée. Durante a semana, trabalhou com toda esforço e energia no estúdio, e sábado à noite estava tão cansado que foi para a cama antes do jantar e teve um pesadelo com um rio amarelo ocre, no qual ele se afogava. Domingo de manhã, sem nenhuma razão, ele pensou em Rue Barrée, e dez segundos depois ele a viu. Foi no mercado de flores, na ponte de mármore. Ela examinava um vaso de amores-perfeitos. O florista evidentemente se colocara de corpo e alma na transação, mas Rue Barrée balançou a cabeça.

É de se perguntar se Selby teria parado imediatamente para inspecionar uma rosa caso não tivesse Clifford lhe contado a história da terça-feira anterior. É possível que sua curiosidade estivesse desperta, pois, com a exceção de um peru fêmea, um rapaz de dezenove anos é o bípede mais obviamente curioso que existe. Dos vinte anos até a morte ele tenta esconder isso. Mas, para ser justo para com Selby, é também verdade que o mercado era atraente. Sob um céu sem nuvens, as flores estavam embrulhadas em buquês e amontoadas ao longo da ponte de mármore, até a altura do parapeito. O ar estava leve, o sol bordava uma vaga passamanaria

de sombras entre as palmeiras e ardia no coração de mil rosas. A primavera começara, — estava em seu clímax. Os carros de água e irrigadores espalhavam frescor pelo bulevar, os pardais tornaram-se abusados, e o crédulo pescador do Sena ansiosamente seguia sua isca com boia artificial de plumagem berrante entre as bolhas de sabão das lavadeiras. As castanheiras com pontas brancas de brotos vestidos com um verde suave vibravam com o zumbido das abelhas. Borboletas ordinárias se livravam de seus trapos de inverno entre os heliotrópios. Havia um cheiro de terra fresca no ar, um eco vindo do bosque irrompia na agitação do Sena, e andorinhas plainavam e roçavam as embarcações ancoradas. Em algum lugar, em uma janela, um pássaro engaiolado cantava de seu coração para o céu.

Selby olhou para as rosas e então para o céu. Algo no canto do pássaro engaiolado pode tê-lo tocado, ou talvez tenha sido a perigosa doçura do ar de maio.

No início, ele quase não estava consciente de que havia parado, depois, estava pouco consciente do porquê de ter parado; então ele pensou poderia seguir em frente, depois ele pensou que não; então ele olhou para a

Rue Barrée.

O florista disse: “Mademoiselle, este é, sem dúvida, um belo vaso de amores-perfeitos”.

Rue Barrée balançou a cabeça.

O florista sorriu. Ela evidentemente não queria os amores-perfeitos. Ela comprara muitos vasos de amores-perfeitos ali, dois ou três a cada primavera, e nunca discutia. O que ela queria então? Os amores-perfeitos eram evidentemente uma sondagem para uma transação mais importante. O florista esfregou as mãos e olhou ao redor.

“Estas tulipas estão magníficas”, ele observou, “e esses jacintos—”. Ele entrou em um transe à mera visão dos maciços perfumados.

“Aquela”, murmurou Rue, apontando para uma roseira esplêndida com sua sombrinha fechada, mas involuntariamente sua voz hesitou um pouco. Selby notou isso, o que o fez sentir mais

vergonha por estar ouvindo, e o florista notou, e, enterrando seu nariz nas rosas, cheirou um bom negócio. Entretanto, para lhe fazer justiça, não aumentou um centavo do valor honesto da planta, pois, apesar de tudo, Rue provavelmente era pobre, e qualquer um podia ver que ela era encantadora.

“Cinquenta francos, mademoiselle.”

O tom do florista era de seriedade. Rue achou que discutir seria inútil. Ambos permaneceram em silêncio por um momento. O florista não elogiou seu prêmio — a roseira estava linda e qualquer um podia ver isso.

“Vou levar os amores-perfeitos”, disse a garota, e pegou dois francos de uma bolsa gasta. Então ela olhou para cima. Uma lágrima parada no olho refletia a luz como um diamante, mas quando rolou para um pequeno canto perto de seu nariz, uma visão de Selby a substituiu, e quando um toque de seu lenço clareara os olhos azuis assustados, Selby apareceu, muito sem jeito. Ele olhou para o céu de imediato, aparentemente consumido por uma sede de investigação astronômica, e enquanto ele continuava sua investigação por cinco minutos inteiros, o florista também olhou para cima, e o mesmo fez um policial. Então Selby olhou para as pontas de suas botas, o florista olhou para ele e o policial prosseguiu. Rue Barrée tinha ido embora havia

algum tempo.

“O que posso lhe oferecer, monsieur?”, perguntou o florista.

Selby nunca soube a razão, mas ele, de repente, começou a comprar flores. O florista estava elétrico. Nunca antes ele vendera tantas flores, nunca a preços tão satisfatórios, e nunca, nunca com tal unanimidade de opinião com um cliente. Mas ele sentiu falta da pechincha, da discussão, de clamar por Deus como testemunha. Faltou tempero na transação.

“Essas tulipas estão magníficas!”

“Estão mesmo!”, exclamou Selby calorosamente.

“Ai, Deus, elas são minhas queridas.”

“Vou levá-las”

“*Dieu!*”, murmurou o florista, suando, “ele é mais louco do que

a maioria dos ingleses.”

“Esse cacto—”

“É lindo!”

“Ai, Deus—”

“Coloque junto do restante.”

O florista se apoiou na murada da ponte do rio.

“Aquela roseira esplêndida”, ele começou debilmente.

“É uma beleza. Acho que vale cinquenta francos—”

Ele parou, muito vermelho. O florista se divertia com sua confusão. Então um frio autocontrole tomou o lugar de sua confusão momentânea e, fitando o florista, o pressionou.

“Vou levar aquela roseira. Por que a jovem senhorita não a comprou?”

“A mademoiselle não é rica.”

“Como o senhor sabe?”

“*Dame*, eu vendo a ela muitos amores-perfeitos; amores-perfeitos não são caros.”

“Aqueles são os amores-perfeitos que ela comprou?”

“Sim, Monsieur, os azuis e dourados.”

“Então o senhor pretende enviá-los a ela?”

“Ao meio-dia, depois do mercado.”

“Leve a roseira com eles, e—”, aqui ele encarou o florista, “não se atreva a dizer quem os mandou”. Os olhos do florista eram como dois pires, mas Selby, calmo e vitorioso, disse: “Envie o restante ao Hôtel du Sénat, na Rue de Tournon, número sete. Vou deixar as instruções com a concierge”.

Então ele abotoou a luva com muita dignidade e se retirou, mas, quando estava bem na esquina e escondido da visão do florista, a convicção de que ele era um idiota o acometeu com um rubor furioso. Dez minutos depois, estava sentado em seu quarto no Hôtel du Sénat repetindo com um sorriso idiota: “Que burro eu, que burro!”.

Uma hora mais tarde e ele ainda estava na mesma cadeira, na mesma posição, ainda de luvas e chapéu, a bengala na mão, mas silencioso, aparentemente perdido na contemplação das pontas de suas botas, e seu sorriso estava um pouco menos imbecil e mesmo

um pouco retrospectivo.

III

Por volta das cinco horas naquela tarde, a pequena mulher de olhos tristes que ocupava a posição de concierge no Hôtel du Sénat ergueu as mãos em assombro ao ver uma carroça cheia de arranjos floridos parar diante da porta. Ela chamou Joseph, o *garçon* destemperado que, enquanto calculava o valor das flores em *petits verres*, afirmou com melancolia não ter qualquer conhecimento quanto ao destino da entrega.

“Voyons”, disse a pequena concierge, “cherchons la femme!”.

“Você?”, ele sugeriu.

A pequena mulher permaneceu por um tempo pensativa, e então suspirou. Joseph esfregou o nariz, um nariz que, em termos de ostentação, poderia competir com qualquer arranjo floral.

Então o florista entrou, de chapéu na mão, e alguns minutos depois Selby já estava de pé no meio de seu quarto, sem o casaco, as mangas da camisa enroladas. O aposento originalmente continha, além da mobília, uma área de menos de meio metro quadrado de área para movimentação, e agora ela estava ocupada por um cacto. A cama rangia sob caixas de amores-perfeitos, lírios e heliotrópios, a sala de estar estava coberta por jacintos e tulipas, e o lavatório apoiava uma espécie de árvore jovem, que prometia florescer mais cedo ou mais tarde.

Clifford chegou um pouco mais tarde, tropeçou em uma caixa de ervilhas-de-cheiro, xingou um pouco, se desculpou e, depois, enquanto todo o esplendor da *fête* floral brotava sobre ele, sentou-se, admirado, sobre um gerânio. O gerânio ficou destruído, mas Selby disse: “Não ligue”, e fitou o cacto.

“Você vai dar um baile?”, perguntou Clifford

“N—não, — eu adoro flores”, disse Selby, mas a declaração carecia de entusiasmo. “Eu deveria imaginar”. Então, depois de uma pausa: “Aquele é um belo cacto”.

Selby contemplou o cacto, o tocou com ares de um

connaisseur e espetou seu polegar.

Clifford cutucou um amor-perfeito com a bengala. Depois, Joseph entrou com a conta, anunciando a soma total em voz alta, em parte para impressionar Clifford, em parte para intimidar Selby a ceder um *pourboire* que ele dividiria, se quisesse, com o florista. Clifford tentou fingir que não ouvira, enquanto Selby pagava a conta e o imposto sem reclamar. Então ele retornou ao quarto com uma tentativa de se mostrar indiferente, a qual falhou completamente quando ele rasgou as calças no cacto.

Clifford fez algum comentário banal, acendeu um cigarro e olhou pela janela para dar a Selby uma oportunidade. Selby tentou aproveitá-la, mas só conseguiu um "Sim, a primavera chegou, finalmente", e então congelou. Ele olhou para a parte de trás da cabeça de Clifford. Ela expressava muitas coisas. Aquelas pequenas orelhas aguçadas pareciam se agitar com uma alegria contida. Ele fez um esforço desesperado para controlar a situação e saltou fora para buscar alguns cigarros russos como incentivo para uma conversa, mas foi frustrado pelo cacto, quem o fez novamente de vítima. Foi a gota d'água.

"Maldito cacto", essa observação saiu de Selby contra sua vontade, — contra seu próprio instinto de autopreservação, mas os espinhos no cacto eram longos e afiados, e devido a suas repetidas picadas, sua ira reprimida escapou. Era tarde demais agora; estava feito, e Clifford mudara de direção.

"Olhe aqui, Selby, por que diabos você comprou essas flores?"

"Gosto delas.", disse Selby.

"O que vai fazer com elas? Você não vai conseguir dormir aqui."

"Eu poderia, se você me ajudasse a tirar os amores-perfeitos da cama."

"Onde você iria colocá-los?"

"Será que eu não poderia dá-los para a concierge?"

Assim que disse isso, se arrependeu. O que, em nome de Deus, Clifford iria pensar dele! Ele escutara o valor da conta. Clifford acreditaria que ele havia investido nesses luxos como uma tímida

declaração à sua concierge? E o Quartier Latin comentaria sobre isso daquele jeito brutal? Ele temia se passar por ridículo e ele conhecia a reputação de Clifford.

Então alguém bateu.

Selby olhou para Clifford com uma expressão assombrada que tocou o coração do rapaz. Foi uma confissão e, ao mesmo tempo, uma súplica. Clifford deu um pulo, passou com dificuldade pelo labirinto floral e, dando uma olhada pela a fresta da porta, disse: "Quem diabos está aí?".

Esse estilo gracioso de recepção é próprio do Quartier Latin.

"É o Elliott", ele disse, olhando para trás, "e Rowden também, e os buldogues dele". Então ele continuou pela fresta.

"Esperem na escada; Selby e eu vamos sair logo."

Discrição é uma virtude. O Quartier Latin possui poucas, e discrição raramente figura na lista. Eles se sentaram e começaram a assoviar.

Rowden logo gritou: "Eu sinto o cheiro de flores. Elas estão dando uma festa aí dentro!".

"Você já devia conhecer Selby melhor que isso", rosnou Clifford atrás da porta, enquanto o outro rapidamente trocava as calças rasgadas.

"Nós conhecemos Selby", disse Elliott com ênfase.

"É", disse Rowden, "ele recepciona com decorações florais e convida Clifford, enquanto nós sentamos na escada".

"É, enquanto as jovens belezuras do Quartier Latin festejam", sugeriu Rowden; então, com repentina apreensão: "Odete está aí?".

"E aí?", perguntou Elliott, "Colette está aí?".

Então ele ergueu a voz em um lamentoso uivo: "Você está aí, Colette, enquanto eu fico aqui esperando ao relento?".

"Clifford é capaz de qualquer coisa", disse Rowden; "a natureza dele ficou amarga desde que Rue Barrée o ignorou".

Elliott ergueu a voz: "Eu digo a vocês, meus velhos, nós vimos algumas flores sendo entregues na casa de Rue Barrée à tarde".

"Amores-perfeitos e rosas", especificou Rowden.

"Provavelmente para ela", adicionou Elliott, acariciando seu

buldogue.

Clifford olhou para Selby com uma suspeita repentina. O último cantarolou, selecionou um par de luvas e, escolhendo uma dúzia de cigarros, os arrumou em uma cigarreira. Depois, caminhando até o cacto, deliberadamente arrancou uma flor, colocou-a no bolso da lapela e, pegando chapéu e bengala, sorriu para Clifford, que ficou imensamente intrigado.

IV

Na segunda-feira de manhã na Julian, estudantes lutavam por lugares; estudantes veteranos expulsavam os que ansiosamente se alocaram nos cobijados tamboretos desde que a porta foi aberta, na esperança de se apropriar deles na passagem da lista de presença; estudantes discutiam sobre paletas, pincéis, portfólios ou enchiam o ar com chamados por Ciceri e por pão. O último, um antigo modelo sujo, que posara, em dias mais felizes, como Judas, agora distribuía pão envelhecido por um *sou* e ganhava o suficiente para comprar cigarros. Monsieur Julian entrou, deu um sorriso paternal e saiu. Seu desaparecimento foi seguido pela aparição do escriturário, uma criatura astuta que circulava entre as hordas em batalha, em busca de presas.

Três homens que não haviam pagado o devido foram pegos e intimados. Um quarto homem foi farejado, seguido e cercado, sua fuga em direção à porta interrompida, e finalmente foi capturado atrás do fogareiro. Naquele momento, a revolução assumiu uma forma aguda, uivos se elevaram por "Jules!".

Jules apareceu, apartando duas contendidas com uma resignação triste em seus grandes olhos castanhos, apertou a mão de todos e dispersou-se na multidão, deixando uma atmosfera de paz e boa vontade. Os leões sentaram-se com os cordeiros, os massiers definiram os melhores lugares para eles e para seus amigos, e, montando as plataformas dos modelos, começaram a chamada. A notícia foi passada: "Esta semana começa pela letra C".

E começou.

“Clisson!”

Clisson pulou como um relâmpago e marcou seu nome no chão, com giz, diante de um assento à frente.

“Caron!”

Caron correu para garantir seu lugar. Bum! tombou um cavalete. “*Nom de Dieu!*”, todos em bom francês – “Aonde diabos você vai?!” disseram em inglês. Paft! caiu uma caixa de pintura com pincéis e tudo mais dentro. “*Dieu de Dieu de—*” Poft! Um golpe, uma curta corrida, um agarra-agarra e um tumulto, e a voz do *massier*, inflexível e repreensiva:

“Cochon!”

Então a chamada recomeçou.

“Clifford!”

O *massier* parou e levantou o olhar, um dedo entre as folhas do livro de presença.

“Clifford!”

Clifford não estava. Ele estava a aproximadamente cinco quilômetros dali, em linha reta, e a cada momento a distância aumentava. Não que ele estivesse andando rápido, — ao contrário, ele flutuava com aquele passo vagaroso que lhe era peculiar. Elliott estava ao seu lado e dois buldogues cobriam a retaguarda. Elliott lia *Gil Blas*, com o qual ele parecia se divertir, mas considerando a alegria ruidosa imprópria ao estado mental de Clifford, restringiu seu divertimento a uma série de sorrisos discretos. O último, tristemente consciente disso, nada falou, mas liderando o caminho aos Jardins do Luxembourg, instalou-se em um banco no terraço ao norte e observou a paisagem com desaprovação. Elliott, de acordo com os regulamentos dos Jardins, prendeu os dois cachorros, e, então, com um olhar interrogativo em direção a seu amigo, retomou o *Gil Blas* e os sorrisos discretos.

O dia estava perfeito. O sol pendia sobre Notre Dame, deixando a cidade em resplendor. A folhagem tenra das castanheiras lançava uma sombra sobre o terraço e salpicava as vias e alamedas com ornamentos tão azuis que Clifford poderia ter encontrado estímulo para criar suas violentas “impressões” tivesse ele apenas

olhado; mas, como era habitual neste período da sua carreira, seus pensamentos estavam em qualquer lugar, menos em sua profissão. Ao redor, os pardais discutiam e dialogavam suas canções de cortejo, os grandes pombos rosados planavam de árvore em árvore, as moscas rodopiavam nos raios de sol e as flores exalavam mil perfumes que perturbavam Clifford com lânguida nostalgia. Sob esta influência ele falou.

“Elliott, você é um amigo de verdade—”

“Você me deixa doente”, respondeu o último, dobrando a revista. “É exatamente como pensei, — você está atrás de um novo rabo de saia. E”, ele continuou com raiva, “se esse é o motivo de você ter me arrastado da Julian — se é para me encher com a perfeição de alguma idiotinha—”.

“Idiota não”, protestou Clifford, gentilmente.

“Veja só”, exclamou Elliott, “você tem coragem de tentar me dizer que está apaixonado de novo?”.

“De novo?”

“É, de novo e de novo e de novo e — por Deus, você está?”

“Isso”, observou Clifford com tristeza, “é sério”.

Por um momento, Elliott quase teria batido nele, mas riu de completo desespero. “Ah, vejamos, vejamos; vamos ver, há Clémence e Marie Tellec e Cosette e Fifine, Colette, Marie Verdier—”

“Todas elas são atraentes, bem atraentes, mas nunca foi nada sério—”

“Então, me ajude, meu Deus”, disse Elliott, solenemente, “todas essas, separadamente e uma após a outra, despedaçaram seu coração com angústia, e também me fizeram perder o lugar na Julian da mesma maneira; cada uma e todas elas, separadamente e uma após a outra. Você nega isso?”.

“O que você diz pode estar baseado em fatos — de certa forma — mas me dê o crédito de que fui fiel a uma de cada vez—”

“Até que a próxima apareça.”

“Mas essa, — essa é realmente muito diferente. Elliott, acredite, eu estou totalmente desesperado.”

Então, não havendo mais nada a fazer, Elliott rangeu os dentes e escutou.

“É — é Rue Barrée.”

“Bem”, observou Elliott com desdém, “se você está se lastimando e gemendo por causa daquela garota, — a garota que deu a você e a mim todos os motivos para querer que o chão se abra e nos engolisse, — bem, vá em frente!”.

“Estou indo, — não me importo; a timidez se foi.”

“Sim, sua timidez natural.”

“Estou desesperado, Elliott. Será que estou apaixonado? Nunca, nunca eu me senti tão infernalmente miserável. Não consigo dormir; honestamente, estou incapaz de comer direito.”

“Os mesmos sintomas notados no caso de Colette.”

“Me escute, está bem?”

“Espere um instante, sei o resto de cor. Agora, deixe-me perguntar algo. Você acredita que Rue Barrée é uma garota pura?”

“Sim”, disse Clifford, corando.

“Você a ama — não daquele jeito como quando você persegue a garota e fica bajulando toda bobagem que ela faz — quero dizer, você ama de verdade?”

“Sim”, disse o outro, obstinado, “eu até me—”

“Espere um pouco; você se casaria com ela?”

Clifford ficou vermelho. “Sim”, murmurou.

“Notícias agradáveis para sua família”, rosnou Elliott, com sua fúria reprimida. “Querido pai, acabei de me casar com uma *grisette* que, tenho certeza, o senhor receberá de braços abertos, acompanhada da mãe dela, a mais simpática e prendada lavadeira’. Deus do céu! Parece que isso foi um pouco além do resto. Agradeça ao seu anjo da guarda, meu jovem, por minha cabeça ainda estar boa para pensar por nós dois. Mesmo assim, nesse caso, não tenho medo. Rue Barrée ignora suas vontades de uma forma claramente definitiva.”

“Rue Barrée”, começou Clifford, erguendo-se, mas ele repentinamente parou, pois ali onde a luz do sol se projetava como rendados que brilhavam em pontos de ouro, ao longo do caminho salpicado de sol, caminhava Rue Barrée. Seu vestido estava impecável, e seu grande chapéu de palha, um pouco inclinado em sua frente branca, lançava uma sombra sobre seus olhos.

Elliott levantou-se e fez uma reverência. Clifford tirou o chapéu com um ar tão melancólico, tão apelativo e tão completamente humilde que Rue Barrée sorriu.

O sorriso foi delicioso, e, quando Clifford, incapaz de se sustentar em suas pernas de absoluto assombro, tropeçou ligeiramente, ela sorriu de novo, sem querer. Alguns momentos depois, ela sentou-se numa cadeira no terraço e, puxando um livro de seu rolo de pianola, folheou as páginas, achou o trecho, e, então, colocando-o aberto em seu colo, suspirou de leve, sorriu levemente e olhou para a cidade. Ela esquecera Foxhall Clifford.

Depois de um tempo, ela pegou o livro de novo, mas em vez de lê-lo, começou a arrumar uma rosa em seu corpete. A rosa era grande e vermelha. Ela brilhava como fogo ali, sobre seu peito, e como fogo ela aquecia seu coração, agora palpitando sob as pétalas sedosas. Rue Barrée suspirou de novo. Ela estava muito feliz. O céu estava tão azul, o ar tão leve e perfumado, a luz do sol tão acariciante, e seu coração cantava dentro dela, cantava para a rosa em seu peito. Isto é o que ele cantava: "Saído da multidão que passa, saído do mundo de ontem, saído dos milhões de transeuntes, um olhou

para mim". Então seu coração cantava sob a rosa dele em seu peito. Depois, dois pombos com cor de camundongo vieram arrulhando e pousaram no terraço, onde se curvaram, andaram pomposamente, se chacoalharam e se sacudiram até que Rue Barrée riu em deleite, e, erguendo a cabeça, fitou Clifford diante dela. O chapéu dele estava na mão e seu rosto estava envolto em uma série de sorrisos suplicantes que teriam tocado o coração de um tigre-de-bengala.

Por um instante, Rue Barrée franziu as sobrancelhas, então olhou com curiosidade para Clifford, e quando ela viu a semelhança entre suas reverências e os pombos se chacoalhando, involuntariamente seus lábios se abriram na mais enfeitante risada. Aquela era a mesma Rue Barrée? Tão diferente, tão mudada que não reconhecia a si mesma; mas ah! Aquela canção em seu coração que afogava todo o resto, que tremia em seus lábios, lutando para se expressar, que se agitava para fora em uma risada por nada, —

por um pombo pomposo, — e pelo sr. Clifford.

“E o senhor acha, por eu retornar o cumprimento dos estudantes no Quartier, que pode ser recebido em particular como um amigo? Não o conheço, monsieur, mas vaidade é o outro nome do homem; — fique satisfeito, monsieur Vaidade, eu serei meticulosa — ah, a mais meticulosa em retornar seu cumprimento.”

“Mas eu imploro — eu imploro para que me deixe lhe render essa reverência que há tanto tempo—”

“Nossa; eu não ligo para reverências.”

“Permita-me apenas conversar com a senhorita de vez em quando — ocasionalmente — muito ocasionalmente.”

“E se eu fizer isso com o *senhor*, por que não com outro?”

“De jeito nenhum, — serei a discrição em pessoa.”

“Discrição — por quê?”

Os olhos dela estavam bastante claros, e Clifford cerrou os dele por um momento, mas só por um momento. Então o demônio da imprudência se apossou dele, ele se sentou e ofereceu, de corpo e alma, bens e posses. E todo o tempo ele sabia que era um tolo e que aquela paixão passageira não era amor, e que cada palavra que proferia o atava pela honra, da qual não havia fuga. E todo o tempo Elliott ficou carrancudo na praça da fonte e controlava com força os dois cães de seu desejo de correr para resgatar Clifford, — pois até eles sentiam que havia algo errado, Enquanto Eliott se debatia por dentro e resmungava injúrias. Quando Clifford terminou, terminou com um brilho de excitação, mas a resposta de Rue Barrée demorou a vir e seu ardor esfriou conforme a situação vagarosamente assumia suas proporções normais. Então o arrependimento começou a surgir, mas ele o pôs de lado e irrompeu de novo em declarações. Na primeira palavra, Rue Barrée o interrompeu.

“Agradeço”, ela disse, falando muito seriamente. “Nenhum homem jamais me pediu em casamento antes.” Ela se virou e olhou para a cidade. Depois de um tempo, falou novamente. “O senhor me oferece muito. Vivo sozinha, sem nada.” Ela virou-se novamente e olhou para Paris, brilhante, linda à luz do sol de um dia perfeito. Ele seguiu os olhos dela.

“Ah”, ela murmurou, “é difícil, — é difícil trabalhar sempre —

sempre sozinha, sem um amigo que se possa ter em estima, e o amor que é oferecido acaba nas ruas, no bulevar — quando a paixão acaba. Eu sei, — nós sabemos, — *nós* que não temos nada, — que não temos ninguém e que nos entregamos sem questionar — quando amamos, — sim, sem questionar — de corpo e alma, já sabendo do fim”.

Ela tocou a rosa no peito. Por um momento, ela pareceu esquecê-lo completamente, então, calmamente: “Agradeço ao senhor, sou muito grata”. Ela abriu o livro e, arrancando uma pétala da rosa, jogou-a entre as páginas. Então, erguendo os olhos, disse gentilmente: “Não posso aceitar”.

V

Demorou um mês para Clifford se recuperar totalmente, embora, ao final da primeira semana, já tivesse sido declarado convaléscente por Elliott, que era uma autoridade no assunto, e sua convalescência foi auxiliada pela cordialidade com que Rue Barrée agradecia suas saudações solenes. Quarenta vezes por dia ele abençoava Rue Barrée pela recusa, e agradecia a seu anjo da guarda, mas, ao mesmo tempo, ah, nosso estranho coração! — ele sofria a tortura do flagelo.

Elliott estava entediado, em parte pela reticência de Clifford, em parte pelo inexplicável descongelamento da frigidez de Rue Barrée. Sua suspeita dormente despertou quando, em seus encontros frequentes, ela, caminhando ao longo da Rue de Seine, coma caixa do rolo de pianola e o grande chapéu de palha, passava por Clifford e seus amigos demônios tomando um caminho para leste até o Café Vachette, e à respeitosa descoberta do bando, corava e sorria para ele. Mas ele nunca descobriu nada, e finalmente desistiu, tratando isso como algo além de sua compreensão, apenas qualificando Clifford com um idiota e reservando sua opinião sobre Rue Barrée. E durante todo esse tempo Selby esteve com ciúmes. No princípio ele se recusou a reconhecer isso, e trocou o estúdio por um dia no campo, mas a mata e os campos agravaram sua condição,

e os riachos borbulhavam Rue Barrée, e os ceifeiros, chamando uns pelos outros na campina, terminavam em um hesitante "Rue Barrée-e!". Aquele dia no campo o deixou furioso por uma semana, e ele trabalhou amuado na Julian, todo o tempo atormentado pelo desejo de saber onde Clifford estava e o que estaria fazendo. Isso culminou em um passeio errático no domingo, que acabou no mercado de flores na Pont au Change, continuou o passeio, que se alongou tristemente até o necrotério, e de novo acabou na ponte de mármore. Isso não traria resultado algum, e Selby sabia disso; então foi ver Clifford, que convalescia tomando julepos em seu jardim.

Eles se sentaram juntos e discutiram a moral e a felicidade humana, e um achou o outro muito divertido, mas Selby falhou em pressionar Clifford para tirar dele alguma informação, para o divertimento dele, impossível de ser disfarçado. Mas os julepos espalharam bálsamo na ferida aguda do ciúme e gotejaram esperança no flagelo, e quando Selby disse que precisava ir, Clifford o acompanhou, e Selby, para não ser superado, insistiu em voltar com Clifford até a porta; Clifford decidiu escoltar Selby até metade do caminho, e então achando difícil se separar, decidiram sair para jantar juntos e "farrear". Farrear, um verbo usado para as perambulações noturnas de Clifford, expressava, talvez, tão bem quanto qualquer coisa, a alegria proposta. O jantar foi no Mignon, e enquanto Selby conversava com o chef, Clifford mantinha um olhar soberbo no maître. O jantar foi um sucesso, ou foi do tipo geralmente considerado como um sucesso. Perto da sobremesa, Selby ouviu alguém dizer como a uma grande distância: "Garoto Selby, bêbado como um lord".

Um grupo de homens passou perto deles; ele teve a impressão de que se cumprimentaram, riram muito e que todos eram bastante espirituosos. Havia Clifford, do outro lado, jurando confiança total em seu companheiro Selby, e parecia haver outros ali, sentados ao seu lado ou passando continuamente com o ruído de saias no chão encerado. O perfume de rosas, o farfalhar dos leques, o toque de braços envolventes e as risadas se tornavam cada vez mais indefinidos. A sala parecia envolta em névoa. Então, em um momento, cada objeto tornou-se dolorosamente nítido, apenas

formas e rostos estavam distorcidos, e as vozes, penetrantes. Ele se ajeitou, calmo, tornando-se dono de si mesmo para aquele momento, mas muito bêbado. Ele sabia que estava bêbado, e estava cauteloso e alerta, tão intensamente desconfiado de si mesmo quanto estaria de um ladrão em seus calcanhares. Seu autocontrole possibilitou que Clifford segurasse sua cabeça com firmeza embaixo de um pouco de água corrente e se dirigissem à rua em péssimas condições, mas o último nunca suspeitando que seu companheiro estivesse bêbado. Por um tempo ele manteve o autocontrole. Seu rosto estava apenas um pouco pálido, um pouco mais tenso do que de costume; ele estava apenas um pouco mais vagaroso no andar e com a língua um pouco embolada. Era meia-noite quando ele deixou Clifford pacificamente dormindo no braço da poltrona de alguém, com uma longa luva de camurça balançando em na mão e um boá de plumas enrolado no pescoço para proteger sua garganta de correntes de ar. Ele andou pelo corredor, desceu as escadas e se viu na calçada de um bairro que não conhecia. Mecanicamente, olhou para cima para ver o nome da rua. O nome não lhe era familiar. Ele se virou e mudou seu curso em direção a algumas luzes agrupadas ao fim da rua. Elas se revelaram mais distantes do que ele antecipara, e depois de uma longa pesquisa, ele chegou à conclusão de que seus olhos haviam sido misteriosamente removidos do lugar correto e recolocados de cada lado de sua cabeça, como os de um pássaro. O afligiu pensar na inconveniência que esta transformação poderia lhe causar, e ele tentou levantar sua cabeça para cima, como uma galinha, para testar a mobilidade do pescoço. Então um imenso desespero o tomou — lágrimas se juntaram em seus canais lacrimais, seu coração derreteu e ele bateu em uma árvore. O choque o fez retomar a consciência; ele reprimiu a violenta ternura em seu peito, pegou o chapéu e se deslocou mais rapidamente. Sua boca estava branca e contraída, os dentes fortemente cerrados. Ele manteve o curso muito bem, se desviando apenas um pouco, e após um tempo que pareceu interminável, se encontrou passando por uma fileira de coches de aluguel. As luzes brilhantes, vermelhas, amarelas e verdes o irritaram, e ele sentiu que poderia ser prazeroso destruí-las com sua bengala, mas, controlando seu impulso,

prosseguiu. Mais tarde, a ideia de que poderia tomar um coche para poupar a fadiga o atingiu, e ele começou a voltar com essa intenção, mas os coches já pareciam tão distantes e as lanternas tão brilhantes e confusas que ele desistiu e, acalmando-se, olhou ao redor.

Uma sombra, uma massa, enorme, indefinida, cresceu à sua direita. Ele reconheceu o Arco do Triunfo e seriamente sacudiu sua bengala para ele. Seu tamanho o irritava; ele o achou grande demais. Então ouviu algo caindo ruidosamente no pavimento e pensou que provavelmente tinha sido sua bengala, mas não deu muita importância. Uma vez que se recuperou e ganhou controle sobre sua perna direita, que dava sinais de insubordinação, se viu atravessando a Place de La Concorde numa rapidez que ameaçava fazer a caminhada acabar na Igreja de la Madeleine. Isso não daria certo. Ele se virou rapidamente para a direita e, atravessando a ponte, passou pelo Palais Bourbon a passo rápido e entrou no Boulevard St. Germain. Ele estava bem o bastante, apesar do tamanho do edifício do Ministério da Guerra tê-lo atingido como um insulto pessoal, e ele perdeu a bengala, que teria sido prazeroso arrastar ao longo das grades de ferro enquanto passasse. Ocorreu a ele, entretanto, substituí-la pelo chapéu, mas, quando o encontrou, esqueceu o que queria com ele e o colocou de volta na cabeça com seriedade. Então teve que lutar contra um violento desejo de se sentar e chorar. Isso durou até chegar à Rue de Rennes, mas, ali, se tornou absorto em contemplar o dragão na sacada, projetando-se sobre o Pátio do Dragão, e o tempo passou até que se lembrou vagamente que não tinha nada a fazer ali, e partiu. Foi um trabalho demorado. A vontade de se sentar e chorar dera lugar ao desejo de reflexão solitária e profunda. Aqui, sua perna direita esqueceu a obediência e, atacando a esquerda, levou vantagem sobre esta e o fez tombar sobre um painel de madeira que parecia barrar seu caminho. Ele tentou contorná-lo, mas encontrou a rua fechada. Tentou empurrá-lo e descobriu que não conseguia. Então notou uma lamparina vermelha em uma pilha de pedras de calçamento dentro da barreira. Isto foi prazeroso. Como ele chegaria em casa se o bulevar estava bloqueado? Mas ele não estava no bulevar. Sua perna

direita traiçoeira o enganara para um desvio, pois ali, atrás dele, estava o bulevar com sua fileira interminável de luzes, — e aqui, o que era essa rua estreita dilapidada, empilhada com montes de terra, argamassa e pilhas de pedra? Ele olhou para cima. Na barreira, em letras negras que o encaravam, estava escrito:

Rue Barrée

Ele se sentou. Dois policiais que ele conhecia vieram e o aconselharam a se levantar, mas ele argumentou que aquilo era um gosto pessoal, e eles prosseguiram, rindo. Pois ele estava, naquele momento, absorto em um problema, que era como encontrar Rue Barrée. Ela estava em algum lugar naquela grande casa com sacadas de ferro, e a porta estava fechada, mas e daí? A simples ideia de gritar até que ela viesse o atingiu. Esta ideia foi substituída por outra igualmente lúcida: bater à porta até que ela viesse; mas, finalmente, rejeitando ambas como incertas demais, decidiu subir até a sacada, abrir a janela e educadamente perguntar por Rue Barrée. Ele podia ver que havia apenas uma janela iluminada na casa. Era no segundo andar, e ele lançou o olhar em sua direção. Então, subindo na barreira de madeira e escalando as pilhas de pedras, alcançou a calçada e olhou para a fachada para encontrar um ponto de apoio. Parecia impossível. Mas uma fúria repentina o tomou, uma obstinação cega e embriagada, e o sangue correu para sua cabeça pulsando, latejando em seus ouvidos como o estrondo vago do oceano. Ele cerrou os dentes e, saltando para um peitoril da janela, pulou e se agarrou nas barras de ferro. A razão sumiu; surgiu em seu cérebro o som de muitas vozes, seu coração saltava, batendo um toque de recolher ensandecido, e, se agarrando à cornija e à beirada, ele fez seu caminho pela fachada, se apoiando em canos e venezianas, se impulsionando para cima até entrar na sacada em frente à janela iluminada. Seu chapéu caiu e bateu na vidraça. Por um momento, ele se apoiou no parapeito, sem fôlego — então, a janela foi aberta vagorosamente pelo lado de dentro.

Eles se olharam fixamente por algum tempo. Logo a garota

deu dois passos incertos de volta ao quarto. Ele viu seu rosto, — todo vermelho agora, — ele a viu se afundar numa cadeira perto de uma mesa iluminada e, sem uma palavra, a seguiu até o fundo do quarto, fechando as vidraças, grandes como portas, atrás dele. Então eles se olharam por um instante em silêncio.

O quarto era claro e pequeno; tudo ali era branco, — a cama com dossel, a pequena pia no canto, as paredes nuas, a lamparina de porcelana chinesa — e seu próprio rosto — soubesse ele disso, mas o rosto e o pescoço de Barrée estavam explodindo na cor que tingia a roseira florida na lareira a seu lado. Não ocorreu a ele falar. Ela parecia não esperar por isso. A mente dele lutava com as impressões do quarto. A brancura, a pureza extrema de tudo o distraía — e isso começou a incomodá-lo. À medida que seus olhos se acostumaram com a luz, outros objetos surgiram ao redor e tomaram seus lugares no círculo da luz da lamparina. Havia um piano, um cesto de carvão, um pequeno baú de ferro em uma banheira. Havia também uma fileira de ganchos na porta com uma cortina de chita branca cobrindo as roupas por baixo. Na cama havia uma sombrinha e um grande chapéu de palha, e, na mesa, um rolo de pianola desenrolado, um tinteiro e folhas de papel pautado. Atrás dele estava um guarda-roupa com espelho, mas, por alguma razão, ele não queria ver seu rosto naquele momento. Ele estava ficando sóbrio.

A garota sentou-se, olhando para ele sem uma palavra. Seu rosto estava sem expressão, e ainda assim, às vezes seus lábios tremiam quase imperceptivelmente. Seus olhos, tão maravilhosamente azuis à luz do dia, pareciam escuros e macios como veludo, e a cor de seu pescoço se aprofundava e empalidecia com cada respiração. Ela parecia menor e mais esbelta do que quando ele a vira na rua, e agora havia algo na curva de sua bochecha que era quase infantil. Quando finalmente ele se virou e viu seu próprio reflexo no espelho, um choque o atravessou como se tivesse visto algo vergonhoso, e sua mente enevoada e seus pensamentos nublados começaram a clarear. Por um momento, olhos de ambos se encontraram, e então os dele buscaram o chão, seus lábios se apertaram e a luta dentro dele forçou sua cabeça a

fazer uma reverência e retesou cada nervo à ruptura. E agora estava tudo terminado, pois sua voz interior havia falado. Ele a escutou, estupidamente interessado mas já sabendo o fim, — de fato, pouco importava; — o fim seria sempre o mesmo para ele; — ele sabia agora, — sempre o mesmo para ele, e ele escutou, estupidamente interessado, uma voz que crescia dentro dele. Depois de um tempo, ele se levantou, e ela levantou-se de uma vez, com uma mão pequena descansando na mesa. Logo ele abriu a janela, pegou seu chapéu e a fechou de novo. Então ele se curvou sobre a roseira e tocou os botões com o rosto. Uma rosa estava em um copo d'água na mesa, e, mecanicamente, a garota a pegou, a apertou nos lábios e a pôs na mesa perto dele. Ele a pegou sem uma palavra, e, cruzando quarto, abriu a porta. O corredor estava escuro e silencioso, mas a garota ergueu a lamparina e, deslizando à frente dele, desceu as escadas polidas até a entrada. Então, destravando os ferrolhos, abriu a portinhola de ferro.

Através dela, ele passou com sua rosa.

Apêndice

Um Habitante
de Carcoza

Um Habitante de Carcoça

Título original: An Inhabitant of Carcosa

Autor: Ambrose Bierce

Ano de publicação: 1886

¶ Pois há diversos tipos de morte — alguns nos quais o corpo permanece; e em alguns, o corpo desaparece com o espírito. Isso geralmente ocorre apenas quando em solidão (tal é a vontade de Deus) e, ninguém vendo o fim, é dito que o homem está perdido, ou foi em uma longa jornada — a qual ele faz de fato; mas às vezes isso acontece à vista de muitos, como mostram abundantes testemunhos. Em um tipo de morte, o espírito também morre, e isso se sabe acontecer enquanto ainda o corpo esteve em vigor por muitos anos. Às vezes, como é veridicamente atestado, o espírito morre com o corpo, mas depois de um tempo se levanta novamente no mesmo lugar onde o corpo se decompôs.

Ponderando essas palavras de Hali (que Deus o tenha!) e questionando seu amplo sentido como alguém que, tendo um sinal, ainda duvida se não há sentido diferente do que discerniu, não notei para onde eu havia me desviado até que um vento frio, atingindo meu rosto, reviveu em mim um senso dos arredores. Observei com assombro que tudo parecia desconhecido. De ambos os lados se estendia uma sombria e desolada vastidão de planície, coberta com alta grama seca, que farfalhava e assobiava ao vento de outono, com sabe o céu quais sinais, misteriosos e alarmantes. Projetadas a longos intervalos, estavam pedras sombrias de formato estranho. Umhas poucas árvores apodrecidas aqui e ali pareciam líderes em sua conspiração malévola de expectativa silenciosa.

O dia, pensei, deve estar bem avançado, embora o sol estivesse invisível; e embora ciente de que o ar estivesse úmido e

frio, minha consciência desse fato era antes mental do que física — não sentia desconforto. Acima de toda a paisagem sombria, uma cobertura de nuvens baixas cor de chumbo pairava como uma maldição visível. Em tudo isso havia uma ameaça e um presságio — um prenúncio do mal, uma insinuação da ruína. Pássaro, fera, ou inseto não havia nenhum. O vento suspirava nos galhos desnudos das árvores mortas e a grama cinza se curvava para sussurrar seu segredo de terror para a terra; mas nenhum outro som ou movimento quebrava o repouso medonho daquele lugar sombrio.

Observei na pastagem um número de pedras gastas pelo tempo, evidentemente moldadas com ferramentas. Elas estavam quebradas, cobertas com musgo e meio enterradas no solo. Algumas permaneciam prostradas, algumas inclinadas em vários ângulos, mas nenhuma estava em posição vertical. Obviamente elas eram lápides de tumbas, embora as próprias tumbas não mais existissem, fossem como montículos ou depressões; os anos as haviam nivelado. Espalhadas aqui e ali, blocos mais maciços se mostravam onde alguma sepultura pomposa ou monumento ambicioso uma vez lançara sua débil oposição ao esquecimento. Tão antigas pareciam essas relíquias, esses vestígios de vaidade e memoriais de afeição e piedade, tão arrebatadas, gastas e manchadas — tão negligenciado, deserto e esquecido o lugar, que eu não podia evitar imaginar a mim mesmo como o descobridor do cemitério de uma raça pré-histórica de homens cujo nome estava há tempos extinto.

Ocupado com essas reflexões, estive por algum tempo desatento da sequência de minhas próprias experiências, mas logo pensei: “Como vim até aqui?”. Uma reflexão de momento pareceu tornar tudo claro e ao mesmo tempo explicar, embora de uma maneira inquietante, o personagem singular no qual minha imaginação investira tudo o que eu vi ou ouvi. Eu estava doente. Recordei-me que estivera prostrado por uma febre repentina, e que minha família me dissera que em meus períodos de delírio eu constantemente gritara por liberdade e ar, e fora mantido preso na cama para evitar minha fuga. Agora, eu me esquivara da vigilância dos meus acompanhantes e vagara até aqui — até onde? Eu não poderia imaginar. Claramente eu estava a uma considerável distância

da cidade onde eu residia — a antiga e afamada cidade de Carcosa.

Nenhum sinal de vida humana era visível ou audível em lugar algum — nenhuma fumaça em ascensão, nenhum latido de cão de guarda, nenhum mugido de gado nem sons de crianças brincando — nada exceto aquele lugar sombrio de sepultamento, com seu ar de mistério e temor devido a meu próprio cérebro desordenado. Estava eu me tornando delirante novamente, ali, além da ajuda humana? Não era TUDO de fato ilusão de minha loucura? Chamei com voz alta os nomes das minhas esposas e filhos, estendi minhas mãos em busca deles, mesmo enquanto eu caminhava entre as pedras despedaçadas na grama que murchava.

Um barulho atrás de mim me fez virar. Um animal selvagem — um lince — se aproximava. O pensamento veio até mim: se eu sucumbir aqui no deserto — se a febre retornar e eu sucumbir, essa fera estará em minha garganta. Pulei em sua direção, gritando. Ela trotou tranquilamente à distância de um palmo de mim e desapareceu atrás de uma rocha.

Um momento depois, a cabeça de um homem pareceu se elevar do solo a uma pequena distância. Ele subia o declive mais distante de uma colina baixa cujo cume era difícil de distinguir do nível geral. Sua figura inteira logo apareceu contra o fundo de nuvem cinzento. Ele estava metade nu, metade vestido em peles. Seus cabelos desgrenhados, sua barba longa e desigual. Em uma mão ele portava arco e flecha; a outra mão levava uma tocha em chamas com um longo rastro de fumaça negra. Ele andava vagarosamente e com cuidado, como se temesse cair em alguma sepultura escondida pela grama alta. Esta aparição estranha surpreendeu, mas não causou alarme, e tomando um curso para interceptá-lo, o encontrei frente a frente, me aproximando com a saudação familiar: “Deus o guarde”.

Ele não deu atenção nem diminuiu seu passo.

“Bom estranho”, continuei, “estou doente e perdido. Leve-me, eu lhe suplico, a Carcosa.”

O homem iniciou um cântico bárbaro em uma língua desconhecida e prosseguiu, se afastando.

Uma coruja no galho de uma árvore apodrecida piou de modo

sombrio e foi respondida por outra a distância. Olhando para cima, vi Aldebaran e as Híades através de uma brecha repentina nas nuvens! Em tudo isso havia indícios da noite — o lince, o homem com a tocha, a coruja. Contudo, eu enxergava — eu enxergava mesmo as estrelas não importando a escuridão. Eu enxergava, mas aparentemente não era visto nem ouvido. Sob qual horrível feitiço eu existia?

Sentei-me às raízes de uma grande árvore, considerando seriamente o que era melhor a ser feito. Que eu estava louco eu não mais duvidava, mesmo reconhecendo um fundo de dúvida na convicção. De febre não havia sinal. Eu possuía, contudo, uma sensação de ânimo e vigor unidos que era desconhecida por mim — um sentimento de exaltação física e mental. Meus sentidos pareciam estar todos em alerta; podia sentir o ar como uma substância pesada; podia escutar o silêncio.

Uma grande raiz da árvore gigante em cujo tronco eu me encostara mantinha envolvida em seu domínio uma laje de pedra, e uma parte dela se projetava para dentro de uma reentrância formada por outra raiz. A pedra estava parcialmente protegida do clima, embora muito decomposta. Suas beiradas estavam gastas e arredondadas, seus cantos corroídos, sua superfície profundamente sulcada e descascada. Partículas brilhantes de mica eram visíveis na terra sobre ela — vestígios de sua decomposição. Esta pedra aparentemente marcara a sepultura da qual a árvore emergira anos atrás. As raízes exigentes da árvore roubaram a sepultura e tornaram

a pedra prisioneira.

Um vento repentino empurrou algumas folhas secas e ramos da parte mais elevada da pedra; vi as letras em baixo-relevo de uma inscrição e me curvei para lê-la. Deus do céu! MEU nome completo! — a data do MEU nascimento — a data da MINHA morte!

Um feixe uniforme de luz iluminou o lado inteiro da árvore enquanto eu me levantava em horror. O sol estava se pondo no oriente rosado. Eu permanecia entre a árvore e seu vasto disco vermelho — nenhuma sombra escurecia o tronco!

Um coro de lobos uivantes saudou o amanhecer. Eu os vi

sentados, sozinhos e em grupo, nos cumes de colinas irregulares e sepulturas preenchendo metade de minha paisagem deserta e se estendendo ao horizonte. E então eu soube que eram ruínas da antiga e famosa cidade de Carcosa.

Tais são os fatos transmitidos ao médium Bayrolles pelo espírito de Hoseib Alar Robardin.

A Máscara da
Morte Rubra

⌘ Máscara da Morte Rubra

Título original: The Mask of the Red Death

Autor: Edgar Allan Poe

Ano de publicação: 1842

⌘ “Morte Rubra” devastara o país havia muito tempo.

Nenhuma pestilência fora tão fatal ou tão horrenda. O sangue era sua manifestação e seu selo — a vermelhidão e o horror de sangue. Havia dores lancinantes e tontura repentina, sangramento profuso pelos poros e então a decomposição. As manchas vermelhas no corpo e especialmente na face da vítima eram o banimento que a afastava da ajuda e da simpatia de seus companheiros. E o ataque inteiro, o progresso e o término da doença eram incidentes de meia hora.

Mas o Príncipe Prospero era feliz, intrépido e sagaz. Quando seus domínios se encontravam sem metade de sua população, ele chamou à sua presença, dentre os cavaleiros e damas de sua corte, mil amigos saudáveis e alegres, e com eles se retirou para a reclusão profunda de uma de suas abadias fortificadas. Era uma estrutura extensa e magnífica, criação de seu próprio excêntrico ainda que suntuoso gosto. Uma parede elevada com portões de aço a rodeava. Os cortesãos, tendo entrado, trouxeram caldeiras e sólidos martelos e soldaram os ferrolhos. Eles decidiram não deixar meios nem de entrada nem de saída aos impulsos de desespero repentinos ou de frenesi vindos de dentro. A abadia era copiosamente provida. Com tais precauções, os cortesãos poderiam oferecer defesa ao contágio. O mundo externo que tomasse conta de si. Nesse meio-tempo, era insensatez entristecer-se pelos mortos ou pensar. O príncipe havia fornecido todos os instrumentos de prazer. Havia bufões, havia improvisatori, havia bailarinos, havia

músicos, havia Beleza, havia vinho. Dentro havia tudo isso, além de segurança. Lá fora, a “Morte Rubra”.

Foi por volta do fim do quinto ou sexto mês de sua reclusão, e enquanto a pestilência se enraivecia mais furiosamente no exterior, que o Príncipe Prospero entreteve seus mil amigos em um baile de máscaras da mais incomum magnificência. Foi uma cena voluptuosa aquele baile. Mas primeiro deixe-me contar sobre os aposentos nos quais ele foi realizado. Eles eram sete — uma suíte imperial. Em muitos palácios, entretanto, tais suítes formam uma longa e reta perspectiva, enquanto as portas dobráveis deslizam próximas às paredes em ambos os lados e a visão de toda a extensão é quase total.

Aqui o caso era diferente, como era de se esperar do amor do duque pelo bizarro. Os apartamentos eram tão irregularmente dispostos que a visão atingia apenas pouco mais do que um de cada vez. Havia uma curva fechada a cada vinte ou trinta metros, e a cada curva, uma nova impressão. À esquerda e à direita, no meio de cada parede, uma janela gótica alta e estreita vigiava um corredor fechado que perseguia as curvas da suíte.

Essas janelas eram feitas de vitral, cuja cor variava de acordo com o tom prevalecente das decorações das câmaras nas quais se abriam. Aquela na extremidade leste, por exemplo, era decorada em azul — e vividamente azuis eram suas janelas.

A segunda câmara era púrpura em seus ornamentos e tapeçaria, e aqui as vidraças eram púrpura. A terceira era completamente verde, e assim eram os batentes. A quarta câmara era mobiliada e iluminada com laranja — a quinta com branco — a sexta com violeta. O sétimo apartamento era pesadamente coberto em tapeçarias de veludo negro, que estavam penduradas por todo o teto e paredes e caíam em pesadas dobras sobre um tapete do mesmo material e tom. Mas apenas nesta câmara a cor das janelas falhava em corresponder às decorações. As vidraças aqui eram vermelhas — uma cor escura de sangue. Agora, em nenhum dos sete apartamentos havia qualquer lâmpada ou candelabro em meio à profusão de ornamentos dourados que jaziam espalhados para cá e para lá ou que pendiam do teto. Não havia luz de qualquer tipo

emanando de lâmpada ou vela dentro da suíte de câmaras. Mas nos corredores que seguiam a suíte havia, oposto a cada janela, uma pesada trípode, suportando um braseiro, que projetava seus raios através do vidro tingido e, assim, iluminava o quarto de maneira ofuscante. E deste modo eram produzidas uma multidão de aparições espalhafatosas e fantásticas. Mas, no lado ocidental, ou câmara negra, o efeito no braseiro, que corria sobre as tapeçarias negras penduradas através das vidraças vermelho-sangue, era apavorante ao extremo e produzia uma aparência tão perturbada no semblante daqueles que entravam, que existiam poucos da companhia corajosos o bastante para pisar dentro do recinto.

Era neste apartamento, também, que um relógio de ébano gigantesco encontrava-se contra a parede oeste. Seu pêndulo balançava de lá pra cá com um melancólico, pesado e monótono clangor; e quando o ponteiro dos minutos percorria o circuito do mostrador e a hora estava prestes a ser anunciada, vinha dos pulmões insolentes do relógio um som que era claro, alto, profundo e excessivamente musical, mas de nota e ênfase tão peculiares que, a cada lapso de uma hora, os músicos da orquestra eram compelidos a pausar momentaneamente sua apresentação para prestar atenção ao som; os valsistas forçosamente cessavam suas evoluções e havia um desconcerto breve de toda a companhia festeira; e, enquanto o carrilhão do relógio ainda tocava, observava-se que os mais frívolos ficavam pálidos e os mais velhos e serenos passavam suas mãos sobre suas fronteiras como se em devaneio ou meditação. Mas, quando os ecos cessavam completamente, uma risada leve imediatamente atravessava o baile; os músicos se entreolhavam e sorriam como se a seu próprio nervosismo e insensatez, e faziam votos sussurrantes uns aos outros de que o próximo soar do relógio poderia produzir neles emoção sem igual; e, então, depois do lapso de 60 minutos, (os quais abarcam três mil e seiscentos segundos do Tempo que voa), havia ainda outro soar do relógio, e então, eram os mesmos desconcerto, tremor e meditação de antes.

Mas, apesar destas coisas, era um festim alegre e magnífico. Os gostos do duque eram peculiares. Ele possuía um olho refinado para cores e efeitos. Ele desdenhava a decora da mera moda. Seus

projetos eram corajosos e ardentes, e suas concepções brilhavam com esplendor selvagem. Houve alguns que o achavam mal. Seus seguidores achavam que ele não era. Era necessário ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo para se ter certeza que ele não era.

Ele direcionara, em grande parte, os ornamentos móveis das sete câmaras em ocasião desta grande fête; e foi seu gosto orientador que proporcionara o personagem aos mascarados. Com certeza eles eram grotescos. Havia muita ostentação, brilho, provocação e distorções fantásticas — muito do que foi visto em Hernani. Havia formas arabescas com membros e adornos inadequados. Havia imaginação delirante, tal como obras de um louco. Havia muito de beleza, muito de extravagante, muito de bizarro, algo de terrível e nem um pouco do que pode ter despertado aversão. De fato, de lá para cá nas sete câmaras seguiam uma multidão de sonhos. E estes — os sonhos — se contorciam de um lado para o outro, se apoderando dos matizes dos quartos e fazendo a música selvagem da orquestra parecer o eco de seus passos. E logo bate o relógio de ébano que está no corredor de veludo. E então, por um momento, tudo está imóvel e tudo é silêncio, salvo a voz do relógio. Os sonhos congelaram como estavam. Mas, os ecos do carrilhão morrem ao longe — eles haviam durado apenas um instante — e uma leve e tênue risada flutua atrás deles enquanto eles partem. E agora a música eleva-se de novo, e os sonhos vivem e se contorcem de lá para cá mais alegres do que nunca, adquirindo matiz das janelas multicoloridas através das quais corriam os raios vindos das tripodes. Mas nenhum dos mascarados se aventura para a câmara que se encontra na parte mais ocidental das sete, pois a noite está declinando e transborda uma luz mais vermelha através das vidraças cor de sangue; e a negritude dos drapeados sombrios aterroriza.

Mas, estes outros apartamentos estavam densamente populosos, e neles batia febrilmente o coração da vida. E o festim continuou rodopiando até que, à distância, começou o som da meia-noite no relógio. E, então, a música cessou, como eu disse; as evoluções dos valsistas se aquietaram, e como antes houve um cessar desconfortável de tudo. Mas agora havia doze batidas para

serem soadas pelo relógio; e assim aconteceu, talvez, que mais pensamentos rastejaram, com mais tempo, nas meditações dos pensativos entre aqueles que se divertiam. E deste modo também aconteceu, talvez, que antes dos últimos ecos da última batida tivesse naufragado completamente no silêncio, houve muitos na multidão que tiveram tempo livre para notar uma figura mascarada que não prendera a atenção de um único indivíduo anteriormente. E o rumor desta nova presença, tendo se espalhado em sussurros, elevou-se de todo grupo em um murmúrio que expressava desaprovação e surpresa — e, então finalmente de terror, horror e aversão.

Em uma assembleia de fantasmas tal qual eu pinte, pode-se bem supor que nenhuma aparição comum poderia ter despertado tal sensação. Na verdade a licença mascarada da noite era quase ilimitada; mas a figura em questão havia ultrapassado Herodes, e fora além dos limites até mesmo da decência indefinida do príncipe. Há acordes nos corações da maioria dos indiferentes que não podem ser tocados sem emoção. Mesmo para os profundamente infelizes, a quem a vida e a morte são escárnios semelhantes, há questões sobre as quais zombaria nenhuma pode ser feita. De fato, o grupo inteiro parecia agora sentir que na fantasia e conduta do estranho nem juízo nem propriedade existiam. A figura era alta e magra e se cobria da cabeça aos pés com mortalhas. A máscara que escondia o rosto era feita tão próxima para se assemelhar à fisionomia de um cadáver enrijecido, que o mais cuidadoso escrutínio teria dificuldade em detectar a trapaça. E, contudo, tudo isso poderia ter sido suportado, se não aprovado, pelos farristas loucos. Mas, o mascarado fora longe demais ao assumir a figura da Morte Rubra. Sua vestimenta estava salpicada de sangue — e sua testa ampla, assim como toda a face, borrifada com o horror vermelho.

Quando os olhos do Príncipe Prospero caíram sobre esta imagem espectral (a qual, com um movimento lento e solene, como se para sustentar seu papel mais plenamente, seguia de lá para cá entre os valsistas), ele foi visto convulsionar, no primeiro momento com um forte tremor de terror ou repugnância; mas, depois, sua fisionomia enrubesceu com raiva.

“Quem se atreve?” — ele perguntou roucamente aos cortesãos que permaneciam próximos — “quem se atreve a nos insultar com esta brincadeira blasfema? Prendam-no e retirem sua máscara — pois temos que saber quem temos que enforcar nas muralhas ao nascer do sol!”

Era na câmara oriental, ou azul, que estava o Príncipe Prospero ao pronunciar estas palavras. Elas ressoaram altas e claras através dos sete aposentos, pois o príncipe era um homem corajoso e robusto, e a música cessara ao acenar de sua mão.

Era no salão azul onde o príncipe se encontrava, com um grupo de pálidos cortesãos ao seu lado. Assim que ele falou, houve um leve movimento deste grupo em direção ao intruso, que no momento também estava próximo e, com passos deliberados e grandiosos, se aproximava do interlocutor. Mas, por causa de certo inominável terror que a louca audácia do mascarado a todos causara, ninguém o agarrou; então, desimpedido, ele passou à distância de uma jarda do príncipe; e, enquanto a grande assembleia, como se com um só impulso, se encolhia do centro dos aposentos para as paredes, ele caminhou sem interrupção, mas com o mesmo passo solene e medido que o havia distinguido a princípio, através da câmara azul para a púrpura — da púrpura para a verde — da verde para a laranja — da laranja para a branca — e dali para a violeta, antes que um movimento decidido fosse feito para prendê-lo. Foi então, entretanto, que o Príncipe Prospero, exasperado, com raiva e vergonha de sua própria covardia momentânea, moveu-se apressadamente através das seis câmaras, enquanto ninguém o seguiu devido a um terror mortal que havia se apoderado de todos. Ele portava um punhal e se aproximara em rápida impetuosidade a três ou quatro passos da figura que se retirava, quando este último, tendo alcançado a extremidade do salão de veludo, repentinamente voltou-se e confrontou seu perseguidor. Houve um grito agudo — e o punhal caiu cintilante sobre o tapete escuro, sobre o qual, instantaneamente, caiu morto o Príncipe Prospero. Então, reunindo a coragem selvagem do desespero, um grupo grande de farristas finalmente se lançou ao aposento negro e, agarrando o mascarado, cuja alta figura permaneceu ereta e sem movimento à sombra do

relógio de ébano, arfou em indescritível horror ao encontrar as mortalhas e máscara cadavérica, que foram tocadas com violência, não ocupadas por qualquer forma tangível.

E agora era reconhecida a presença da Morte Rubra. Ela viera como um ladrão na noite. E um por um dos farristas caiu nos corredores orvalhados de sangue de sua folia, e morreu na posição de desespero de sua queda. E a vida do relógio de ébano acabou com a do último farrista. E as chamas dos tripés expiraram. E a Escuridão, a Decadência e a Morte Rubra mantiveram domínio sobre tudo.

Garcassonne

Carcassonne

Título original: Carcassonne

Autor: Gustave Nadaud

Ano de publicação: 1879

Envelheço, sessenta anos tenho,
Toda minha vida labutei
Sem ter, por todo esse tempo,
Satisfeito o meu desejo.
Sei bem que aqui não há
Para ninguém total felicidade.
Meu sonho não se realizará:
Nunca vi Carcassonne!

Enxerga-se a cidade do alto,
Atrás das montanhas azuis;
Mas para chegar lá é preciso
Cinco grandes léguas percorrer,
E mais outras cinco para volver!
Ah! Sim, a colheita foi grande!
A uva não quer amadurecer:
Não verei Carcassonne!

Diz-se que lá se vê todos os dias
O mesmo que aos domingos,
As pessoas em seus caminhos
Em roupas novas e mantos brancos.
Diz-se que lá se vê castelos
Majestosos como os da Babilônia
Um bispo e dois generais!
Não conheço Carcassonne!

Cem vezes disse o vigário
O quão somos imprudentes.
Ele disse em seu sermão
Que o homem se perde na ambição.
Se eu pudesse encontrar, entretanto,
Dois dias no fim do outono...
Meu Deus! Morreria satisfeito...
Depois de ver Carcassonne!

Meu Deus! Meu Deus! Perdoe-me
Se meu pedido o ofende;
Pode-se sempre ver além de si,
Na infância ou na velhice.
Minha mulher, com meu filho Aignan,
Viajaram até Narbonne,
Meu afilhado viu Perpignan,
E eu jamais vi Carcassonne!

Então cantou, perto de Limoux,
Um camponês curvado pela idade.
A ele eu disse: "Amigo, levanta-te;
Faremos juntos a viagem".
Partimos no dia seguinte;
Mas (que o bom Deus o perdoe!)
Ele morreu no meio do trâmite:
Ele jamais viu Carcassonne![\(28\)](#)

Haita, o pastor

Haïta, o pastor

Título original: Haïta the Shepherd

Autor: Ambrose Bierce

Ano de publicação: 1893

No coração de Haïta as ilusões da juventude não foram suplantadas por aquelas da idade e da experiência. Seus pensamentos eram puros e agradáveis, pois sua vida era simples e sua alma desprovida de ambição. Ele levantava com o sol e saía para orar no santuário de Hastur, o deus dos pastores, que ouvia e ficava satisfeito. Depois do cumprimento deste rito religioso, Haïta abria o portão do curral e com animada disposição guiava seu rebanho para o campo, comendo sua refeição matinal de coalhada e bolo de aveia enquanto caminhava, ocasionalmente parando para pegar algumas frutas, frias com o orvalho, ou para beber das águas que vinham das colinas para se juntar ao rio no meio do vale e serem levadas adiante com ele, para onde ele não sabia.

Durante o longo dia de verão, enquanto suas ovelhas aparavam a boa grama que os deuses haviam feito crescer para elas, ou quando permaneciam ruminando com suas pernas dianteiras dobradas sob seus peitos, Haïta, reclinado à sombra de uma árvore ou sentado sobre uma pedra, tocava tão doce a música em sua flauta pastoril que, às vezes, do canto de sua visão, ele tinha relances acidentais de divindades silvestres secundárias, que se inclinavam do matagal para ouvir; mas se ele as olhasse diretamente, elas desapareciam. Disto — pois ele deveria estar pensando se não se tornaria uma de suas próprias ovelhas —, ele esboçou a solene conclusão de que a felicidade pode vir se não for buscada, mas se procurada, nunca será vista; pois, depois de adorar Hastur, que nunca se revelava, o que Haïta mais valorizava era o

interesse amigável de seus vizinhos, os imortais tímidos das matas e dos rios. Ao anoitecer, ele guiava seu rebanho de volta ao curral, verificava se o portão estava seguro e se retirava para sua caverna para uma refeição leve e para os sonhos.

Assim passava sua vida, um dia como o outro, exceto quando as tempestades expressavam a ira de um deus ofendido. Então Haïta se escondia em sua caverna, sua face escondida em suas mãos, e rezava para que apenas ele pudesse ser punido por seus pecados e para que o mundo fosse salvo da destruição. Às vezes, quando havia chuva intensa e o rio transbordava, obrigando-o a impelir seu rebanho aterrorizado para o planalto, ele intercedia pelas pessoas nas cidades que, como lhe disseram, habitavam no prado, além das duas planícies azuis que formavam a passagem de seu vale.

“É gentil de tua parte, ó Hastur”, assim ele orou, “me dar montanhas tão próximas à minha moradia e ao meu curral que eu e minhas ovelhas possamos escapar dos temporais ameaçadores; mas o resto do mundo, tu mesmo deves resgatar de alguma maneira que desconheço, ou eu não mais o idolatrarei”.

E Hastur, sabendo que Haïta era um jovem que mantinha sua palavra, poupou as cidades e desviou as águas para o mar.

Deste modo ele viveu desde quando podia recordar. Ele não poderia conceber corretamente qualquer outro modo de existência. O eremita santo que residia no topo do vale, a uma hora de distância, de quem ele ouvira as histórias das grandes cidades onde residiam pessoas — pobres almas! — que não tinham ovelhas, não lhe informou sobre aquele tempo antigo, quando, assim raciocinou, ele deveria ser jovem e indefeso como um cordeiro.

Foi pensando nesses mistérios e maravilhas, e naquela mudança horrível para o silêncio e a decadência que ele tinha certeza que algum dia deveria vir até ele, como ele vira chegar a tantos de seu rebanho — como vinha a todas as coisas vivas, exceto aos pássaros — que Haïta, pela primeira vez, se tornou consciente de como miserável e sem esperança era seu destino.

“É necessário”, ele disse, “que eu saiba de onde e como eu vim; pois como pode alguém cumprir suas obrigações a menos que seja capaz de julgar o que elas são pela maneira na qual estava

incumbido delas? E qual contentamento eu posso ter quando não sei quanto tempo isso vai durar? Talvez antes de outro sol eu possa estar mudado, e então o que será de minhas ovelhas? O que, de fato, será de mim?”.

Ponderando sobre essas coisas, Haïta se tornou melancólico e taciturno. Ele não falava mais alegremente com seu rebanho, nem seguia com entusiasmo para o santuário de Hastur. Em cada brisa ele ouvia sussurros de divindades malignas cuja existência, pela primeira vez, ele observava. Cada nuvem era um presságio significando desastre, e a escuridão era cheia de pavores. Sua flauta, quando aplicada a seus lábios, não oferecia melodia, mas uma lamentação sombria; as deidades silvestres e ribeirinhas não mais se aglomeravam no matagal para ouvir, mas fugiam do som, o que ele percebia pelas folhas mexidas e flores curvadas. Ele relaxou sua vigilância e muitas de suas ovelhas fugiram para as colinas e se perderam. Aquelas que permaneceram tornaram-se magras e doentes pela falta de boa pastagem, pois ele não mais a procurava para elas, mas as conduzia dia após dia para o mesmo local, por meio de simples abstração, enquanto se intrigava com a vida e a morte — já que sobre a imortalidade ele nada sabia.

Um dia, enquanto cedia às mais sombrias reflexões, ele de repente saltou da pedra onde estava sentado e com um gesto determinado da mão direita exclamou: “Não serei mais um suplicante pelo conhecimento detido pelos deuses. Deixe-os tomar conta disso que não me fazem mal. Farei meu dever da melhor maneira possível e, se eu falhar, de acordo com suas próprias cabeças, que assim seja!”.

De repente, enquanto ele falava, um grande brilho caiu sobre ele, fazendo-o olhar para cima, pensando que o sol irrompera através de uma fenda nas nuvens; mas não havia nuvens. Não mais do que à distância de um braço estava uma bela donzela. Tão bela ela era que as flores próximas a seus pés dobraram suas pétalas em resignação e curvaram suas cabeças em sinal de submissão; tão doce era seu olhar que os beija-flores se aglomeravam em seus olhos, projetando seus bicos sedentos quase para dentro deles, e as abelhas selvagens estavam próximas a seus lábios. E tal era seu

brilho que as sombras de todos os objetos permaneciam divergentes de seus pés, girando enquanto ela se movia.

Haïta estava extasiado. Levantando-se, ajoelhou-se diante dela em adoração, e ela colocou sua mão sobre sua cabeça.

“Venha”, ela disse com uma voz que possuía a música de todos os sinos de seu rebanho — “venha, tu não deves adorar a mim, pois não sou deusa, mas se fores verdadeiro e obediente, eu estarei contigo”.

Haïta agarrou sua mão, e balbuciando sua alegria e gratidão, levantou-se, e de mãos dadas permaneceram e sorriram um para o outro. Ele a fitou com reverência e êxtase. Ele disse: “Suplico a ti, adorável donzela, me diga teu nome e de onde e por que vieste”.

A isto, ela colocou um dedo de advertência sobre seu lábio e começou a se retirar. Sua beleza passou por uma alteração visível que o fez tremer, sem saber por que, pois ela ainda estava bonita. A paisagem estava escurecida por uma sombra gigante que deslizava através do vale com a velocidade de um predador. Na obscuridade, a figura da donzela se tornou escura e indistinta e sua voz parecia distante, enquanto ela dizia, em um tom de triste reprimenda: “Presunçoso e ingrato jovem! Devo, então, deixar-te tão cedo? Nada faria, mas tu precisas rapidamente quebrar o pacto eterno?”.

Inexpressivamente aflito, Haïta caiu de joelhos e implorou a ela que ficasse — levantou-se e buscou-a na escuridão mais profunda — correu em círculos, chamando-a alto, mas tudo em vão. Ela não estava mais visível, mas fora da escuridão ele ouvia sua voz dizendo: “Não, tu não me terás se procurar. Vá para tua obrigação, incrédulo pastor, ou nunca mais nos encontraremos”.

A noite caíra; os lobos uivavam nas colinas e as ovelhas aterrorizadas aglomeravam-se aos pés de Haïta. Com as ocupações da hora, ele esqueceu seu desapontamento, guiou suas ovelhas ao curral e, dirigindo-se ao lugar de adoração, despejou seu coração em gratidão a Hastur por permiti-lo salvar seu rebanho; então retirou-se para sua caverna e dormiu.

Quando Haïta acordou, o sol estava alto e brilhava dentro da caverna, iluminando-a com grande glória. E lá, ao seu lado, estava a donzela. Ela sorriu para ele com um sorriso que parecia ser música

de sua flauta. Ele não ousou falar, temendo ofendê-la como antes, pois não sabia o que poderia se aventurar a dizer.

“Porque”, ela disse, “tu fizeste tua obrigação pelo rebanho, e não te esqueceste de agradecer a Hastur por satisfazer os lobos da noite, venho a ti de novo. Tu me aceitarás como companhia?”.

“Quem não te aceitaria para sempre?”, respondeu Haïta. “Oh! Nunca me deixes de novo até — até eu mudar e me tornar silencioso e imóvel”.

Haïta não conhecia uma palavra para a morte.

“Eu gostaria, de fato”, ele continuou, “que tu fosses do meu próprio sexo, que nós pudéssemos lutar e disputar corridas, e assim nunca nos cansarmos de estar juntos”.

A essas palavras, a donzela levantou-se e saiu da caverna, e Haïta, saltando de seu leito de ramos perfumados para ultrapassá-la e detê-la, observou, para seu espanto, que a chuva caía e o rio no meio do vale transbordava. As ovelhas baliavam em horror, pois as águas em ascensão haviam invadido seu curral. E havia perigo para as cidades desconhecidas do prado distante.

Passaram-se muitos dias até que Haïta visse a donzela novamente. Um dia ele retornava do topo do vale, para onde levava leite de ovelha e bolo de aveia e frutas para o eremita santo, que era velho e fraco demais para prover a si mesmo com comida.

“Pobre velho!”, ele disse com voz alta, enquanto se arrastava ao longo do caminho para casa. “Retornarei amanhã e o carregarei em minhas costas para minha própria residência, onde posso cuidar dele. Sem dúvida foi por isso que Hastur cuidou de mim por todos esses muitos anos, e me dá saúde e força”.

À medida que ele falava, a donzela, vestida em vestuários brilhantes, o encontrou no caminho com um sorriso que tirou seu fôlego.

“Eu vim novamente”, ela disse, “para morar contigo se tu queres agora me ter, pois ninguém mais terá. Tu podes ter adquirido sabedoria e queres me ter como eu sou e não te importas em saber”.

Haïta jogou-se a seus pés. “Belo ser”, ele gritou, “se tu apenas condescenderes a aceitar toda a devoção do meu coração e alma —

depois de Hastur ser servido —, ela será tua para sempre. Mas, ai de mim! Tu és caprichosa e voluntariosa. Antes do sol de amanhã posso perder-te novamente. Prometas, eu te imploro, que por mais que em minha ignorância eu possa ofender, tu me perdoarás e permanecerás sempre comigo”.

Mal ele havia terminado de falar e um bando de ursos surgiu das colinas, correndo em direção a ele com bocas sanguinárias e olhos ardentes. A donzela novamente desapareceu, e ele virou-se e fugiu por sua vida. Ele não parou até estar na cabana do eremita santo, para onde partira. Barrando rapidamente a porta contra os ursos, ele se lançou ao chão e chorou.

“Meu filho”, disse o eremita de seu leito de palha recentemente colhida àquela manhã pelas mãos de Haïta, “não parece que tu choras por causa de ursos — conte-me qual o pesar que te sobreveio, que a idade avançada pode cuidar das dores da juventude com tantos bálsamos quanto possui de sua sabedoria”.

Haïta contou tudo a ele: como por três vezes ele encontrara a donzela radiante e por três vezes ela o deixara miserável.

Ele relatou minuciosamente tudo que se passara entre eles, não omitindo palavra do que havia sido dito.

Quando ele terminou, o eremita santo fez silêncio por um momento e então disse: “Meu filho, escutei tua história, e conheço a donzela. Eu mesmo a vi, como muitos. Saiba, então, que o nome dela, que ela nunca te permitirá perguntar, é Felicidade. Tu disseste a verdade a ela, que ela é caprichosa, pois impõe condições que o homem não pode satisfazer, e o delito é punido com deserção. Ela vem apenas quando não procurada, e não será questionada. Uma manifestação de curiosidade, um sinal de dúvida, uma expressão de apreensão, e ela vai embora! Por quanto tempo a tiveste em qualquer momento antes que ela fugisse?”.

“Apenas um único instante”, respondeu Haïta, corando com vergonha à confissão. “Toda vez eu a afasto em um instante”.

“Jovem infeliz!”, disse o eremita santo, “se não fosse tua indiscrição, tu poderias tê-la tido por dois”.



The Strange
Society of DHDH
(The Yellow Sign)

The Strange Society of DADA

Ábner de Marcos Neves	Alice Maura Domercke Dias
Adailton G. do Nascimento	Alisson de Oliveira Sanches
Adailton H. Sampaio	Alisson Nunes da Silva
Adilson Eduardo Spagiari	Allan Dionízio Barbieri de Moraes
Adilson Rigues Gonçalves Júnior	Allan Moraes
Adriana Gomes	Almir Junior Guilherme da Silva Vianna
Adriano Rodrigues Souza	Álvaro Lobato Martins
Adyson da Silva Diógenes	Alvenir Carvalho
Adyson Ricardo da Silveira Abreu	Alyssom Santos Lima
Aécio de Souza Mota	Amanda de Souza
Ailton Peres Prado	Amanda Rodrigues
Airone Cunha Anete	Amaro da Silva Lopes Jr.
Alan Guedes	Anderson Almeida de Souza
Alan Marques da Rosa	Anderson Cardoso
Alan Phelipe Ferreira Oliveira	Anderson Carollo de Oliveira
Alessandra Cardoso R. Walderramas	Anderson da Silva Lima
Alessandro Paiva da Silva	Anderson dos Santos
Alessandro Roberto Paes	Anderson Konzen
Alessandro Rodrigo Zelada de Souza	Andre Chaves
Alex da Silva	Andre de Oliveira Cardoso
Alex da Silva Peixoto Gurgel	Andre Luiz Pereira Lima
Alex de Biassi	André Luiz Uehara
Alex Eduardo Mecenero Sanchez	André Nascimento Mossinato
Alex Quintas de Souza	André Pastore Harrison
Alexander Meireles da Silva	Andrea Aparecida Lass
Alexandre Cardoso Pereira	Andréa Castanho de F. Guimarães
Alexandre Costa	Andrea de Souza Santos
Alexandre Iglesias Caldas	Andrew Silva do Rosario
Alexandre Marcos Candido	Andrews Duarte Lutz
Alexandre Oliveira	Anita Maruri Luvielmo da Silva
Alexandre Pereira Viana	Anna Creusa Zorza

Anny Rosário	Caio Barbosa Mendonça
Antonio Bruno Andrade Medeiros	Caio Felipe Soares da Cruz
Antonio Carlos Dutra Ramos	Caio Fernandes Rodrigues
Aparecida Hollis	Caio Henrique Martins
Aparecida Rondina	Caio Henrique Villarte
Ariadne Fantasia de Jesus	Caio Massimo Costa Amorim
Ariosto de Cesar Freire Jr.	Caio Mauro Lass
Arkymendes Glauber J. de Oliveira	Caio Victor Sampaio
Arnaldo Henrique Souza Torres	Caique Silva Nogueira
Aron Pereira Rosa	Camilo Rangel
Artêmio Prado da Silva	Camilo Silveira Matos
Arthur Jorge Dias de Moraes Coelho	Cândido Bueno Júnior
Arthur Magalhaes Fonseca	Carlos Alberto Correa Filho
Arthur Martins Fernandes	Carlos Eduardo Lessa de Farias
Atailton Miranda	Carlos Renato Freitas
Atila Cirano Alen Zuccheratte	Carlos Sergio Matos Charleaux
Augusto Lopez Dantas	Carlyle Santin Sguassabia
Augusto Seoni de oliveira	Carmelo Ribeiro do Nascimento Filho
Auron M. Lima	Carmem Souza Cruz
Availton Corino	Cassia Regina da Silva
Barbara Cabral Parente	Cecília Kmiecik
Beatriz Abreu Lamego	Celso Luiz Terzetti Filho
Bernardo Jose Brasil de Carvalho	César Augusto Moura Lodi
Bruna Souza Lotter	Christian Andersen F. da S. Lima
Bruno Bertolazzi	Christian Mendes de Oliveira
Bruno de Sousa Moraes	Cintia Daflon
Bruno do Nascimento	Ciro Guimarães
Bruno Felipe Pinto Teixeira	Clara do N. Silva
Bruno Ferraz Bregnoles	Clauco L. Martins
Bruno Fett	Claudia Doppler
Bruno Gomes	Claudimir Ribeiro
Bruno Mourão	Cláudio Carvalho
Bruno Oliveira Freitas	Claudio Cesar Frias
Bruno Rodrigo Medeiro	Cláudio da Silva Nunes
Bruno Ryuji Senzaki	Cláudio Menoncin de Carvalho Pereira
Bruno Trece	Clayton Arena Gimenez
Caio Alexandre Bezarias	Clayton De La Vie

Clean Nunes Mendonça	Diogo P. Soares
Cleide do Nascimento Lima	Dion Lucas Lima Rios
Clóvis A. Scheibler	Dmitri Antoniewsky Silva Gadelha
Cosmo Felipe de Oliveira Borba	Dora Oliveira
Cristiano Henrique Harrich Teibel	Douglas Augusto Pimenta Siqueira
Cristiano Macedo Pereira	Douglas Carlos Guerrero
Daniel Almeida da Silva	Douglas Edson Fernandes
Daniel Borges Ognibeni	Douglas Junior Nicolin
Daniel Buchinger Jr.	Douglas Rodrigo Dimas
Daniel de Almeida	Douglas Vieira Batista
Daniel Dias Rodrigues	Edgar Indalecio Smaniotto
Daniel Ferraresi Araújo Silva	Edgard Alex Perissé Ferreira
Daniel Iturvides Dutra	Edilson Borges Vulcão Junior
Daniel Lopez Mathias	Edmilson Santana Oliveira
Daniel Pellegrini de Azeredo	Ednelson João Ramos e Silva Jr.
Daniel Silveira	Edson Francelino de Souza
Daniel Soares da Silva	Edson Santos Silva
Daniel Victor	Edu Costa
Danilo de Freitas Lima	Eduardo da Silva Cardoso
Danilo Mendonça Colsani	Eduardo Elias Pereira da Silva
Danilo Vieira Oliveira	Eduardo Fabris
Davi Melo de Oliveira	Eduardo Fabro
David Favaro Mei	Eduardo Henrique A. de Guimarães
David Oscar Macedo de Moura	Eduardo Junqueira
Denílson E. Ricci	Eduardo Kawamoto
Denilson Resuti	Eduardo Moura
Deyson Vilters Lotter	Eduardo Ribeiro de Oliveira
Diego Bernabé	Egnado Larti Liss
Diego Correa de Barros	Elano Souza Moura
Diego Costa Almeida	Elanya Oliveira
Diego Justechechen	Elen Araújo
Diego Ramos da Silva	Elisa Katsue Takahashi Carareto
Diego Schirmer Renzi	Elton Andrade
Diego Soares	Elton da Silva Luiz
Diego Vaz de Oliveira Corrêa	Elton de Abreu Freitas
Diogo Henrique Souza	Elvys da Silva Benayon
Diogo Luis Sobral	Elvys Haitss Kaymoise

Elza Santos Feitosa	Fernanda Cristina Hitos Vieira
Emerson da Silva Bergossi	Fernando Costa Nary
Emilia H. M. Saito	Fernando dos Santos Carrasco Filho
Erasto Santos Cruz	Fernando Luiz Ferreira de Almeida
Etiene De Souza	Fernando Medeiros do Nascimento
Eurico Lucas Cruz Bezerra	Fernando Severiano Gomes Rodrigues
Evaldo Everson da Silva Prianti	Fernando Soto
Everaldo Rodrigues da Silva Junior	Filipe Abner de Assis Santos
Everton G. do Nascimento	Filipe Alencar
Ewerton Alípio Souza de Macêdo	Firmino G B de Abreu
Fabiano de Jesus da Silva	Flavio Fraga Watson
Fabiano Guilherme de Souza	Francis Braga Mori
Fabio Cardoso de Araujo	Francisco Anderson
Fabio da Fonseca Said	Francisco Henrique Queiroz Neto
Fabio Elizeira da Cunha	Francisco Rinaldo de Sousa Janja
Fabio Freitas Brentegani	Franklin dos Anjos Pereira
Fábio José Victorino Dias	Franthescolly Maneira
Fábio M Roncaratti	Franz Eduardo Brehme Arredondo
Fábio Silva	Gabriel de Carvalho Batista
Fabio Silveira Lazzari	Gabriel Pessine
Fabricio da Costa Caxias	Gabriel Pontes Lago
Fabício de Carvalho	Gabriel Souza
Fabricio Maciel	Gabriel Zuccarelli Mattos
Fabricio Marques Franco	Gabriela da Silva Cadamuro
Fausto Jose Angelo Loss	Gabriela Mortoza
Feiton Luis Caldas	Gabrielle Rodrigues de Moura
Felipe Adriano de Oliveira Melo	Geismar Barroso
Felipe Braga Oliveira	George Rodrigues Pereira
Felipe Gonçalves Ortiz	Germano Lobo
Felipe Hemsing Schnorr	Gilberto Pereira Alves
Felipe Kajihara	Gilmar Arcanjo Pejome
Felipe Martins Moreira	Giuliano Lucca Barquete Braccini
Felipe Menezes Albuquerque	Glauber Coutinho de Oliveira
Felipe Milani Albuquerque	Godofredo L. da Silva
Felipe Rodrigo Gonçalves Soares	Guilherme Augusto de Matos
Felipe Valentin Nascimento	Guilherme Lopes Vitoriano
Ferdinando Gossner	Guilherme Müller

Guilherme Wille Coelho	Jeann Diniz Ferreira Lima
Gustavo Barata Macedo	Jeferson Antonio Herculano
Gustavo de Castro Ventura	Jeferson Camargo de Oliveira
Gustavo Francisco Bressan da Silveira	Jefferson da Costa Silva
Gustavo Gomes Teles	Jefferson Luan do Nascimento
Gustavo Lopes de Almeida	João Batista de Oliveira Silva Jr
Gustavo Queiroz Rodrigues	João da Silva Martinho
Gustavo Ramos Machado	João Paulo Gomes Pereira
Halyson Guerra	João Pedro Schmal da Silva
Hártur Kunzler Mainardi	João Plombon Neto
Helil de Oliveira Neves	Joaquim Raimundo Gama Jr.
Helio Rodrigues Machado Neto	Jobert Antonio Dos Santos Junior
Helvia Zukovski	Jonas Ferreira de Souza
Hemeter Heberton Damasceno de Morais	Jonas Macedo de Araujo
Henderson Andrade da Silva	Jonatã Furtuoso Valério
Henrik Chaves	Jonathan Daudt
Heverton Ribeiro	Jorge Silva Paixão
Heverton Thiago Ferras da Silva	José da Silva
Hilton Machado	Jose Henrique Kroll Junior
Hugo Michell Cavalcante	José João Vieira Júnior
Humberto Bruzetti	José Navarro de Andrade Cintra Ferreira
Igor Caio Santana de Andrade	José Oliveira
Igor Cesar Dos Santos Soares	José Paulo M Rey Alvarez
Igor Dias	José Pereira da Silva Neto
Igor Dutra Santos	José Rafael Capella da Silva
Igor Mateus Inglês	Jose Ricardo Aviles
Isaac Martins Lima	Jose Samy R Silva
Isabela Agulhon Ventura	Joseph Souza Gama
Islaine Magda de Souza	Joycimara de Morais Rodrigues
Jacqueline Sabino Camilo	Julian Schio de Oliveira
Jailton Carreteiro Damasceno	Julio Carreteiro Damasceno
Jair Lima Piazzati	Julio Cesar França Pereira
Janaina Rosa Aruda	Kaio Felipe de Queiroz Padilha
Janary Bastos Damacena	Kauê Marcel Araujo
Jean Kleyton Ferreira Coutinho	Kelly Carolina Assis Arantes
Jean Mauricio Castro Horacio	Kenyth Jacob Martins
Jean Rocha Pereira	Kleber Bones Lemos

Kleitton Miranda	Lucas Salim Sanches
Klinger Neves Maciel	Lucas Santos Oliveira
Larissa Thalita Montaldi	Lucas Silva Souza
Laura Badaro	Lucas Soares Amorim
Laykor Gross Fochesatto	Lucas Verzani Souza Nascimento
Leandro Aguiar	Lucas Washington
Leandro Aquino Sieiro	Luciana Held
Leandro de Campos Fonseca	Luciano Paulo Giehl
Leandro Gomes de Moura	Luis Claudio de Moura
Leandro Moura	Luís Filippe Serpe
Leandro Zanella de Souza Campos	Luis Ricardo de Sousa
Leane Macedo	Luis Xavier de França
Leomar Lima	Luiz Antonio Barros do Nascimento
Leonardo Avena Rodrigues	Luiz Armando Paes Loureiro Viana
Leonardo Casagrande Alegre	Luiz Augusto Soares de Oliveira
Leonardo Czczelski Ghisio	Luiz Claudio
Leonardo de Lima Vaz	Luiz Felipe Antunes Branco
Leonardo dos Santos Lobato	Luiz Gabriel Franco
Leonardo Rego Gomes	Luiz Regis Prado Junior
Leonardo Sena Rodrigues	Maicon Luiz de Souza
Leonardo Viana de Vasconcelos Martins	Marcelino de Assis Steckel
Leonardo Zilio	Marcelo Drudi Miranda
Letícia Serrat	Marcelo Henrique Martins da Silva
Liliane dos Reis Sá	Marcelo Holanda Cavalcante
Liliane Reis	Marcelo Lopes Mathias
Lindolfo Rodrigues de Oliveira Neto	Marcelo Palmeiro
Livia Mansur Silva	Marcelo Rodrigo Cruz
Luana Rocha Andrade	Marcelo Rodrigo Cruz de Lima Jr.
Lucas Carvalho Antonio	Marcelo Santos Deziderio
Lucas Ferreira	Marcelo Trajano Alves Júnior
Lucas Ferreira Matsumoto Sako	Marcia Keglevich
Lucas Freitas de Figueiredo Andrade	Márcio de Paiva Delgado
Lucas Giacomet	Marcio Jose Monteiro
Lucas Kaique	Márcio Renato Fernandes Alcântara
Lucas Lourenço Sampaio Lopes	Marco Andre Urbach Mezzasalma
Lucas Mateus Ariatti	Marcos Antonio Gomes da Silva Junior
Lucas Oliveira Soares de Freitas	Marcos Cesar Lima

Marcos Dias Lima	Michel de Oliveira Santos Correa
Marcos Eduardo de Sousa	Milena Bezerra Teixeira
Marcos José da Silva	Milton Teixeira Cruz
Marcos Rogério Ferraz	Monica dos Santos
Marcos Tadeu Botelho Mageste Silva	Murilo Carvalho Pereira
Marcos Tadeu Silva	Nathalia dos Santos Teixeira
Marcos Vinicius Siqueira da Silva	Nathalia Scotuzzi
Marcus Barbosa	Nelson Brito Moreira
Marcus Vinicius Ferreira da Vitória	Nil Loboruk Coelho de Souza
Maria Clara Valença de França	Octavio C A Morales
Maria Eduarda Birkner	Osmar Wilker Brito Sobreira Araujo
Maria Raquel Carneiro	Ostregildo Renett
Mariana Beatriz Nogueira M. de Sousa	Oswaldo Pereira
Mariana Leão	Pablo Reis Oliveira
Mariana Létti	Patrick Karnopp Robetti
Mariluce de Souza Carneiro Salles	Paulo Augusto Gradiz do Nascimento
Mario Carlos Carneiro Junior	Paulo Henrique Preto
Mário Jorge Laila Vargas	Paulo Raphael Ribeiro França Ledo
Mario Marcio Felix Freitas Filho	Paulo Roberto da Silva Rufino
Mário Minho dos Santos de Ávila	Pedro Abrantes Tavares
Marisa França Schöntag	Pedro Alexandre Dobbin
Marlene dos Reis Barreto	Pedro Henrique de Almeida Toledo
Márlio Aguiar	Pedro Issac Vanderlei de Souza
Marlise da Silva	Pedro João Costa Santos
Marlise da Silva Amaral Paixão	Pedro Lopes
Marlos Santana Geraldino	Pedro Oliveira Obliziner
Mateus Della Rocca Rosa	Pedro Rodolfo de Siqueira
Matheus Calci F. Gomes	Pietro de Mello Ferreira
Matheus Felipe Mattos Brandão da Costa	Polyanna Procopio De Almeida
Matheus Henrique	Quenia S. Brunelli
Matheus Macedo Pereira Lima	Rafael Adão
Mauro Cesar Gonçalves Cavalheiro	Rafael Alvares Bianchi
Mauro Roque Silva	Rafael Augusto Rocha Maia
Mauro Vinicius Santos	Rafael Carvalho de Souza Melo
Maxwell Moreno Garcia	Rafael de Carvalho Moura
Mayra Farias da Silva	Rafael Garcia de Figueiredo
Michael Henrique Garcia Oliveira	Rafael Garotti Rezende

Rafael Henrique da Silva Pereira	Romeu da Silva Prado
Rafael Leal Perez	Romualdo Perna
Rafael Mina Piergiorge	Ronaldo Domingues Mansano
Rafael Real	Ronaldo Félix Moreira Júnior
Rafael Santos Silva	Ronaldo P de Oliveira
Rafael Schubert Campos	Ronilson Jose da Paz
Rafael Scopinho Nicoletti	Roosevelt Pessoa Suna
Rafael Zanetti	Ruan Cardoso dos Santos
Raimundo Cleber do Carmo	Rubens Mateus Padoveze
Ramon Bacellar	Ruy Lima de Matos Jr.
Ramon Marques Borges	Samuel Brulezi Furlanetto
Ramon Souza de Melo	Samuel Hermínio Santiago
Rangel Perez Sardinha	Samuel Loni Hauty
Raphael Furlan Grivol	Sandro Antonio Fernandes
Raul Faccio Figueroa	Sarah Martins da Silva
Raul Takao Ueda	Saulo Abip Gonçalves
Regina Santana Vicenzi	Sávio Cordato
Renata Nogueira de Andrade Uhl	Sergio Eduardo Felisbino Junior
Renato Cesar Faion	Sérgio Eduardo Lima da Silva
Renato da S. Leite	Sergio Ricardo Spitaleti
Renê Colaço de Arruda Spoladore	Sidinei Lander da Silva Pereira
Ricardo Coswosk Romero	Silvonei Luis Laz
Ricardo Lima do Amaral	Simone Maria Barbosa Gomes
Ricardo Marcelo da Costa	Suelma Assis Franco
Ricardo Ruggiero Oliveira	Tarso L. Prado
Richard França Cunha	Tatiana Takeko dos Santos
Roberta Vasconcelos	Tatiane Marques de Oliveira
Robson Nilton dos Santos	Tatianie Kiosia
Rodrigo Cesar Ramos	Tauanne Dias Amarante
Rodrigo da Silva Araujo	Ten Matteo
Rodrigo Erguy Zucatto	Tetsuo T. Kaymoise
Rodrigo Gonçalves Leopoldo	Thadeu Luiz Castro Rodrigues Fayão
Rodrigo Lupatelli	Thales Milani Gaspari
Roger Honorato dos Santos Barboza	Thales Rodrigues Silva Carmo
Rogério Facin	Thamyres Soares Dantas
Rogers Pereira	Thelmo Cristovam Lino e Silva
Romeu Andrade Lima	Thiago Augusto de Souza

Thiago Destro Rosa Ferreira	Vanessa Lemos de Moura Santiago
Thiago Fernandes de Almeida	Vanessa Serrato e Silva
Thiago Gomes da Silva	Vania Norberto Biazzi
Thiago Goulart Prietto	Victor Alexsandro Kichler Ferreira
Thiago Hornes Flin	Victor Ferreira Campos
Thiago Ianelli Soeiro	Victor Martins Machado
Thiago Laurentino	Victor Savignon de Araujo
Thiago Laurentino de Marco	Vinicius da Silva Paiva
Thiago Laurentino de Oliveira	Vinicius Matiazo
Thiago Lucas da Silva	Vinicius Ribeiro da Silva
Thiago Luiz Portes Wendling	Vitor Alberto Correia
Thiago M. Jr.	Vitor Alberto Correia de Castro
Thiago Malta Fernandes	Vitor de Tarso Guerra
Thiago Malta Goss	Vitor Hugo de Lima Monteiro
Thiago Pereira Correia	Vladimir de Carvalho Gontijo
Thiago Santana	Wallas Pereira Novo
Thiago Santana Sitiazzi	Wandercio de Souza Thorpe
Thiago Santana de Assis	Wanderson Luiz Bueno da Silva
Thiago Santana de Assis Neto	Warllen Silveira
Thiago Santejano	Weberton Bueno Marques Garcia
Thiago Silva Amorim	Wellington Nascimento Jr.
Thiago Vargas Goulart	Wendel Whateley
Thiago Virgílio de Magalhães Neto	Wesley Roger Santo Pedro
Tiago Francisco Minatel	Wesley Vasconcelos
Tiago Villas Boas	Weston Alves Romão
Tiago Villas Boas A. Nascimento	William Bezerra Barbosa
Tiago Villas Boas A. Nascimento Jr.	William Costa
Tino Marcos Barth	William Costa de Araújo
Toleman Alan Picoli	William Costa de Marcus
Tomoldo Weiss	William Costa de Marcus Jr.
Ubaldo Romulo Arantes	William Domingos Pierre Alves
Vagner dos Reis Oliveira	William Lottermann
Vagno de Santana Pereira	William Peixoto
Valter Ferss	William Peixoto Alves
Valter Fertz Hass	William Peixoto Alves de Aguiar
Valter Fertz Hass Jr.	William Peixoto Alves de Aguiar Jr.
Valter Santiago de Luz	Willian Bruno de Oliveira

Willian Fagundes Ferreira
Wilson Aparecido da Silva
Wilson Aparecido da Silva Fazin
Wilson Giordani de Souza
Yan Elias de Pontes Galvão
Yansen Filippini Martins
Yara Peçanha de Souza
Yklys Santos Rodrigues
Zequinha

Após 120 anos...

Vamos deixar registrado aqui um pouco sobre a vida de cada um dos amigos que ajudaram a preparar esta edição do clássico *The King in Yellow*, exatos 120 anos da edição original em inglês.



Denílson E. Ricci – organização

Nasceu em Jundiaí (SP), cidade em que reside até hoje. Grande entusiasta da literatura, há mais de dez anos criou um site sobre H.P. Lovecraft que se tornou referência na web e em meios acadêmicos. Em 2013 fundou a Editora Clock Tower com o objetivo de lançar livros de grandes escritores do passado até então esquecidos e sem grande apelo comercial.

E-mail: de3103@yahoo.com.br

Site: www.editora-clocktower.com.br



Claudia Doppler – tradução

Graduada em publicidade e propaganda, é também licenciada em Letras português e inglês e tem formação em tradução pela DBB – Formação de Tradutores. Participou junto à equipe de tradutores da Retextualizar Revisão e Assessoria Textual em projetos de tradução para o BRICS Policy Center e para o Instituto Pereira Passos; realizou tradução de legendas para o Recifest –

Festival de Cinema da Diversidade Sexual e de matérias jornalísticas para a Anda – Agência de Notícias de Direitos Animais. Atualmente integra a equipe de tradutores da wikiHow International.

E-mail: cdoppler68@gmail.com

Site: www.sintra.org.br



Allan Moraes – preparação e revisão de textos

Paulistano, desde 2010 atua como revisor e tradutor nos segmentos de publicidade e propaganda, redação jornalística, videogames e legendagem, localização e tradução e em editoras, com mais de 70 livros revisados. Atualmente cursa filosofia na Faculdade do Mosteiro de São Bento (SP). Contribuidor do site *Revisão para quê?*, participou da antologia *O Mundo Fantástico de H.P.*

Lovecraft (Editora Clock Tower, 2013) com a tradução do conto “A Sombra em Innsmouth”, colaborando também como revisor.

E-mail: allan@revisaoparaque.com

Site: www.revisaoparaque.com



Warlen Silveira – diagramação

Nascido em Itaúna, no centro-oeste mineiro. Formou-se em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda. Há mais de 12 anos atua na área de desenvolvimento web. Devido à formação em publicidade, interessou-se pela área de diagramação de mídias impressas. Já tem em seu currículo dois livros diagramados em parceria com a Editora Clock Tower.

Em 2014 fundou com sua noiva e sócia a agência de marketing e publicidade Integrar Comunicação.

E-mail: warlen@integrarmkt.com.br



Alexandre Costa – designer da capa

Brasiliense, curioso e viciado em conhecimento, louco por arte, rock e cerveja. Trabalha com ferramentas gráficas há mais de 18 anos, é estudante de publicidade e atua como designer gráfico e em diversas outras áreas de comunicação. Foi o designer da capa do livro *O Mundo Fantástico de H.P. Lovecraft* (Editora Clock Tower, 2013).

E-mail: alexandrecoستا.ct@gmail.com

Portfólio: www.kawek.com.br/alexandrecoستا



Leander Moura – ilustração da capa

Graduado em artes visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é ilustrador e quadrinista. Coautor da graphic novel de terror *O Evangelho Segundo o Sangue*, lançada pelo selo independente K-ótica (2014) e feita em parceria com o roteirista Marcos Guerra.

Fez parte da equipe de roteiristas responsáveis pela HQ *Parnamirim: construindo uma história* (2013) e

foi também um dos artistas da antologia de histórias curtas *Visualizando Citações* (2013), roteirizada por Milena Azevedo. Fez sua primeira exposição individual em maio de 2013, intitulada *Extraphysicallia*, que reuniu diversos trabalhos com pintura digital e vários tipos de manipulação fotográfica nos trabalhos apresentados. E-mail: leandro-hq@hotmail.com

Portifólio: www.leandrosanguineo.deviantart.com/

Abaixo os amigos que tiveram uma pequena mas também muito importante participação neste livro:

Elias A. Souza – grande entusiasta do RPG em suas horas de folga. Foi o grande incentivador deste projeto, tendo feito as pesquisas iniciais para tornar possível sua realização. Escreveu a introdução deste livro.

Mário Jorge L. Vargas – leitor ávido, intrépido fuçador de sebos e grande conhecedor de HQs. Ajudou neste livro dando opiniões e importantes dicas, muitas delas presentes nesta edição.

Anderson dos Santos – profissional de T.I. e leitor assíduo e fã de literatura fantástica, nos ajudou em muitas pequenas coisas, além de fazer um supervideotrailer deste livro, o que ajudou a torná-lo mais conhecido. O Anderson tem um site, o www.bangbloom.com.

Aparecida R. Carareto – mãe de Denílson Ricci, editora deste livro e uma contribuidora que sempre deu importantes conselhos e sugestões, além de ajudar muito na leitura final. Pedagoga formada pela Universidade de São Paulo, é uma assídua leitora desde a infância, tendo lido grandes clássicos da literatura brasileira e mundial.

Sávio Cordato – fã de RPG e autor do livro Fate Core e Fate Acxelerated, lançado pela editora Solar. Sávio deu alguns helps de diagramação de última hora, que ajudou bastante.

Anny Rosário – Anny é profissional de informática e desenvolvedora de sites. Grande fã de literatura fantástica, em suas raras horas de folga nos ajudou em muitas coisas, entre elas a criação do site oficial da editora. Portifólio: www.behance.net/annyrosario.



www.facebook.com/editoraclocktower



www.editora-clocktower.com.br/



www.twitter.com/clocktowerpress

Este e-book foi projetado e desenvolvido em maio de 2015, com base na 1ª edição impressa, de 2015.

[IPE BOOK](#)

1. Tradução: “Não zombe dos loucos; sua loucura dura muito mais tempo do que a nossa... Eis toda a diferença.” (N. do T.)
2. Em 1893 Chicago foi palco de uma importante Feira Mundial em que foram edificadas grandes construções de cor branca. (N. do T.)
3. Moiras ou Parcas são divindades greco-romanas do destino. (N. do T.)
4. Giuseppe Garibaldi (1807-1888) foi um general italiano muito famoso pela luta no século 19 em prol da unificação da Itália. No conto, a substituição de sua estátua, erguida por imigrantes italianos em Nova York (essa estátua existe na Nova York verdadeira), pela estátua de Peter Stuyvesant (1612-1672), diretor da colônia holandesa que deu origem a Nova York, representa o estilo xenófobo do narrador do conto. O mesmo com relação a outros aspectos presentes nesse texto, como a expulsão de negros e judeus do país e a militarização do estado, onde câmaras de suicídio precisaram ser abertas para dar conta da grande massa de depressivos e insatisfeitos com a situação. (N. do T.)
5. Referência a um lago nos EUA. (N. do T.)
6. Presídio de segurança máxima de Nova York. (N. do T.)
7. Refere-se a um monumento conhecido como “Arco de Washington”, erigido em 1892, poucos anos antes desse livro ser escrito, aliás como muitas outras referências presentes ao longo do texto. (N. do T.)
8. Trecho do poema “Andrea Del Sarto”, de Robert Browning (1812-1889). (N. do T.)
9. Trecho encontrado em “Rubaiyat”, de Omar Khayyam, na introdução de Edward Fitzgerald (1809-1883). (N. do T.)
10. Verso 22 do Salmo 104 da Bíblia Sagrada. (N. do T.)
11. Trecho do poema “Up at a Villa-down in the City”, de Robert Browning (1812-1889). (N. do T.)
12. Hebreus 10:31. (N. do T.)
13. A palavra bretã se refere aqui a uma região do noroeste da França, não tendo nada a ver com as Ilhas Britânicas. (N. do T.)
14. Rarebit ou Welsh rarebit ou ainda Welsh rabbit (o nome original data do século 13) é tradicionalmente um molho feito de

uma mistura de queijo e manteiga, sobre pão torrado moído, servido como entrada quente, muito embora não utilize carne de coelho. Ao que parece, juntamente com a salada de lagosta, teria, no folclore, a propriedade de atrair pesadelos dos mais diversos. (N. do T.)

15. No ano de 1882, tropas britânicas travaram uma batalha com os egípcios nessa região para tomar o controle do Canal de Suez. (N. do T.)

16. Dança muito comum nos Estados Unidos na década de 1890. (N. do T.)

17. Trecho de "Gargântua e Pantagruel", de Rabelais (1494-1553): "Mas acredito que descí ao poço tenebroso no qual dizia Heráclito estar a verdade oculta".

18. Provérbios 30:18-19.

19. Versos de "La Chasse" ("A caça"), de Pierre-Jean de Béranger (1780-1857), poeta, libretista e letrista francês:

"Caçador, caçador, continue a caçar,
Deixe Rosette e Jeanneton,
Titio, titio, titia, titio,
Ou, para abater, desde a aurora,
Que os Amores estejam despertos,
Titio, titia, titio."

20. Parte do poema "Rubaiyat", de autoria do poeta, matemático e astrônomo persa Omar Khayyam (1048-1131). Na tradução de Edward Fitzgerald:

*"If but the Vine and Love Abjuring Band
Are in the Prophets' Paradise
to stand, Alack, I doubt the Prophets' Paradise,
Were empty as the hollow of one's hand."*

21. Trecho do poema "En sourdine", do poeta francês Paul Verlaine (30 de março de 1844 – 8 de janeiro de 1896):

"Cerre seus olhos ao meio,
Cruze os braços sobre teu peito
E de teu coração entorpecido
Afasto para sempre teu desígnio."

22.

"Canto a natureza

As estrelas da noite, as lágrimas da manhã
Os pores do sol no horizonte longínquo,
O céu que fala ao coração da existência futura!”

23. Nota de Edward Fitzgerald para sua tradução do poema “Rubaiyat”, de Omar Khayyam. A nota explica que “ao fim do mês do Jejum, o Ramadã (que deixa os muçulmanos doentios e pouco amáveis), a primeira aparição da Lua Nova (que rege a virada do ano) é vista com grande ansiedade e saudada com grande aclamação”. Ao fim da nota surge então a quadra que serve de epígrafe a este conto de Chambers.

24. Referência ao livro infantil “A Happy Pair”, do autor inglês Frederic Weatherly (1848-1929).

25. Versos de “Ariodant”, ópera do compositor francês Étienne Nicolas Méhul (1763-1817): *“E todos os dias passados na tristeza / Nos são tidos como dias felizes!”*.

26. Trecho da tradução do “Rubaiyat”, de Omar Khayyam, feita por Edward Fitzgerald:

*“For let Philosopher and Doctor preach
Of what they will and what they will not,—
each is but one link in an eternal chain
That none can slip nor break nor over-reach.”*

27. Poema “Eros D’Aute”, do poeta britânico Theodore Wratislaw (1871-1933).

28. O poema Carcassonne foi a inspiração para a criação da cidade fantástica de Carcosa. É a história da tristeza de um homem que sempre desejou visitar a cidade francesa de Carcassonne. Carcassonne foi no passado uma cidade em forma de fortaleza com muitas lendas e histórias fantásticas. (N. do T.)